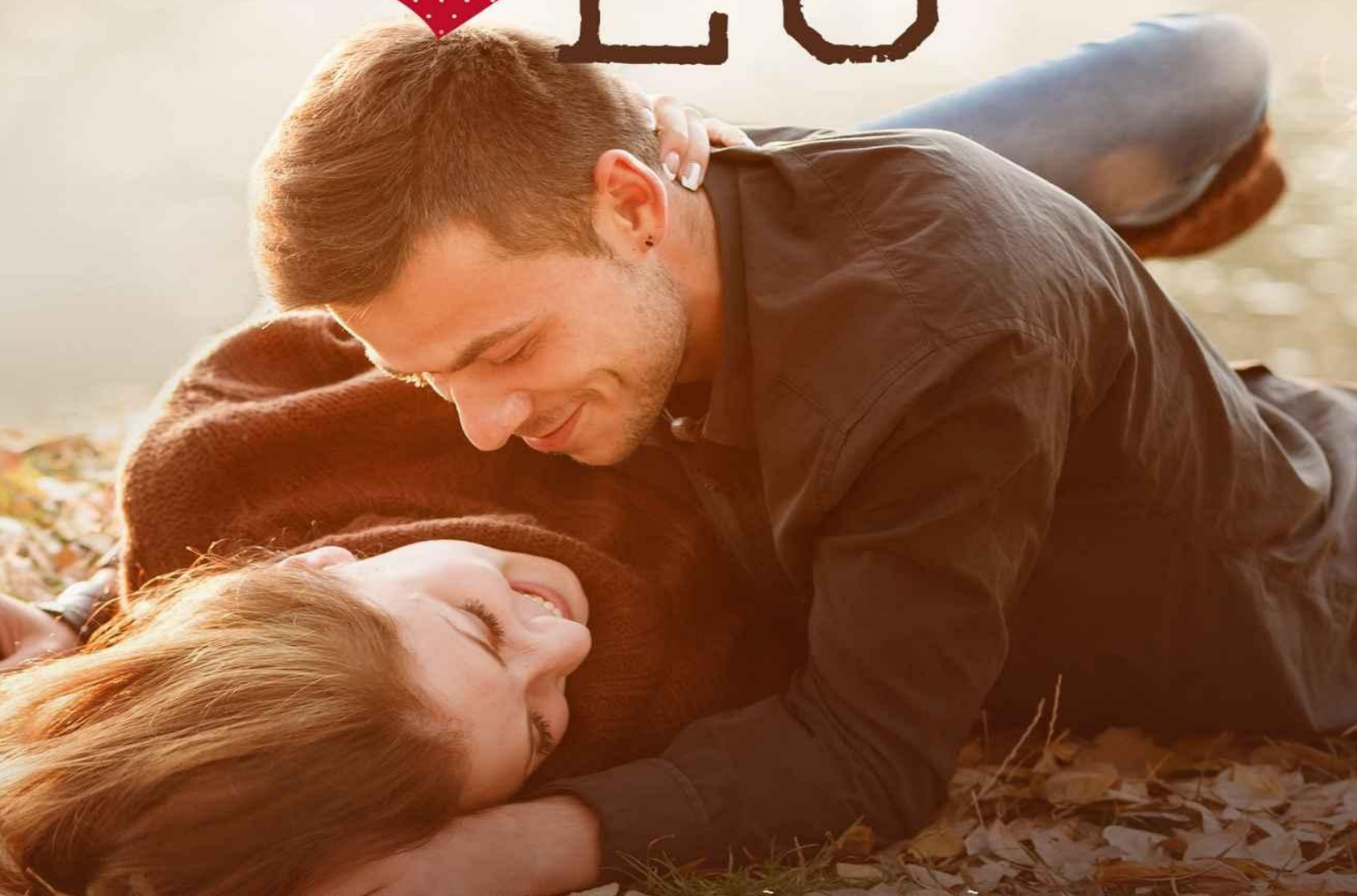


GLAUCÉ VALERIANO

VOCÊ e EU



Cheio de HUMOR, AVENTURA, PAIXÃO e EMOÇÕES INTENSAS,
VOCÊ E EU vai te conquistar!



VOCÊ E EU

GLAUCE VALERIANO

Copyright © 2014 Glauce Valeriano

Capa: Marina Ávila

Revisão: Glauce Valeriano

Diagramação Digital: Carla Santos

Esta é uma obra de ficção.

Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição ou cópia de qualquer parte desta obra sem o consentimento da autora.

Edição Digital | Criado no Brasil

AGRADECIMENTOS

Muitos sequer imaginavam, mas eu sempre amei escrever e ler, quando pequena reescrevia com amigas histórias de filmes, desenhos e séries. Quantos caderninhos gastei escrevendo sobre X-Men e filmes chineses.

Um pedaço de papel guardado em um caderno no fundo do armário, um momento de inspiração e um sonho realizado. Demorei muito tempo para acreditar na minha capacidade, quando me dei uma chance, fui surpreendida. Meu primeiro romance saía do papel e ia direto para a internet, onde estaria disponível para quem quisesse ler. O meu maior medo era não ser bem recebida e ouvir um “Você não nasceu para criar”. Jamais imaginei que eu poderia ser “lida”, jamais imaginei um dia receber comentários que elevam a autoestima de qualquer pessoa. Continuei escrevendo e o número de leituras foi aumentando, o número de comentários também, de votos, até que com menos de um mês na internet eu já me tornava uma autora popular. Enfim, posso dizer que tenho sangue de escritora, afinal, segundo a minha mãe, meu avô era um poeta, e agora eu posso dizer que eu sou uma romancista.

Dizer obrigada parece tão pouco por tudo aquilo que me foi proporcionado durante essa minha primeira experiência como escritora. Parece tão simples, mas essa palavra para mim tem um peso enorme.

Obrigada a todos aqueles que me acompanharam durante essa minha jornada com o Bernardo e a Giulliana, personagens que me marcaram e vão deixar saudades, eles foram tão reais para mim, meus dois primeiros personagens, meus dois primeiros amores.

Obrigada, do fundo do meu coração a Luiza Rachell Braga e a Debora Gimenez Gastaldo, as primeiras a acreditar em mim. Duda, obrigada pelas dicas, por me acompanhar e por acreditar na minha capacidade como autora. Alda Andrade, Sue Hecker, Brisa Leopoldino e Kilakia Sorraria, vocês são maravilhosas. As minhas Tops Readers, Adriana Freitas, Aliane Alves, Bruna Vieira, Cassia Mesquita e Laís do Vale por me darem o suporte que eu precisava, vocês são mais que demais gurias! E a minha família, simplesmente pelo fato de existirem e estarem ao meu lado em um momento tão importante da minha vida.

Do fundo do meu coração, um muito Obrigada!

Com carinho,

Glauce Valeriano.

"Aprendi, afinal, que é difícil traçar uma linha entre ser gentil, não ferir as pessoas, e saber lutar pelas coisas em que acredito... que a vida é dura, mas eu sou mais ainda... que as oportunidades nunca são perdidas, alguém vai aproveitar as que você perdeu... que não posso escolher como me sinto, mas posso escolher o que fazer a respeito."

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

CAPÍTULO 1

CAPÍTULO 2

CAPÍTULO 3

CAPÍTULO 4

CAPÍTULO 5

CAPÍTULO 6

CAPÍTULO 7

CAPÍTULO 8

CAPÍTULO 9

CAPÍTULO 10

CAPÍTULO 11

CAPÍTULO 12

CAPÍTULO 13

CAPÍTULO 14

CAPÍTULO 15

CAPÍTULO 16

CAPÍTULO 17

CAPÍTULO 18

CAPÍTULO 19

CAPÍTULO 20

CAPÍTULO 21

CAPÍTULO 22

CAPÍTULO 23

CAPÍTULO 24

CAPÍTULO 25

CAPÍTULO 26

CAPÍTULO 27

CAPÍTULO 28

CAPÍTULO 29

CAPÍTULO 30

CAPÍTULO 31

CAPÍTULO 32

CAPÍTULO 33

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[CONTATO](#)

CAPÍTULO 1

Giulliana

Atrasada.

Meu guarda-chuva quebrou tal qual meu carro no meio da avenida, possibilitando um pouco mais do congestionamento rotineiro da grande cidade. Meus cabelos estavam desgrehados e colados no meu rosto devido ao forte vento e a chuva que caía fininha e se infiltrava em minhas roupas.

Chamei o guincho faz mais de vinte minutos, e já estava amaldiçoando a todos que buzonavam para mim me insultando. Mas a minha maldição maior era para o cara que deveria estar me ajudando a sair dessa cilada há uns vários minutos atrás. *OH! Graças a Deus, ele chegou.* Entreguei as chaves do carro, anotei meu número de telefone, endereço, e tudo mais que fosse necessário em um pedaço de papel que arranquei da minha agenda e entreguei para o rapaz do guincho.

— Olha! Todas as informações necessárias estão anotadas nesse papel, não posso ficar, tenho um compromisso de vida ou morte exatamente... — olhei para o relógio que marcava 09h10min — Agora! Qualquer coisa me liga. Na verdade, melhor não, estarei ocupada, eu ligo pra você.

— Pode deixar Dona, sua caranga está em boas mãos — falou apontando para o carro.

Abri a boca pasma por esse ser horripilante e estranho na minha frente falar mal do meu amado carro, mas desisti ao lembrar-me do horário.

O escritório ficava a algumas quadras dali e eu já havia ligado para a minha avó avisando o porquê de estar atrasada, ela já estava ciente, mas eu não poderia perder uma reunião que o status no Outlook, estava tachado de *Importante* e que ainda por cima a categoria era vermelha.

O melhor a fazer do que esperar um táxi, nesse dia caótico era... Correr.

Nunca precisei correr tanto para chegar ao meu local de trabalho. Aliás, eu nunca corri para lugar algum, na verdade, estou mentindo agora, quando eu não tinha carteira de motorista, eu corria para não perder o ônibus, várias vezes, mas ainda assim, sou sedentária e exercícios físicos não fazem parte da minha rotina, tudo bem que a minha genética colaborou para que eu não ligasse para isso, afinal, me alimento como uma desesperada e não tenho problemas com o meu peso. Mas apesar disso tudo, eu gosto de andar de bicicleta, o que não vem ao caso agora.

Meu coração estava acelerado e minha respiração era entrecortada.

Entrei como um jato pelo enorme e exuberante saguão, parando apenas por um momento para

cumprimentar o chefe da segurança, o “Seu” Davi — não que esse seja o seu nome Seu Davi, SEU, sacou? Um homem robusto e forte devia estar beirando os 50, mas poderia ser considerado um galã, além de muito simpático e atencioso.

— Bom dia, senhorita Giulliana — se levantou de sua cadeira e fez uma careta ao ver o meu estado lastimável.

— Só se for pra você Davi. Desculpe, mas tenho que correr, sabe como é atrasar, não faz o meu estilo — lancei uma piscadinha para ele e sorri.

Eu subiria as escadas se a reunião que já devia ter iniciado há um bom tempo não fosse no décimo andar. Apertei os botões de todos os elevadores enquanto passava as mãos pelos cabelos a fim de dar um jeito e amenizar um pouco a minha aparência desagradável. Ao ouvir aquele som que todos os elevadores fazem ao chegar ao seu local de destino, as portas se abriram e eu saltei para dentro, apertando fixamente no botão do décimo andar.

— Sobe — falava a suave voz gravada da moça do elevador.

Parecia uma eternidade, o elevador parou em quase todos os andares. *Isso é um complô contra a minha pessoa. Estão tramando para me derrubar!* Como se isso fosse realmente verdade lancei um olhar mortal para todos que entravam no elevador e me encaravam reparando nas minhas roupas e meu cabelo frisado e úmido. Com toda e absoluta certeza minha versão má não assustava nem um peixe.

Chegando ao meu destino, pulei para fora do elevador em um salto e corri até a porta de entrada da sala de reuniões, nem me importando em informar a recepcionista a minha chegada. Ajustei minha saia preta curta e justa, e minha camisa azul marinho, desgrudando ela um pouco do meu corpo, mas sem muito adiantar. Passei a mão no cabelo, tentando ao máximo dominar os fios rebeldes sem muito sucesso. Abri as portas calmamente, como se nada tivesse ocorrido e não estivesse mais de vinte e cinco minutos atrasada. Imediatamente todos na sala se voltaram para mim num silêncio ensurdecedor. Olhei para a minha avó que estava abrindo e fechando a boca várias vezes em estado de choque. Alguém teria que acabar com aquilo, e provavelmente eu o deveria fazê-lo.

— Bom dia a todos! Lamento o incômodo e o atraso, tive alguns imprevistos pelo caminho como todos podem ver.

Notei uma cadeira vazia ao lado de um senhor de meia idade, já meio careca e com um péssimo gosto para ternos e gravatas, seu terno era de um verde abacate e sua gravata era laranja. Deus, o cabelo dele também era verde. *Ouch, essa doeu! Ele necessita urgentemente de uma estilista e uma Hair Stylist.* A cadeira vazia ficava entre ele e a assistente pessoal da minha avó. Me encaminhei até ela com toda a dignidade que me tinha sobrado, me sentei e esperei que todos parassem de me culpar, julgar e me difamar com os olhos.

— Podem prosseguir com a reunião, se não se importarem — lancei o meu melhor sorriso, e também o mais forçado.

Minha avó pigarreou, tomou um lento gole de água e suspirou.

— Bom, como todos já devem ter ouvido falar, 40% das ações da Corporação Comunica das Empresas Puccini foram vendidas para as Indústrias Gomes. A negociação já foi realizada, hoje

iremos apresentar o novo sócio e Diretor Executivo da Comunica.

Vovó pegou seu copo e bebeu mais um gole da água, apertou um botão do telefone que estava posicionado a sua frente na mesa.

— Por favor Carla, mande entrar o senhor Gomes.

Todos se voltaram e olharam em direção à porta. No fim, eu nem estava preocupada quem iria usurpar o cargo que é meu por direito, mas sim se eu iria ou não pegar um resfriado, e se meu cabelo iria começar a cheirar mal. Olhei para Anna, a assistente da minha avó.

— Ei, tomara que o cara não seja um frango velho, porque para uma empresa jovem a Comunica já preencheu a cota da terceira idade, nada contra — soltei uma risadinha e vi que Anna fez o mesmo. Anna havia chegado aos 40 anos, mas para a idade dela se encontrava exuberante e na mais perfeita forma.

— Bom, eu o conheci e lhe digo que de frango e velho, ele não tem nada. Fique calada e tire suas conclusões.

Ok!

Foi aí que a porta abriu, todos ficaram eretos e atentos, se bobear, nem ao menos respiravam de tão apreensivos que estavam. Entraram dois homens, um de baixa estatura e peso acima da média e outro de altura mediana e magro, mas com músculos que o terno não escondia. Estenderam a mão para minha avó, trocaram sorrisos e se puseram ao seu lado. Quando realmente prestei atenção tinha um grande cara ao lado deles sorrindo para todos. E ele era lindo! Alto, moreno, forte, mas magro, bem vestido, rosto e corpo impecáveis. Achei que meu coração tinha parado de bater. Seu terno com certeza feito sob medida era de um cinza escuro, sem gravata, apenas com uma camisa branca com os dois primeiros botões abertos. As mãos nos bolsos da frente da calça. Seus cabelos eram lisos e tinha um tom de castanho escuro, puxando para um chocolate, comprimento mediano, as pontas irregulares iam até o colarinho da camisa, com um lindo aspecto bagunçado, alguns fios caídos sobre a testa. Seus olhos eram verdes, óculos de grau grandes de aro grosso, barba por fazer, e sua pele tinha o tom perfeito, levemente bronzeado. Seu sorriso era encantador, seus dentes eram tão brancos que só faltavam brilhar, tal como seus músculos e o restante de todo o pacote. E meu senhor Jesus, que pacote.

Meu Deus, esqueci como se respira.

— Apresento-lhes Bernardo Enrico Gomes, o novo sócio da Comunica.

O homem baixinho e o mediano abriram espaço para o deus grego sorridente que deu um passo à frente e continuou a sorrir antes de começar a *declamar*, opa, falar.

— Bom dia a todos, sou o cara novo! — sorriu e suspiros logo após foram ouvidos. *Mulheres safadas* — Espero que eu possa passar tudo que eu sei para vocês e que vocês façam o mesmo comigo, desejo que todos façam um ótimo trabalho na minha gestão na empresa. Fico feliz em conhecê-los e com certeza vamos nos dar bem.

— Desejo o mesmo! — disse minha avó — Bernardo como todos sabem, é um dos mais novos empresários bem sucedidos no Brasil e o mais jovem. Com apenas 28 anos já coleciona diversos

títulos de empresário do ano, e além de tudo já abriu duas empresas nos Estados Unidos, e pelo Brasil a fora. Espero que todos cuidem bem dele, e lhe ajudem no que for preciso. Conto com todos vocês — sorriu e bebeu mais um gole de água.

— Antes de terminar a reunião e dispensá-los, gostaria de lhe dar mais algumas notícias.

Seu olhar veio direto em mim, esboçava um sorriso largo e seus olhos formavam algumas rugas. *Não, não, esse sorriso não. Estou encrocada, ela vai me ferrar. Droga, droga, droga!* Quando minha avó esboçava aquele sorriso era um motivo para escapar antes que ela pudesse me levar para o perigo.

— Como todos já a conhecem, irei anunciar o novo cargo que a minha neta, ocupará a partir de hoje. Giulliana levante-se, por favor.

Eu estava apavorada, estava terrivelmente apavorada, o que ela iria fazer comigo? Me colocar como auxiliar de limpeza? Secretária da Anna? Nada contra esses serviços, mas poxa, eu sou formada. *Ok, que já trabalhei até como garçonzete e fiquei um mês panfletando no sinal, mas a minha fase de “viver a vida intensamente” já tinha acabado, não?* Até o novo cara gato estava me olhando. Senti seu olhar me avaliando dos pés à cabeça e ele estava com um sorriso de deixar qualquer mulher de quatro, me levantei esboçando um sorriso fraco e fiquei intimidada com a maneira que todos se voltaram para mim, principalmente ele.

— Giulliana irá assumir o cargo de Diretora Júnior, além de assumir seu papel de dona legal da Comunica quando me aposentar, dando apoio total ao trabalho de Bernardo e o restante da equipe, junto com a Yasmim — lançou um olhar caloroso em minha direção, com aquele sorriso amarelo cheio de orgulho que só ela tem.

Acho que vou desmaiar. Yasmim não poxa!

Fiquei de boca aberta por um minuto ou dois, juntei todas as forças que eu podia, fechei a boca e só a abri para agradecer — Obrigada. Conto com o apoio de todos vocês.

Desabei na cadeira e suspirei tão alto que acho que o “Seu” Davi ouviu lá no térreo, não estava triste, aliás, eu estava muito feliz que quase não acreditei, mas minhas lamúrias chegaram a toda quando fui alertada de que teria que trabalhar com a Yasmim, ela é uma bruxa malvada, sem coração que me odeia desde que nasci, e assumir a empresa não era o que eu esperava. Meu medo cresceu.

— Agradeço a atenção de todos, e encerro nossa reunião. Estão dispensados. Giulliana, Bernardo, peço que fiquem, iremos discutir mais alguns pontos.

Todos se cumprimentaram, trocaram algumas piadas, e aos poucos a sala foi se esvaziando. O nerd gato se sentou ao lado de minha avó. Continuei no mesmo lugar esperando Anna fechar a porta e se sentar ao meu lado.

— Bom, aqui estamos nós. Quero fazer alguns comentários, discutir alguns planos, apresentá-los e descobrir como iremos andar a partir dessa nova fusão. Bernardo gostaria de apresentar a sua nova equipe, mas vamos deixar para mais tarde — minha avó exalava confiança — Como já sabe, essa empresa foi passada para o nome da Giulliana, irei me aposentar assim que as coisas aqui começaram a andar corretamente na sua gestão Bernardo. Não queria simplesmente largar minha querida neta aos lobos e voltar para a Itália.

— Creio que não precisa se preocupar Guilhermina, Giullie estará em boas mãos — interrompeu Anna — Tenho certeza que nada irá faltar e Bernardo está nesse negócio há um bom par de anos, creio que Giullie e ele possam ser os braços direito um do outro.

— Bem, olá?! Eu não sei se quero assumir a Comunica agora. Eu gosto de ficar na parte de criação. Ser uma Júnior já está de bom tamanho. Não quero o comando de uma editora monstro como a nossa. No meio de papéis e reuniões exaustivas com a diretoria. Vovó, não quero impedir a senhora de ir, mas já conversamos sobre isso diversas vezes. Não estou preparada e não quero estar. Não nesse momento. Desculpe Bernardo, mas estou chutando essa bola pra você, pode ficar à vontade em assumir a presidência — soltei a respiração e me senti livre. Bernardo me assistia compenetrado, sério, suas mãos sobre o queixo e os cotovelos apoiados na mesa.

— Tudo bem. Se Bernardo estiver de acordo, faremos um contrato. Você tem esse ano para decidir se quer a presidência da Comunica, caso contrário, irei vender mais 30% para Gomes. O que acha disso tudo Bernardo? — minha avó olhava com expectativa de mim para Bernardo.

— Bom, que grande obrigação hein?! Irei me doar basicamente só para a Comunica, eu gosto da ideia, tenho um grande interesse nessa editora e você sabe disso Guilhermina. Por mim, estamos de acordo. Mas querendo ou não, Giulliana terá que assumir ao menos o papel de dona da editora, ainda é sua — apontou para mim, com os olhos fixos nos meus — Será bom trabalhar em sociedade.

— Irei providenciar o contrato. Bem-vindo ao lar, Bernardo. Acho que já posso programar a minha viagem não? — vovó riu, preenchendo o silêncio na sala.

Eu não conseguia tirar os olhos dele, ele parece tão jovem e despreocupado, não conseguia imaginar ele administrando uma empresa como a Comunica. Peguei minha bolsa, e me levantei, atraindo a atenção de todos na sala.

— Me desculpem, estou com frio. Meu carro morreu no meio da rua e pra completar tomei um banho de chuva. Vou pra casa vovó, nos vemos mais tarde — a beijei no rosto, me virei para Anna e fiz o mesmo — Você vem hoje à noite Anna banana?

— Sim querida.

Caminhei até o lado de Bernardo estendendo a minha mão para me despedir.

— Fez um ótimo negócio, sócio. Não irá se arrepender de trabalhar comigo, sou uma pessoa muito legal — sorri e dei uma piscadinha para Anna.

— Por que não convidamos Bernardo para se juntar a nós hoje à noite querida? — me voltei um pouco assustada com a pergunta da minha avó. Pisquei algumas vezes e deixei minha cabeça pender para o lado, analisando uma boa resposta para a pergunta.

— É... ahn, porque ele não gostaria de comer comida congelada. Certo?! — esbocei um sorriso fraco.

— Você não vai cozinhar pra nós Giullie? — meus olhos saltarem das suas órbitas, elas duas estavam tramando algo, ou tentando me difamar na frente do meu sócio?

— Você sabe que eu não sei cozinhar muita coisa, Banana — falei entre dentes, quase em um

sussurro.

— Eu adoraria comer comida congelada. Se não for incômodo, é claro — meu coração disparou, minha mente teve um abalo sísmico, e eu parei de respirar. Sem pensar, girei nos meus calcanhares e corri para porta falando um pouco mais alto.

— Fique à vontade. Até mais tarde. Ana lhe passa meu endereço, não esquece do vinho.

Fechei a porta e corri para o elevador. *Ah meu pai, preciso arrumar minha casa!* Não acredito que ele seja tão atirado assim, mal me conhece e já quer ir para minha casa dividir comida congelada com a minha família, como se ele fosse meu amigo de infância. Entrei no elevador e minha mente estava em conflito, ligar e cancelar o encontro com a minha avó, assim ela lhe diria que não teria mais jantar. Inventar que estava doente, e se ele fosse lá podia se contagiar. Essa segunda opção pode ser mais convincente.

Isso não estava nos meus planos.

Como um cara como aquele pode ser tão encantador, mas ser tão simples e lindo ao mesmo tempo?

CAPÍTULO 2

Bernardo

O que foi aquilo?

Eu acabei de me oferecer para ir à casa da minha sócia? Que merda eu estou fazendo?

— Perfeito, vai ser um ótimo jantar. Prometi a sua mãe que o faria se sentir em casa, e lhe alimentar faz parte do trato — disse Guilhermina interrompendo meus pensamentos.

— Acho que a minha mãe não se lembra que eu tenho 28 anos e por morar anos sozinho sei muito bem me virar.

— Você saiu de casa muito cedo, por isso ela deve sentir sua falta.

— Para ser bem sincero, eles me empurraram para fora de casa bem cedo, eles não têm direito de reclamar — minha expressão se tornou séria.

Quando eu estava voltando para cá, meus pais se separaram, e ambos saíram do Brasil, minha mãe foi para Londres e meu pai vive em Nova Iorque. Minha vida é aqui, minha carreira é sólida aqui.

— Calminha rapaz, nunca fale assim de quem colocou você no mundo, ninguém é perfeito Bernardo, seus pais não são perfeitos, eu não sou e você também não. É claro que você tem uma parcela de razão, de se sentir magoado e frustrado, mas eles ainda são seus pais, e amam você, estando divorciados ou não. Conheço você desde bebê Enri, seus pais não foram um porto seguro para você, mas não quero que você faça o mesmo quando se fixar e pensar em ter uma família. Quero seu bem, como se eu fosse a sua avó — passou a mão em meu rosto, tirando um pouco do meu cabelo da testa, assim como uma avó faz quando você é criança.

— Bom, eu preciso ir, tenho mais uma reunião. A Anna irá passar o endereço da Giullie para você.

— Ah não, não. Foi apenas uma brincadeira. Não posso me juntar a vocês hoje, combinei de encontrar alguns amigos para o futebol — menti, o futebol é amanhã, mas a minha relação com o pessoal da empresa deve ser estritamente profissional. É o correto.

— Oh, certo. Combinamos em outro momento. Tchau querido. Até amanhã — Guilhermina, me abraçou e beijou minha bochecha.

— Até amanhã — as acompanhei até a porta e esperei que ambas saíssem da sala de reunião e

entrassem no elevador.

Ficamos eu, Hugo e André.

Hugo é meu assessor, me ajuda nos negócios desde que terminei a faculdade, e André é meu chefe de segurança pessoal. Depois de algumas ameaças que a minha concorrência me fez, achei importante ter alguém para cuidar da minha segurança, nunca é preocupação demais. O Brasil não é o país mais seguro para se viver e não quero correr risco sendo tão jovem. Sua equipe também cuida dos meus pais desde que a empresa era presidida por seu pai Xavier, o cara trabalhou na COT, sei que posso confiar neles.

— Mais um negócio fechado, mais um primeiro dia em uma nova empresa. E mais dinheiro na sua conta bancária — Hugo soltou aquela risada diabólica que ele tem, mostrando todos os dentes com seu contentamento.

— Você é ganancioso e gordo Hugo, não tem nada mais para pensar além de ganhar dinheiro? — André gostava de tirar Hugo do sério, era um hobby para esses dois ficarem enfrentando um ao outro. Logicamente, Hugo nunca poderia vencer André em uma batalha física, mas com as palavras ele era bom. Uma discussão verbal acontecia entre eles diariamente.

Era engraçado.

Enquanto ambos discutiam um com outro, fui até uma das enormes janelas e acompanhei o movimento contínuo logo abaixo, nas ruas largas do centro da cidade.

Trocar os ares vai me fazer bem. Trabalhar com novos companheiros e uma nova diretoria vai ser interessante.

Falar da minha família não era mais um tema agradável. Graças aos meus pais, fui educado desde cedo, e todos os dias, se possível 24 horas por dia era me dito que eu assumiria o império das indústrias Gomes. Terminei o ensino médio aos 16 anos, entrei na faculdade logo em seguida e me graduei em Economia, e logo após fiz minha pós e doutorado na Irlanda, fiz alguns MBA's de Marketing Estratégico e Comunicação, sou um rato de laboratório, eu sei, toda a minha vida foi em torno de estudos, aos 24 anos abri a minha primeira empresa e após um ano, onde muitas empresas estão falindo, a minha prosperava e crescia. Ganhei dinheiro fácil e resolvi abrir outras logo em seguida. Derrubei muitos concorrentes e me tornei rico, sem a ajuda do meu pai. A imprensa sempre lançava nos jornais *“Juntamente com seu Pai e as Indústrias Gomes, Bernardo Gomes se tornou um dos mais jovens milionários do país e fora dele”*.

Mentira.

Nunca desmenti, e não pretendo. Vivo confortavelmente assim, a Gomes me fornece uma ótima publicidade.

Quando descobri que Guilhermina estava vendendo parte da Comunica, soube nesse exato momento que era mais uma chance aberta para mim. Era perfeito, tudo que eu esperava. Me tornar sócio da agência era algo novo no meu mundo empresarial. Após muitas reuniões e diversas negociações, eu havia conseguido comprar 30% das ações e aqui estou no meu primeiro dia de sociedade.

— Você viu quanta mulher gostosa tem aqui? — Hugo me cutucou e eu voltei para a realidade.

— O que você disse?

— As mulheres! São lindas, gostosas, com um corpo de deixar o cara maluco. A Princesa do Império não é de se jogar fora, é uma das mais bonitas — suspirou como um cara apaixonado.

— Tenho que concordar, ela é uma das mais bonitas — André comentou pensativo.

— Ei, ei! Nem tentem, ela não é pro bico de vocês e, além disso, é neta da Guilhermina, no qual eu considero uma avó para mim.

— Ah, saquei, você já mijou e marcou seu território? A Princesa te encantou?! Foi rápido essa hein?! — desdenhou Hugo.

— Aposto cinquenta mangos que ele já vai ter pego ela no fim da semana — André largou uma nota de cinquenta em cima da mesa.

— Ow! Qual é, nem conheço a garota direito. Além de tudo, não tenho interesse nela.

— Apostado! Ele não vai conseguir, ela parece fazer a onda de difícil — largou cinquenta reais em cima da mesa também.

— Vocês são uns otários sabiam? Vamos sair daqui, temos muito que fazer hoje. André pode voltar pro carro, dar uma volta, sei lá, quando eu sair daqui, eu te ligo. Bora, bora. Caiam fora.

Empurrando eles para fora da sala de reuniões, pegamos o elevador. André se foi, e Hugo e eu, fomos para minha nova sala de trabalho. Ao chegar ao local, me deparei com a visão de um ambiente de trabalho divertido e casual.

O tapete era preto, o lugar era bem claro, pufes coloridos espalhados por todo andar, dois sofás um de frente para o outro, da mesma cor que o tapete. Em uma das paredes, havia oito televisões, uma ao lado da outra, quatro em cima e quatro em baixo, todas ligadas em canais diferentes. Ao canto, tinha uma mesa de sinuca, mais ao canto uma de pebolim e para completar uma de hockey de mesa. As mesas de trabalho ficavam uma ao lado da outra, com computadores modernos e pequenas divisões de vidro, telefones em cada uma delas, prateleiras rodeavam a sala inteira, todas preenchidas com revistas, livros e outras publicações. As paredes eram coloridas e em uma delas estava o nome da Comunica em letras grandes na cor vermelha. Em uma mesa de canto, era possível ver um micro-ondas e uma cafeteira, em baixo da mesa, havia um frigobar e ao lado da mesa um pequeno armário com diversas guloseimas.

O lugar era perfeito para trabalhar.

Quando me viram, todos pararam de trabalhar e começaram a prestar a atenção em mim, à menina que creio se chamar Yasmim, veio em minha direção com um grande sorriso.

— Bem-vindo ao seu andar Bernardo. Essa é sua equipe — segurou meu braço, como se fosse minha amiga íntima.

— Lugar legal esse não? Acho que vou curtir trabalhar com vocês aqui. Prazer, me chamo Bernardo, a partir de hoje irei trabalhar com vocês e espero ser bem acolhido aqui. Como estão? —

me voltei para Yasmim — Será que você pode me apresentar a todos? Gostaria de saber o nome de cada um e sua função. Vai ser bom conhecer a todos.

— Claro, vamos lá — me levou pelo braço e começou as apresentações.

Após quase duas horas de apresentação, e de jogar conversa fora, consegui conhecer a todos. Confirmei minhas suspeitas, diversas personalidades reunidas em um único local só podia transformar o ambiente de trabalho em um local divertido e muito, muito louco. A equipe era jovem, todos muito inteligentes e atualizados com o mundo.

Fui para minha sala nova, conhecer mais um ambiente, um no qual eu iria trabalhar todos os dias, a partir de então.

A minha nova sala era de bom tamanho, elegante, com tons de cinza e preto nas paredes de concreto e com toda a frente da sala, revestida de vidro, oferecendo a visão para as baias de trabalho do restante da minha nova equipe, minha mesa com um design moderno na cor amarela, logo atrás de onde irei me sentar todos os dias, enormes janelas com vista para a principal rua da cidade, com bastantes árvores ao redor proporcionando uma vista espetacular. Suspensa em uma das paredes que era de concreto, a minha direita, a pequena biblioteca tinha a forma de labirinto, estava carregada com diversos livros, e com todas as publicações da editora, o lugar era bastante espaçoso, uma televisão de 42 polegadas em um painel a minha esquerda, e as luminárias não deixavam a desejar. Uma mesa redonda de vidro com cadeiras amarelas completavam o ambiente. Funcional e moderna, mas ao mesmo tempo descontraído, exatamente como eu queria.

— E aí o que achou disso tudo? — perguntei a Hugo logo após ele desligar seu celular.

— Achei demais, tem sinuca! Você viu isso? Vou adorar trabalhar com você aqui — seus olhos brilhavam como uma criança quando ganha um brinquedo novo.

— Também gostei. Mas e aí, qual é a nossa agenda hoje? — me sentei.

— Bom, hoje não temos nada. Você pode ir para casa e descansar. Amanhã você já tinha marcado futebol, mas antes disso, você tem uma conferência com o presidente da Ambu, ele ainda deseja comprar a sua empresa.

— Aquele cara persiste em me incomodar com isso. Quantas vezes vou ter de dizer que a MAG Mídia não está à venda? — me recostei na cadeira revoltado — Amanhã vou colocar um ponto final nessa história. Você sabia que ele está abrindo uma filial da Ambu aqui no Brasil, ou melhor, aqui na cidade?

— Acho aquele cara um panaca, podíamos convidar ele pra jogar futebol conosco, quebraríamos as pernas dele facilmente.

— A ideia não é pra se jogar fora, mas no momento só quero curtir minha vida sem muitas preocupações, isso eu deixo pra você, agora meu foco é essa editora — sorri já idealizando o meu futuro.

— Certo, tenho comigo todas as informações a respeito da Comunica, dá uma olhada — me estendeu uns papéis com todas as informações da empresa, dos funcionários aos clientes — Perfeito, já tenho o dever de casa pra hoje. Vamos pôr a mão na massa!

CAPÍTULO 3

Giulliana

— Prontinho! Tudo está perfeito.

Abri um sorrisão em ver tudo pronto para o jantar. A comida estava quente, a mesa estava linda e a música era boa. E pra completar a noite, a chuva parou.

— Agora é só esperar para recebê-los.

Peguei um copo com água do filtro, um comprimido pra gripe do armário de primeiros socorros, e fui direto me sentar no sofá, enquanto esperava os três chegarem. Coloquei o copo entre as pernas, abri a boca, coloquei a língua para fora e o comprimido no fim da língua, peguei o copo de água e enchi a boca com o líquido, segurando a respiração e me preparando mentalmente para engolir aquele troço redondinho com gosto ruim, engoli tão rápido que me engasguei. É sempre assim, meu medo gigante de tomar remédio é algo terrível, sempre me afogo, me engasgo e sempre fico com a aquela sensação de que o remédio continua preso na minha garganta, tudo bem, eu admito, sou uma fracote para medicações, tenho nojo e nunca neguei.

— Ai que nojo — fiz a minha careta mais feia e fui correndo pegar um pêssgo pra tirar aquele gosto ruim da boca.

Voltei para o sofá com o pêssgo em mãos e de repente, *ele*, todo lindo e másculo, veio atingir os meus pensamentos em cheio. Suspirei, e quem não iria? Um deus grego como aquele, trabalhando ao meu lado, todos os dias. *Oh, não! É eu sei.* Estou encantadinha.

Opa, pera lá, meu radar de homens está apitando fortemente e me dizendo que ele é uma encrenca das mais lindas, um total problema. Uma perdição no meu pequeno mundo organizado.

Suspirei novamente e aí a campainha tocou. Corri pra abrir a porta.

— Tô indo! — parei em frente à porta, alisei o cabelo, arrumei o vestido e coloquei o meu sorriso mais sensual no rosto e abri a porta.

— Giullie, que cheiro delicioso! Não me diga que você aprendeu a cozinhar. Trouxe seu pudim.

— Óbvio que não né Banana, eu comprei pronto.

Anna foi direto para cozinha colocar aquela delícia na geladeira, nem ao menos um beijinho me deu, vovó fez o mesmo e foi atrás de Anna, correndo para o armário pegar uma taça para o vinho que

ela trouxe. Cá entre nós, vovó é uma alcoólatra enrustida, tenho certeza que ela toma uma garrafa de vinho por dia, tanto que ela veio com duas hoje.

— Querida, pode fechar a porta, ele não vem! — vovó gritou da cozinha.

Eu nem tinha percebido que estava segurando a porta amplamente aberta esperando ele entrar.

Como assim não vem?

Empurrei a porta com mais força do que devia.

— Eu comprei comida para um bando e aquele mané não vêm? Grande idiota!

— Olha essa boca mocinha! — vovó me repreendeu — Ele já tinha um compromisso, e achou que você não tinha levado a sério a resposta dele.

— Eu arrumei a minha casa, pelo amor de Deus! — esbravejei.

— Sua casa querida, está sempre arrumada! Contrata alguém três vezes por semana pra isso, não é mesmo? — Anna agora estava de frente para o sistema de som, aumentando um pouco mais o volume.

— Sim, claro que sim, mas fiz a Mirna vir hoje, e hoje não era o dia dela!

— Certo, mas ele não vem, convide ele pra almoçar amanhã, e pronto. Agora vem cá tomar um vinho conosco e cantarolar um pouquinho.

E eu fui, adorava ABBA, e estava tocando Mamma Mia não tinha como não cantar e dançar como louca, corri em direção a minha avó que me estendeu uma taça com vinho e começamos a cantar, ou melhor, gritar a música.

Mamma mia, here I go again

My my, how can I resist you?

Mamma mia, does it show again

My, my, just how much I've missed you?

Yes, I've been broken hearted

Blue since the day we parted

Why, why did I ever let you go?

Mamma mia, now I really know

My my, I should not have let you go!

Nos jogamos as três no sofá, rindo que nem loucas. Conversamos sobre tudo, desde a empresa até sobre futebol, sim, somos fanáticas por futebol, ambas as três, e o mais legal de tudo é que torcemos para o mesmo time, torcemos para o Sport Clube Internacional, somos Coloradas com

orgulho e sempre que conseguimos vamos ao Estádio juntas, com as caras pintadas e completamente uniformizadas.

Desde criança adoro essas aventuras com a minha avó e Anna, elas são a mãe e o pai que eu nunca tive. Meus pais morreram em um acidente aéreo quando eu tinha apenas dois anos de vida, e vovó já era viúva antes mesmo de eu nascer. Elas são o meu elo, a minha única família, elas me completam e tenho certeza que a recíproca é verdadeira.

— Olhem pra isso! Está vazia!! Suas cachaceiras, beberam todo meu vinho — vovó resmungava da cozinha.

— Até parece Guiga! Você foi a que mais bebeu — Anna retrucava com um sorriso no rosto.

— Todas são okay?! Vovó anda logo, traz a outra garrafa e vamos comer que estou faminta!

E assim a nossa noite de terça-feira foi uma loucura, divertida, comemos até nos empanturrar, o pudim estava ótimo, o vinho uma delícia. As músicas, as danças, uma alegria que só.

— Tchau gente, até amanhã! — acenava de maneira torta, para vovó e Anna que já estavam em segurança no carro do marido da Anna — Tchauzi.

Esperei o carro se afastar para voltar para dentro.

A noite estava agradável, o céu não tinha uma única estrela, o vento fraco pós-chuva estava maravilhoso.

E eu bêbada e sozinha.

Fiquei um pouco mais do lado de fora olhando a rua deserta, eu não estava apreciando a rua vazia não, eu estava muito tonta por isso fiquei parada, quando dei por mim, já estava há um par de minutos viajando em nada. Dei boa noite ao porteiro e aposto que ele não entendeu muita coisa, subi os degraus da portaria me segurando no corrimão para evitar cair, mas o portão de ferro bateu com tanta força que me assustei e tropecei no degrau da frente, batendo com os dois joelhos no chão.

— Aiii merda!

— Você está bem? — senti duas mãos grandes me levantando e segurando meus braços para evitar outro tombo — Vem, te ajudo a subir.

Estava meio escuro, não dava para enxergar muito bem, aliás, era eu mesmo que estava sem os óculos e não enxergava nada na minha frente. Míope é bicho triste. Me ajeitei da melhor maneira e quando me virei pra agradecer dei de cara com o homem do sonho de qualquer mulher, era ele, Bernardo, vulgo meu Príncipe Encantado.

— Ei, é você — cutuquei o nariz dele com a ponta da unha — Chegou tarde, vovó disse que você não vinha e a comida acabou e o vinho também — sorri diabolicamente, piscando um olho para ele.

— Ahn, não vim jantar com você, aliás, acabei de chegar, eu, espera um pouco... O que você está fazendo aqui no prédio, veio ver alguém? — ele me olhava como se tivesse crescido um par de olhos na minha testa.

— Eu moro aqui bobinho — sorri novamente, só que dessa vez, para passar um pouco mais de vexame, apertei as bochechas dele — se você não veio pra jantar, o que pensa que faz aqui? Posso estar bêbada, mas não me entrego facilmente para os homens assim — fiz cara de emburrada e vi o exato momento em que as bochechas dele ganharam um tom avermelhado que com toda certeza não foi do meu aperto.

Ele está corando!

Ri alto me soltando dos braços dele, e quase voltei a cair.

— Você está envergonhado! Quem fica envergonhado hoje em dia?

— Eu, eu, eu moro aqui! Não vim me aproveitar de mulher nenhuma, muito menos de uma que está bêbada e não sabe o que fala.

— Oh, oh, ficou irritadinho, ficou? Vem cá, me deixa apertar suas bochechinhas rosadas — estiquei meus braços pra aperta-lo novamente, mas ele deu dois tapinhas em minhas mãos, fazendo cara de mau.

— Vem, qual andar você mora, vou te ajudar a entrar — me segurou pela cintura com força.

Uau, ele tem pegada, acho que estou no céu e não fiquei sabendo.

— Oitavo andar, apartamento 807 — arrotei todo vinho que havia tomado no rosto dele e comecei a rir que nem idiota da cara de surpresa que ele fez.

— Por essa eu não esperava, consegue andar? Se machucou muito? — me olhava atentamente.

— Aaaaacho que não. Achooo.

Subimos até o oitavo andar com ele me segurando o tempo todo, fiz algumas piadas ridículas e ria aparentemente de nada. Peguei as chaves do bolso do casaco, mas não conseguia colocar ela na fechadura, mas o meu príncipe que veio para me salvar, fez tudo por mim, me carregou, e me deixou no sofá, enquanto foi para a cozinha procurar algo que não tenho ideia do que seja.

— Me deixa ver os teus joelhos — sentou ao meu lado no sofá, puxando as minhas pernas para o seu colo.

Pegou a caixa de primeiros socorros que trouxe da cozinha e começou a limpar com soro os arranhões que acabei ganhando por beber demais. Ele passava o algodão com toda delicadeza possível, mas não deixava de arder.

— Tá ardendo um pouco — sussurrei.

— Criançola — abaixou o rosto e soprou um pouco, que nem mãe faz quando você se machucava quando era uma pestinha de duas tranças e vestido sujo de tanto brincar — Melhorou?

— Sim, obrigada — bocejei um pouco.

Ele colocou um band-aid em cada arranhão e deu um beijinho em cima.

— Vai ficar roxo, mas quando casar vai sarar — me lançou uma piscadela, fechou a caixa e

voltou para deixar a mesma na cozinha.

Ele é sem graça e caladão, não riu das minhas piadas e nem nada, mas agora ele foi um completo fofo, tirei meio tonta às rasteirinhas dos pés, e caí de cara no sofá deitando meio torta, já estava pegando no sono. Senti alguém me ajeitando e me cobrindo com uma manta, até que por fim, as luzes se apagaram e a porta foi fechada e os sonhos preencheram meu sono.

CAPÍTULO 4

Bernardo

Que noite!

Não bastasse ter perdido uma grana na sinuca, ainda tive que aguentar a zoação pelo meu time ter perdido pela terceira vez seguida no brasileirão.

E agora, *ela*.

Quando a vi caindo na escada meu coração saltou pela boca. Garota desastrada. Não sabia que era ela, a Princesa da Comunica, e muito menos que morava no mesmo prédio que eu.

Mas quando a vi, tive que ajudá-la. Não contava com ela ser tão atrevida, mas sabia o motivo muito bem por ela estar agindo assim, estava bêbada, e era uma graça, tive que me conter para não gargalhar das bobagens que ela falava. Estava tão alta que não conseguia parar em pé.

A levei até o apartamento em que morava, dois andares abaixo do meu, abri a porta e a sentei no sofá. Olhei ao redor e percebi uma caixa de primeiros socorros no balcão da cozinha e fui direto, sem nem ao menos pedir permissão para pegar a caixa, quando voltei para sala, percebi que seu casaco estava todo enrolado e com uma manga meio caída, mostrando parte da clavícula. O vestido florido havia subido um pouco e mostrava parte das suas lindas coxas e pernas.

Cristo Senhor, me dá forças.

Ela era pequena, branca, quase transparente, magra, seus cabelos longos e loiros, levemente ondulado nas pontas e sua franja desfiada e bagunçada, completavam o visual romântico que ela apresentava. Seus olhos quase fechados eram de um tom verde escuro, seu nariz pequeno e sua boca rosada faziam com que seu rosto se tornasse angelical.

Linda.

— Me deixa ver os teus joelhos — abri a caixa de remédios e molhei um algodão com soro para limpar os arranhões que ela havia ganhado com o tombo, peguei as suas pernas e coloquei em cima das minhas para limpar.

Não sou nenhum santo, não tocar nela é complicado.

— Tá ardendo um pouco — falou tão baixinho que quase não ouvi. Ri da situação.

— Criançola — abaixei o rosto e soprei — Melhorou?

— Sim, obrigada — bocejou e eu voltei para realidade, sabendo que deveria deixá-la sozinha.

Terminei colocando um band-aid em cada arranhão e para completar beijei os dois joelhos dela, sem saber realmente o porquê de ter feito isso.

Fiquei maluco, só pode.

— Vai ficar roxo, mas quando casar vai sarar — pisquei com um sorriso, coloquei as pernas dela no chão e me levantei para guardar os remédios.

Quando voltei ela estava dormindo totalmente torta no sofá, não resisti e a ajeitei para que ela se sentisse confortável, peguei uma manta que estava no braço do sofá e a cobri. Fiquei olhando para ela que nem um paspalho. Estava calma e linda, seu rosto era delicado, seu nariz arrebitado e a boca muito beijável. Olhei ao redor e vi que sua casa era limpa e organizada, com uma decoração retrô e simples. Muito colorido e com cores puxando para candy colors. Tirei alguns fios de cabelo do seu rosto, coloquei a franja dela para o lado, peguei meu casaco do sofá, apaguei as luzes e saí.

Logo após fechar a porta do apartamento dela, meu celular tocou.

— Ah não, Luana não — gemi em frustração.

Esperei mais um pouco e a ligação caiu, mas logo em seguida voltou a tocar, dessa vez ignorei. Abri a porta que dava para as escadas e subi os degraus de dois em dois, cheguei ao décimo andar rapidamente, enquanto o celular não parava de tocar abri a porta e dei de cara com a bruxa.

— O que faz aqui? — perguntei de forma curta e grossa.

Ela se virou rapidamente, colocou o celular na bolsa e correu para me abraçar.

— Vim ver você meu bem, o que mais eu poderia fazer aqui? — sorriu aquele sorriso cheio de dentes, falso, e depositou ambas as mãos no meu peito, traçando linhas imaginárias.

Luana é linda, loira, magérrima e alta. Sua boca é o que mais chama atenção no seu rosto, seus olhos de anjo e sua forma sensual completam todo pacote. Namoramos por alguns meses, mas a garota é um grude. Não largava um minuto do meu pé e desejava como todas as outras, que eu colocasse uma aliança cravejada de diamantes no seu dedo anelar.

Graças a Deus, isso nunca chegou a acontecer.

— Eu já te disse que acabou, qual parte você não entendeu? — tirei os braços dela de cima de mim — Vai e não volta, faça esse favor pra nós dois.

— Enrico, você não pode me tratar assim! Eu vim aqui, esse horário pra conversar com você, te dar carinho e você me trata assim? Meu bem vamos voltar, eu quero você, sei que me quer também. Todos acharam uma tolice você ter terminado comigo — fez beicinho e cara de inocente.

Virei com fúria pra ela.

— Tolice é encontrar você com aquele velho grotesco na merda da sua casa?! Hein? Posso até ter cara de corno, mas não vou agir como um. Sai daqui! Não quero ver essa sua cara plastificada na minha frente de novo, entendeu?

Agora eu estava mais que furioso.

E foi aí que recebi um tapão. Aquele em que os dedos ficam marcados no seu rosto. Caramba, isso dói. Essas mulheres de hoje em dia são loucas, a desgraçada me traiu com um velho nojento e vem com a maior cara de pau pedir para reatar um namoro? É doida, só pode.

— Você vai se arrepender disso, tá me ouvindo? Vou acabar com você e você nem vai saber quando ou o que te atingiu. Babaca!

Apertou o botão do elevador e eu não esperei mais, abri a porta de casa e tranquei, não ia esperar ela fazer mais barraco. Graças a Deus lembrei de trocar a fechadura.

Larguei as chaves no aparador e fui direto para geladeira pegar uma cerveja gelada. Voltei para sala, tirei os sapatos, as meias e a camisa, sentei no sofá e liguei a televisão, sem ao menos prestar atenção, porque os meus pensamentos estavam voltados pra ela.

Giulliana.

CAPÍTULO 5

Giulliana

Acordei com o celular tocando estridentemente em algum lugar da minha casa, comecei a tatear tudo ao meu redor ainda de olhos fechados, quando notei que o telefone de casa também estava tocando, me levantei num pulo que só, caindo em cima da mesinha de centro da sala.

— Aiii caramba — rolei por cima da mesinha e caí de joelhos no chão — Grande bosta, que porcaria é essa? — percebi que estava com alguns roxos nos dois joelhos e com um pequeno curativo em cada um.

Enquanto tentava me lembrar de quando eu tinha feito esse estrago, o celular e o telefone de casa continuavam a tocar insistentemente. Me apoiei na mesinha e corri direto para o telefone.

— Alô! — respondi sem ar.

— Você está ofegante? Estava correndo? O que você estava fazendo mocinha? — Anna questionava sem ao menos respirar do outro lado da linha.

Respirei fundo, tomei ar algumas vezes e aí sim, tive condições de responder aos questionamentos perversos dela.

— HAHA, que engraçada você né! Óbvio que eu não estava correndo, ainda não comecei a ter esse hábito, e não pense em bobagens, eu estava dormindo e me assustei com todo esse barulho estridente dos telefones tocando juntos.

— Sei, é bom mesmo, porque antes de fazer qualquer perversidade é melhor me apresentar para o rapaz.

— Meu Deus Anna, para com isso, é madrugada e você fica aí falando bobagens! — resmunguei enquanto ia em direção ao banheiro.

— Minha querida, só falo a verdade e agora, se não quiser chegar muito atrasada, como sempre, é melhor correr pra pegar o ônibus, já que você não quis carona não é mesmo?

— Correr? Por quê? Não são nem sete horas ainda! — me olhei atentamente no espelho, eu estava uma completa bagunça.

— Querida, são sete e meia, porque acha que liguei?

— O QUE??? — corri de volta pra sala e fui olhar o relógio que estava preso na parede da cozinha — Oh, grande droga! Nanna, vou desligar! Beijo te amo!

Voltei correndo para o banheiro, abri o chuveiro, peguei a pasta de dente e a escova de dentes e me emboquei no box. Tomei banho em cinco minutos, claro, meu cabelo teve que ficar de fora.

Corri novamente para o quarto, já sentada na penteadeira, passei uma sombra rosa claro, um pouco de rímel, blush, um batom também rosa finalizando com um gloss incolor, corri para o armário e escolhi um vestido preto leve, com algumas transparências no colo e ombros, curto, o cabelo como estava um pouco sujo, preendi num coque alto meio bagunçado e na franja tive que passar um pouco de shampoo seco para ver se ela se ajeitava. E só para completar o look verão, uma sapatilha preta.

Peguei minha bolsa, soquei alguns band-aids, soro, algodão e as chaves de casa.

Corri para o elevador. Apertei o botão para descer e esperei. O sinal de que havia chegado ao andar apitou, as portas se abriram lentamente e eu entrei num pulo apertando o botão do térreo que já estava marcado.

— Bom dia.

Me arrepiei e virei lentamente para ver quem era o Senhor Educação e dei de cara com o Encantado, ou melhor dizendo, Bernardo. Ele me olhava atentamente com apenas um esboço de sorriso, enquanto eu fazia o check-in de como ele estava. Calça jeans escura, camisa branca com as mangas dobradas de modo desleixado e um blazer preto e uma pasta em mãos, o cabelo estava úmido e seu rosto continuava impressionante, acho que a barba meio rala era sua marca registrada.

De repente, o elevador era muito pequeno para nós dois. Toda aquela altura e massa muscular me fazia perder noção do espaço.

— Bom dia. O que faz aqui? — questionei, enquanto continuava a avaliar o seu físico.

— Eu moro aqui, esqueceu? — seu sorriso era de matar — Te disse isso ontem.

Podem começar a babar gurias, ele tem covinhas, fundas!

— Disse? Quando? — olhei de modo interrogativo para ele.

— Ontem, quando encontrei você de quatro nas escadas da portaria — piscou para mim.

Ele PISCOU pra mim! Babem novamente gurias!

Enquanto ele começava a rir da minha cara de horror, os acontecimentos da noite anterior voltaram fresquinhos, fresquinhos, e eu me lembrei de tudo o que aconteceu.

O elevador apitou e as portas se abriram para o andar térreo, ele segurou as portas esperando que eu saísse e veio logo atrás.

Me virei e esbocei um sorriso rápido e brincalhão.

— Ah sim, claro! Meio bêbada e tal. Obrigada por me ajudar e cuidar dos meus joelhos foi muito gentil da sua parte. Nos vemos daqui a pouco, tenho que correr pra pegar o ônibus.

Dei as costas para ele e quando ia começar a correr, meu braço foi puxado e eu voltei uns bons três passos.

— O que você... — me cortou antes que eu pudesse terminar a frase.

— Como assim ônibus? Você não tem carro?

— Bom, ele estragou ontem no meio da rua, então vou ter que ir de ônibus hoje.

— E porque não pega um táxi? — me olhava atentamente.

— Olha, eu posso ter dinheiro, mas você tem ideia de quanto custa um táxi daqui até o serviço e de que uma passagem de ônibus que vai me deixar em frente a editora, custa 2,85? Uma diferença bem significativa de valores.

Ele estava com a cabeça inclinada para o lado, e esboçava um sorriso lindo.

Olhei para ele com um sorriso fraco e os olhos arregalados, olhei para os lados e vi que não tinham ninguém, olhei para trás lentamente verificando se ele estaria vendo alguma cena legal aqui no hall de entrada, mas nada. Aquele sorriso bobo era para mim, a inclinadinha de cabeça, era para mim.

De repente, como se tivesse acordado de um transe, ele pigarreia um pouco, puxa a camisa um pouco para baixo, olha para o relógio que deve ter custado uma fortuna em seu pulso e como se não fosse nada demais, me vira de frente para a porta da rua, encosta sua mão direita nas minhas costas e começa a andar ao meu lado.

— Vamos, vou te dar uma carona, afinal, vamos pro mesmo lugar.

— Sério? Você não se importa? — olhava para o seu rosto verificando se teria alguma expressão que denunciasse à talvez falsa bondade dele, mas nada. O cara era perfeito.

— Claro que não, me espera aqui, vou trazer o carro.

Saiu e foi em direção à garagem, quando dei por mim, um SUV branco incrivelmente lindo e elegante já estava parado na minha frente e a porta se abriu, era o carro dele, e que carro hein.

Ele não deu partida enquanto eu não me ajeitava e colocava o cinto de segurança, quando o fiz, ele saiu para avenida movimentada e eu aproveitei para trocar os band-aids do joelho, vez por outra ele me dava uma olhada como se estivesse me checando.

— Ainda dói? — perguntou curioso, quebrando o silêncio confortável que se instalara dentro do carro.

— Um pouquinho, bem pouquinho, mas daqui a pouco passa — larguei os remédios novamente dentro da bolsa e minha barriga para me envergonhar fez questão de fazer um barulho estranho e alto. Me afundei no assento e virei levemente o rosto que estava vermelho de vergonha para rua.

— Desculpe, estou com um pouquinho, bem pouquinho de fome. Não deu tempo de tomar café.

Ele riu, aquele risada gostosa e alta, eu já arranquei muitas risadas desse cara só hoje, devo estar agindo que nem uma palhaça na frente dele.

— Eu devo ter algo na minha pasta, um pouquinho, bem pouquinho de algo comestível, dá uma olhada — debochou da minha cara e indicou a pasta no banco de trás.

— Não se importa? Eu realmente estou com fome.

— Não, vá em frente.

Girei um pouco no assento e puxei a pasta do banco de trás, a abri e só vi papéis, algumas canetas e nada, absolutamente nada para comer.

— Não tem nada... A não ser que esses papéis sejam comestíveis... — comentei curiosa.

— Nem uma barrinha de cereal? Estava crente que ainda restava uma.

— Nop, nada de absolutamente nada — fechei a pasta e coloquei ela novamente no banco de trás.

— Você é engraçada, sabia disso?

— Obrigada, eu acho. Espera, você dobrou na rua errada! — falei um pouco alto demais quando percebi que ele havia entrado em uma rua estreita que não nos levava para a editora.

— Pode ficar calma, vou só levar você pra comer alguma coisa — fazia a curva em outra rua pouco conhecida.

— Mas onde? Não tem muita coisa aberta nesse horário. Ainda é cedo — olhava ao redor, tentando reconhecer a rua em que estávamos.

— É uma padaria no Centro Histórico. Você vai adorar os lanches de lá.

E a partir daí, começamos a jogar conversa fora, sobre a editora, e sobre o novo MBA que estava fazendo para aprimorar mais ainda minhas habilidades como comunicadora. Percebi que ele era um cara legal, descontraído. Descobri que ele estudou na Irlanda e que já havia conhecido vários países, que é um nerd por ter mais cursos do que eu poderia imaginar e é muito mais inteligente do que eu pensava.

Ao chegarmos ao local, ele me deixou em uma mesinha e foi buscar algo para tomarmos café. Tenho que dizer para vocês que a padaria é uma graça, charmosa e delicada, bastante frequentada e conhecida por ter o melhor pão de queijo da cidade. Palavras de Bernardo.

Quando ele voltou com uma bandeja cheia de coisas gostosas e de dar água na boca, ele estava um pouco calado, e sua expressão havia se tornada séria. Ele colocou a bandeja na mesa e ficou em pé, olhando para comida como se ela a qualquer momento fosse ganhar vida.

— Ei, você está bem? — toquei no seu braço, e senti sua pele quente e seus músculos sobre a camisa, um choque agradável percorreu meu corpo mas não soltei seu braço, e sim dei um leve apertão, chamando sua atenção para mim — Você está bem? — esbocei um sorriso fraco.

— Sim, sim. Desculpe, eu nem perguntei o que você queria comer. Mas trouxe um suco de laranja e alguns pães de queijo pra você, peguei uma salada de frutas também.

— Tudo bem, sem problemas, eu adoro pão de queijo! Você não tem nem ideia — bati palmas e peguei um dando uma grande mordida — Hmm que delícia, ainda está quentinho, prova.

Estendi o braço com o pão de queijo mordido para ele, esperando ansiosamente que ele pegasse

a deixa que eu estava dando.

Eu sei que é coisa de adolescente imaginar que ele vai estar me beijando, mesmo que indiretamente, mas qual é, o cara é um gato.

Ele me olhava com uma expressão séria, se passaram alguns segundos e meu sorriso já estava morrendo, e quando ia abaixar a mão, ele a segurou e levou o pão de queijo a sua boca, e isso foi à coisa mais sensual envolvendo comida que já presenciei, ele não tirou os olhos dos meus enquanto mastigava. Ficamos assim por um bom par de minutos até que o encanto foi quebrado quando o celular dele tocou.

CAPÍTULO 6

Bernardo

— Alô! — rosnei para André que estava do outro lado da linha.

— Temos um problema — ouvi sua voz entrecortada.

Afastei o telefone do ouvido, e pedi um minuto com o indicador para Giulliana, quebrando todo clima que conseguimos construir a poucos segundos atrás — Já volto — falei me afastando da mesa e indo para a porta de saída.

— O que aconteceu? — perguntei irritado.

— Alguém invadiu o seu apartamento — disparou a notícia.

Que merda é essa?

— Quero detalhes André, não adianta você simplesmente me falar que invadiram o meu apartamento. Eu moro no décimo andar, tenho uma segurança do caramba, o porteiro não é nenhum paspalho pra simplesmente deixar alguém entrar sem mais nem menos no condomínio.

— Eu cheguei e a porta estava entreaberta, entrei e fui direto pro seu escritório verificar se tinham pegado os documentos do cofre, mas quando eu ouvi a porta bater eu corri pra fora e vi um cara, corri atrás dele, mas ele conseguiu fugir, não consegui reconhecer quem era — explicava de modo direto o ocorrido, enquanto a minha mente trabalhava a mil pelo Brasil.

— Os documentos... ele pegou? — perguntei sentindo o meu sangue ferver.

— Não, o cofre estava intacto.

— Quero que você troque todo o sistema de segurança, e quero trancas especiais no meu escritório. Quero as gravações de segurança do elevador, das escadas, quero as gravações do prédio inteiro, entendeu? E eu quero essa merda pra hoje André! — rugi no telefone, desligando sem nem esperar uma resposta.

Guardei o celular no bolso, caminhei de um lado para o outro passando as mãos pelo rosto e pelo cabelo. Estava realmente incomodado com o fato de alguém estar me rondando.

Tomei algumas respirações, fechei e abri meus punhos várias vezes antes de me lembrar de que eu estava acompanhado e possivelmente atrasado para chegar à editora.

Quando eu entrei na padaria olhei para mesa em que a havia deixado e estava sendo limpa por um funcionário do local, olhei ao redor até encontra-la no caixa, recebendo a nota fiscal de pagamento.

— Grande cara que eu sou... — murmurei mal humorado.

Corri até ela já antecipando desculpas e retirando a carteira do meu bolso.

— Droga, me desculpa pela péssima companhia que eu sou. Deixa que eu pago.

— Chegou tarde, a comilança já foi paga — deu de ombros — Mas não se preocupa, pedi um sanduíche e um suco pra que você pudesse comer durante o trajeto, deduzi que você não se importaria se eu dirigisse seu carro, confesso que estou tentada a dirigir aquela super máquina — entregou a sacola com o sanduíche e o suco enquanto ficava com a mão direita estendida e um sorriso gigante no rosto.

— Vou te recompensar por isso. Eu prometo.

Continuei caminhando em direção ao carro, deduzindo que ela estava atrás de mim para irnos embora. Mas ao chegar à porta do motorista, vi que ela continuava parada no mesmo local, me olhando interrogativamente com os braços cruzados.

— O que? — perguntei curioso.

Ela começou a caminhar e parou de frente para mim.

— Você come, eu dirijo. Se você não me deixar dirigir eu vou a pé — bateu o pé, e estendeu novamente a mão para que eu lhe entregasse a chave do carro. E assim eu fiz.

— Ok, ok, eu me rendo. Mas vá devagar, esse carro é um dos meus preferidos.

Me acomodei no banco, coloquei o cinto de segurança, deposei o copo de suco no porta copos e abri o sanduíche devorando metade em apenas uma mordida. Não havia percebido que ela me olhava com as sobrancelhas arqueadas e a boca levemente aberta.

— Pelo jeito que está comendo parece que não se alimenta há séculos, sabia que devia ter pegado dois sanduíches. Da próxima eu já sei — ligou o player de som em uma rádio de notícias e deu partida no carro.

Enquanto terminava de comer num silêncio confortável que havia se instalado, apenas com as vozes dos jornalistas da rádio, fiquei pensando na frase que ela havia dito “Da próxima eu já sei.” *Isso quer dizer que vai ter uma próxima?* Fiquei feliz só de imaginar um próximo encontro com ela. *Oh, eu pareço um idiota adolescente cheio de paixão por ficar pensando em bobagens românticas como encontros.* Ela me distraía de tal maneira que a lembrança de ter meu apartamento invadido estava esquecida em meio aos pensamentos que ela me fazia ter. Eu a conheço há apenas um dia, tudo bem, hoje serão dois dias, mas quero mais, mais do que apenas um café da manhã mal compartilhado.

O carro foi parando aos poucos e quando percebi, estávamos no estacionamento da editora.

Mas já? Chegamos tão rápido, não pude nem conversar com ela direito.

— Chegamos! — antes de sair do carro, ela se virou para mim jogando as chaves para que eu as pegasse no ar — Bem, uma coisa você vai ter que prometer.

— E o que seria? — perguntei sorrindo da cara boba que ela fazia.

— Vai ter que me deixar dirigir seu carro novamente! Esse carro é demais, eu adorei, eu quero muito e você vai ter que permitir — pegou sua bolsa do banco de trás e sem ao menos esperar girou em suas sapatilhas e foi em direção à entrada da editora.

— Quando quiser — gritei apoiando o braço esquerdo no banco do motorista, admirando a bela vista que ela me proporcionava estando de costas para mim.

Peguei minha pasta e meu casaco, acionei o alarme e antes de entrar na editora, resolvi ligar novamente para o André e verificar como as coisas estavam andando depois do ocorrido. A ligação durou uns 10 minutos, e depois de saber que ele já estava trabalhando no caso, fiquei mais tranquilo e subi para o meu escritório, me atualizei com tudo que era possível sobre a editora, os clientes, as contas e os contratos que estavam se realizando.

Depois do almoço com Hugo e André, a tarde passou voando, estava revisando alguns contratos recém-assinados com novos talentos, escritores que tinham boas obras, mas precisavam de alguém que pudesse fazer com que seus livros fossem necessitados e desejados pelos leitores e a Comunica Editora, era uma das editoras mais queridinhas do mercado de literatura brasileira. Já passava das oito quando peguei a minha pasta e fui embora. No fim, não a vi, nem tive tempo de conversar com ela e me desculpar novamente pelo vacilo que dei no café da manhã.

Fui direto para o jogo de futebol, já que ia começar as nove. Ao chegar lá, me deparei com aquele bando de marmanjos vestidos com seus uniformes e se alongando, éramos um time amador, mas levávamos as coisas a sério. Tanto que hoje, enfrentaríamos uma galera que poderiam ser considerados nossos rivais de morte. Peguei o saco de roupas no carro, cumprimentei o pessoal e fui para o vestiário me trocar.

— E aí Bernardão, tudo na manha companheiro? — perguntou Felipe, amigo de infância.

— Cara, tô de boa, e você, e a Duda? Estão bem? — Maria Eduarda, mais conhecida como Duda era sua namorada desde a oitava série. Não sei como isso é possível, e como essa relação dura até hoje, mas posso dizer que eles realmente se amam. Tanto que já são casados.

— Ela tá uma pilha, não queria que eu viesse pro futebol hoje, porque sabia que iríamos sair pra tomar algumas cervejinhas depois. Mas falei que você estaria aqui e ela amansou um pouco — ria da situação.

Duda é a irmã mais nova que nunca tive, confia em mim cegamente por sempre ter protegido ela de marmanjos que tentavam se aproveitar de sua riqueza.

— Você é um idiota! Vem, vamos jogar e acabar com *aquelas* trombadinhas.

Nem vinte minutos de jogo e eu já estava me estranhando com o capitão do time rival. Rodrigo o nome dele, trombadinha, da minha altura. O cara é um panaca, um playboy metido a besta querendo dar uma de fortão em cima do meu time. Já não basta ter que aguentar ele tentando me falir, também tenho que aguentar as palhaçadas dele aqui fora? *Nem pensar*. Mas tudo ficou pior, quando eu estava

dominando a bola e ele me deu um carrinho desnecessário. Fiquei possuído e parti pra cima dele. A briga se instalou, insultei várias gerações do cara, fiquei cara a cara com ele, pronto pra arrebentar aquele nariz feio dele, mas ele arregou e caiu fora.

Fim de jogo, Netos do Velho Barreiro *oito* contra *seis* do Amantes da Cevada, só para variar, meu time, do qual sou um ótimo capitão e me orgulho disso, ganhou.

Chupa! Otários.

Depois disso, fomos direto para um barzinho na Cidade Baixa, não é um bar pequeno não, o lugar tem em torno de três pistas de dança, a música é boa, a cerveja é gelada e as mulheres são gostosas, além disso, o dono é um dos nossos patrocinadores, afinal, o que seria de um time sem um patrocinador? E também, só para esclarecer, não que eu esteja à procura de mulheres gostosas, mas admirar não custa. E afinal, já tenho uma que não sai da minha mente. Sim, ela mesma, Giulliana Maria Puccini.

Como eu sei todo o nome dela? A resposta é óbvia, Google.

Já estávamos lá há um bom par de horas, uma galera já estava meio alta, mas no fim eu tive que ficar só na água, já que estaria dirigindo e não queria arriscar ser parado pela operação da Lei Seca. Os marmanjos do time rival também foram para o mesmo local, já rolaram provocações, trocas de ofensas, esses tipos de coisas que um homem porco faz quando está bêbado.

— Tá vendo aquele gostosa de branco na pista se esfregando no amigo gay, vai se tornar a minha conquista da noite — ouvi Rodrigo comentar com Adriano, ambos do time rival. Sem prestar muita atenção, voltei à atenção para Felipe que estava comentando sobre o jogo de hoje cedo.

Resolvi que já estava na hora de ir embora, mas ao me levantar recebi um cutucão de André.

— Precisa de carona? — perguntei pegando a minha comanda da mesa.

— Cara, dá uma olhada naquilo, o Rodrigo tá tentando pegar a mina a força no meio da pista de dança. Esse cara é um porco — falou apontando para uma garota de branco que tentava a todo custo dar um chega pra lá no Rodrigo, e o mesmo que tentava de todos os modos beijar ela. Quando ela se virou, minha respiração engatou e eu vi vermelho. Eu ia quebrar aquele desgraçado.

Empurrei as minhas coisas de volta na cadeira, virei o rosto para o André, e já andando em direção à pista gritei: — É a Giulliana! — vi o exato momento em que a ficha caiu, e seu rosto se tornou sério.

Corri até lá furioso, com um ódio maior do que meu corpo podia suportar e puxei a camisa daquele otário, o empurrei pra trás e soquei a cara dele com toda a raiva que eu tinha guardada dele há tempos. Ele literalmente voou pro chão.

— Nunca mais encosta essas tuas patas imundas nela, tá me ouvindo? Se não, da próxima vez eu vou fazer sangrar muito mais do que apenas o teu nariz! — o ameacei com fogo nos olhos. Seus amigos logo correram para me cercar, mas os meus também estavam lá para garantir que a briga não seria injusta.

— Você, sai fora do meu bar! Aqui não é a merda de uma casa de massagem — gritava

enfurecido Pedro, proprietário do local para Rodrigo — E leve junto seus amigos. Agora! — os seguranças os chutaram para fora num piscar de olhos e tudo voltou ao normal, como se nada tivesse acontecido — Verifique se ela está bem, vou resolver isso. Os gastos dela e a sua ficam por minha conta. Desculpe-me por isso — falou seguindo os seguranças.

Me virei para Giulliana e a expressão dela era de puro espanto.

— O que... o q... — não conseguia formar palavras direito, ela deve ter ficado surpresa com toda a cena que protagonizei na frente de todos aqui.

— Você está bem? — perguntei me aproximando dela, tocando nos seus braços, seu rosto, verificando se ela estava inteira.

— Sim, sim. Ele, ele tentou me beijar, mas eu não queria, aí você chegou... e o que está fazendo aqui? — falava atordoada.

— Eu vim do futebol com alguns amigos, e quando vi ele tentando te agarrar, eu não podia ficar sentado só olhando, aquele cara me tira do sério.

— Eu só queria me divertir um pouco, mas ele acabou com a minha noite. Me leva pra casa? Por favor — sussurrou se aproximando de mim.

— Ei, ei, não precisa ficar assustada, eu estou aqui. Veio de carro?

— Táxi.

— Certo, vamos pra casa — peguei na sua mão e me senti bem, o calor do seu corpo perto do meu, me deixou em êxtase. Levei Giullie para avisar que estava indo embora ao seu amigo Fábio, que estava com ela no bar, peguei minhas coisas da mesa, apresentei rapidamente a Giulliana a todos os meus amigos, e me despedi de todos.

Ia leva-la pra casa. A faria se sentir segura.

CAPÍTULO 7

Giulliana

Droga de noite.

Minha mão ainda estava presa na de Bernardo enquanto íamos para fora do bar em direção ao outro lado da rua no qual o seu carro estava estacionado. Estava meio assustada e irritada com o que havia acabado de ocorrer. Confesso que me senti tão envergonhada pela cena causada pelo Bernardo, quanto pelo outro cara, que queria enfiar a minha cabeça num balde de gelo e fugir dali. Mas ao mesmo tempo me senti tão protegida perto dele, ele todo valente me tocando para verificar se eu estava realmente bem.

Sempre pensei que cenas em que a mocinha está dançando super feliz e um cara estranho chega nela tentando algo mais e no fim acaba apanhando do mocinho, só acontecesse nos romances que tenho na minha estante.

Suspirei.

Do romance da minha vida, não foi bem isso que imaginei.

Atravessamos a rua e ele abriu a porta do carona para mim, e correu para o lado do motorista. Antes de dar partida, ele se virou e me contemplou com um olhar que parecia ser de fome. *Não esse tipo de fome, aquele, que desperta desejo nas pessoas, sabe?* Seus olhos estavam grudados no meu, mas ao passar dos segundos, ele percorreu todo o meu corpo, até chegar às minhas pernas, que estavam mais amstras do qualquer outro dia normal. Vi ele engolir seco, se virar e dar partida no carro.

Isso foi intenso. Bastante.

O silêncio era tanto dentro do carro, que eu chegava a ouvir a sua respiração pesada. Precisava acabar com isso, pois já estava me sentindo incômoda.

— Obrigada por isso, eu acho. Não queria ter acabado com a sua noite de amigos — olhei para ele, verificando suas feições, mesmo que a noite e as luzes não ajudassem muito.

— Não acabou. Eu já estava indo embora quando vi aquele pervertido do caramba atacando você.

— Bom. Eu já estava ficando revoltada com ele.

— O que quer dizer? Porque não o afastou? — me olhou de relance.

— Eu estava pronta pra chutar as bolas daquele cretino. Mas como pôde ver, eu não sou muito forte — dei de ombros e voltei a olhar para frente.

Ele riu.

E sua risada era linda e boa de ouvir, quando reparei, eu o olhava com um sorriso no rosto.

Contagiante.

— Vou ensinar você alguns golpes de defesa pessoal. Afinal, nem sempre vou estar por perto para te salvar — deu o piscar para entrar na garagem do nosso prédio.

— Quando quiser, cavaleiro de armadura branca e brilhante — ri da situação. Mas no fundo o meu riso era amargo, pois eu queria que ele sempre me salvasse.

Por que raios estou tendo pensamentos românticos com ele? Não, não! Somos e seremos amigos, apenas amigos.

— Não sou um cavaleiro branco Giullie, estou mais para um cavaleiro negro. O cara mau — saiu do carro sem nem dar chance para alguma resposta.

Eu queria bater com a cabeça em alguma parede por ter comentado isso. O mundo real não é um conto de fadas.

Ele abriu a porta para mim, segurou a minha mão e em seguida apertou o botão de alarme. Seguimos lado a lado em direção ao elevador, em silêncio. Entramos na caixa de metal, e ele apertou o botão de número oito e o de número dez. E o silêncio não foi rompido em nenhum momento, chegamos ao meu andar e ele segurou as portas para que eu pudesse sair, mas não fez o mesmo.

— Durma bem Giullie, boa noite.

Me virei e esbocei um sorriso fraco — Boa noite Bernardo, obrigada pela carona e pela ajuda.

Esperei as portas do elevador se fecharem e fui para o meu solitário apartamento.

Tranquei a porta, e fui direto para o meu quarto, larguei a bolsa, tirei os sapatos e o vestido branco apertado, ficando só de calcinha peguei uma regata de pijama e coloquei. Joguei os pertences que estavam dentro da bolsa em cima da cama, guardei a bolsa, os sapatos e os demais itens em seus respectivos lugares e o vestido levei para lavanderia.

Parei na bancada da cozinha, colocando os pensamentos da vida em dia. Nos acontecimentos dos últimos dois dias. Resolvi que a minha mente cheia de conflitos não ia funcionar muito bem, e eu ia acabar entrando numa depressão temporária.

Meu círculo de amizades é escasso, só vivo para trabalhar e estudar, não tenho um namorado há exatos três anos, os jornalistas acham a minha vida social tão sem graça, que nem me perseguem mais, e agora quando tento me divertir com meu único amigo gato, mas que infelizmente para nós mulheres, é gay, um escândalo acontece.

Amigos de verdade, que posso considerar amigos sem interesse, só tenho um, o Fábio, vulgo

gato gay. Todos os amigos que acreditei ter, só tinham interesse no que o meu dinheiro poderia proporcionar para eles. O pessoal da Comunica é divertido e legal, mas nunca tentei me aproximar deles para cultivar uma amizade fora de lá, meu receio é maior, e acredito que eles também não façam questão. Meu último namorado, me traía e só ficava comigo pelo meu dinheiro.

Todos infelizmente, interesseiros.

Posso ser rica, mas sempre que pude trabalhei, e comprei muitas das coisas que tenho com o meu salário suado. Trabalhei em restaurantes e bares, promotora, e até mesmo já distribui panfletos nas sinaleiras da cidade. Ser uma pessoa rica não faz de mim uma garota mimada que vive disso e para isso. Pelo contrário, quero mostrar para todos que o dinheiro que tenho, sempre foi suado, tanto que a mesada que eu ganhava de minha avó, era sempre por fazer alguma tarefa em casa. Claro, não vou dizer que nunca usei o dinheiro da minha herança, pois estaria mentindo, mas não uso o dinheiro para me promover, ou comprar amizades e ter espaço nas revistas, televisão e jornais, em colunas de destaque, mas sim o uso para satisfazer o essencial na minha vida.

Sempre acreditei no ditado de que o dinheiro não traz felicidade. Para mim, essa é uma das mais puras verdades.

Espantando esses pensamentos depressivos da minha mente, liguei a televisão na Nickelodeon para assistir ao Bob Esponja, me deitei no sofá e logo em seguida, adormeci.

Acordei mais cedo do que esperava, e percebi que novamente havia dormido no sofá. O fato é que quase nunca durmo na minha cama, detesto dormir sozinha.

Com a energia renovada e determinada a mudar a minha rotina sem graça resolvi que o primeiro passo que deveria tomar seria o de começar algum exercício físico. Fui para o banheiro, tomei um banho rápido, me higienizei e corri para o meu armário procurar um short de corrida e uma blusa levinha. Apesar de nunca mais ter feito alguma atividade física, eu quando mais jovem era uma super atleta, joguei na escola futebol, vôlei e até mesmo apesar de ser baixinha, fui pivô do time de basquete, acreditem, eu era ótima em esportes, depois fui ficando mais velha, e acabei perdendo o interesse e nunca mais voltei a fazer nenhuma atividade desse tipo.

Calcei os tênis, peguei o meu Ipod, fechei a porta de casa e resolvi que para começar a sério, eu deveria ir de escada, ao invés de usar o elevador.

— Elevadores são para sedentários, desça as escadas e seja uma não sedentária —cantarolava o mantra em cada lance de escada que eu descia.

Ok! Já estou cansada. Tenho mesmo que correr? Poxa, são seis horas da manhã.

Balancei a cabeça de um lado para o outro, como se eu pudesse expulsar aqueles pensamentos da cabeça. *Vida nova.* Comecei a me aquecer antes de começar a corrida, mas parei ao sentir uma mão em meu ombro.

— Bom dia princesa.

Essa voz.

CAPÍTULO 8

Bernardo

Depois de uma noite com diversos pensamentos esquisitos e me jogar de um lado para o outro da cama, resolvi que não iria adiantar de nada ficar na cama até mais tarde. Iria aproveitar a hora e correr pelo parque antes de ir para o serviço, pulei a corrida ontem, então hoje eu não podia deixar passar. Estou me preparando para o Day Run que vai acontecer daqui um mês, e se quero ficar bem classificado, não posso perder o ritmo.

Bermuda, camisa, tênis, Ipod. *Check.*

Fechei a porta de casa, e comecei a me exercitar nas escadas antes de começar de fato a corrida, após ter aquecido bem os músculos corri escada abaixo, ao abrir a porta para o hall de entrada, me deparo com a Giulliana se aquecendo. Hesito por alguns instantes, mas acabo não resistindo e toco em seu ombro para chamar a sua atenção.

— Bom dia princesa — esboço o meu melhor sorriso matinal — também vai correr, ou já está voltando?

— Vou. Quer dizer, vou tentar né — riu bobamente.

— Posso te fazer companhia? — perguntei ansioso.

— Se está disposto a me aguentar reclamando de cansaço e dores no corpo, eu adoraria.

— Perfeito então. As damas primeiro — indiquei o portão aberto para que ela fosse à frente.

Estava logo atrás dela, quando ela parou de repente se virando rapidamente e dando um encontrão em mim. Deu um pequeno passo para trás e a segurei com força pela cintura para que ela não caísse com o impacto. Nossos corpos ficaram colados um ao outro, sua pequena mão em meu peito me fez sentir arrepios, olhei para baixo enquanto ela olhava para cima, para o meu rosto, pois eu era uns bons palmos mais alto que ela.

Eu poderia beija-la agora.

Mas não o fiz.

— Cuidado mocinha.

— Oh, desculpe, eu... Eu só queria pedir que guardasse minhas chaves e meu Ipod no seu bolso. Se não se importar é claro — se desvencilhou de mim e eu senti a sua falta imediatamente.

— Sem problemas — guardei as suas coisas no bolso da bermuda e girei seu corpo em direção à saída — Vamos correr.

E assim fomos, corremos lado a lado por uns dois minutos, mas logo paramos porque Giullie já estava sem fôlego, tentamos novamente e logo após estávamos parando novamente. E assim foram durante exatos vinte minutos.

Até que durou bastante.

— Você é realmente sedentária não é? — perguntei curioso.

— Com certeza eu sou. Mas isso vai mudar, ser sedentária faz mal pra saúde, e se eu quero ter uma velhice agradável, preciso me preocupar desde já — me explicava com todo seu conhecimento que vinha adquirindo da área de saúde, como ela mesma me disse.

— Que tal assim, corremos um quilômetro e caminhamos dois, para fechar os cinco quilômetros do dia. Pode ser?

— Boa ideia.

Enquanto caminhávamos esses dois quilômetros jogamos conversa fora, descobri que ela é vegetariana, que foi campeã de basquete na escola, que está fazendo um MBA na faculdade, e que dirige um fusca amarelo que passa de geração em geração.

— Então quer dizer que o seu carro foi do seu bisavô? — perguntei surpreso.

— Sim, dá pra acreditar nisso? Depois que o meu bisavó morreu, ele deixou a Lolla para a minha avó, e agora ela é minha. Mas infelizmente, ela está no mecânico, o motor dela morreu em plena avenida esses dias atrás. Eu espero que tenha conserto, porque não posso me desfazer de Lolla, eu tenho uma obrigação para com o meu bisavô Raul, tenho que entregar esse carro um dia para algum dos meus filhos. E assim sucessivamente.

— Uau, que história esse carro deve ter hein — sorri.

Ultimamente ela arrancava muitos sorrisos e risadas minhas. A sua personalidade forte e divertida, me traziam uma paz e alegria que nenhuma outra pessoa trazia.

Quando terminamos os dois últimos quilômetros de caminhada, resolvemos atalhar pelo meio da praça, estávamos quase chegando à nossa rua quando percebo que ela está muito quieta, me viro e não a encontro, olho para um lado, depois para o outro, e nada dela.

Onde ela está?

Comecei a pensar no que poderia ter acontecido, mas há segundos atrás ela estava ao meu lado. Corri novamente pelo corredor da praça e não há encontro, paro, respiro fundo, pois estava começando a ficar apavorado, olho novamente para os lados e a vejo agachada perto de uma árvore.

Garota maluca!

Saí pisando duro, bufando pelas ventas, pronto para dar um belo sermão nela, quando percebo que ela está segurando um pequeno filhote de cachorrinho nas mãos, paro por alguns instantes e a admiro enquanto acaricia o pequeno filhote e conversa com o mesmo.

— Quem poderia ter deixado você aqui? Hein meu amor? Hein véio... — alisava continuamente o pelo do pequeno vira lata.

— Giullie? — me abaixei ao seu lado — Você quase me mata de susto, desapareceu do nada.

Não deu a mínima atenção para o que eu falei.

— Não posso deixa-lo aqui Bernardo, eu vi a previsão do tempo e diz que vai chover, ele pode morrer afogado, ou então alguém muito malvado pode maltratar ele. O que devo fazer? — me perguntava com os olhos cheios de lágrimas como se eu tivesse o dom de resolver o problema do pequeno cãozinho.

— Eu não sei, podemos deixar em alguma ONG, ou achar alguém para adota-lo — dei de ombros.

— Você pode adotar ele! — ela sorriu com os olhos brilhando.

— Oh não, nem pensar. Não posso ter um animal em casa, não sei nem cuidar de mim direito.

— Ah vai, por favor. Podemos compartilhar a guarda dele. Pensa bem. Por favor, por favorzinho — seus olhos brilhavam em expectativa e foi aí que pela primeira vez na minha vida, eu cedi aos encantos de uma mulher.

— Ok, você me convenceu. Vamos, temos que trabalhar daqui a pouco — peguei a pequena caixa do chão e coloquei debaixo do braço.

— Você é demais, sabia? — se levantou carregando o cãozinho com toda a delicadeza possível — Acho que ele deve ter no máximo dois meses, temos que leva-lo ao veterinário. Ah, temos que comprar ração e os acessórios que ele vai precisar. Posso ficar com ele nas terças, quintas, sábados e domingos. Que nome daremos para ele? — falava tão rápido que nem sei como conseguia respirar.

— Podemos levar ele ao veterinário depois do serviço hoje. O nome perfeito para ele seria, sei lá, Totó?

— Totó? Tem como ser mais clichê? Pode ser Bob, de Bob Esponja.

— Vetado.

— Billy? — arrisquei.

— Vetado.

— Já sei — gritou entusiasmada — Cake! Eu amo bolos, e vou amar ele.

— Cake? É diferente, é meio esquisito, mas soa bem — segurei seu braço para atravessar a rua.

— Sim, será Cake, nosso pequeno filhinho.

Engasguei com a minha própria saliva.

— Filho?

— Sim, afinal, estamos adotando juntos e teremos uma guarda compartilhada, você é homem eu

sou mulher, acredito que ele nos terá como pais, não?

— Você é doida — murmurei.

Completamente doida.

E eu, estou completamente, doidamente, encantando por essa mulher que se difere de tantas outras.

CAPÍTULO 9

Giulliana

Depois de muito implorar, insistir, me ajoelhar, lamuriar e atordoar, Bernardo deve ter ficado muito, muito possesso comigo. Mas pensa bem, um pequeno filhote de vira-lata estava abandonado no meio da praça, ele deve estar se sentindo triste, acuado, amedrontado, *pobrezinho*, a única coisa que pedi para Bernardo fazer é que chamasse alguém para que ficasse cuidando do Cake, pelo menos até voltarmos do serviço hoje à tarde.

Pequeno Cake, ninguém tenta te entender como eu.

No fim, depois de toda essa discussão que sucedeu a adoção do pequeno Cake, Bernardo cedeu e ligou para André, um bonitão que anda com ele para cima e para baixo, pedindo que sua irmã mais nova viesse cuidar do “Vira-Lata com nome de bolo”, palavras de Bernardo.

Confesso que às vezes, *quase nunca*, ele me irrita com essa sua arrogância, mas acabo não falando nada porque no momento que eu falar, ele nunca mais vai chegar perto de mim, por medo. Admito que sou um pouco esquentadinha. Quase nunca me calo quando vejo que as coisas estão erradas, ou quando tentam colocar a culpa em mim de algo que eu não fiz. Eu fico furiosa! Quando tentam bater de frente comigo, eu faço a pessoa se cansar de discutir, não baixo a bola nunca, e sei que isso me prejudica muito pessoalmente.

Mas ainda não consigo me controlar tão bem.

Alguns meses atrás estava trabalhando com a conta de um grande cliente, porque além da Comunica ser uma editora, é também uma grande agência de Publicidade e Propaganda, com setores para Relações Públicas e Marketing. Yasmim, minha *arquirrival* de infância quis tomar a conta do cliente de mim, a todos os custos, inclusive boicotando o meu trabalho. Ela estragou literalmente tudo, o meu prazo era de apenas quatro dias para apresentação das peças para o cliente e para Diretoria Sênior, e eu não tinha mais nada, porque as peças simplesmente desapareceram do meu escritório, fiquei esses quatro dias, trancada literalmente dentro de casa, pensando em uma nova proposta, enquanto ela usufruía de todos os recursos e equipe que precisava na Comunica para me derrubar nessa campanha.

Devo dizer a vocês, que graças a Deus ela não conseguiu.

Mas depois da apresentação ela simplesmente chegou a mim e disse: Essa história ainda não acabou, eu vou te derrubar, não importa como. E foi aí que eu perdi a cabeça, não literalmente,

lógico, porque se fosse, hoje, eu não estaria aqui relatando isso para vocês, mas eu voei em cima dela, e com toda certeza a *cara* dela levou uns bons tapas e a cota de cabelo que ficou entre os meus dedos, já me deixava bastante feliz.

Giulliana 1 x 0 Yasmim.

A pergunta que não quer calar: Por que eu não a demito? Porque a minha avó namorou o avô dela, e prometeu no túmulo dele que cuidaria e forneceria tudo que a Yasmim precisasse. Se ela tem pais? Sim, tem. Por que não cuidam dela? Por que são pobres e interesseiros e gostam da mordomia que a filha proporciona.

Eu juro que depois desse acontecido, eu tenho feito diversos tipos de exercícios para controlar o meu temperamento, e por incrível que possa parecer, está dando certo.

Deixei Bernardo levar o Cake para sua casa e fui direto tomar um banho na minha. Estava suada, e devia estar fedendo, então um banho era muito importante nesse momento. Me dei ao luxo de ficar um pouco mais do que o necessário embaixo do chuveiro. Meus músculos já estavam começando a relaxar, e então resolvi que o planeta iria ficar feliz se eu parasse de ficar desperdiçando água e saísse logo dali. Me arrumei com calma, pois ainda tinha um tempinho, hoje iria usar uma camisa branca, com um laço preto como gravata, e uma saia de um tecido tipo oxford preta e rodadinha. Um peep toe preto e uma bolsa branca.

Quase um dálmata.

Fechei a casa e fui em direção à parada de ônibus que era apenas duas quadras do prédio, não iria fazer o Bernardo me levar novamente, apesar de ele ser um cara legal, não quero abusar da sua bondade.

O ônibus não demorou muito, mas em compensação estava cheio. Passei a roleta, e fui tentando me amassar no meio das pessoas e achar um lugar um pouquinho mais espaçoso e confortável. No fim, não havia espaço nenhum. Fiquei apertadinha mesmo, de um lado uma adolescente com sua mochila nas costas e do outro, um garoto cheio de tatuagens ouvindo uma música tão alta que era possível saber muito bem o que ele ouvia. De parada em parada, uns desciam, outros subiam, apertava mais um pouquinho, e assim foi. Um cara alto e meio sujo, com o rosto suado, passava tentando ir para o fim do ônibus, e a cada mulher por quem passava, o porco fazia questão de dar uma *encoxada*. Quando chegou a mim, me apertei o máximo que pude, para que ele não se encostasse ao meu corpo, mas o cara era tão nojento que fez questão de parar atrás de mim e ficar se roçando.

Não ia permitir isso.

— O senhor pode se afastar? — pedi, tentando me virar para ele.

— Desculpe boneca, mas não tenho espaço — riu, e mostrou seus dentes podres.

— Estou tentando ser educada, moço, se o senhor não parar de se esfregar e não afastar o que o senhor chama de amiguinho aí embaixo de perto de mim, eu vou lhe socar e armar um barraco, e eu tenho certeza que o senhor não vai gostar. Então, é melhor o senhor se afastar de boa vontade.

— Calma boneca, tô indo, tô indo, viu? — esperei que ele se afastasse e respirei fundo.

Às vezes eu detesto ser mulher, e ser vista como uma vadia qualquer. Odeio esses canalhas que acham que mulher só serve para satisfazer seus desejos sexuais. Odeio que fiquem tocando em mim de modo desnecessário, tenho nojo desses porcos! E o pior é que isso não vai ser a primeira, nem a segunda vez que vai ocorrer, terão muitas outras, com outras mulheres, pois o mundo está repleto de pervertidos que não nos dão o valor que merecemos.

Como pode existir tanta gente com índole ruim?

Apertei o botão de sinal, e fui em direção à porta, desci e enquanto caminhava respirei fundo, e cantei mentalmente “Paciência é uma virtude e o autodomínio é a qualidade que distingue os mais aptos para sobreviverem.” Após alguns metros eu já estava em frente a Comunica.

— Bom dia seu Davi! — acenei para ele.

— Bom dia, senhorita Giulliana.

Larguei as coisas na minha sala e infelizmente logo já havia sido chamada para uma reunião de emergência, com um grande cliente potencial e quando digo grande, quero dizer internacional. Peguei meu notebook, minha garrafinha de água e fui direto para a sala de reuniões.

A reunião durou a manhã inteira, o cliente era uma empresa de lingerie americana, com a sua primeira sede no Brasil, mas os caras eram um saco, não tinham nem ideia do que queriam para a publicidade da empresa e ficamos nisso até ele decidir que quer a Gisele Bündchen como modelo e que as peças publicitárias deveriam ser levadas pelo caminho da sensualidade da mulher brasileira, e eu além desse, tinha mais trabalho em cima da mesa para terminar, e os meus prazos estavam apertados.

Sem almoço para você Giulliana.

Estava concentrada terminando uma peça de uma rede de lojas de brinquedos, quando ouço uma leve batida na porta e logo após a porta é aberta.

A cabeça de Bernardo surge pela fresta.

— Ei, fui até o seu apartamento te chamar para vir comigo, mas você já tinha saído — foi entrando sem nem ao menos pedir autorização — Não quis esperar?

— Não queria abusar da sua bondade, resolvi pegar um ônibus — digo tentando manter a concentração e criar um vetor em forma de lego.

— Não é um abuso, enquanto você estiver sem carro não me importo que você venha junto comigo. Afinal, somos vizinhos e trabalhamos no mesmo lugar — disse meio sem jeito.

— Tudo bem, amanhã venho com você — falei tentando dispensar ele, pois estava começando a perder a concentração e isso estava me irritando.

— Certo, podemos ir embora juntos também, se quiser... é claro. Almoço?

— Não irei almoçar hoje, talvez você não tenha percebido, mas estou tentando trabalhar — apontei a tela do computador e arqueei a sobrancelha direita.

— Uau! Já saquei, entendi o recado, não precisa ser mal humorada assim — se levantou e bateu

a porta.

Droga, eu sou uma idiota mal educada mesmo! Sua ignorante.

Não estamos nem na metade da tarde, e eu já me sentia pressionada com tanto trabalho para terminar e começar. Massageei as têmporas durante um minuto e logo após esfreguei os olhos. Não estava pensando direito pois estava com fome, meus músculos doíam da corrida de hoje cedo, minha cabeça latejava e eu estava irritada com o fato ocorrido dentro do ônibus, junta tudo isso e tenha uma mulher pronta para matar o primeiro que se arriscar a incomoda-la.

Passaram-se uma hora e meia desde que o Bernardo saiu da sala incomodado com a minha grosseria, decidi que mais tarde iria lhe pedir desculpas. Eu estava passando por um bloqueio mental, ideias não vinham à tona, não conseguia terminar um brainstorm, e um insight eu não teria tão cedo e isso estava me chateando. Muito!

Ouvi uma leva batida na porta e logo após Bernardo entra, com diversas sacolas em mãos, tendo que fechar a porta com o pé.

— O que é tudo isso? — perguntei atenta e curiosa.

— Queria me desculpar por ter incomodado mais cedo, não queria ter tirado a sua concentração, falha minha, desculpe — largou as sacolas em cima do pequeno sofá amarelo e sorriu para mim.

— Eu que deveria pedir desculpas. Você tinha razão, eu fui uma completa vadia contigo, não foi minha intenção, eu juro. Me perdoa? — a última frase foi dita quase em um sussurro.

— Esquece isso. Já que você disse que não ia almoçar, resolvi que traria um sanduíche para você comer e no fim, achei que poderia te fazer companhia, já que eu também não almocei, pois estava fazendo compras — seu sorriso largo evidenciava ainda mais as suas covinhas profundas — Ah, sanduíche natural, sem carne, preparado especialmente pra você.

— Uau, isso foi legal da sua parte. Obrigada — corri para procurar o sanduíche nas sacolas — O que você comprou pra ter tantas sacolas?

— Roupas, acessórios, comida, essas coisas de homem — deu de ombros.

— Consumista! — abri as sacolas e despejei tudo no sofá. Nunca neguei a minha curiosidade.

Ao despejar o conteúdo de todas as sacolas, eu fiquei sem saber o que fazer. Fiquei parada, processando tudo.

No sofá havia dois bebedouros e comedouros, duas peiteiras, roupinhas para inverno, ração, pasta de dente, escova de dente, escova de pentear pelo, brinquedos, duas caminhas, dois colchonetes, dois banheirinhos, tudo, tudo que você possa imaginar para um cachorro.

— E aí, será que eu comprei tudo que era preciso? — Bernardo comentou me tirando do transe.

— Oh meu Deus, eu nem sei o que falar, eu nem sei... — me virei para ele, respirei fundo e corri para abraça-lo, aproveitando e beijando levemente sua bochecha — Você é demais! Obrigada por isso. Obrigada por tudo isso — indiquei as sacolas, e o sofá repleto de coisas para o Cake.

Dei as costas novamente para ele, e comecei a tagarelar sobre tudo, as compras, as roupinhas, jamais imaginaria alguém como ele com essa postura arrogante, entrando em uma Pet Shop e comprando tudo que era necessário para um *serzinho* como o Cake, e o mais legal de tudo é que ele comprou tudo duplicado e isso me deixou muito, mas muito feliz.

Cada dia estou mais impressionada com o quão firme e fofo um homem pode ser.

E mais encantada também.

Comemos conversando sobre diversos tipos de ração, sobre outras raças de cachorros e até mesmo sobre os projetos em que estava trabalhando.

Depois de bem alimentados e de jogar bastante conversa fora, Bernardo se sentou ao meu lado, trabalhando e dando ideias para as peças que estava criando. Além disso, chamou alguns criativos até a minha sala, explicando as ideias que tivemos e acabou por delegar parte dos projetos que estavam comigo para pequenos times que criou na hora.

Me senti bem ao seu lado, mais aliviada.

Bernardo me passava confiança e segurança, e assim o meu bloqueio mental foi desaparecendo e a vontade de passar mais tempo ao lado dele foi se tornando maior.

CAPÍTULO 10

Bernardo

Passei a tarde toda trabalhando com a Giullie e a equipe que estava nos ajudando. Subimos para uma sala de reuniões para acomodar toda aquela galera para debater, discutir e analisar antigas peças publicitárias da empresa e a sua concorrência. Giullie de início se mostrou um pouco tímida na frente do pessoal, meio acuada, mas logo consegui fazer com que se enturmasse mais e tomasse a frente do projeto.

Porque será que ela age assim? Afinal, essa é a equipe dela, o andar dela. A líder do time é ela. Preciso saber o que aconteceu.

Infelizmente, vez ou outra, eu tinha que me afastar para atender alguém da administração, mas a minha cabeça estava lá, naquela sala de reuniões pensando no que poderia estar acontecendo e como ela estaria se sentindo com o grupo lá em cima.

Preciso passar menos tempo ao lado dela, ela está ocupando a minha mente por quase o dia inteiro. O Bernardo de alguns dias atrás, jamais iria discutir com uma mulher e sair para fazer compras para o cachorro dela, ou melhor, *nosso*, vejam, até isso eu já fiz, adotei um pulguento e sarnento de um vira-lata só para agrada-la, e ainda por cima se desculpar por algo que não teve culpa. *Jamais*. Pelo contrário, ele sairia batendo a porta e só voltaria a falar com a mulher no momento em que ela viesse cheia de manha para cima dele e estivesse disposta a ser perdoada se lhe proporcionasse uma maravilhosa noite.

Como pode alguém mudar tanto em poucos dias? Eu sinceramente não sei a resposta, mas eu sei que estou tentando ao máximo agradar a uma mulher maluca que eu conheço há menos de uma semana.

Quando voltei para a sala de reuniões marcava 18h15min no meu relógio e a sala já estava vazia. Resolvi descer novamente e ir até a sala da Giullie verificar se ela ainda estava no prédio. As baias já estavam quase todas vazias, fui até a porta e dei uma batida de leve, e óbvio, não esperei ela autorizar a minha entrada e já fui entrando.

Encontrei-a organizando e limpando a sua mesa.

— Tá fazendo hora extra? — perguntei, implicando com ela.

— Graças a Vossa Senhoria, hoje não foi necessário. Obrigada pela força que você me deu. Foi de grande valia — seu sorriso tímido apareceu em seu rosto, e seus olhos brilharam um pouco.

Continuou com a limpeza na mesa, agora passando álcool em gel pelo tampo, teclado, mouse e etc.

— Porque tá limpadinho aí? Derramou alguma coisa? — questionei.

— Na verdade não. É importante manter as coisas organizadas, pois se preciso de algo, encontro com facilidade, e quanto ao resto da limpeza é para evitar os germes que se proliferam — deu de ombros e continuou a limpar.

— Você tem TOC, Giulliana? — arrisquei e na mesma hora ela ficou tensa. Levantou seu rosto e me olhou, seus olhos estavam em conflito, sua respiração era superficial.

Acho que toquei em um assunto delicado.

Me aproximei da sua mesa e imediatamente ela estendeu a mão como um “Pare” e gritou: — NÃO! Não, não se aproxima. Preciso respirar.

Ela estava me assustando, e eu estava ficando nervoso com a situação. Não sabia como deveria agir e muito menos como reagir.

Nunca lidei com algo assim. Aliás, nunca lidei com algo que não fosse para o benefício das minhas empresas. Mas com ela...

— Giullie, eu não quis... — tentei me desculpar, mas ela me cortou.

— Nunca mais diga isso. Nunca! Eu não sou louca, não tenho nenhum tipo de transtorno. Apenas gosto de ordem e limpeza, tenho algumas manias, mas isso não faz de mim uma pessoa transtornada.

— Eu sei. Merda, me perdoa. Não foi minha intenção te ofender. Eu não quis... — respirei fundo, deixei passar alguns segundos, pensei e só aí comentei: — Eu quero que saiba que eu aceito e compreendo isso, Giullie, você não tem culpa pelo surgimento dessas "manias", é só apenas uma condição médica, assim como uma alergia, que qualquer um pode ter. Por mais idiota que isso possa parecer, eu sou alérgico ao pó. Mas você tem que reconhecer e aprender a lidar com esses sintomas. E o primeiro passo para isso, seria a busca de um tratamento. Posso ir ao médico com você se quiser, o que acha disso?

Meu coração estava acelerado, nunca imaginei que eu poderia ser capaz de incentivar alguém, estava com medo da sua resposta e no que isso poderia acarretar caso fosse negativa.

Meus olhos estavam fixos nela, nas suas expressões, nos seus olhos e vi o exato momento em que ela largou o álcool e os lenços em cima da mesa e se sentou num baque na cadeira. Estava cabisbaixa e eu daria o mundo para que aquele sorriso carinhoso que só ela tem voltasse para o seu rosto.

Ao invés de me aproximar, me afastei e me sentei confortavelmente no sofá, dando o espaço e o tempo necessário para que ela assimilasse tudo o que eu havia dito. Fiz questão de não olhar em direção ao relógio, apesar de já estar ciente de que não havia mais ninguém no prédio e que os minutos estavam passando, para que ela não pense que estou com pressa, ou impaciente, ou até que quero ir embora logo. Não desgrudei os olhos dela em nenhum momento durante esse tempo, iria ficar ali, ao lado dela nem que tivéssemos que sair daqui só depois de dias.

— Você pode ir embora se quiser — sussurrou.

— Não tenho pressa, e sinceramente esse sofá está bem confortável que posso pensar em até dormir aqui.

— Você é muito grande para caber nesse sofá.

— Isso meu bem, é um mero detalhe — ela finalmente olha para o meu rosto e retribui o sorriso que tenho no meu para ela.

— Por mais que odeie admitir, eu já estava terminando a limpeza quando você chegou — pegou os lenços, amassou-os e os jogou na cesta de lixo e guardou o álcool em gel dentro da sua gaveta — Você me dá uma carona pra casa?

— Com toda e absoluta certeza Princesa — resolvi usar de charme com ela, para que ela se sentisse mais animada — Ah, lembrei, hoje a galera que joga futebol comigo vai lá pra casa beber, jogar, encher a pança, mais ou menos nessa ordem. Que tal você me acompanhar?

— Ah não, nada haver eu ficar lá no meio de um monte de homens — pegou a sua bolsa e se dirigiu para a porta. Corri para abrir a porta e a deixar passar.

— Ah qual é Giullie, prometo que danço com você no Kinect — tentei.

— Eu posso escolher a música?

— Todas que quiser — estava começando a imaginar como seria uma noite de diversão ao lado dela — Você pode aproveitar e ficar um pouco com o Cake.

— Tudo bem. Mas se eu me sentir desconfortável, eu vou embora — ameaçou.

— Você não vai — estendi o dedo mindinho para que ela enlaçasse o seu com o meu e ela o fez — Pinky promise.

— Pinky promise — falou em meio a uma gargalhada.

Corri para a minha sala pegar minha pasta e meu casaco, e descemos juntos conversando sobre as ideias de hoje à tarde. Assim que entramos no carro e saí da editora, lembrei que deveria comprar mantimentos para alimentar aquela manada.

— Só preciso comprar algumas coisas no supermercado e aí poderemos ir. Importa-se de ir comigo?

— Não, vamos lá.

O trânsito estava por incrível que pareça, tranquilo, fomos ao supermercado e enchemos um carrinho com cerveja, sorvete, chocolates e um chá gelado, pois ela não toma refrigerante. Passamos também em uma pizzaria e pedimos algumas caixas de pizza para levarmos. Giullie teve uma especial, já que era a única vegetariana do grupo, e acreditem, ganhou uma pizza doce de cortesia do dono da pizzaria.

Até pizza de graça ela consegue com o sorriso e seu jeito doce de ser.

Passamos na casa dela para que ela pudesse tomar um banho rápido e colocar uma roupa mais leve. Mas o resultado foi um short preto de ginástica curtíssimo e uma regata branca soltinha e meio

transparente, mostrando o seu sutiã colorido e a alça do mesmo.

Senhor Cristo Jesus, por favor, contenha a minha imaginação.

Gemi em frustração, peguei as sacolas, e ela as pizzas, subimos e encontramos o pessoal que já estavam lá com André e Hugo.

— E aí marmanjada! Trouxe comida para alimentar vocês, seus brutos! — larguei tudo na cozinha, com Giullie na minha cola.

A levei para sala e apresentei para o time.

— Monstros, essa é a Giulliana, minha sócia e vizinha. Giullie, esse é Eduardo, Vinicius, Paulinho, Hugo, André, Bruno e Gustavo.

Bruno, para me enlouquecer, foi cheio de marra abraçar e beijar Giulliana.

— Não toque nela! — rosnei — Ela está sob minha proteção, ajam pelo menos uma vez na vida com decência. Sem toques, flertes e coisinhas desse tipo.

— Ow! Ok, ok. Tô voltando pro meu jogo — falou Bruno enquanto Giulliana ria da minha atitude.

Bom!

Gustavo que até então estava com Cake no colo, se levantou e o entregou para Giullie, que ficou o acariciando e montando um cantinho para ele perto da grande janela.

Comemos, bebemos, jogamos algumas partidas de futebol, rimos bastante e claro Giulliana não esqueceu da promessa e tivemos que fazer um quarteto para dançar uma música que ela escolheu no Kinect. Começou Die Young da Ke\$ha e foi uma trapalhada que só. Giullie era a única que se saía bem. Eduardo se estatelou no chão, Gustavo pisou várias vezes no meu pé, e assim a palhaçada continuou por um bom tempo. Ficou decidido que quem ganhasse, escolheria a próxima música, e levaria dez reais de cada um, os meninos começaram a ficar competitivos, e a concentração era tanta que quando Giullie — que já tinha ganhado todas —, escolheu Oops!...I Did It Again da Britney Spears, Vinicius foi à loucura e ficou realmente puto, porque queria ganhar a todo custo.

Imaginem o fiasco que era ver um bando de marmanjos dançando Britney Spears.

Nunca me diverti tanto na vida, Giullie riu a noite inteira, mas acredito que parte do riso fácil era por causa das várias cervejas que ela tomou.

Os caras foram muito legais com ela, fizeram piadas idiotas, jogaram UNO, cantaram no Karaokê e depois de tudo ainda dançaram com ela essas músicas de mulherzinha. E o mais legal de tudo foi que eles limparam tudo antes de ir embora, deixando que a Giullie brincasse um pouco com o Cake.

Desci com eles até a portaria, nos despedimos e todos, até mesmo André que é o mais caladão do grupo, me disse o quão legal e linda Giulliana era.

É, eu sei disso. Sei muito bem disso.

Quando voltei para o apartamento, me deparei com uma cena que jamais vou esquecer. Giullie estava dormindo no meu sofá, enquanto o pequeno Cake dormia em cima da sua barriga. Suor ainda brilhava pelo seu corpo, seu coque estava quase todo desfeito e a boca estava entreaberta. Pensei em acordá-la, mas não queria atrapalhar seu sono e, *estou sendo honesto aqui*, não queria que ela dormisse em outro lugar hoje, além do meu quarto. Tirei Cake de cima dela e o coloquei na sua respectiva cama, peguei-a no colo e a levei para o meu quarto a depositando em minha cama. Cobri-a com um lençol fino, liguei o ar condicionado e fiquei por uns minutos a olhando, admirando o seu rosto e o quão linda ela era.

Peguei uma cueca, uma bermuda, minha toalha e fui tomar uma chuveirada no banheiro do corredor.

A temperatura da água? Fria, é óbvio.

Logo que saí do chuveiro, meu celular tocou e para que ela não acordasse com o toque, imediatamente atendi.

— Bernardo — falei num tom mais baixo.

— Ora, ora, Bernardo Enrico Gomes sabe quem está falando? — uma voz rouca e grossa que eu reconheceria até em coma saiu direto para o meu ouvido.

— O que você quer? — rugi.

— Eu quero o que você me roubou, o que é meu por direito pequeno bastardo.

— Não roubei nada, e se voltar a me ligar, eu vou ir atrás de você e você não vai gostar — ameacei.

— Não me ameace pequeno pedaço de merda. Eu estou um passo à sua frente, e sei tudo o que faz e sei que o que você me roubou está na sua casa. Meu amiguinho que visitou o seu apartamento foi descuidado, mas da próxima... Espere e verá — devolveu a ameaça e meu sangue ferveu — Aliás, mande um beijo para a pequena e inocente Giulliana Maria Puccini, sei que ela está na sua casa, e sei do seu interesse repentino por ela. Eu te disse uma vez Bernardo, não brinque com fogo, pois você pode realmente se queimar, e a dor que você vai sentir, nunca vai desaparecer. Estou de olho em você! — afirmou placidamente.

— Vá para o inferno! — desliguei e lancei o celular tão forte no sofá, que se desmontou com o impacto.

Merda, merda, merda!

CAPÍTULO 11

Giulliana

Acordei em meio a gritos histéricos, era uma voz estridente e irritante. Levantei num salto da cama.

Ai, merda, invadiram a minha casa!

Quando saí pelo quarto em busca de algo para me defender, percebi que a decoração do quarto era diferente, o espaço era maior e mais clean, as paredes eram brancas e a cama era muito maior e mais confortável que a minha.

Esse não é o meu quarto... Será que...

Posso queimar ainda mais meu filme? Dormi na cama do Bernardo, no travesseiro dele, e embaixo dos lençóis dele. Aquele homem, sarado, sensual, romântico pra caramba vai me ver descabelada, fedorenta, com um bafo de matar qualquer leão — o gosto na minha boca era de guarda-chuva, não que eu já tenha comido ou lambido um, é só uma expressão. Mas era meio que nojento um cara que você conheceu recentemente te ver assim. Resolvi que não faria nenhum mal em usar o banheiro dele, e tentar dar um jeito no meu aspecto desagradável. Deixaria ele resolver o que quer que fosse do outro lado da porta e só depois sairia daqui. Abri seu armário do banheiro e encontrei uma escova de dente no pacote, peguei a pasta de dente e me escovei, era tudo o que eu precisava. Prendi o cabelo no alto e resolvi que deveria ir para casa.

Antes de sair pela porta, arrumei a cama dele e analisei o restante do cômodo. Uma cama que acredito ser uma box king size com lençóis brancos e macios no meio do quarto de frente para uma televisão de 47 polegadas ultra fina, algumas linhas verdes traçadas por todo o quarto davam um aspecto jovem para o cômodo. Uma grande porta que acredito ser o seu closet deveria ser maior que o meu quarto. Uma porta de vidro dava para uma sacada no qual a vista era deslumbrante, era possível ver toda a extensão do lago que cercava a cidade. Bernardo morava na cobertura, o único andar que era dividido em dois apartamentos. O dele e o do CEO de uma construtora. Os outros andares eram divididos em quatro apartamentos por andar.

Os gritos não eram mais ouvidos, deduzi então que poderia sair e torcer para que não desse de cara com ele. Apesar de estar em seu apartamento, eu me sentia muito estranha por ter dormido em seu quarto, afinal eu o conhecia a pouco tempo. Abri a porta bem devagarzinho, torcendo para que ele tivesse saído de casa. No fim do corredor dei de cara com uma loira, alta, magérrima e muito, muito linda. Suas bochechas estavam vermelhas, seus olhos com resquícios de lágrimas e seu rímel levemente borrado.

— Quem é você? — pergunta a loira de forma ríspida.

Nesse mesmo instante Bernardo que estava sentado no sofá de cabeça baixa, se levanta e me olha assustado. Seu corpo rígido e suas mãos em punhos.

— Eu, eu sou a... — olhei para ele, olhei para a loira e não sabia o que falar — Uma amiga, e você? — questionei curiosa, mas Bernardo interrompeu antes que a loira pudesse pronunciar algo.

— Luana, vai embora — Bernardo indica a porta com a cabeça — Agora!

— Ela é a sua vingança? — a loira chamada Luana pergunta, apontando o dedo para mim e logo me empurra, fazendo com que eu desse um passo para trás — Essa é a vadia que você está pegando para me magoar? — gritou.

— EIII — gritei também e aponte o dedo indicador para o rosto dela — Vadia não camarada! Quem você pensa que é para falar de alguém sem ao menos conhecer?

Bernardo imediatamente se prostrou na minha frente, segurando meus ombros e pedindo para que eu voltasse ao quarto.

— Por favor, me espera lá.

Tirei as suas mãos dos meus ombros e olhei para ele com revolta.

— Eu não vou esperar nada, como se eu fosse culpada por algo e tivesse que me esconder. Eu vou é para casa! Obrigada por ontem — olhei para Luana, arqueei a sobrancelha e dei um sorriso sarcástico — Até mais, ossuda.

Passei por ela num flash, peguei o Cake que estava deitado no chão da cozinha e voltei para o meu apartamento voando.

Após entrar, tranco a porta, solto Cake no chão e me jogo no sofá. Não acredito que aquela garota me chamou de vadia, sem motivo algum, quem ela pensa que é? O Batman? Será que é a namorada dele? Se ela for mesmo sua namorada, significa que não tenho nenhum tipo de chance com ele. Eu estou atraída por ele, isso não tenho como negar. Tanto que durante esses dias, tenho pensado muito nele. Sei que é rápido demais para dizer isso, mas meu coração e meu cérebro não pensam da mesma forma.

Argh!

Espernei um pouco em cima do sofá e resolvi tomar um banho para colocar os pensamentos em dia. Após o banho estava mais calma, e os meus sentimentos por *ele* menos confusos. Dei uma olhada e vi que a qualquer momento Anna iria chegar.

Resolvi fazer um café da manhã para que pudéssemos comer quando ela chegasse. Peguei a massa de panqueca pronta, coloquei uma fatia de queijo branco, ralei uma cenoura, cortei a alface e o tomate em pequenas tiras e levei ao micro-ondas para derreter o queijo. Enquanto preparava o suco de laranja ouvi a porta ser aberta. Vovó e Anna tinham as chaves do apartamento, mas quase nunca conseguiam abrir a fechadura, pois diziam que estava com problema. Confesso para vocês que eu nunca tive dificuldade.

— Giullie, a sua porta é uma droga! — ouvi Anna resmungar.

— Vocês não têm o jeito correto de abrir, só isso. Prometo que qualquer hora eu troco a fechadura, a porta, o que vocês quiserem.

Percebi o exato momento em que ela viu Cake deitado em cima do sofá e correu para abraçá-lo.

— Você finalmente adotou um cachorrinho!! Como se chama? — perguntou enquanto o acariciava.

— Cake.

— É tão a sua cara esse nome, não me admira em nada.

Anna foi até a cozinha com Cake nas mãos, pegou uma banana do cesto de frutas e se sentou na bancada da cozinha colocando-o em seu colo. Entre uma mordida e outra resolveu que queria jogar conversa fora.

— Eu já tenho a lista de convidados para festa, tem em torno de trezentas pessoas. A decoradora e a lista... — antes que ela pudesse terminar de falar a campainha toca — Quem é? — me perguntou.

Dei de ombros, mas eu sabia muito bem quem era — Deixa que eu atendo, termina o suco para mim faz favor? — perguntei caminhando em direção à porta.

Com a mão na fechadura respirei profundamente, e abri uma fresta da porta colocando a cabeça para o lado de fora — Pois não? — perguntei para Bernardo que estava do lado de fora, todo despenteado, com a camiseta branca meio aberta faltando alguns botões e parecia ter sido puxada, pois pendia para o lado.

— Giullie, posso entrar? — me olhou tristemente.

— Na verdade não, tenho visita.

— Quem? — seus olhos se tornaram acusadores.

— O que quer Bernardo?

Toda a frustração que tinha ido embora com o banho voltou, pois a lembrança de que aquela loira pudesse ser a sua namorada me deixava invejosa.

— Te pedir desculpas pelo show de hoje cedo — seus olhos estavam presos aos meus, mas não consegui prosseguir com o olhar e os abaixei.

— Tudo bem, sem problemas. Se eu fosse sua namorada e encontrasse uma mulher que dormiu na sua casa também ficaria maluca — soltei um riso amargo.

— Ela não é minha namorada, é minha ex. Mas isso não vem ao caso, ela não tinha o direito de ter dito aquilo para você — tentou se aproximar, mas eu fechei mais a porta.

— Tudo bem Bernardo, tá tudo ok — quando ia fechar a porta de vez, ele tenta entrar novamente, mas eu saí para o lado de fora, fechando a porta e ficando de frente para ele.

— Você vai comigo para a Comunica? — seus olhos vez por outra desviam de mim para a porta.

— Não, hoje eu tenho algumas coisas para resolver.

— Tipo o que? — seu olhar acusador voltou.

— Tipo que não é do seu interesse, mas só porque eu sou legal vou te dizer — aponte para a porta — Anna que está ali dentro, e eu, estamos planejando a festa de despedida da vovó. Precisamos resolver algumas coisas, enviar os convites, essas coisas de festa.

— Ótimo que seja a Anna que está aí dentro — falou de modo arrogante.

— Quem mais seria? — perguntei de forma petulante.

— Ninguém. Bom, eu vou indo então. Se não, irei me atrasar. Vai fazer algo hoje à noite? — ele olha para baixo e coça a cabeça.

— Provavelmente irei jantar com a vovó.

— Certo. Até — ele diz e se volta para o seu apartamento.

— Ah! Bernardo! — o chamo, e vejo quando ele para e se vira para olhar para mim.

— Sim?

— Nunca mais deixe uma mulher estragar uma camisa tão bonita. Normalmente elas não passam de vadias — pisco e lanço um sorriso irônico para ele.

Antes de entrar novamente, tenho um vislumbre do seu rosto carrancudo e perplexo.

— Quem era? — Anna pergunta atrás de mim.

— Jesus Cristo Nanna, você quer me matar de susto? — pergunto colocando a mão sobre o coração.

— Duvido que Jesus Cristo tenha batido na sua porta — me repreendeu.

— Era Bernardo — passei por ela e fui em direção à bancada.

— Bernardo Enrico Gomes? — perguntou já andando ao meu lado com a curiosidade elevada.

— O único — peguei minha panela, enchi um copo com suco de laranja e comecei a comer para não ter que comentar mais nada.

— O que ele veio fazer aqui?

— Você não desiste de fazer tantas perguntas? — perguntei com a boca cheia de comida.

— Óbvio que não, ainda mais quando envolve homens na sua vida.

Como não seria deixada em paz enquanto não contasse tudo e contasse também do meu interesse por Bernardo, resolvi abrir o jogo e já pedir algumas dicas para a Anna sobre como proceder em relação a isso. Segundo ela, da próxima vez que eu o visse deveria me jogar nos braços dele e beijá-lo loucamente. O que é um absurdo, pois eu nunca teria coragem de fazer algo como isso. Falei sobre

os últimos dias, sobre ter dormido na sua casa e ter encontrado a sua ex. Anna ficou muito feliz por eu estar demonstrando interesse em alguém depois de tanto tempo.

Depois que terminamos o café da manhã, fomos para a mesinha da sacada e começamos a rever os convites e a lista. Estávamos quase terminando, quando percebo o nome *deles*.

— Nanna? O que eles fazem na lista? — me levanto furiosa.

— Eu sinto muito Giullie, nós temos que convida-los. A influência que eles têm é muito importante para as empresas da sua avó.

— Depois de tudo que eles me fizeram? Você só pode estar de sacanagem comigo! — rugi.

— Giullie, mantenha a calma — seu tom de voz era duro — Você tem que agir como uma profissional. Não pode permitir que algo que aconteceu há três anos te assombre.

— Ser profissional? — devolvi o tom — Isso é ridículo. É tudo por dinheiro? Por aparência?

— Você sabe que não é pelo dinheiro, mas sim pela sociedade, o que vão comentar. Porque você sabe que se os repórteres tiverem acesso a essa lista, eles vão questionar o porquê deles não estarem nela.

— Se eles querem algum motivo para isso, eu tenho vários. Mas não vou fingir que nada aconteceu — passei a mão pelo rosto em frustração.

— A diretoria inteira vai estar lá. Para eles não interessa o que aconteceu, só interessa que eles estejam lá.

— Merda Anna! Isso é ridículo!! A empresa será minha! Eu devo decidir essas coisas — gritava de modo histérico.

— Já chega Giulliana! — seu tom de voz não dava oportunidade para discussão. Me calei e imediatamente as lágrimas começaram a surgir — Você acha que sua avó e eu estamos felizes com isso? Você acha que iríamos permitir que alguém pudesse ferir você novamente? Você é uma mulher agora, não a guriazinha de três anos atrás. Aja como uma. Aja como a futura CEO da Comunica.

Desabei na cadeira e comecei a derramar lágrimas de raiva e dor. Após um tempo Anna me mandou ir deitar um pouco enquanto ela preparava o almoço. Eu ainda estava com raiva, então meus modos eram quase robóticos, porque meus pensamentos estavam no passado.

A tarde se foi, assim como o início da noite, Anna resolveu todas as pendências da festa que estava marcada para o sábado que vem e enquanto isso eu me arrumava para o jantar com a vovó. Encontramos-nos em um restaurante italiano, e no fim, Anna, eu e ela entramos em uma discussão silenciosa sobre o assunto de hoje à tarde. Empurrei a comida abaixo para que eu não pudesse chorar em público, mas não estava funcionando muito, minha garganta estava fechada e minhas bochechas vermelhas pelo calor e pela raiva, meus olhos estavam úmidos. Resolvi que a noite não seria produtiva, me despedi delas e resolvi voltar para casa.

Voltei andando apesar de serem uns vinte minutos de caminhada até o meu apartamento, mas eu precisava espairar. Comecei a pensar nos prós e nos contras dessa festa, do convite, de como eu deveria reagir perante eles, o que eu deveria falar e assim foi até chegar em casa, me jogar na cama e

adormecer.

Acordei por volta das nove horas, decidida a ganhar o Bernardo para mim. Já que a minha sexta-feira foi uma grande droga, faria do meu sábado o melhor. Começando por convidar Bernardo para passar o dia comigo. Não sei de onde tirei coragem para convidá-lo, mas cá estava eu, em frente a sua porta, com a mão levantada pronta para apertar a campainha. Resolvi usar um vestido curto preto, uma camisa jeans amarrada por cima, sapatilha preta e o cabelo solto. Passei um pouco de maquiagem para não ficar com a cara tão lavada.

Tomei fôlego e apertei a campainha. Ouvi passos, e vi-o olhar pelo olho mágico, esbocei o meu melhor sorriso. A porta se abriu e eu perdi todo o fôlego que havia tomado. Bernardo estava com apenas uma calça moletom que pendia em seu quadril, mostrando o cós da cueca e todo o seu abdômen definido. Pude ver uma tatuagem em suas costelas, uma frase que não pude identificar e uma tatuagem tribal em seu ombro e parte do bíceps.

— Pois não? — abriu uma fresta da porta e perguntou ironizando a forma como o recebi ontem.

— Ei, bom dia — sorri.

— Bom dia — ele responde enquanto segura a porta.

— Vim te fazer um convite! — exclamei, tentando manter a felicidade que estava começando a falhar pela falta de receptividade.

Tudo bem, eu sei que mereço isso.

— Olha, a verdade é que quero me desculpar por ontem e por anteontem — digo e abaixo os olhos, pois não posso suportar a maneira intensa que ele me olha.

— Que tipo de convite? — ele pergunta.

— Passar um sábado super agradável me tendo como companhia — ponho os braços para trás, meio sem graça.

— Hmm.

— Esse “Hmm”, significa o que exatamente? — questiono curiosa.

— Que eu estou pensando — ele diz.

— Hmm.

— Tudo bem, entra. Vou tomar um banho rápido e me trocar — abriu a porta amplamente.

E eu, juntando toda a coragem que nunca tive, me apoiei em seus braços, levantei os pés para ficar um pouco mais alta e dei um beijo rápido na sua bochecha. Com a mesma pressa que o beijo aconteceu, eu me afastei e andei até o sofá me sentando lá, enquanto Bernardo continuava imóvel ao lado da porta com a boca entreaberta.

CAPÍTULO 12

Bernardo

Só pode ser brincadeira.

Nunca imaginei que alguém como ela poderia me convidar para passar o dia juntos e muito menos que receberia um beijo no rosto sem mais nem menos.

Deixei Giullie assistindo televisão enquanto tomava um banho e me arrumava, eu estava confuso. Muito confuso. Eu estou gostando dela e isso no momento não é bom. Não quando *ele* está atrás de mim. E se eu tentar ter algo a mais com ela e ele quiser me atingir a atacando, não posso permitir que ela entre nesse jogo e acabe se machucando. Mas o pensamento de ter que me afastar dela era uma das últimas coisas que eu desejava.

Giullie tem um poder de sedução que nem ela sabe. Sua simplicidade, honestidade e suas manias estão mexendo com a minha cabeça. E para ser sincero, com outras partes do corpo também.

Ontem quando a vi confrontar Luana senti muito orgulho. Ela não se rebaixa para ninguém e a obediência não é um ponto forte dela. Comprovei isso ontem também.

Coloquei uma calça tipo pescador bege, uma camiseta lisa de manga curta branca e um casaco também bege por cima e nos pés um tênis. Passei um pouco de perfume e fui até a sala. Ouvi Giulliana rindo, e isso pode ser meio brega, mas aqueceu meu coração. Ela estava vendo algum episódio de Bob Esponja na TV.

— Tô pronto! Qual é o roteiro do dia? — pergunto me sentando ao seu lado no sofá.

— Bem, podemos tomar café da manhã e depois resolvemos aonde ir — ela diz, se virando em minha direção.

— Certo! — falo já me levantando e estendendo a mão para ajudá-la a se levantar. Não que ela precise, mas eu necessito tocar nela. Ela segura a minha mão, levanta, ajeita o vestido e sorri.

Solto relutantemente a sua mão, pego os óculos, as chaves e vamos até a garagem. Quando ela vê a moto estacionada, perde o passo e para com os olhos arregalados e a boca aberta.

— O que foi? — pergunto intrigado.

— Essa moto é sua?

— Sim, por quê?

— Ai meu Deus, você tem uma Harley-Davidson!! — seus olhos ganham brilho, enquanto dá pequenos pulinhos no mesmo lugar.

— Fico feliz que tenha gostado, hoje é um dia perfeito para um passeio na moto. Está lindo do lado de fora e não está tão quente, enfim — entrego um capacete aberto para ela.

— Você tem que me deixar dirigir essa moto um dia! — exclamou enquanto tentava colocar o capacete.

— Nos seus sonhos Princesa — ponho a viseira do capacete dela para cima, e a ajudo colocá-lo.

— Pode ser em algum lugar fechado, não necessariamente nas ruas. Por favor, você não pode negar. Seria muito egoísmo.

— Não é questão de egoísmo, e sim de proteção. Não quero ter uma morte causada por um acidente de moto na minha consciência — subo na moto e ligo o motor.

— Eu não vou morrer, deixa de ser dramático e pensar no pior Bernardo. É só uma vez — ela diz enquanto sobe na garupa da moto e se posiciona atrás de mim, enlaçando seus braços na minha cintura e encaixando as suas pernas atrás das minhas.

— Vou pensar no seu caso.

Dou partida e seguimos rumo a uma cafeteria no centro da cidade. Não tivemos a oportunidade de conversar muito durante o percurso, mas todas as vezes que parávamos na sinaleira ela exclamava o quão demais era andar em uma “Harley”.

Quando chegamos à cafeteria escolhemos juntos o que iríamos comer, Giullie pediu pão de queijo e uma torta de sabor prestigio com chá gelado, eu pedi um sanduíche, um café preto e uma salada de frutas. Sentamos-nos no andar de cima que tinha uma linda vista para o lago da cidade. Conversamos sobre a época da faculdade, e sobre o novo curso que ela estava fazendo a noite, e ela lamentava sempre que podia o fato de que as férias de verão da faculdade estavam acabando e que teria que voltar a focar no serviço e nos estudos.

Terminamos de comer e resolvemos caminhar pela Rua da Praia, uma das mais tradicionais e antigas da cidade.

Passamos pelos vendedores ambulantes e olhamos de tudo. Giullie resolveu que queria comprar uma cuia nova, mas reclamou do preço, então ficamos em torno de dez minutos pechinchando com o vendedor, e por fim, acredito que ele se cansou das reclamações de Giullie que resolveu fazer a venda pela metade do preço.

— Até eu já estava pensando em pagar o cara para ele diminuir o preço para você — comentei zombando da situação.

— Mas o preço estava um absurdo!

— Mas é disso que ele vive.

— Eu sei que é, mas o preço era muito salgado e a cuia nem é tão grande assim para ele cobrar

aquele valor. Ele deve ter achado que éramos turistas, só pode.

Depois de perambularmos pelos museus do Centro Histórico, resolvemos que deveríamos almoçar. Deixei que Giullie escolhesse o restaurante e ela escolheu um vegetariano, que devo dizer, foi uma péssima escolha, o tempero era ruim e a comida era muito, muito pior. Até mesmo Giullie não conseguiu comer nada. Passamos a tarde inteira juntos, jogamos damas com os senhores de idade que ficam na praça com seus amigos, tomamos sorvete, compramos vários artigos de decoração. Rimos bastante. Fomos ao Chalé da Praça tomar um chopp gelado e para finalizar ela quis ir à biblioteca pública escolher algum livro para alugar.

Caminhamos por entre as estantes, até que ela escolheu um livro com poemas de William Shakespeare. Sentamos-nos em uma mesa no canto da sala para que pudéssemos conversar sem ter que sussurrar.

— Ok. O que você vai ler pra mim? — perguntei.

— “Eu aprendi”, um dos meus poemas preferidos de Shakespeare.

— Estou ouvindo.

— Certo. *Eu aprendi...* — começou a ler.

“... que eu não posso exigir o amor de ninguém. Posso apenas dar boas razões para que gostem de mim e ter paciência, para que a vida faça o resto.

Aprendi que não importa o quanto certas coisas sejam importantes para mim, tem gente que não dá a mínima e eu jamais conseguirei convencê-las.

Que posso usar o meu charme por apenas 15 minutos, depois disso, preciso saber do que estou falando.

Eu aprendi... Que posso fazer algo em um minuto e ter que responder por isso o resto da vida.

Aprendi que preciso escolher entre controlar meus pensamentos ou ser controlado por eles.

Aprendi que perdoar exige muita prática.

Que há muita gente que gosta de mim, mas não consegue expressar isso.

Aprendi que, não importa o quanto meu coração esteja sofrendo, o mundo não vai parar por causa disso.

Aprendi que a minha existência pode mudar para sempre, em poucas horas, por causa de gente que eu nunca vi antes.

Aprendi também que diplomas na parede não me fazem mais respeitável ou mais sábio.

Aprendi que as palavras de amor perdem o sentido, quando usadas sem critério.

E que amigos não são apenas para guardar no fundo do peito, mas para mostrar que são amigos.

Aprendi que certas pessoas vão embora da nossa vida de qualquer maneira, mesmo que

desejemos retê-las para sempre.

Aprendi, afinal, que é difícil traçar uma linha entre ser gentil, não ferir as pessoas, e saber lutar pelas coisas em que acredito.”

Eu aprendi...

... que ignorar os fatos não os altera;

Eu aprendi...

...que quando você planeja se nivelar com alguém, apenas está permitindo que essa pessoa continue a magoar você;

Eu aprendi...

... que o AMOR, e não o TEMPO, é que cura todas as feridas;

Eu aprendi...

... que ninguém é perfeito até que você se apaixone por essa pessoa;

Eu aprendi...

... que a vida é dura, mas eu sou mais ainda;

Eu aprendi...

... que as oportunidades nunca são perdidas; alguém vai aproveitar as que você perdeu.

Eu aprendi...

... que quando o ancoradouro se torna amargo a felicidade vai aportar em outro lugar;

Eu aprendi...

... que não posso escolher como me sinto, mas posso escolher o que fazer a respeito;

Eu aprendi...

... que todos querem viver no topo da montanha, mas toda felicidade e crescimento ocorre quando você esta escalando-a;

Eu aprendi...

... que quanto menos tempo tenho, mais coisas consigo fazer.”

Quando terminou de ler eu não sabia o porquê, mas eu tinha de fazer.

Me levantei da cadeira com pressa e força, que a mesma caiu no chão num baque. Giullie olhou para mim assustada e confusa, encaixei as mãos em seu queixo, inclinei sua cabeça para trás e comecei a fazer o percurso que traria seus lábios aos meus. Cobri sua boca com a minha e pude sentir sua surpresa, aprofundei o beijo e ela enroscou os dedos em meus cabelos correspondendo. Passei a língua pelo seu lábio inferior e tornei o beijo mais delicado, mais lento, foi uma prova, um roçar de lábios. Me afastei de sua boca já sentindo a falta, me inclinei um pouco mais e encostei sua

testa na minha.

— Bernardo? Eiii, terra para Bernardo! Você tá me ouvindo?

Senti um cutucão e um tapa ao pé do ouvido, me virei para ela aterrorizado.

— Eu não acredito que você dormiu enquanto eu lia — exclamou revoltada — Foi tão entediante assim?

Tá de sacanagem! Eu estava sonhando.

CAPÍTULO 13

Giulliana

— Você é um cretino sabia? — digo, fechando o livro com força.

— Eu não achei que tinha pegado no sono... Eu... — tentava se explicar.

— Eu só não te chuto agora, por que estamos em uma biblioteca pública — me levanto emburrada e vou até a estante para devolver o livro.

Ele sabe como minar a animação de alguma pessoa. Que raiva!

— Giullie, espera, espera aí — disse segurando meu braço — Eu não dormi porque fiquei entediado, eu acho que só estou cansado e sua voz por ser muito doce desacelerou o meu ritmo e no fim acabei pegando no sono. Não fica braba poxa.

— Tudo bem, mas agora eu quero ir embora.

— Como quiser. Me espera aqui que eu vou buscar a moto.

Ao sairmos da biblioteca, a noite já estava caindo, mas mesmo assim o centro continuava um formigueiro. Como Bernardo iria demorar um pouquinho, por ter estacionado longe e ter que dar uma volta para me buscar, resolvi comprar uma garrafinha de água em um sebo de livros ali ao lado. Desci um pouco a rua, e entrei na loja. O clima era aconchegante e estava tendo um sarau literário. Muitas pessoas estavam em cadeiras, outras no chão e outras na escada da loja que levava ao segundo andar, todos atentos e em silêncio, ouvindo um jovem de estilo meio indie recitar seu poema.

Estava sorrindo ao olhar toda aquela cena, esse tipo de coisa, essas atividades me impressionam e me deixam feliz. Senti uma mão segurar a minha cintura, e um corpo forte encostar-se ao meu.

Ai meu Deus, Bernardo está me cheirando.

— Bernardo, o que você... — ao me virar me deparo com *ele*, meu ex-namorado — Que porcaria é essa? — grito.

— Quem é Bernardo, Giullia? — questiona segurando meu pulso com força.

— Não me chama assim. Me solta! — tentei puxar meu braço, mas ele apertou ainda mais.

— Vem, você não vai armar barraco aqui — me puxou para fora da loja.

— Eu já disse para me soltar! — puxei meu braço com mais força e consegui me afastar.

— Eu vou perguntar mais uma vez. Quem é Bernardo, Giullia? — me olhava enfurecido.

Dei alguns passos para trás, dando com as costas em uma parede, assustada com sua reação.

— Ninguém que você conheça!

— Isso não pode ser verdade, eu conheço metade dessa cidade. Não me diga que é o Gomes, não me diga que é aquele idiota que estava com você no bar! — esbravejou se aproximando de mim.

— Se você não se afastar eu vou gritar — ameacei.

— Vou te levar para casa, e lá iremos conversar como dois adultos civilizados.

Virou-se acionando o alarme do seu carro importado que estava um pouco mais abaixo da rua, e eu aproveitei a oportunidade e corri rua acima, não esperando para ver a reação dele. Eu sabia que ele estava me seguindo, pois conseguia o ouvir gritando atrás de mim. Vi a moto de Bernardo estacionada em frente à biblioteca e ele ao telefone passando a mão pelo cabelo, ele estava tenso, quando me viu correndo ele veio imediatamente em minha direção.

— Pelo amor que você tem a Deus, onde estava? — perguntou segurando os meus ombros.

— Bernardo, vamos embora, agora, por favor — pedi sem fôlego e assustada.

— Giullie, o que aconteceu? Deus, você está pálida — antes que eu pudesse responder o ouvi atrás de mim.

— Eu imaginei que seria você — sua voz estava rouca e seu rosto mostrava traços de raiva.

— Que merda é essa? O que você faz aqui Rodrigo?

Olhei para ele com os olhos arregalados e meu coração foi de mil a um milhão em milésimos de segundos.

— Você o conhece? — consegui falar as palavras que estavam engasgadas.

— Você estava correndo dele Giulliana? — segurou meu rosto e olhou nos meus olhos. Eu apenas movimentei a cabeça em afirmação.

— Já chega desse show Giullia, vamos para casa, precisamos conversar — Rodrigo estendeu a mão para mim.

— Ela não vai a lugar algum com você, nem se você pedisse para ir ao céu — Bernardo falou me empurrando para trás dele, ficando frente a frente com Rodrigo.

Rodrigo que não perderia a oportunidade, nem se ganhasse dinheiro para isso, resolveu peitar Bernardo ali mesmo, na rua, onde qualquer um poderia ver. As mãos de Bernardo estavam fechadas, sua boca estava em uma linha fina e seu olhar era mortal. Segurei seu braço com as duas mãos, tentando puxá-lo para trás.

— Bernardo, Bê, por favor, vamos embora. Alguém pode estranhar a situação e chamar a polícia — ele não olhou em nenhum momento para mim, ficou lá, encarando Rodrigo como se

estivessem em um jogo do sério.

Dei graças a Deus, quando o celular do Rodrigo começou a tocar. Eu tinha certeza que era uma ligação importante porque seu olhar vacilou. Ele se afastou e me olhou de forma irada.

— Giullia, pode não ser hoje, mas nós iremos conversar. Nem que seja no inferno! — ironizou a frase que Bernardo havia dito há alguns segundos atrás e saiu.

Soltei toda a respiração que havia prendido sem nem ao menos me dar conta disso.

Meu coração estava acelerado, e minhas mãos ainda seguravam o braço de Bernardo. Encostei minha testa em sua coluna e fiquei assim por uns minutos, até que senti que ele estava se acalmando. Ele se virou para mim e me abraçou, com força. Enlacei meus braços em sua cintura e encostei o rosto em seu peito. Suas mãos subiam e desciam pela minha coluna, seu queixo estava na minha cabeça em um atitude de passar segurança e conforto, de me manter calma, mas naquele momento, eu sabia que ele estava fazendo isso, para ele, para ele se manter calmo.

— Desde quando você o conhece? — me perguntou ainda abraçado a mim.

— Ele é meu ex-namorado — soltei.

Bernardo lentamente me soltou e me encarou com ressentimento.

— Por que não me disse que o cara que eu soquei no bar aquele dia era seu ex?

— Eu achei que essa informação não era relevante — abaixei a cabeça e fiquei olhando para os meus pés.

— Vamos embora.

Sem me esperar, subiu na moto e ligou o motor. Arrasada com a situação e por não saber o que Bernardo estava pensando, subi relutantemente na moto e ele logo arrancou. Ele ia voando pelas ruas, cortando os carros, acelerando ainda mais para passar no sinal amarelo e aquilo me fazia ter vontade de vomitar. Apertei mais meus braços ao redor da sua cintura e aproximei meu corpo o máximo que podia do dele. Acho que ele percebeu meu medo e diminuiu a velocidade. Ao chegarmos no estacionamento, eu saltei da moto antes mesmo dele desligar o motor e corri para o elevador.

Ouvi os passos dele atrás de mim e eu não queria enfrenta-lo nesse momento, então resolvi subir as escadas. De início subi de dois em dois degraus, mas no terceiro andar eu já estava exausta. Bernardo nada disse, mas eu sentia a sua presença ali. No quinto andar estava tão cansada que desisti de fugir e me sentei nos degraus, encolhi as pernas e coloquei a cabeça sobre os joelhos. Bernardo se sentou ao meu lado pacientemente, passou a mão pelo meu cabelo e suspirou.

— Me desculpa por isso. Eu não queria te assustar — seu tom de voz estava baixo — Eu só fiquei com raiva. Você não deve saber, mas Rodrigo é um dos meus concorrentes mais fortes, a nossa rixa existe desde que éramos crianças, desde que abri a minha primeira empresa ele vem tentando de tudo para me fazer falir, de todos os modos. Usando todos os meios sujos para isso — voltou a passar a mão pelo meu cabelo — Eu não consigo imaginar você ficando com aquele cara, é tão sem sentido, vocês não combinam em absolutamente nada.

Soltei uma risada fraca — Tem razão, mas na época isso não era visível para mim. Ele era tudo

que eu queria em um homem e estava interessado em mim, então acreditei por um tempo que ele era o homem dos meus sonhos — levantei a cabeça e o olhei — Não preciso dizer que eu estava completamente errada.

— Você não tem culpa por ele ser um completo filho da mãe — disse vidrado em algum ponto fixo na parede — O que fez você perceber a real persona dele?

— Ele me traiu.

— Era de se imaginar – Seu olhar agora estava percorrendo o meu rosto — Mas eu duvido que tenha sido só isso. Não vou te pressionar, mas uma hora eu preciso que me conte o que mais aconteceu para fazer com que você corresse em desespero, como se estivesse fugindo da morte.

— Eu estou com fome — desviei do assunto.

— Quer comer fora? — perguntou se levantando — Ou prefere ter um homem sexy e bonito cozinhando somente para você? — seu sorriso era sensual e do tipo cafajeste o que me fez rir.

— Vai cozinhar para mim? — me levantei sorrindo.

— Tudo o que a senhorita quiser — fez uma reverência, pegou a minha mão e a segurou durante todo o percurso ao meu apartamento para pegar Cake, e depois fomos ao seu.

A noite correu tranquila, Bernardo fez uma massa ao molho vermelho e de acompanhamento um vinho tinto delicioso. Comemos assistindo The X Factor. De sobremesa Bernardo serviu sorvete de cookie em taças gigantes. Depois de ele lavar a louça e eu ajudar a secar, o desafiei no jogo de futebol do PES 2014 e obviamente eu perdi. Mas pude dar muitas risadas, sentamos lado a lado no sofá, aliás, estávamos bem próximos um do outro, tanto que vez ou outra, nossos ombros se encostavam e as pernas também, e assim foi à noite inteira.

Esse jogo do "toca" e finge que não nota.

Logo depois, resolvemos assistir ao filme Curtindo a Vida Adoidado. Bernardo era literalmente doido pelo personagem Ferris Bueller. Por fim, quando percebi que já passava das duas horas da manhã, resolvi que já estava na hora de ir embora. Olhei para o lado e Bernardo estava dormindo. Levantei-me, desliguei a TV, peguei as minhas coisas e fui em direção à porta, mas no último instante eu voltei, parei em frente a ele, me curvei para nivelar meu rosto ao seu, e em um movimento rápido encostei meus lábios nos seus, respirei seu perfume, e me afastei, indo embora com uma alegria contida pela coragem e audácia que tive naquele momento.

CAPÍTULO 14

Bernardo

Ouvi a porta bater e num pulo me sentei ereto no sofá, com um sorriso enorme no rosto, não acreditando que algo como *isso* poderia ter acontecido.

Giulliana acabou de me beijar!

Sim, eu sei que não foi um beijo, *beijo*, mas uma leve “pincelada”, um leve toque dos seus lábios nos meus, sua boca macia e perfeita tocou os meus lábios por um breve instante. Eu tive que conter todas as minhas forças e ir contra todas as minhas vontades para não agarrá-la naquele momento, leva-la para o quarto e fazer dela nessa mesma noite, minha. Mas eu sei, eu sinto e vejo que a Giullie não faz o tipo de mulher que vai para a cama com caras aleatórios, só por necessidade, ou por pura vontade física. Posso até mesmo arriscar a dizer que ela só dormiu com seus namorados, se é que teve muitos. E eu não quero fazer dela esse tipo de mulher, não quero ter uma noite com ela e depois fingir que nem a conheço. Eu a quero. Eu a desejo, e muito. Acreditem em mim, mas eu nunca senti o que eu sinto por Giulliana, eu nunca desejei ter uma mulher por mais de uma noite, ou no caso das minhas namoradas, por status social. Se ela precisa ser conquistada, cortejada, eu o vou fazer.

Não importa quanto tempo leve, eu vou conquistar ela num banho-maria. Aos poucos, lentamente.

Se vocês estão aflitas desde já, imaginem-se no meu lugar. Aguardem, por que vai valer a pena. Cada minuto.

Eu não era o cara de flores e passeios a bibliotecas públicas, mas Giulliana está fazendo com que eu reveja esse conceito de homem arrogante e canalha. Aliás, ela está me fazendo rever todos os meus conceitos. Se André ou até mesmo a Duda me vissem agora, eles iam tentar medir a minha temperatura para saber se estou delirando de febre.

Como ela pode ter entrado no meu sistema em tão pouco tempo?

A verdade é que eu não sei, sei apenas que estou atraído à primeira vista. Por uma mulher que não faz nem um pouco o meu tipo.

Devo dizer que eu realmente dei uma cochilada durante o filme, mas não estava dormindo profundamente, eu ouvi quando ela desligou a TV e começou a se mover pela sala para pegar as suas coisas, eu estava esperando que ela me “acordasse”, mas ela não o fez — creio que não queria me incomodar —, quando ia me levantar para falar com ela, a vi voltando, fechei rapidamente meus

olhos e logo senti aquele simples toque que nunca vai sair da minha mente, nem mesmo quando eu estiver morto.

Apoiei meus cotovelos em meus joelhos e fiquei ali parado que nem um idiota, com um sorriso tipo Coringa no rosto. Nessa noite, eu dormi sorrindo, feliz e em paz.

Acordei com o som da campainha e várias batidas na porta. Esfreguei meus olhos, me espreguicei um pouco e fui sem vontade alguma atender a porta. Não me dei nem ao luxo de olhar pelo olho mágico, deveria ser André ou Hugo batendo. Os dois não me deixam em paz nem no domingo. Destranquei a porta enquanto bocejava e a abri de modo escancarado, olhei para a fada loira que estava na minha frente, pasma, com a boca em forma de O, os olhos bem abertos e suas sobrancelhas sumiam na franja por me ver apenas de cueca. Imediatamente bati a porta na cara dela correndo pelo apartamento em busca de uma roupa. Não achei nada pela sala, nem pelos corredores, corri então para o meu armário e peguei uma camiseta branca e uma calça de moletom cinza. Fui até o banheiro, me escovei muito rápido, lavei o rosto e voltei correndo para abrir a porta novamente.

Mas ela não estava mais lá.

Ótimo Bernardo! Parabéns, você sempre consegue estragar com tudo. A guria deve estar pensando que você não a queria receber. Grande cara. Por favor, ao invés de uma salva de palmas, me deem uma salva de socos.

Desci as escadas até o apartamento dela e bati na porta. Ouvi seus passos, e a porta logo foi aberta. Suas bochechas estavam vermelhas — acho que por estar com raiva —, seus olhos estavam em todos os lugares, menos em mim.

— Ei, bom dia. Lamento por agora pouco, eu me assustei — tentava explicar a situação.

— Sua camisa está do avesso — falou enquanto caminhava de volta para a cozinha deixando a porta aberta. Ao entrar, parei e olhei para a camiseta que além de estar do avesso, a etiqueta estava para o lado da frente. Puxei-a pela cabeça e desvirei a camiseta, Giulliana que segurava um grande copo com água, mais uma vez estava parada, mas agora, ela me analisava. Seus olhos varriam pelo meu corpo. Gostei da sensação, gostei ser apreciado por ela.

— Gostou da vista? — a provoqueei.

Ela piscou algumas vezes e limpou a garganta — Engraçado você — disse, e passou por mim em um jato indo para a sacada.

Fiz um rápido carinho no Cake, fui até a cozinha e peguei uma xícara de café. Tenho certeza que ela fez esse café só para mim, pois ela mesma já me disse que não toma cafeína.

Ela realmente está interessada.

Sentei-me de frente para ela na sacada. Ela olhou de mim para xícara e voltou a tomar a sua água.

— Então, o que te levou a bater na minha porta, a essa hora da manhã? — questionei.

— Já passa das onze, Belo Adormecido — ironizou.

— Tá de sacanagem! — afirmei espantado. Faz anos que eu não sei o que é dormir até tarde, sempre acordo no mesmo horário. O relógio marcou seis horas da manhã, e eu já estou de pé.

— Não estou.

— Bem, então... Esqueceu alguma coisa lá em casa ontem?

Tipo me beijar enlouquecidamente?

— Não me esqueci de nada. Vovó me ligou agora a pouco, nos convidando para almoçarmos com ela. Não me pergunte como, pois eu também não sei a resposta sobre como ela sabe que somos vizinhos. E não, também não sei por que ela mesma não ligou para você. E muitos menos como ela sabe que nós estamos em contato um com o outro depois do seu primeiro dia. Disse também, que era para você levar André e Hugo junto — começou a lixar as unhas.

— Isso foi extremamente generoso da parte da Guiga. Que horas devo estar pronto?

— Ela disse para nos encontrarmos lá às 13h.

— Tudo bem, vou para casa tomar um banho, ligar para os rapazes e aí podemos ir juntos. Pode ser?

— Por mim está ótimo. Vou me arrumar. Se quiser mais uma xícara de café, fique a vontade. Não irei tomá-lo mesmo — se levantou e foi em direção ao seu quarto.

— Giullie! — chamei, e a vi olhar por cima do ombro — Você fez café só por minha causa? — meu sorriso torto e canalha estava de volta a todo vapor.

— Eu sou uma pessoa muito legal. Pode me agradecer comprando um tablete de Toblerone pra mim — falou já entrando no quarto.

Servi-me de mais café e voltei para o meu apartamento, levando a sua grande xícara rosa junto. Após me banhar, liguei para os dois: André e Hugo, e combinei de busca-los daqui uma hora.

Deixei Giullie ir dirigindo o meu carro, pois ela estava começando a me enlouquecer me chamando de egoísta, batendo o pé e fazendo birra. Pegamos primeiro André, e depois Hugo. Hugo *o porco*, ficou o tempo todo me mandando sorrisinhos sarcásticos. Sei muito bem porque ele fazia isso. Nunca viu eu permitir uma mulher tocar no meu carro, e muito menos falar de forma livre e desinibida como Giullie fazia comigo. Eu imagino o que ele estava pensando, e não seria eu a pessoa que tiraria esses pensamentos sujos dessa mente poluída. Eu estava confortável com isso, afinal, uma hora ou outra eu a teria para mim.

Guilhermina morava em uma mansão, uma casa de altíssimo luxo, totalmente aberta ao exterior, com grandes paredes de vidro e varandas. Só olhando de fora, era possível notar que a casa oferecia todos os confortos de uma casa moderna, com uma bela piscina para completar o luxo.

— Bem vindos ao lar da minha infância — comentou Giulliana, enquanto estacionava em frente à porta principal.

Guilhermina já nos esperava do lado de fora, com um sorriso contente por ver toda aquela turma reunida para comer a comida da “vovó”. Cumprimentamos-nos, rimos de algumas palhaçadas que o

Hugo fez e logo fomos levados ao interior da casa, tudo muito moderno e funcional. Na sala, estavam Anna e seu marido, um cinquentão sofisticado e charmoso. Bacana o cara, educado e engraçado. Ao lado deles, estava uma morena, linda, creio que seja da mais alta que a Giullie, escultural, com um estilo elegante, similar a uma modelo. Seu cabelo é ondulado, comprido e castanho. Os olhos também tem o tom castanho. Bela, elegante e sofisticada.

Gostei. Não me surrem! Sou apenas um cara que sabe apreciar as mulheres bonitas.

— Prazer, sou Bruna — estendeu a mão para cada um de nós, se apresentando educadamente.

Bruna é a sobrinha de Anna, ela morava em Paris com os seus pais, mas se mudou recentemente para cá, para trabalhar na Comunica como chefe de redação.

Ao sentarmos todos na mesa, depois de um breve agradecimento, todos começaram a interagir, uns falavam mais alto, outros riam de algumas piadas contadas, mas os que mais me chamavam atenção na mesa era André e Bruna. Eu percebi as olhadas que ele deu para ela, e vi que de canto de olho ela também o admirava. Olhando a situação de fora, eles estavam sendo discretos, mas eu consegui perceber o clima que rolou entre os dois, sorrio para mim mesmo ao constatar isso. Sem mais nem menos, recebo um forte chute por debaixo da mesa, na canela.

— Que bosta... — amaldiçoei e olhei para a cadeira da frente de onde Giullie me fulminava — O que foi isso? — perguntei me abaixando e esfregando um pouco a canela com as mãos.

— Você pode ser mais discreto sabia? Eu vi você comendo a menina com os olhos, seu porco!

— Eu não estava comendo ela com os olhos! — exclamei, mas Giullie já estava com o rosto virado em direção a Hugo que contava uma piada idiota.

Ótimo! Era só isso que eu precisava. Fazer com que Giullie achasse que eu estava interessado na Bruna.

Senhor me dá forças! Porque essa mulher, não passa de uma linda encenqueira e o pobre rapaz aqui, está caidinho por ela.

CAPÍTULO 15

Giulliana

Estou com tanta vontade de surrar o Bernardo! Passo as mãos pelo cabelo várias vezes seguidas. Estou frustrada e irritada. Eu sei o que vocês estão pensando. Que estou com ciúmes dele. Poupe-me né! Ciúmes? Dele? Até parece!

Tudo bem, tudo bem, não me pressionem mais! Eu estou morrendo de ciúmes.

Faço questão, de que toda vez que ele dá uma olhada em direção a Bruna, eu cruço as pernas por debaixo da mesa, e sempre “raspo” o pé na perna dele e o chuto. Sempre no mesmo lugar, na canela, que por sinal, já deve estar bem roxa.

Bem feito!

É engraçado, pois ele não está entendendo o motivo de estar apanhando por debaixo dos panos, literalmente. Sempre que o chuto, ele me olha de forma interrogativa, e eu simplesmente dou de ombros.

No último chute eu lhe pedi desculpas.

— Me perdoa, não tenho muita noção de espaço — menti.

— Claro — ele murmurou.

O almoço estava maravilhoso, vovó e Anna que cozinham. Para mim, em especial elas fizeram abobrinha assada com arroz. Para os demais, fizeram um entrecôte ao curry com purê de Banana-da-Terra. Os pratos estavam lindos. De acompanhamento, tivemos vinho e suco e de sobremesa, a minha preferida, pudim.

Resolvi apagar um pouco Bernardo, pois estava chateada. Ele quase não havia falado comigo, e eu fiquei com receio de puxar assunto. Senti-me estranha, pois estávamos sentados um de frente para o outro.

Puxei então Bruna para uma conversa com tópicos femininos. Conversamos sobre Paris e o quanto eu achava que a França era o país da moda. Conversamos sobre a faculdade que ela havia terminado recentemente e sobre o curso de extensão que eu estava fazendo aqui na cidade. Contei para ela um pouco sobre a Comunica e sobre alguns contos que eu já havia publicado. Comentamos uma para outra qual livro estávamos lendo e rimos muito da situação, pois ambas estavam lendo o mesmo, Magnetismo do Amor da série Artimanhas do Destino, de três escritoras brasileiras.

Comentamos o quanto estamos apaixonadas pelo Otávio, suspiramos juntas e limpamos a inveja que temos da Alice da nossa mente.

— Bruna, onde você está morando? — perguntei curiosa.

— Por enquanto eu estou na casa da tia Anna, mas já consegui comprar um apartamento no centro, só estou ajustando algumas coisas, deixando ele do meu jeitinho, sabe? — comentou sonhadora.

— Sim, eu sei. Bom, se qualquer dia desses, você se cansar de ver a cara da Nanna durante as manhãs, você pode ir passar algumas noites lá em casa, eu ficaria muito feliz de trocar figurinhas contigo — pisquei para ela, e ela entendeu o tipo de figuras que estávamos falando.

Isso mesmo, homens literários. Personagens que se tornam nossos amores platônicos. Cada livro novo, um novo amor.

— No fim, acho que sou uma vadia literária — sussurrou Bruna para mim — Eu vivo traindo os meus personagens com outros — suspirou e voltou com o seu olhar sonhador.

Bruna é engraçada, muito bem humorada, parece viver no mundo da lua. Ela curte algumas coisas meio esquisitas e tensas, tipo estórias de horror, e umas bandas meio estranhas, mas me dei super bem com ela, apesar de ter me sentido ameaçada de início com as olhadelas que Bernardo deu para ela.

Depois que todos terminaram de comer, resolveram ir para a sala jogar conversa fora, menos vovó, que foi tirar a sua famosa sesta. Subi com ela para matar um pouquinho a saudade. Ao entrarmos no seu quarto, nos deitamos juntas na sua enorme cama de casal.

— Vou sentir tanto a sua falta — disse.

— Ah meu pequeno girassol, eu também sentirei, muita — beijou minha testa — Mas a Nanna e o Bernardo foram intimados a cuidar de você.

— Bernardo? Até parece, ele não sabe nem cuidar de si mesmo.

— Bobagem querida. Sei que você tem sentimentos por ele. Eu vejo isso nos seus olhos, e nas suas expressões. Ou você acha que eu não notei você o chutando por baixo da mesa, toda santa vez que ele olhava em direção a Bruninha? — sorriu — Sou velha, mas não sou boba.

— Eu gosto dele vovó. E isso me assusta — falei baixinho — Nos conhecemos a uma semana, e eu já gosto dele. Temos nos visto todos os dias. Ele adotou um filhote de cachorro abandonado, por minha causa. Eu estou confusa.

— Pode ser amor à primeira vista — disse vovó.

— Isso não existe.

— Segundo Nabokov existe sim. Tanto que ele disse: “Tinha sido amor à primeira vista, à última vista, às vistas de todo o sempre” — citou — Não sei se você pode estar o amando, acredito que não. Mas que tem grandes sentimentos por ele, isso minha neta, você não pode negar.

Depois disso, ficamos em silêncio. Sabia que vovó estava me dando tempo para meditar no que

ela havia dito. Eu queria conquistar Bernardo. Mas e se ele me rejeitar? E se ele disser que eu não corroendo as suas expectativas? E se ele for como Rodrigo?

Maldito idiota! Assombra a minha vida até hoje.

Não queria que o meu domingo fosse depressivo, então varri esses pensamentos tristes e que corroem a mente para bem longe. Desci as escadas e os encontrei no jardim jogando carta.

— Giullie! A Anna pediu para te avisar que ela e o Ricardo foram se deitar no seu quarto — informou Bruna.

— Ah, tudo bem. Sem problemas — desci as escadas e fui até eles gritando entusiasmada — Quero entrar no jogo!

Nós jogamos dorminhoco, e cada vez que você perdia deveria pular na piscina como prenda. Hugo perdeu as duas primeiras vezes, e teve que pular, ele ficou ensopado e furioso. Na terceira vez, André vacilou e teve que pular. Na última rodada, ficou uma indecisão entre eu e o Bernardo, pois nenhum dos dois queria admitir que tivesse deixado às cartas caírem por último. Tiramos par ou ímpar e eu perdi.

Ótimo.

Fui relutante até a beira da piscina, graças a Deus que fazia um calor do cão na cidade.

Bernardo, só para me provocar, começou a me chamar de perdedora e me empurrou sem piedade para dentro da piscina. Caí de cara na água. Imergi furiosa com ele. Eu queria dar um murro naquela cara arrogante e linda que ele tem.

— Sua perdedora, eu não deveria, mas como sou bondoso, vou te ajudar a sair daí — se agachou na beirada e estendeu a mão para me puxar para fora da água.

Bernardo, como é tolo.

Nadei até onde ele estava me esperando e peguei a sua mão, e assim como ele, sem piedade o puxei com toda a minha força para dentro da piscina. Bruna, Hugo e André aplaudiram, e eu não conseguia parar de gargalhar da situação. Bernardo subiu a superfície e me fulminou com o olhar.

Ouvi André comentar algo do tipo “Ele quer mata-la”, e correr para dentro da casa com os outros dois em seu encalço. Virei-me para Bernardo sem fôlego e com dor na barriga de tanto rir.

— A volta sempre vem camarada! — eu gargalhava ainda mais alto.

Ele não falou nada, simplesmente veio nadando em minha direção com um olhar mortal. Parei de rir imediatamente, arregalei os olhos quando o vi nadando mais rápido em minha direção, como um tubarão em busca de sua presa. Comecei a nadar para longe dele, mas eu estava sem forças por causa do riso. Em poucas braçadas ele me alcançou, se apoiou em meus ombros e me imergiu para baixo várias vezes seguidas enquanto ria das minhas caretas e pedidos para que ele parasse. O empurrei, mas não surtiu efeito, pulei nas suas costas, joguei água no seu rosto, mas ele só continuava ali, rindo de mim, e eu rindo do papel de criança que eu estava fazendo.

Em certo momento, as coisas começaram a esquentar. Bernardo me segurou pela cintura e me

apertou, não com o objetivo de me machucar, mas de me sentir. Com isso, ficamos muito próximos um do outro. Minha respiração engatou e meu riso morreu. Eu estava com calor, mesmo estando dentro de uma piscina, sentia a respiração do Bernardo no meu rosto e assim como eu, ele estava ofegando. Ficamos nos olhando fixamente por alguns instantes, seus olhos, vez ou outra, durante esse curto tempo, paravam em minha boca. Ele aproximou ainda mais o nosso corpo um do outro, e naquele momento, eu estava pronta para beijá-lo. Parece que ele também, pois segurou a minha nuca com a mão, enquanto a outra ainda estava presa na minha cintura. Pude sentir seu perfume. O seu toque era macio e quente. Ele se inclinou levemente, encostando sua testa na minha, olhando no fundo dos meus olhos. Meu coração estava acelerado. Entrelacei as minhas pernas na sua cintura, e apoiei as minhas mãos em seu peito.

— Eu quero beijá-la — sussurrou ao meu ouvido — Se você não quiser isso, me diga agora — roçou o nariz na minha bochecha e voltou com a boca fazendo um rastro até o canto da minha.

Segurei seu rosto e inclinei minha cabeça para que os meus lábios encostassem aos seus.

Bernardo apertou-me forte, e eu envolvi seus ombros com meus braços. Seu rosto se moveu para o lado e com um movimento hábil conseguiu abrir minha boca com a sua e logo senti sua língua.

— Giullie você quer... — gritou Bruna, mas interrompeu imediatamente a frase, girou novamente em seus calcanhares e foi em direção a casa enquanto falava: — Oh, desculpem, eu não vi nada, continuem.

Mas eu não conseguia continuar. Afastei-me de Bernardo com rapidez e o olhei atordoada.

Eu não acredito que eu o beijei. E eu não acredito que fui interrompida.

Eu não conseguia terminar esse beijo, por que eu estava muito envergonhada de ser pega em flagrante pela Bruna.

— Giullie, eu ... — Bernardo se aproximou, e eu me afastei.

— Não tudo bem! — esbocei um sorriso — Eu sei como é o calor da emoção e tudo o mais. Não precisa se desculpar, acontece, não?!

Mas sua idiota, ele disse que queria te beijar!

E você acha que eu não sei disso? Acho que no fim eu tenho problemas, problemas de confiança.

Virei-me, peguei um impulso e saí da piscina sem dar oportunidade para ele perceber que o beijo havia sido um erro, e para evitar ouvir isso da sua boca. Eu não iria suportar ouvir as suas desculpas.

Bernardo estava logo atrás de mim, enquanto ele foi em direção à cozinha, eu fui em direção ao banheiro. Ele ficou calado o resto da tarde. E eu, fiquei totalmente sem graça perto da Bruna que me pedia desculpas com o olhar. Com o calor que estava, conseguimos secar parcialmente as nossas roupas. Nos despedimos de todos e voltamos os quatro para casa, mas dessa vez, fui no banco de trás ao lado de Hugo, Bernardo foi dirigindo e André foi no banco carona. O peguei olhando para mim pelo espelho retrovisor central diversas vezes e em todas as vezes que isso aconteceu, eu consegui

esboçar um sorriso, como se eu estivesse super bem com a situação.

Deixamos Hugo em sua casa, logo depois André. Pulei para o banco do carona, afivelei o cinto, e tentei estabelecer uma conversa normal.

— Eu espero que você já tenha escolhido algum terno super charmoso para a festa de despedida da vovó no qual eu te ordeno que seja meu acompanhante — pela primeira vez após o beijo, eu sorri de forma verdadeira.

Soltou uma risada curta e leve — Sim, com certeza já tenho um em vista. Você realmente vai me dar essa honra? De te acompanhar?

— Pode apostar camarada! — pisquei e coloquei a língua para fora.

Por incrível que pareça, conseguimos voltar ao nosso normal. Não ficamos desconfortáveis na presença do outro. Bernardo jantou no meu apartamento e logo após voltou para casa, pois estava exausto, assim como eu. Durante a semana, tive que correr todos os dias de manhã com ele e à tarde eu corria atrás de um vestido para usar na festa. O convenci de cozinhar para mim durante alguns dias da semana, e em outras, acabávamos ou comendo juntos na rua, com o André, a Bruna e o Hugo, ou ele pedia comida em casa. Ele também tentou me convencer a ir ao jogo de futebol dele com os amigos, mas eu resolvi que seria muito estranho nós aparecermos lá juntos.

Vez ou outra na editora eu o via conversando baixinho com a Anna, e quando eu perguntava do que eles estavam falando, ele apenas me dizia que a curiosidade matava.

A semana passou voando, e já era o último dia da minha avó aqui no Brasil. A festa iniciava daqui algumas horas. Estava me arrumando, tentando me tornar perfeita naquela noite. Meu vestido era lindo, minha maquiagem estava ótima e o meu cabelo estava de bom humor. A única coisa que me atrapalhava, era um leve desconforto na barriga, mas nada que pudesse acabar com a minha noite.

Assim espero.

Ouvi Bernardo batendo na porta, peguei a minha bolsa de mão, abri-a e ele estava deslumbrante, com um terno de corte fino, uma camisa branca levemente plissada e uma gravata borboleta preta completando o look de gala.

Perdoem o modo chulo, mas ele estava muito comestível. Estou começando a transpirar, ai meu Deus, me abana.

— Tenho que admitir, você está incrivelmente belo hoje.

— E você Princesa, tenho certeza que será a mais linda da festa — lançou-me uma piscadela safada.

Logo que chegamos à festa, acabamos nos separando. O meu desconforto estomacal estava mais forte, eu estava começando a pensar que poderia estar com cólica. Cumprimentei muita gente, e para segurar o sorriso de plástico no rosto, acabei por exagerar nas taças de champagne.

Vovó veio em minha direção e eu já sabia que esse seria o nosso momento de despedida. Nos abraçamos e ficamos assim durante muito tempo, eu chorava em silêncio enquanto ela passa delicadamente as mãos em meus braços como forma de consolo. Lhe dei um beijo de tchau e me virei

para me afastar.

Infelizmente, me deparei com as pessoas mais indesejadas da festa.

— Boa noite, senhorita Giulliana — Carlos Alberto, pai de Rodrigo estendeu a mão para me cumprimentar.

— Boa noite Alberto — só o cumprimentei com um aceno de cabeça e vi seu olhar de fúria quando recolheu a sua mão — Rodrigo — outro gesto apenas com a cabeça e passei por eles.

Tomei mais algumas taças de champagne e senti a minha menstruação começar a descer, e para não correr o risco de manchar o meu vestido, corri para o banheiro, mas no meio do percurso bati de frente com Rodrigo.

Ele está me seguindo. Só para variar. Esse cara surge nas horas mais inoportunas.

— Ora, ora! Se não é a minha garota bonita. O destino sempre dá um jeito de nos manter a sós — disse Rodrigo me olhando dos pés à cabeça.

Fiz questão de não responder, e passei por ele indo em direção ao banheiro feminino. Mas para variar, ele fez questão de tentar me agarrar.

Pisei com toda a minha força no pé dele, me aproximei do seu rosto e apontei o meu dedo indicador.

— Encoste essas patas sujas em cima de mim novamente, e eu vou arrancar as suas bolas, se é que você tem — ameacei com os dentes cerrados — E eu não estou brincando Rodrigo. Eu vou fazer questão de contratar alguém para te dar uma surra que você jamais vai esquecer.

Entrei no banheiro com raiva, com dor, e sangrando.

Pode ficar pior?

CAPÍTULO 16

Bernardo

A festa de despedida da Guilhermina estava animadíssima, muita música, dança e comida que você acha que vai durar durante meses. Mas o melhor de toda essa festa é a Giullie.

Só para variar um pouquinho, ela estava linda. Completamente linda. E sabe o melhor disso tudo? O vestido que ela está usando hoje. Eu não sabia o que ela iria usar, mas a Anna, para acabar com o meu humor e a minha imaginação me disse que o vestido era extremamente sensual, com as costas de fora, com uma leve transparência e que a fenda na perna deixava muito pouco para a imaginação. Eu meio que surtei, a realidade mesmo é que, eu surtei! Ainda não conversei sobre os sentimentos que tenho por ela, *com* ela.

Vou ganhar elas aos poucos, lentamente, e quando eu finalmente conseguir, ela será para sempre minha.

Voltando ao assunto do vestido, eu não poderia permitir que ela saísse de casa assim, não poderia conter o meu ciúme quando a festa inteira estaria com os olhos nela, e os marmanjos não só com os olhos, mas a mente suja também. Eu não sabia o que fazer, como fazer ela usar outra roupa, então pedi para Anna conversar com ela e *ordenar* que ela vestisse algo mais recatado, e que uma burca seria o ideal.

Hoje, quando descí para buscar ela no seu apartamento eu estava uma pilha. Depois do nosso pequeno projeto de beijo eu tentei pensar racionalmente. Eu pude ver naquele dia que ela estava com medo de que eu a afastasse. E isso eu nunca faria. Pude perceber as tentativas dela de fingir que estava tudo tranquilo, de que nada aconteceu, mas eu sei muito bem ler as pessoas, e eu sabia que a Giullie só estava tentando convencer a si mesma de que aquele beijo não significou nada.

Eu fiquei extremamente excitado naquele domingo. Além da excitação eu fiquei frustrado, extremamente frustrado. Parece que as pessoas sabem o tempo ideal de atrapalhar os nossos momentos juntos. Toda santa vez é essa merda. *Eu acabei de usar a palavra santa e merda na mesma frase? Ok me desculpem. Mereço um castigo agora.* Mas essa é a dura verdade, sempre alguém aparece ou alguém me liga. O real é que, é uma grande porcaria isso aí.

Para provar para a Giullie que eu não me afastaria dela, passei toda a semana com ela. Todos os dias de manhã, eu batia na sua porta a acordando para nós correremos na praça. Levamos juntos Cake ao veterinário, fomos para a Comunica juntos, e voltamos juntos. Eu sempre tentava abordar temas leves, nada que pudesse fazer com que ela se fechasse para mim, e acabasse me afastando. Pelo

contrário, a cada dia que se passa mais tempo eu quero ter com ela.

Desde que conheci a Giulliana, eu tenho me tornado uma mulherzinha sentimental. Às vezes eu penso que ela tem poderes mágicos e lançou uma magia de paixão em mim, mas no fim, eu sei que ela não precisa de poderes para conquistar ninguém. Basta olhar para o seu rosto e ver aquele sorriso meigo e doce que só ela tem.

Não sabia se estaria usando ou não aquele vestido, caso estivesse, temia por Guilhermina não ter a sua neta na sua festa de despedida. Quando ela veio me receber na porta, minha respiração ficou presa, meus olhos se arregalaram, minha garganta ficou seca e eu acho que morri umas mil vezes naquele momento. Seu vestido era off white, batia um pouco abaixo dos joelhos, com uma fina alça no braço esquerdo e com o decote drapeado que ia até o braço direito formando uma alça mais grossa também drapeada. A cintura levemente marcada, e a bainha com mais um leve drapeado. Seus sapatos eram de um tom vermelho escuro, parecia um veludo molhado, seu lindo cabelo loiro estava preso em um coque baixo, um pouco bagunçado e sua franja pendia para o lado. Os olhos verdes estavam delineados e pintados num tom mais forte, suas bochechas levemente coradas. O batom rosa puxava para o coral. Ou seja, linda.

Na festa acabamos nos separando, e não mais a vi depois disso, pois acredito que todos os trezentos convidados apareceram.

Despedi-me de Guilhermina que já estava indo pegar o avião para Itália, prometendo que iria manter os dois olhos em Giulliana.

— Não se preocupe, irei cuidar dela. Sentirei saudades — a enrolei em um abraço apertado, e ela afagou os meus cabelos.

— Também sentirei. Juízo viu?! Cuide-se meu bem. Giullie está bem tristonha, se puder dar uma olhada nela depois, ficaria muito grata — comentou dando leves tapinhas em meu rosto.

— Onde ela está? Não há vejo desde que chegamos — questionei.

— Não sei, há perdi de vista depois da despedida que nós duas tivemos. Anna irá comigo para o aeroporto, divirtam-se! — beijou minha bochecha, sorriu e saiu rumo à Itália, rumo a sua terra.

Resolvi então que deveria procurar a Giullie, mas meu celular começou a tocar na mesma hora.

É ela.

— Onde você está? — perguntei ansioso.

— No banheiro, e eu preciso que você venha aqui imediatamente!! — gritou do outro lado da linha.

— Ok, estou indo! — desliguei e corri em direção ao banheiro feminino, só então me toquei que o banheiro *era o feminino*.

Será que devo entrar?

O celular voltou a tocar e eu já sabia quem era. Abro a porta do banheiro lentamente, dou uma espiada pela porta, vejo que não tem ninguém e entro.

— Giullie?

— Quinta cabine!

Paro em frente à quinta porta do banheiro.

— Ok. Aqui estou. Aliás, o que faz aqui? — pensei um pouco e logo completei — Nem precisa me responder.

— Bernardo, eu preciso de um absorvente! — sussurrou do outro lado da porta.

— Um o que? Tá de sacanagem comigo né? Eu tenho cara de que tem absorvente guardado nos bolsos? — olhei de modo interrogativo para a porta.

— Óbvio que não né, seu ignorante! — esbravejou — Eu disse que eu preciso de um, e eu preciso que você ache ou compre um para mim.

— Giullie, não posso ficar perguntando pra cada mulher que tem nessa festa se ela está carregando dentro da bolsa, a droga de um absorvente, sai logo daí e vamos voltar para a festa.

— BERNARDO, EU ESTOU SANGRANDO! Você quer andar ao meu lado, enquanto eu sangro pelas pernas e tenho uma mancha vermelha no meu vestido? Preciso de um absorvente, e eu preciso agora! — rugiu mais alto.

— Onde vou conseguir isso Giullie, me explica? — questionei.

— E eu pensava que você era inteligente. Onde mais? Em alguma farmácia 24 horas. Simples — comentou como se não fosse nada demais um cara ir a uma farmácia no meio de uma festa de gala, comprar a droga de um absorvente.

— Droga Giullie, tudo bem. Tô indo, volto já.

Saí do banheiro e corri para pegar o carro, perambulei por várias ruas, até achar uma farmácia aberta. Ao entrar percorri todos os corredores sem encontrar o que eu precisava, perambulei mais um pouco, e nada.

Meu telefone voltou a tocar, e eu sabia que era ela, pois meu toque era diferente para as suas chamadas.

Percebi então que eu teria que passar vergonha indo até o caixa e perguntando para a moça atrás do balcão se ela poderia me mostrar onde ficavam os absorventes. Essa última palavra foi sussurrada.

— Claro, me acompanhe.

Caminhamos pelo corredor de produtos higiênicos e ela me mostrou diversas marcas e tipos de absorvente.

— Alguma preferência de marca? — a vendedora perguntou.

— Não, não sei... — falei nervoso — Sei lá, é tudo igual não?

E aí a vendedora me deu uma aula sobre *tipos e tipos* de absorventes, pele sensível, pele seca e

o diabo a quatro.

Peguei o necessário, paguei e corri novamente para o carro, voando pelas ruas para acalmar a fera que ela deveria estar, pois o celular continuava a tocar. Larguei as chaves para o manobrista e corri mais um pouco para o banheiro. Entrei sem nem ao menos checar se havia alguma mulher além da Giulliana dentro.

Joguei a sacola pela parte de cima da porta.

— Jesus Cristo, para que tantos tipos e marcas? — perguntou com uma risada engasgada.

— Ué, eu não sabia o tipo que você usava, na hora da dúvida, resolvi comprar todos.

Uns minutos depois, ouvi o barulho da descarga, a porta foi aberta e apesar do sorriso, sua testa estava enrugada.

— Nunca mais me peça para fazer isso! — digo.

— Não irei. Será que posso pegar o seu carro e ir para casa? Você pode voltar com o André, né? — perguntou enquanto lavava as mãos.

— Já quer ir embora?

— Sim, estou com um pouco de cólica, e tenho certeza que daqui a pouco ela irá ficar mais forte.

— Se eu soubesse teria comprado um remédio pra dor — passei a mão em seu rosto, afastando a franja dos seus olhos — O que eu não faço por você, hein?! — peguei a sacola com todos os absorventes da mão dela, e a peguei pela mão para sairmos dali antes que alguém entrasse e pensasse bobagens — Vou levar você para casa.

— Sério? — perguntou impressionada.

— Sim.

E assim se sucedeu. Na metade do caminho Giulliana se contorcia no banco e gemia de dor. Sua testa estava brilhando de suor, seus olhos fechados, a testa enrugada e as mãos fechavam e abriam durante todo o percurso. Ao chegarmos ao nosso prédio, estacionei em uma vaga bem perto do elevador para que ela não precisasse caminhar tanto, e mesmo assim, cada passo que ela dava se encurvava um pouco, segurei a sua cintura e ela se apoiou em mim já exausta por causa da dor.

Assim que entramos em seu apartamento, levei-a direto para o seu quarto, a deixei sentada na cama, enquanto fui até o seu armário pegar um pijama para ela colocar.

— Se troca enquanto eu vou buscar um remédio para você tomar.

Fui até a cozinha, peguei a caixa de medicações e quando voltei, Giullie se encontrava apenas de calcinha e sutiã, um conjunto branco, muito, mas muito sexy.

Deus, porque me torturas?

Ajudei-a colocar a roupa, tentando ao máximo conter a minha vontade de tomar ela ali mesmo,

naquele exato momento. Mas não evitei os toques em seu corpo enquanto a ajudava a se trocar. Entreguei o remédio e o copo de água para ela tomar, e assim ela o fez. Deitou-se, toda encolhida na cama, enquanto esperava o remédio agir.

— Vou fazer um chá para você tomar. E enquanto ele esfria, vou em casa trocar rapidamente de roupa. Volto para ficar aqui com você mais um pouco, tudo bem?

— Uhum — assentiu em um gemido baixo.

Na cozinha resolvi fazer um chá de marcela, e enquanto deixava esfriar um pouco, subi ao meu apartamento para me trocar. Coloquei uma bermuda e uma camiseta, tranquei a casa e voltei novamente para a minha pequena Princesa que estava me esperando. Levei o chá para que ela tomasse e comecei a massagear a sua barriga levemente, em círculos lentos e contínuos. Quando acreditei que ela tinha conseguido finalmente pegar no sono, sem dor, me levantei para ir embora, mas ela me surpreendeu fazendo um pedido que jamais iria negar.

— Fica comigo hoje, por favor — se virou para o lado onde eu estava sentado na cama.

— Tem certeza? — desejava fervorosamente que ela me desse uma resposta positiva.

— Sim. — *Isso!*

— Tudo bem, vou pegar um lençol e dormir no sofá, qualquer coisa é só me chamar — fui em direção ao armário de roupas de cama, mas congelei ao ouvi-la.

— Você pode deitar comigo. Se quiser... — completou — Não quero dormir sozinha hoje.

Obrigado, obrigado, obrigado Senhor!

Caminhei em direção à cama e me deitei ao seu lado. Ela virou de costas e se aconchegou em meu peito e eu não perdendo tempo a abracei. Ficamos de conchinha, seu corpo era o encaixe perfeito do meu. Coloquei minha mão sobre a sua barriga e voltei novamente a fazer os círculos contínuos, até que senti sua respiração constante e tranquila e acabei também por pegar no sono.

Pela primeira vez na minha vida, me senti extremamente feliz e realizado por estar dormindo ao lado de uma mulher.

CAPÍTULO 17

Giulliana

Acordei com muito calor. Senti minhas costas encostarem-se a algo rígido, e um braço me segurando de forma possessiva.

Ai meu Deus, quantas taças de champagne eu tomei?

Tirei bem devagar e delicadamente o braço de cima de mim, e me virei o mais silenciosa possível para saber com que eu dormira na noite passada. Mas nem foi necessário me virar, ao sentir o perfume eu já sabia quem estava deitado ao meu lado.

Bernardo.

Abri um sorriso que até os astronautas que estão dando voltinhas por marte viram. Eu não estava acreditando, ele estava dormindo profundamente, seu semblante estava despreocupado, calmo, sereno.

Ele é bonito até dormindo.

Delineei as sobrancelhas dele com o dedo, passei a mão pelo seu cabelo, afastando de sua testa, mas vacilei com a mão perto de sua boca. No fim, resolvi arriscar.

Afinal, quem não arrisca, não petisca.

Encostei meu dedo indicador no seu lábio inferior, depois contornei com meu dedo seus lábios. Ele se mexeu um pouco e eu me assustei e me afastei tão rápido que caí da cama, derrubando a caneca de vidro e o abajur que estavam em cima do criado-mudo. Bernardo também acordou assustado e levantou da cama em um salto. Quando me viu estatelada no chão, ele pendeu a cabeça para o lado, analisando a situação e com toda certeza estava se perguntando o que eu estava fazendo sentada no chão e porque eu tinha quebrado tudo.

— Você está bem? — ele perguntou meio sonolento.

— É... Sim. Claro. Aham — me levantei do chão, batendo a mão na roupa como se estivesse tirando a poeira do meu corpo.

— Você se assustou né? Por acordar com um cara ao seu lado, por isso caiu da cama? — se aproximou de mim.

Não, não se aproxime. Você está tão lindamente encantador de bermuda e regata branca.

Posso derreter caso se aproxime demais. Meu cérebro não consegue racionar e me obedecer tão cedo da manhã, não depois de uma noite tenebrosa.

— Não me assustei por isso. Tem outro motivo — ri — Bem, não vem ao caso agora. Quero te agradecer por ficar e cuidar de mim nessa noite. Foi extremamente doce da sua parte.

— Sempre que precisar estarei totalmente ao seu dispor Princesa — sorriu — Mas você está bem? Está com dor ainda? Por que se for o caso, eu posso levar você no hospital e ver se tem algo de errado... — ele falava tão rápido que despejava as palavras uma atrás da outra.

— Shii, calma. Eu tô bem — abri os braços e dei dois tapinhas na barriga — Sem dores.

— Fiquei preocupado ontem à noite.

— Eu aprecio muito isso.

Ele continuou me avaliando, para saber se eu estava realmente falando a verdade. E aquilo me deixou com calor, muito calor.

— Eu vou tomar um banho, pode ficar à vontade, se quiser tem café no armário da cozinha... só... — eu perdia a fala toda vez que olhava para o peitoral dele — Só vou... Tomar banho — indiquei o banheiro e caminhei de costas até a porta, mas na metade do caminho bati no armário — Aii.

— Você é uma figura — se virou e começou a arrumar a cama, e eu corri para me trancar no banheiro.

Saí do banho e peguei a toalha. Mas percebi que eu não havia pego nenhuma roupa. Ou seja, teria que enfrentar Bernardo somente com uma toalha curta que mostrava quase toda minha coxa. Pensei por um tempo se deveria sair de dentro do banheiro, ou ficar ali até sei lá, para sempre.

Mas resolvi sair, a ideia de que ele pudesse me ver seminua não era tão aterrorizante assim. Eu gostaria que ele me apreciasse. Então abri a porta e saí rumo ao meu quarto, o encontrando sentado olhando uma foto minha de quando eu era adolescente junto da minha avó e da Anna. Quando ele percebeu a minha presença no quarto, levantou a cabeça e seus olhos quase saltaram das suas órbitas. Sentou-se de uma forma mais cômoda e me olhou da cabeça aos pés. E eu fingindo inocência, esboço um sorriso fraco, e começo a me passar por mulher envergonhada.

— Será que você poderia me dar licença? — pergunto baixinho, de forma tímida.

Ele não responde. Simplesmente passa voando ao meu lado, fecha a porta e aí solto o sorriso que estava preso. Dou grandes pulos no mesmo lugar e quase perco a toalha de tanto pular.

Escolho um short jeans branco e uma regata rosa neon, penteio o meu cabelo úmido e vou atrás dele.

— Bernardo, estou morrendo de fome, espero que tenha feito algo para eu comer — sou recebida por um silêncio ensurdecedor.

Ele havia ido embora.

Burra! Você o afastou, ao invés de fazer com que ele se aproximasse.

Determinada a não passar o domingo chateada e a não sentir muita falta de minha avó, liguei para Bruna e a convidei para passar o dia comigo. Decidimos ir ao shopping.

— Daqui a pouco te encontro lá então — desliguei o telefone.

Corri para o quarto, coloquei um vestido de botões e tecido leve. Prendi o cabelo em um coque, pendurei a minha bolsa no ombro e peguei Cake. Subi até o apartamento do Bernardo para entregá-lo.

A porta se abriu e fui recebida pela ossuda, a tal de Luana.

— O que você quer? — perguntou de forma ríspida.

— O Bernardo se encontra?

Ela saiu para o lado de fora, fechando a porta atrás de si.

— Ele está tomando banho, suou demais agora de manhã — me lançou uma piscadela infame.

Eu não acredito que ele fez isso. Eu não posso acreditar que ele saiu da minha casa para comer essa cadela.

— Interessante — me contive para não voar nos cabelos loiros e lindos dela — Mas eu preciso falar com ele.

— Olha aqui garota — disse, tentando me intimidar — É melhor você se afastar do meu noivo! Eu não quero mais que o procure, está me entendendo? Se não queridinha, eu não respondo por mim.

— Nossa. Isso é uma ameaça? Porque devo dizer que você falhou.

Senti primeiro o tapa, depois eu vi a mão.

E que porcaria. Essa ossuda bate forte!

— Que merda é essa? — Bernardo que até então não havia visto sair, gritou.

— Bêzinho, essa maluca veio aqui na nossa casa me ameaçar — Luana, a desgraçada, foi chorar em cima de Bernardo.

— Você é doente! — cuspi as palavras com nojo — Eu só quero que você fique com o Cake — entreguei a coleira para ele e me virei revoltada.

Eu não acredito que esse idiota voltou com essa vadia. Meu Deus, como eu sou estúpida.

Jamais alguém como ele, todo playboy, rico, lindo, educado e o homem mais incrível e fofo que eu já conheci, jamais se interessaria por mim. Caminhei me sentindo humilhada até a porta de escadas, e quando cheguei ao corredor, corri escada abaixo.

Eu estava frustrada, revoltada, irritada e muito triste. Eu não faço o tipo do Bernardo, loira, esguia, alta, sofisticada, magérrima, com seios de silicone que são quase do tamanho da minha bunda. Eu sou totalmente o oposto. Baixinha, bonitinha, com seios de tamanho médio, uma bunda que quase nem aparece e meio louca. Senti as lágrimas se formando, o nó na garganta se apertando. Já estava no terceiro andar quando comecei a ouvir gritando meu nome. Limpei os olhos com as mãos e continuei a descer com mais calma agora. Cheguei ao hall de entrada e o esperei, como se encontrar aquela

vadia no seu apartamento fosse bem tranquilo para mim.

Eu sei que só o conheço há pouquíssimo tempo e não é possível que eu esteja me apaixonando por ele, mas parece que eu o conheço há anos. Tenho essa sensação de que eu o conheço a vida inteira.

— Giullie — ofegou Bernardo, interrompendo meus pensamentos.

— Sim?

— Desculpa por isso, droga. Parece que um pedido de desculpas não é suficiente — balançou a cabeça em negação de um lado para o outro.

— Tudo bem Bernardo. Ela deve estar com ciúmes, consigo entender — menti com a cara mais deslavada do mundo.

— Não Giullie, não é para entender. Nós não temos nada, e ela não tem mais esse direito sobre mim. Ela bateu em você — se aproximou com a mão estendida para tocar o meu rosto.

— Não, tudo bem. De verdade, eu que acabo sempre aparecendo nos momentos errados — dei um passo para trás me afastando dele — Não se preocupa. Bom eu tenho que ir.

— Aonde você vai?

— Sair.

— Com quem e para onde? — se aproximou.

— Vem cá Bernardo, desde quando te devo explicações? — perguntei exasperada.

— Desde que eu disse para a Guiga que iria manter meus olhos em você — disse tranquilamente.

Soltei uma risada debochada — Eu não preciso que ninguém mantenha os olhos sobre mim, já sou adulta e sei me cuidar.

Dei as costas para ele, mas Bernardo é teimoso e quis ter uma DR sobre cuidados e promessas feitas a avós na entrada do prédio, me seguiu e continuou com seu discurso.

— Eu prometi para sua avó, o mínimo que deve fazer é me avisar para onde vai.

Parei de caminhar, me aproximei bem dele e falei com os dentes cerrados — Você não é a minha avó, muito menos meu pai, você não é ninguém que faça parte da minha família, então não tente agir como um irmão ou pai protetor.

— Merda Giullie, qual é o seu problema? Você sempre entra em modo de grosseria quando está de TPM? — gritou.

— Vai pro inferno Bernardo! — gritei no seu rosto e acho que isso o deixou furioso, pois ele segurou o meu pulso com força e começou a me puxar em direção ao elevador.

— Me solta, seu animal — tentava me desvencilhar — Bernardo, tá me machucando.

Acho que a palavra ‘machucar’ teve um efeito sobre ele, pois ele me soltou imediatamente e o seu olhar era de tristeza e culpa. Pegou o meu braço e começou a massagear meu pulso que já estava vermelho e com as marcas dos seus dedos, delicadamente.

— Me perdoa, por favor, diz que me perdoa — suplicava com o olhar — Você me tira do sério, você, sua personalidade, você por inteira põe fogo nos meus miolos, eu perco a razão quando alguém faz algo maldoso para você e perco as estribeiras quando você me enfrenta com essa sua língua afiada, merda... — amaldiçoou e se afastou de mim, passando as mãos pelo cabelo e pela barba rala.

Eu não sabia o que falar, e não estava conseguindo pensar, então fiz a única coisa que sei fazer direito, eu decidi fugir.

— Estou atrasada para encontrar a Bruna, nós vamos almoçar juntas no shopping — abri o jogo para deixa-lo mais calmo.

— Eu levo você.

— Não Bernardo, eu não quero. Até mais.

Antes de sair o ouvi murmurando "Teimosa", mas fingi que não escutei.

Encontrei Bruna na praça de alimentação. Desde que eu a conheci, nós almoçamos juntas todos os dias, trocamos diversos e-mails durante o período de trabalho e sempre saímos para fazer um happy hour depois. Muitas das vezes, Bernardo, André e Hugo estavam junto.

— Tá, mas e aí? Acho que ele não vai chegar em você tão cedo. André é muito tímido, mas claramente dá para notar o óbvio interesse que ele tem em você — eu falava entre uma garfada e outra.

— Eu sei disso, mas eu também não consigo ser tão descarada a ponto de convidar ele para sair. Sei lá, tenho vergonha.

— Hm, temos que fazer algo para que ele possa se sentir ameaçado e tomar a iniciativa.

— Acho que devo fazer o mesmo contigo e com o Bernardo — deu de ombros.

— Ai de ti Bruna! Não inventa moda. Hoje de manhã eu encontrei a ex dele, vulgo vadia ossuda, e a desgraçada me deu um tapa na cara, acredita nisso? — falei gesticulando loucamente.

— Não brinca! E o que você fez? Por favor, me diga que você a empurrou escada abaixo.

— Bem que eu gostaria. Mas quando eu pensei em revidar, o Bernardo surgiu na porta e não fez nada. Não o vi expulsar ela, nada, a única coisa que ele fez foi gritar "Que merda é essa?" — tentei imitar a voz dele.

Bruna caiu na gargalhada, e eu peguei o embalo e ri também, choramos de tanto rir e reclamamos que nossa barriga estava doendo por esse motivo. Após terminarmos de comer, decidimos esquecer todo o resto do mundo, indo de loja em loja, experimentando roupas e sapatos. Compramos muita coisa, e para completar o dia, fomos ao cinema. Bruna me convidou para ir a uma festa hoje à noite, uma balada de luxo. Eu fiquei meio receosa, mas eu queria me divertir muito. Fomos para a minha casa, e começamos a nos arrumar.

— Giullie, me promete que se algum carinha gostoso e quente chegar em você, você vai dar uns beijos nele! — Bruna dizia enquanto passava mais uma camada de rímel nos seus cílios.

— Eu não prometo nada, eu não saio ficando com as pessoas assim Bruna. Sinto-me meio vulgar.

— Não é vulgar beijar alguém em uma balada, é vulgar beijar vários ‘alguéns’ na balada.

— É, isso meio que faz sentindo, mas sei lá. Eu acho que não vou me sentir atraída por ninguém, porque o cara que eu quero, não vai estar lá — disse, enquanto terminava de arrumar o meu cabelo.

— Você está totalmente caída por ele — não foi uma pergunta, foi uma afirmação.

— Infelizmente eu acho que sim — soltei um suspiro triste, enquanto terminávamos de nos arrumar.

Eu estava usando um vestido com figuras abstratas, de tons verdes, rosa e azul. A frente dele era bem recatada, mas as costas ficavam à mostra, uma sandália preta e prata, o cabelo preso, uma bolsa de mão preta e estava pronta para me divertir.

Fomos no carro da Bruna, e ao chegarmos ao local indicado no convite VIP que ela tinha recebido eu a olhei de modo interrogativo.

— Tem certeza que não estamos perdidas? — questioneei receosa.

— Eu tô usando GPS Giullie, impossível nos perder com essa coisa.

— Tá, mas nós estamos entrando numa *bocada* Bruna — aponte para a rua em que estávamos.

— É, o local é meio estranho mesmo, mas tenho certeza que vai valer a pena.

Resolvi dar um crédito a ela.

Chegamos ao local que estava lotado, tinha muitas pessoas esperando para entrar, mas como tínhamos convite VIP, entramos logo que chegamos.

A festa estava muito boa. Bebemos um pouco e dançamos muito. Na metade da festa, dois caras enormes e lindos chegaram em nós, largaram suas trovas e nos pagaram algumas bebidas, lembrei-me do que Bruna tinha dito mais cedo e resolvi aproveitar a festa com o cara loiro, afinal ele era um gato e me faria esquecer do Bernardo, pelo menos por uma noite. Mas toda santa vez ele tentava me beijar, ele tocar na minha bunda e isso já estava me incomodando. Estava ficando cansada e muito tonta, então ele resolveu se passar por um homem gentil e me levou para sentar na mesa dele e do seu amigo, que estava agarrando Bruna no meio da pista.

Ele olhou ao redor, fixou seu olhar em algo e se levantou — Gata você pode cuidar disso para mim? — me entregou uma mochila preta e pesada — Eu vou ao banheiro rapidinho, depois a gente pode tomar um ar na rua.

— Tudo bem.

Passou-se meia hora e nada do cara voltar. Bruna também estava sentada ao meu lado. Ela me disse que seu “peguete” havia ido ao banheiro também. De repente, a música parou, as luzes foram

acessas e se instalou um silêncio na casa noturna. Todo mundo se olhava sem saber o motivo da música ter parado. De repente o local foi tomado por policiais armados até os dentes e cães policiais, Bruna e eu nos entreolhamos.

— Bruna, o que tá acontecendo?

Um policial com alto falante disse que ninguém iria sair do local, pois estavam fazendo uma batida policial. Os cães foram soltos e algumas mulheres começaram a gritar. Nós apenas ficamos mudas, sem saber o que fazer, apenas olhando toda a cena acontecer. Mas tudo saiu do controle, quando um cão veio direto para a nossa mesa e começou a cheirar a mochila preta que estava embaixo da mesa e latir. Todos se viraram para nós e alguns policiais vieram correndo para abrir a mochila que estava repleta de drogas.

Eu não conseguia acreditar que estava sendo levada presa, Bruna e eu fomos acusadas por tráfico de drogas, mesmo que nós tenhamos alegado inocência. Fomos literalmente jogadas dentro de uma viatura de polícia, e Bruna não parava de gritar que iria processa-los por calúnia e difamação, e eu não parava de chorar, soluçava inconformada por ter ficado com um cara que estava traficando drogas.

Enquanto aguardávamos ser interrogadas, ficamos em uma cela provisória. Até que uma bondosa policial, veio nos dizer que tínhamos direito a uma ligação. Bruna se negou a ligar para a Anna, e eu não sabia a quem recorrer. Pensei em Bernardo, mas ele ficaria louco comigo, então resolvemos arriscar e ligar para André, pedindo que ele trouxesse um advogado consigo. Devo dizer que ele entrou em parafuso quando ouviu que nós tínhamos sido presas.

Passaram-se horas, não o vimos, mas André estava aqui e o advogado que ele trouxe estava no interrogatório conosco. Passamos a madrugada inteira presas, até que pelo início da manhã fomos liberadas, pois as câmeras do local conseguiram flagrar todo o acontecido da festa, até conseguimos ver o traficante nojento que fugiu pela janela do banheiro me deixando sozinha com a mochila. Relatamos os fatos e que hoje tinha sido a primeira vez que havíamos tido contato com eles, repetidas vezes.

Depois de tanto quererem nos acusar de tráfico, fomos retradas como vítimas dos traficantes. Ou seja, fomos usadas. Mas antes de nos tornar vítimas, André teve que pagar fiança.

Não me pergunte o porquê, pois eu também não sei.

Meus olhos estavam inchados e vermelhos de tanto chorar. O cabelo da Bruna estava uma porcaria e tínhamos olheiras, mas o pior de tudo não foi a nossa aparência e sim ao sair da cela, dar de cara com um Bernardo soltando fumaça pelas ventas e André com um olhar assassino.

— Ai que merda, estamos ferradas — falei apavorada.

Bernardo veio em nossa direção pisando duro e parou de frente para mim, a tensão era visível em seus músculos, seu cabelo estava uma bagunça e fúria exalava de seus poros.

— Eu quero uma explicação dessa merda toda, tá me ouvindo? — sussurrou furioso ao meu ouvido e eu fiquei acuada — Vou te levar pra casa e minha querida, você vai ter que me explicar porque diabos você ficou com um traficante de merda, em uma festa de merda.

— Bernardo, eu... — gaguejei.

— Merda Giullie, eu estou furioso, estou muito além de furioso. É melhor você não falar comigo agora — saiu de perto de mim e foi até André que discutia com a Bruna em outro canto da delegacia, Bernardo deve ter pedido para falar com André a sós, pois Bruna veio ficar comigo, ela estava chorosa.

— Ele está furioso comigo — ela disse com a voz embargada.

— Idem amiga. Idem.

André disse que levaria Bruna para casa e eu tive que ficar com Bernardo, o enfurecido. Ele entrou no carro e bateu a porta com tanta força que eu comecei a temer o sermão que ele iria me dar. Respirei fundo, entrei, afivelei o cinto e ele partiu rumo às ruas que já davam sinais de movimento.

— Bernardo eu...

— Não! — rugiu alto — Não me vem cheia dessas merdas Giulliana. Eu não quero falar contigo agora.

Seu rosto tinha traços de raiva e cansaço. A maneira como ele segurava o volante com força, deixava os nós dos seus dedos brancos. A sua boca estava em uma linha fina e a veia saltada em seu pescoço me fazia lembrar que eu teria que o enfrentar quando chegássemos em casa.

Estou ferrada, completamente ferrada.

CAPÍTULO 18

Bernardo

Ter discutido com Giulliana hoje cedo me desgastou. Sei que ela deve ter ficado furiosa com as barbaridades que a Luana falou, e sei também que ela deve ter pensado mil e uma besteiras quando a viu em meu apartamento.

Eu sei que não foi o certo deixar Luana perambulando pela minha sala, mas depois que vi Giullie somente de toalha, eu meio que saí de mim, e tive que sair da casa dela, foi aí que encontrei Luana batendo na minha porta, entrei em casa e fui direto tomar banho. Descontar um pouco da minha frustração com água gelada. Banho frio se tornou comum após eu conhecer Giulliana. Nem me dei conta que Luana havia entrado junto e estava falando e reclamando da vida, entrei no banheiro e tranquei a porta, pois se eu não o fizesse ela iria me seguir até mesmo ali.

Eu disse para a Giulliana o quanto ela me afetava. O quanto ela me fazia perder o bom senso. Mas a resposta que recebi dela, foi uma fuga. Não sei como deixar claro para ela o que eu tenho sentido. Achei que simplesmente despejar a verdade seria o ideal, então a fui procurar em seu apartamento, mas ela não estava. Ainda deveria estar com a Bruna. Fico feliz pela Giullie ter visto a Bruna como irmã. Ela está mais solta, mais jovem e mais alegre do que é.

Fiquei em casa o dia inteiro vegetando. Liguei para o telefone da sua casa um pouco mais tarde e ela ainda não havia chegado. Li alguns contratos, agendei reuniões, atualizei a minha agenda e solicitei passagens aéreas para as minhas próximas viagens. Liguei novamente, mas a ligação só chamava. Decidi ir dormir mais cedo e disposto a conversar com ela amanhã.

Eu deveria estar no meu sétimo sono quando o meu celular começou a tocar loucamente. Esfreguei os olhos e dei uma olhada no relógio digital que ficava na cômoda ao lado da cama.

— Alô — bocejei.

— Bernardo. Cara, como eu vou te falar isso — André falava aflito e nervoso.

— Meu, você não podia esperar o sol nascer pra me ligar? Caramba, é duas da manhã cara — Me escorei na cabeceira da cama.

— Amigo, lamento lhe dar essa notícia nesse horário, mas a Giullie...

Meu coração disparou ao ouvir o nome dela, imediatamente fiquei em estado de alerta, tentando me preparar psicologicamente para a péssima notícia que eu teria.

— Por favor, me diz que ela tá viva — já estava em frente ao armário colocando a primeira calça jeans que eu vi e uma camiseta preta.

— Calma cara, ela tá bem, tá viva — falava André, tentando me acalmar — Ela foi presa cara, por tráfico de drogas.

Congelei, e fiquei mudo, só ouvindo os relatos de André — ela me ligou, pedindo que eu levasse um advogado para ela e para Bruna no Palácio da Polícia.

— Por que ela ligou para você? — perguntei terminando de colocar os tênis — Por que ela não ligou para mim?

— Cara, eu não sei. Eu liguei para o Gustavo, pedi para que ele fosse comigo até lá. Já estou a caminho. Bernardo, eu só liguei para você porque sei o quanto você gosta dela. Mas cara fica calmo, você vai enlouquecer quando souber de tudo.

Giullie já conhecia Gustavo da noite entre amigos aqui em casa. Ele é ótimo e é meu advogado desde que se formou. Tenho certeza que André só o chamou, pois sabia que eu confiava plenamente no Gustavo.

— Merda André, essa mulher vai me enlouquecer, você já me viu surtar por causa de um rabo de saia? Eu nem me reconheço mais. Mas ok. Chego aí em quinze minutos — desliguei o celular e fui voando para a delegacia.

Ao chegar lá, André me relata tudo que sabe e a cada coisa que ele me fala, eu fico mais irado.

Gustavo já estava com as meninas em interrogatório.

— Ela ficou com um traficante? — perguntei com ódio escorrendo em cada palavra.

— A Bruna também. Cara eu quero esganar aquela garota. É muita irresponsabilidade! — declarou André que começava a mostrar sinais de fúria. André estava caído pela Bruna desde que a conheceu, mas nunca deixou isso explícito para ela.

Ficamos a noite inteira conversando com os delegados. Gustavo nos atualizou de tudo, paguei uma grana preta para que o caso fosse silencioso e nada fosse noticiado, e conseguimos convencê-los a limpar a ficha delas, e as liberar sem julgamentos.

Essas são algumas vantagens de exercer influência e ter uma quantia bem gorda no banco.

Graças a Deus aquela espelunca onde havia acontecido a festa, tinha câmeras e nós pudemos ver tudo, quando o vi tocando nela, eu queria matar ele.

Traficante de merda.

Fiz questão de deixar bem claro para Gustavo que eu queria que aquele local fosse fechado permanentemente e que ele deveria mover céus e terra para que isso acontecesse.

Quando as duas finalmente foram liberadas, já passava das seis da manhã. Eu estava cansado, com raiva e preocupado. Fiquei a madrugada inteira a base do café e já começava a sentir os efeitos de uma noite sem dormir.

Eu sei muito bem que fui um bruto com a Giullie, mas eu não conseguia olhar em seu rosto, pois toda vez que o fazia, eu tinha vontade de surrar ela e o cara que a tocou e a meteu nessa furada.

Depois do meu ataque de raiva, ela ficou em silêncio, mas eu pude ver as suas lágrimas caindo e eu ouvia, mesmo que ela tentasse disfarçar, as fungadas que ela dava. Eu estava muito nervoso para continuar a dirigir. Estacionei o carro em uma rua e bati diversas vezes seguidas a cabeça no encosto do banco. Eu sentia seus olhos sobre mim.

— Você vai me dizer o que fez você se meter com um cara desconhecido, deixar que ele te tocasse e ainda por cima permitir que você fosse presa? — agora mais tranquilo, perguntava enquanto fechava os olhos e esperava a sua resposta.

— Eu não sei o que deu em mim, eu acho que bebi demais e acabei fazendo coisas que eu não deveria — eu podia ouvir o arrependimento saindo da sua voz.

— E porque você ligou para o André e não para mim, ou para Anna? — me virei para ela.

— Por que eu sabia que você ia ficar furioso, e a Bruna estava com medo de ligar para Anna, e no fundo, eu também.

— Quando o André me ligou nessa madrugada, eu quase enfartei Giullie, achei que você poderia ter sido sequestrada ou morta — falei com mágoa — Eu morri umas dez mil mortes hoje.

— Bernardo...

Apenas prendo seu olhar com o meu.

— Me desculpa por tudo isso hoje. Acho que não acordei com a bunda virada pra lua. Você tem sido o meu melhor amigo e eu tenho sido uma louca bipolar. Eu não quero que você vá para o inferno e não quero que você fique me julgando com esse seu olhar verde e amedrontador — confessa.

Melhor amigo? É apenas isso que eu sou pra ela?

Ouvir isso minou todas as minhas expectativas. O Bernardo de poucos dias atrás, nunca ficaria frustrado ou magoado por isso. Pelo contrário, ele fingiria não ter interesse nenhum na mulher e arranjaria qualquer outra mulher para satisfazer todas as suas necessidades. Isso só provou que o que eu sinto por ela é real. Mais real do que de início eu acreditava.

— Eu estou irritado, apenas isso, não quero te amedrontar — esfreguei os olhos, eu estava muito cansado.

— Você ainda não disse se aceita ou não as minhas desculpas.

— É lógico que eu aceito Giullie. Eu seria um cara de merda se não aceitasse o que você me oferece de boa vontade, e sinceridade.

— Obrigada por isso. Eu vou te devolver o dinheiro que você gastou hoje — disse abrindo o aplicativo do seu banco no celular.

— Eu não quero o teu dinheiro Giullie. Eu não preciso desse dinheiro. Você não deve nem imaginar o quanto você se tornou importante para mim nessas últimas semanas, você não deve imaginar o quão preocupado eu fiquei hoje. Droga, você não imagina o quanto eu gosto de você! —

soltei o que me afligia, e bati os punhos no volante.

O silêncio que se instalou dentro do carro estava me corroendo. Abri a porta e saí para a rua. Fui até o meio fio da calçada e me sentei, respirando o ar fresco da manhã e pensando no que iria acontecer daqui para frente, depois de ter dito que gostava dela.

Merda, eu nunca passei por isso!

Eu piscava, ou estalava os dedos e tinha tudo que eu queria, a mulher que eu queria. Eu nunca me apaixonei. Até agora.

Ouvi seus saltos batendo no chão e ela se sentou ao meu lado, com aquele vestido provocante que ela estava usando desde o início da noite passada. Tirou as sandálias dos seus pés e colocou ao seu lado. Aproximou-se tanto de mim, que nossos braços e pernas encostavam um no outro. Entrelaçou seu braço no meu, levando a sua pequena e delicada mão até a minha, na qual começou a fazer círculos lentos na palma da minha mão e apoiou a cabeça em meu ombro.

— Eu também gosto de você. Muito! — disse baixinho, criando um mundo particular só nosso, apertou meus dedos e se aconchegou mais em mim.

— Como seu melhor amigo? É, eu entendi — comentei com mágoa.

— Não Bê, não só como melhor amigo, mas como homem. O homem que eu tenho desejado, o homem que tem me protegido e cuidado de mim, o homem que me joga na piscina, que compra absorventes para mim e me tira da cadeia — soltou uma risada doce.

E nesse momento, eu me tornei um homem realizado.

E pela segunda vez, é Giullie quem toma a atitude de iniciar um beijo.

Ela segurou meu rosto e aproximou os seus lábios dos meus. Eu me curvo para ela e quando vejo, a sua boca já está colada à minha, em um único piscar de olhos. Minha língua começa a serpentear para tocar a sua, sinto sua mandíbula abrir e a sua língua vem de encontro a minha. Ouço a minha respiração misturada com a dela, alterada, o beijo estalado. E a vontade de nunca deixar a sua boca. Afastei seu cabelo e beijei seu pescoço, seu perfume preencheu a minha mente. Voltei com a boca sobre a sua e a beijei mais forte, de forma mais profunda, inclinei a sua cabeça mais para trás, para apreciar ainda mais esse beijo explosivo, possessivo e envolvente. Giulliana enroscou seus dedos na minha camisa, correspondendo a cada toque, a cada roçar e degustar, a cada mordida, sem pudor, sem vergonha, apenas com vontade, de forma intensa.

Meu celular começou a vibrar no bolso da calça. Me afastei de Giullie tentando recuperar o fôlego, seus lábios estavam vermelhos e ela me olhava com os olhos brilhando em expectativa. Desliguei o celular e a puxei novamente para perto de mim, a beijando intensamente. Giulliana levou as mãos à minha nuca e de forma carinhosa afagava o meu cabelo. Era tão bom sentir a sua entrega, a sentir envolvida em meus braços, sorri e afastei um pouco o rosto.

— Esse foi o meu melhor beijo da minha vida — ela disse e logo após riu.

— O da minha também — a abracei forte e beijei a sua cabeça — Vamos para casa.

CAPÍTULO 19

Giulliana

Bernardo, vez ou outra, quando tinha que dirigir mais devagar por causa do trânsito ou quando parávamos em alguma sinaleira, virava seu rosto para mim e sorria carinhosamente, e era impossível eu não corresponder. Depois de um dia e madrugada tempestuosa eu estava tendo o melhor início de uma segunda-feira. Ninguém gosta de segundas-feiras, afinal, elas representam o início de uma nova semana e, conseqüentemente, nos lembram de que o final de semana acabou e a diversão se foi junto consigo.

Mas a minha segunda-feira em particular estava indo de vento em polpa, eu recebi e contribuí para que o melhor beijo da minha vida acontecesse, e agora estava mais do que de bem com a vida.

Mas não posso dizer que depois que o beijo terminou, eu não senti medo, por que eu senti. Medo que nada daquilo fosse real, de estar sonhando, ou que até mesmo Bernardo me daria um pé na bunda. Eu senti receio, e Bernardo percebeu isso, então ele me abraçou com força me fazendo sentir o seu cheiro, seu calor e perceber que aquilo era real.

Eu ainda estava em dúvidas se deveria ou não perguntar para ele o que iria acontecer conosco. Decidi esperar até chegarmos em casa. E isso foi outra coisa que começou a minar a minha mente, iríamos para a minha casa, ou para a dele? Eu sinceramente esperava que ele tomasse essa decisão, porque com toda certeza eu não iria sugerir. Ia ter o segundo tempo? Eu esperava que não, não estou preparada psicologicamente para isso, além do que, se começássemos o segundo tempo seria rápido demais para mim.

Quando chegamos ao nosso prédio, Bernardo fez questão de abrir a porta do carro para que eu pudesse sair, e entrelaçou a sua mão na minha. Não nos falamos depois do beijo, mas não tinha sido estranho, pelo contrário, eu estava confortável com esse silêncio, facilitava colocar os pensamentos em dia. Bernardo apertou então o botão do oitavo andar e fomos para o meu apartamento. Logo ao entrarmos Bernardo me prensou na porta e me beijou com força e ganância. A maneira como ele me acariciava e segurava o meu corpo demonstrava um sentimento de possessão, e por mais louco que possa parecer, isso me fazia ter uma sensação de proteção.

Puxei a minha boca da sua e encostei a cabeça na porta.

— Para Bernardo, só um pouquinho — falei tentando tomar fôlego e colocando a mão em seu peito — Nós precisamos conversar sobre isso — apontei de mim para ele.

— Certo — me puxou para o sofá e nos sentamos frente a frente — Sobre o que quer conversar?

— Sobre nós. Sobre isso — coloquei a mão nos meus lábios inchados, indicando o beijo de agora pouco — Sobre tudo.

— Giullie, você ainda não entendeu que eu quero você? — disse enquanto passava delicadamente a sua mão sob meu rosto.

— Sim, essa parte eu entendi, mas o que seremos daqui para frente Bernardo? Ou você só quer me levar para sua cama e no outro dia agir como se nada tivesse acontecido? — afastei sua mão do meu rosto.

— Não Giulliana! De onde você tirou isso? Jamais cogitei essa possibilidade!! — exclamou pasmo.

— Bernardo, todo mundo conhece seu passado de galinha pegador, não estou falando nada de mais. Então, nós somos o que agora? Ficantes exclusivos?

— Não! Somos um casal. Você será minha namorada, e eu serei seu namorado — aproximou seu rosto do meu, e mordeu delicadamente meu queixo.

HAHAHAHAHAHA chupa essa Luana! Ele é MEU namorado!! Isso, isso, isso!

Ficamos nos beijando até a minha barriga dar sinal de vida me envergonhando. Bernardo gargalhou na minha cara e resolveu procurar algo para comermos na geladeira.

Liguei para Anna explicando que não iria comparecer na editora hoje, claro que acabei tendo que mentir, dizendo que estava com mal estar. Ainda não poderia revelar para ela que eu havia sido presa, e Bernardo ligou para Hugo, para ele ficar na Comunica em seu lugar hoje.

Depois de tomarmos o nosso café da manhã, Bernardo disse que precisava tomar banho e trocar de roupa, e eu também. Ele foi para casa dele, mas ficou de voltar aqui depois de se arrumar e realizar algumas ligações que estavam pendentes. Tomei um banho bem demorado, queria expulsar todos os germes do meu corpo que grudaram em mim após uma noite suja. Coloquei um pijama de duas peças, um short e uma blusa verde. Deixei a porta da frente aberta, caso ele quisesse entrar, sem precisar bater.

Deitei-me e logo peguei no sono. Achei que teria bons sonhos depois de finalmente ter me acertado com Bernardo, mas no fim, sonhei com o idiota do Rodrigo e o dia em que o encontrei com outra. Acordei algumas horas mais tarde, e ao me virar, encontro aquele deus grego dormindo ao meu lado, ele estava sem camisa, com apenas uma bermuda preta. Aproximei-me mais dele, admirando suas tatuagens, e descobri o que dizia a frase marcada em sua costela “O que não provoca minha morte faz com que eu fique mais forte.” Era uma frase de Nietzsche. O admirei mais um pouco, enquanto meu cérebro assimilava que ele agora era meu. Decidi acorda-lo de uma maneira nada convencional, lhe dando um susto digno de gargalhadas. Levantei pé por pé, fui até a sala e comecei a gritar.

— BERNARDO, AI MEU DEUS BERNARDO, SOCORRO, ME AJUDA BÊ!!! — gritei o mais alto possível, segurando o máximo que eu podia as risadas que queriam escapar da minha boca, me deitei rapidamente no chão fingindo ter desmaiado.

Ouvi-o batendo no criado-mudo, ouvi as suas maldições e seus passos pesados e apressados até

me encontrar caída no chão — Giullie? — se ajoelhou ao meu lado, e me apoiou em seu colo — Giullie! Por favor, fala comigo! Me diz o que aconteceu! Giulliana, fala comigo — gritava tentando me acordar, dando leves tapinhas no meu rosto e me sacudindo.

Eu não aguentei e comecei a rir, a cara dele estava impagável. Seus olhos arregalados, sua respiração irregular e sua boca estava bem aberta.

— Que bobagem é essa?! — se levantou raivoso — Você quer me matar do coração sua maluca?

Eu não conseguia falar de tanto rir, estava me encurvando, pois minha barriga já doía.

— Você está rindo da minha cara? — se aproximou de mim — Você tá achando isso engraçado? — seu olhar estava semicerrado, mas sua boca estava começando a esboçar um meio sorriso — Você vai me pagar por isso!

Quando eu vi que ele iria me punir, corri até o quarto ainda rindo e ficando de um lado da cama, enquanto ele ficava do outro. Ele saltou em cima da cama para me pegar, e foi bem sucedido. Me agarrou pela cintura, e me jogou de encontro ao colchão. Agora ele estava com um sorriso arrogante no rosto, sentou-se em cima de mim, e começou a me fazer cócegas. Eu chorava de rir, sem forças para revidar, não conseguia me livrar dele porque era muito mais forte e pesado que eu. Resolvi usar de golpe baixo, mesmo ele estando por cima de mim eu consegui levantar parcialmente meu tronco e lhe dei um beijo casto, que o desarmou. *Ponto para mim!* O empurrei, peguei dois travesseiros e comecei a bater nele, ele não demorou muito para revidar. Caímos exaustos na cama, rindo um do outro, e dessas brincadeiras bobas.

— Você me deve vários encontros — comentei, tomando fôlego.

— Como assim? — olhou para mim.

— Somos namorados, mas antes disso não tivemos nenhum encontro. Antes do namoro, o casal normalmente tem diversos encontros, para se conhecerem e trocar olhares, ter direito a mãos bobas e tudo o mais, para então um tempo depois o rapaz surpreender a garota e pedi-la em namoro.

— Você que me surpreende. Cada dia mais. Vou leva-la em diversos encontros, até você se sentir satisfeita. Depois posso me ajoelhar para você no meio do parque e pedi-la em namoro novamente — afastou a minha franja.

— Que arrogante você! — dei um tapa em seu ombro — Você não me pediu em namoro agora, era claro que depois de nos agarrarmos no meio da rua e ao chegarmos ao meu apartamento que seríamos namorados, era bem óbvio. E eu acho mais que bom você me levar a encontros. Nada mais justo que isso — fiz cara de emburrada e ele me beijou.

Eu estou completamente apaixonada por esse homem.

Ficamos o dia inteiro juntos, conversando, vendo televisão e discutindo sobre futebol. Descobri que ele torcia pelo mesmo time que o meu, e isso o fez ganhar vários beijos. O fiz prometer levar Anna e eu aos jogos, já que a vovó não estaria mais aqui para ir comigo. E isso me lembrou que eu deveria avisar para ela, Anna e Bruna que Bernardo e eu éramos oficialmente namorados.

Resolvi então tocar em um assunto delicado.

— Bernardo, e a Luana? — perguntei o olhando de relance.

— O que tem ela? — perguntou tranquilamente.

— Ontem ela me disse que era sua noiva. Afinal, o que aconteceu entre vocês? E se vocês não estão mais juntos, porque ela está sempre por perto e ainda continua dizendo ser algo sua? — soltei as perguntas que corriam furiosamente pela minha cabeça.

Ele suspirou em frustração, passou as mãos pelo cabelo, sentou-se na beira da cama e apoiou os cotovelos sobre os joelhos, inclinando seu corpo para frente.

— Nós terminamos o namoro há cinco meses, quando a encontrei dormindo com um velhote. Você deve conhecê-lo, o homem com quem Luana me traiu é o pai do Rodrigo.

Coloquei a mão sobre a boca em choque — Ela te traiu com o Alberto?

Ele aquiesceu com a cabeça — Sim.

— Meu Deus, isso é nojento — digo com repugnância.

— Muito. É óbvio que eu fiquei furioso, não porque ela me traiu, eu já estava tentando arranjar um jeito de dizer para ela que eu não a queria mais, mas sim porque ela me traiu com Carlos Alberto Goulart, o cara é um sujo. O dinheiro que ele ganha é sujo, e eu tenho certeza que ele é um político agiota, mas nunca foi comprovado isso — deu de ombros — Um mês depois de ter terminado com ela, ela voltou a me procurar e ainda não cessou.

— Se ela souber que estamos juntos, ela vai enlouquecer — murmurei.

— Ah meu bem, isso eu tenho certeza. Mas dela, deixa que eu cuido — assenti pensativa.

Quando essa mulher souber que Bernardo está namorando comigo eu não sei do que ela pode ser capaz. Ela parece ser extremamente possessiva, e eu espero que ela não venha mostrar as garras que ela chama de unha para cima de nós dois. E uma coisa eu posso concluir disso tudo: Rodrigo tem a quem puxar, seu pai é um bastardo e ele é a cópia do seu pai. A família dele é suja, tem sede de poder, e são extremamente desonestos. Já Rodrigo além de ser ganancioso, é arrogante, superficial e exibicionista, autoritário, avarento e infiel. Eu não me lembro mais do que eu vi nele há três anos atrás, nem sei como eu consegui passar tanto tempo ao lado de alguém assim.

— Os dois devem se merecer Bernardo. Eu só não quero ver essa mulher te cercando. Eu não vou suportar essa cobra querendo se enroscar em você.

— Eu vou dar um jeito de findar essas perseguições. Não se preocupe — virou-se para mim, e me puxou em um abraço confortável.

À noite, Bernardo quis me dar espaço e foi dormir na sua casa. Eu queria que ele ficasse junto comigo, mas ao mesmo tempo queria me acostumar com a ideia de ter um novo relacionamento após anos, e ficar sozinha para assimilar tudo que aconteceu entre nós dois desde o começo era bom.

Resolvi dar notícias para Anna, avisando que eu já estava bem e que amanhã gostaria de almoçar com ela para lhe contar uma novidade, ela ficou ansiosa e tentou me enganar para contar o

que era pelo telefone mesmo, mas não foi bem sucedida. Após, liguei para Bruna e comecei a relatar todos os fatos do meu dia ao lado de Bernardo.

— Ele é perfeito Bruna! — suspirei apaixonadamente.

— Que inveja viu amiga! Em compensação, André me xingou durante todo o trajeto até em casa. E você me conhece, eu não poderia receber chinelada na cara sem dar umas também. Ficamos que nem gato e rato discutindo. No fim, ele saiu mais do que furioso lá de casa.

Rimos juntas e ficamos batendo papo até altas horas da manhã.

Acordei com o cabelo que parecia uma maçaroca, me arrumei para ir trabalhar, peguei minhas coisas e resolvi ir até o apartamento do Bernardo e chama-lo para tomar café junto comigo. Bati na porta algumas vezes, mas nem sinal.

Deve estar no banheiro.

Apertei a campainha três vezes, mas ninguém atendeu. Decidi mandar uma mensagem para ele.

Giulliana: *Bom dia, flor do meu dia. Estou aqui na frente do seu apartamento, queria tomar café da manhã com você. :)*

Alguns segundos depois recebi a sua resposta.

Bernardo: *Droga! Me perdoa, eu tive que levantar mais cedo e vir pra MAG Mídia resolver uns problemas que surgiram. Podemos almoçar juntos, o que acha? ;D*

Fiquei decepcionada, mas sei que ele é extremamente fiel com suas empresas, por isso é um homem de sucesso.

Enquanto caminhava até a parada de ônibus, digitei uma nova mensagem para ele.

Giulliana: *Agora sou eu que tenho que lamentar. :(Prometi que iria almoçar com a Anna e a Bruna hoje. Nos vemos na Comunica então? Tenho que ir, vou entrar no ônibus. Beijos! :**

Não recebi nenhuma resposta depois dessa mensagem, e quando fui até a sua sala encontrei Hugo lá.

— Oi Hugo, tudo bem?

— Oi Giullie, tudo sim, e você?

— Tudo ótimo — coloquei uma mecha de cabelo atrás da orelha — O Bernardo veio hoje?

— Não, ele teve que ficar na MAG — falou sem tirar os olhos do computador — Precisa de algo? Acho que posso te ajudar.

— Não, não preciso de nada não. Falo com ele mais tarde. Até.

Grande porcaria, nosso segundo dia de namoro e já não posso vê-lo. Ele nem se prestou a me mandar uma mensagem, uma ligação, um nada. Mas como não sou uma mulher paciente, e que aguarda a boa vontade das pessoas, decidi ligar para o seu celular. No quinto toque, uma voz feminina atendeu.

— Alô? — a voz era rouca e aveludada.

— Esse é o celular do Bernardo? — perguntei intrigada.

— É sim. Mas no momento ele está extremamente ocupado — soltou um risinho.

— Quem está falando? — estava começando a ficar irritada.

— Ah, desculpe os modos, sou Carol, a sócia dele — soltou outra risada, algo mais sensual.

— Só diga para ele que a Giulliana ligou. Obrigada — desliguei sem nem esperar uma resposta.

Eu estava sendo corroída por pensamentos sujos e o ciúme já estava tomando conta do meu corpo.

Saí bufando para a minha sala e joguei o celular com toda a força em cima da mesa.

Seu idiota, babaca! Pra ficar trocando risadas e deixar uma mulher atender o seu celular você tem tempo né? Agora me mandar um sinal de vida, não. Ai que ódio!

CAPÍTULO 20

Bernardo

Eu estava exausto, saí de uma reunião e entrei em outra. Quando achava que ia conseguir responder à mensagem de Giullie, alguém requeria a minha atenção. Já passava das quatro da tarde quando tive um tempinho livre. As reuniões eram importantes e de urgência. Tanto que hoje pela manhã, ao receber a ligação de Daniel, tive que sair correndo de casa. Tomamos café da manhã na sala de reuniões e almoçamos na maldita sala de reuniões. Os meus dois sócios, e a diretoria da empresa estavam debatendo situações que estão ameaçando a MAG Mídia. Quando finalmente peguei meu celular para ligar para a Giullie, a bateria havia acabado.

Só pode ser brincadeira.

Levei o celular para carregar no meu escritório e encontrei Carolina e Daniel no maior amasso. Ambos meus sócios. Conhecemos-nos há anos e eles dois estão noivos há seis meses, sempre foram uns pervertidos, em diversas ocasiões já os flagrei em posições constrangedoras e em várias salas e cômodos da MAG.

— Ah qual é! Poupem-me — coloquei a mão sobre os olhos, enquanto Carolina arrumava rapidamente as suas roupas.

— Enri, você tem que começar a bater na porta antes de entrar — Carol me repreendeu.

— Eu não sabia que eu precisava bater na porta para entrar em meu próprio escritório — aumentei o tom de voz quando pronunciei a palavra ‘próprio’.

— Você é um empaca, Bernardão — disse Daniel, subindo o zíper da calça.

— Aqui não é motel não companheiro! Eu não quero ver vocês fazendo isso de novo aqui no escritório, e eu estou falando sério. Podemos ser sócios, mas se essa palhaçada continuar, eu vou querer vocês fora dessa sociedade — informei tranquilamente, mas de modo autoritário enquanto colocava o carregador no celular e plugava na tomada.

— Tudo bem, tudo bem. Vamos nos conter. Nós prometemos — Carol lançou uma piscadela para Daniel e os dois sorriram em cumplicidade.

Saí da sala para verificar algumas coisas, fazer um lanche e pegar um pouco de ar, depois desse dia estressante estava mais do que na hora de ter um intervalo. Quando voltei para a minha sala, Daniel e Carol ainda estavam lá, porém, e graças ao Senhor, vestidos. Carol estava mexendo no meu celular, o que eu achei estranho.

— Enri, seu celular estava tocando, resolvi atender — deu de ombros — Uma tal de Giulliana ligou — entregou o celular para mim.

— Você atendeu? — gaguejei.

— Sim, mas eu não consegui entender muito bem o que ela estava falando, porque esse doente do Daniel não parava de me atiçar.

— Tá de sacanagem! O que ela falou? — perguntei com urgência.

— Só pediu para eu te avisar que ela ligou. Porque tanta preocupação? — olhava para mim com interesse — Quem é Giulliana? — aos poucos o seu rosto foi ficando branco, e ela começou a entrar em estado de choque — Ela é a sua nova namorada? — assenti — Ai Enri, eu acho que ela deve ter entendido as minhas risadas de forma errada...

Nem esperei ela terminar e sai com pressa daquela sala, socando os números da Giullie na tela sensível. Tocou uma, duas, três, quatro, cinco vezes e caiu na caixa postal. Tentei de novo, e nada.

Meu Deus, ela deve estar furiosa comigo. Deve estar pensando mil e uma bobagens. Tentei ligar novamente e por fim, ela atendeu.

— Alô? — ouvir a sua voz suave e doce me deixava mais calmo.

Se ela atendeu é um bom sinal.

— Giullie, precisamos conversar, estou indo buscar você na Comunica.

— Bernardo, quem é Carol e porque ela atendeu o seu celular? E porque raios ela estava rindo de forma sensual? — atirou as palavras afiadas.

— Não é o que você está pensando — comecei a explicar, mas ela me cortou imediatamente.

— Oh não. Nem tente, já começou com a frase errada Bernardo! — urrou do outro lado. — Eu deveria estar pensando em alguma coisa seu cafajeste?

— Calma Giullie, eu vou te buscar e aí posso te explicar melhor — já estava saindo da garagem do prédio comercial — Não é nem uma dessas bobagens que você está pensando. Me espera aí, chego em 10 minutos.

— Não estou na editora — eu sentia a sua voz mais amena.

— Já chegou em casa então?

— Não, estou em uma concessionária.

— Em qual? Vai comprar um carro novo? Eu gostaria de estar presente para lhe ajudar a escolher um bom carro — falei ressentido por ela não ter me convidado.

— Não, eu já tenho um carro, a Lolla, mas ela está no mecânico. Então enquanto ela não fica boa de novo, decidi comprar uma moto — dei uma freada brusca que por pouco o carro atrás de mim, não bateu. Mas em compensação, ele amaldiçoou até a minha quinquagésima geração.

— TÁ MALUCA? — gritei — Você não vai comprar uma moto!

— E desde quando você dita o que devo ou não comprar? — rebateu de forma petulante.

— Desde que você decidiu ser minha namorada! — exclamei revoltado.

— Isso não significa que você pode mandar em mim — seu tom de voz era afiado.

— Não me interessa Giullie, mulher minha não vai andar em uma arma dessas.

— E porque não? — continuou teimando.

— Porque é perigoso droga! — rugi — É como se você estivesse dirigindo direto para a morte!!

Tive que encostar o carro, porque do jeito que estava eu poderia acabar provocando um acidente.

— Você tem uma! Porque eu não posso ter?

— Eu sou homem e você é mulher. Deveria ser proibido, uma mulher tirar habilitação pra moto.

— Isso foi extremamente machista e sem sentido — me repreendeu.

— Que seja. Mas você não vai comprar a droga de uma moto, estamos entendidos?

— Já comprei. Tchauzinho! — desligou.

A cretina desligou na minha cara! Eu vou esgana-la. Liguei para André para que ele pudesse me ajudar a descobrir onde diabos ela estava, e ele conseguiu a informação com a Bruna. *Por que não pensei nela antes?* Eu fui infringindo todas as leis de trânsito para chegar lá antes que ela pudesse fechar qualquer tipo de negócio. Eu estava tão perturbado e irritado que quando cheguei à concessionária, estacionei em uma vaga para deficientes, e eu tenho certeza de que poderia ser multado por isso.

Ao entrar na loja, duas mulheres começaram a se cotovelar para ver quem iria me atender, mas não dei atenção e saí procurando por uma cabeça loira e de franja por toda a loja. Encontrei-a sentada em uma cadeira de frente para um homem jovem, que tentava a todo custo impressiona-la. Ela, no entanto, estava no mundo da lua.

— Giulliana — chamei-a com os dentes cerrados.

Ela saltou da cadeira, pois levou um susto, e quando me olhou seus olhos estavam arregalados.

— Como me achou?

— Isso não interessa. Vamos embora — estendi a minha mão.

— Eu ainda não assinei a papelada — apontou o dedo para os papéis em cima da mesa.

— E nem irá assinar. Vamos — peguei-a pelo braço, exigindo que ela levantasse.

— Você está agindo como um homem das cavernas! — deu dois tapas no meu braço que não fizeram efeito nenhum.

O paspalho do vendedor ficou lá, vendo a cena toda acontecer de boca aberta, sem reagir, sem

fazer absolutamente nada, apenas imóvel.

Quando saímos, me deparei com uma cena para a qual eu já deveria estar preparado, um guincho estava chegando para rebocar o meu carro, e uma viatura de guardas de trânsito estava ali.

Ótimo!

— Finja que está passando mal — pedi.

Ela me olhou como se eu estivesse drogado ou bêbado, mas quando ela viu a cena toda ocorrendo perto do carro, ela entendeu o recado rapidamente.

— Você quer enganar as autoridades? — perguntou baixinho, meio apavorada.

Afirmar com um maneio de cabeça.

E então, ela entrou na personagem e eu também.

— Seu guarda, por favor, me ajude! — falei segurando Giullie que fingia estar desacordada em meus braços.

Imediatamente o guarda de trânsito veio em nossa direção.

— Recebi uma ligação do gerente da concessionária alguns minutos atrás de que a minha esposa estava tendo um mal súbito. Eu vim o mais rápido que pude, espero que eu consiga chegar ao hospital a tempo. Pode me informar qual é o hospital mais próximo? Ajude-me, por favor! Não posso perder a minha esposa — falei choramingando — Ela é tudo pra mim.

Prontamente o guarda de trânsito me avisou de que o hospital mais perto, ficava apenas cinco minutos de carro de onde estávamos, e Giullie vez por outra balbuciava palavras que nem Jesus Cristo entenderia, além de conseguir deixar seu corpo o mais mole possível, fingindo estar fraca.

Coloquei-a deitada no banco de trás do carro, e agradei um milhão de vezes a ajuda das autoridades. E parti em sentindo ao hospital, mas logo adiante desviei e peguei uma avenida que nos deixaria perto de casa.

Resumo da ópera: livramos-nos de uma multa, de um guincho e de uma moto.

Giullie não parava de dizer o quão incrível foi atuar, e que a adrenalina de estar fazendo algo contra a lei era demais, era excitante.

— Bernardo, seu pequeno infrator! Eles realmente acreditaram. Você é um belo mentiroso — seus olhos brilhavam em uma alegria contida.

— Se você não tivesse me tirado do sério, eu jamais teria estacionado em uma vaga para deficientes — cutuquei.

— Ah qual é, foi extremamente divertido! — gesticulava furiosamente.

— Sim, foi — sorri de modo carinhoso.

— Quando chegarmos em casa, nós precisamos conversar — seu riso morreu, e seu tom se tornou sério.

— Sim, vou explicar tudo detalhadamente para você.

Giullie estava inquieta, não parava de se mexer no banco, trocava de segundos em segundos as estações de rádio, e foi assim até chegarmos em casa. Decidimos conversar primeiro e depois iríamos encontrar André, Bruna e Hugo para jantarmos.

Dei todos os detalhes do meu dia para ela, de não ter tido tempo para responder a mensagem que ela havia enviado, da bateria, da Carol e do Daniel e finalmente pude notar que havia saído um peso de cima dela. Consegui convencê-la de desistir da moto momentaneamente, pelo menos até eu ensina-la mais um pouco e decidir se ela estaria preparada para pilotar uma. Graças a Deus, ela aceitou a proposta.

Fui para casa tomar um banho e me arrumar para o jantar. Coloquei comida e água limpa para Cake e aproveitei para limpar a sua cama. Quando estava fechando a porta para ir chamar Giullie, meu celular começa a vibrar no bolso, indicando uma nova mensagem.

Fecho a porta e deslizo o dedo pela tela para poder ler.

Número Desconhecido: *Eu avisei e você não quis me escutar. Estamos de olho nela. Comece a lamentar.*

Merda! Isso só pode ser piada.

Mas eu sabia que não era.

E agora, o que devo fazer?

Fiquei completamente atordoado, e a primeira pessoa a quem eu iria recorrer sobre como agir seria André, pois ele sabe de tudo. Disquei seu número e logo fui atendido.

— E aí cara, eu vou me atrasar um pouco, mas já encontro vocês lá — tagarelava André.

— André, acabei de receber uma mensagem *dele* me dizendo que estavam de olho na Giulliana, e que eu deveria começar a lamentar — minhas mãos tremiam e a minha voz engasgou.

Merda! Grande merda!

— Precisamos dar um jeito de acabar com essa palhaçada toda Bernardo. Alguém pode se machucar, e algo me diz que não vai ser nenhum de nós dois, e sim ela.

— Eu estou transtornado, não sei como reagir — soltei.

— Cara, precisamos pensar em algo e para ontem — seu tom era firme — Vamos nos encontrar e depois daremos a desculpa de que você tem que ir ao escritório pegar uns papéis, e lá iremos conversar.

— Certo. Te vejo daqui a pouco.

Desliguei o telefone e soquei a parede com o máximo de força que eu poderia usar. Coloquei a minha melhor cara de jogador e fui buscar a Giullie.

Hoje, a noite vai ser longa.

CAPÍTULO 21

Giulliana

Quando Bernardo voltou para o meu apartamento para que pudéssemos ir juntos para o restaurante, ele estava calado e suas feições eram de preocupação. Fiquei com receio de perguntar o que estava acontecendo, mas eu não queria deixar que lidasse sozinho com qualquer coisa que pudesse o estar afligindo.

— O que está acontecendo? Está tão calado — passei a mão pelo seu braço.

— Hã? Nada. Não acontece nada — disse disperso.

Segurei seu braço, e fiz com que ele parasse de andar — Impossível não ter acontecido nada! Você está preocupado, e isso é visível, aconteceu alguma coisa?

— Alguns problemas no escritório, só isso. Nada para te preocupar — acariciou o meu rosto.

— Hm, sei — falei desconfiada, mas resolvi deixar o assunto no silencioso. Pelo menos por enquanto.

Chegamos ao restaurante e só Bruna estava lá. Jogamos conversa fora, e logo André e Hugo se juntaram a nós. Tomamos algumas cervejas, e vez por outra eu via os olhares confusos que André e Bernardo trocavam. Ele não estava muito falante, e André compartilhava dessa mesma onda. Eu conversava com Bruna e Hugo, mas a minha atenção estava toda nos dois amigos que trocavam informações com apenas um olhar.

Algumas cervejas e horas depois, Bernardo deu a desculpa de que precisaria se retirar, pois precisava buscar alguns papéis que havia acidentalmente esquecido em sua empresa e de quebra levaria André como companhia para lhe ajudar a procurar os tais papéis.

— Eu vou com você! — digo prontamente.

— Não Giullie, vai ser rápido, depois eu passo na sua casa, se não for muito tarde — inventava desculpas.

Levantei-me afastando bruscamente a cadeira e jogando o guardanapo na mesa — Bernardo, precisamos conversar — apontei em direção à porta — Agora!

Ele se levantou e caminhou sem pressa nenhuma atrás de mim. Chegamos à entrada do restaurante e o puxei para um canto discreto.

— Você está muito esquisito, eu sei que tem algo errado, e iniciar esse namoro me escondendo às coisas, não é certo. Você pode não me contar agora, nesse instante, mas você vai ter que me falar uma hora. Se você começar a esconder coisas de mim... — pausei a frase esfregando os olhos em frustração — Não vai funcionar. Precisamos confiar um no outro — elevei a minha mão até tocar sua bochecha.

Seu rosto estava aflito — Eu vou te falar, mas não agora, não ainda — segurou as minhas mãos e as suas estavam suadas e frias.

Voltamos à mesa, e os três nos olharem com receio. E o clima não foi o mesmo depois disso. Resolvi não impedir Bernardo de ir com Hugo e André, voltei para casa com a Bruna, e eu expliquei todas as ânsias que estão me tomando de momento.

Pela primeira vez na minha vida, deixei bolsa, sapato, e as roupas atiradas ao chão. Só uma pessoa saberia como agir em relação a esses acontecimentos e ela é tudo para mim. Não hesitei e fiz a chamada internacional que iria me ajudar a resolver esses conflitos. Liguei para a minha avó.

Expliquei tudo detalhadamente, desde a noite na frente do prédio bêbada até o dia de hoje.

— Querida, já diz o ditado: “Dê tempo ao tempo”. Assim como você, ele deve estar confuso. Pode ser sim que ele esteja sendo pressionado por algo, mas ele ainda não está preparado para lhe contar. Assim como você ainda não está pronta para contar o que realmente aconteceu entre você e o Rodrigo.

Suspirei, e apertei a ponta do nariz — Eu só quero que ele confie em mim vovó, não podemos iniciar um relacionamento se não confiamos um no outro.

— Giullie, você está sendo mesquinha. Dê tempo para o Enri, tenho certeza que ele vai lhe contar o que esteja acontecendo. Seja paciente, e mostre para ele que você estará ao seu lado, não importa o que de fato esteja acontecendo para deixa-lo tão aflito.

Conversamos durante uma hora e meia, vovó sabia como me trazer paz. Fui para o quarto e me joguei em cima da cama. Outra coisa que eu jamais faria, me deitar em lençóis limpos depois de ter saído para rua, ter suado e sentado em lugares que outros estiveram sem ter tomado um belo banho.

Adormeci.

Acordei com o toque de mensagem do meu celular, o relógio marcava 06:00h, era cedo, pelo menos para mim, que se pudesse dormiria até o meio dia. Era uma mensagem do Bernardo.

***Bê:** Bom dia minha princesa! Me desculpe por ontem, espero que não tenha ficado magoada. :/ Não vou conseguir ir para a Comunica com você, já estou no escritório da MAG preciso mesmo resolver algumas pendências, só vou para a editora na parte da tarde. Espero te ver! E me chame de bobo ou de mulherzinha, mas estou com saudades, sinto falta do seu cheiro e da sua animação contagiante ao meu lado. Você e Eu > s2.*

O sorriso mais bobo do mundo ocupava o meu rosto.

Eu sou muito sortuda.

A manhã passou voando, mas recebi uma ligação do Bernardo pedindo para que eu pudesse

substituí-lo em uma reunião à tarde com o pessoal do Marketing, tive que aceitar, pois ele estaria em outra reunião com o pessoal da Administração da editora. Almocei com a Bruna e a Anna, falamos dos livros que estamos lendo, dos homens lindos que perambulavam pelo restaurante executivo e ríamos à toa das piadas sarcásticas de Anna.

— Ok! Lá vai mais uma — gritava Anna entusiasmada — O que o pires disse para a xícara?

Bruna e eu trocamos olhares, tentando pensar em alguma resposta, mas não veio nada. Anna em compensação, nos olhava em expectativa.

— Não sabemos! — Bruna e eu dissemos em uníssono.

— Aiii que bundinha quente! — gargalhava e nós não conseguimos resistir e gargalhamos junto. Parecíamos uma gralha, tanto que metade do restaurante parou para nos olhar.

Após esse almoço *pra* lá de divertido, voltei para o escritório e comecei a me preparar para a reunião.

Toc, toc.

Batiam na porta.

— Pode entrar — fechei minha pasta com todas as estratégias de marketing e pautas, e esperei para ver quem era.

— Giullie, posso falar um minutinho contigo? — Bernardo colocou apenas parte do pescoço e a cabeça para dentro, ainda esperando do lado de fora da porta.

— Sim, claro. Entra — estranhei a formalidade, mas não comentei nada.

— Oi — me lançou aquele sorriso galante cheio de dentes para mim.

— Oi — devolvi o sorriso.

— Tá tudo bem contigo? Você fechou as persianas, coisa que eu nunca vi você fazer — se sentou na cadeira de frente para a minha mesa.

— Sim, estou bem. Na verdade, um pouco nervosa para a reunião, por isso as persianas estão fechadas, precisava me concentrar. Marketing não é meu ponto forte.

— Eu acredito em você. Infelizmente eu não posso participar de duas reuniões ao mesmo tempo, e a nossa equipe precisa disso, por isso pedi pra você me substituir.

— Tudo bem, sem problemas, quando chegar lá sei que vou arrasar — pisquei brincalhona — É sobre isso que veio falar?

— Não. Eu vim, porque eu queria te fazer uma pergunta.

— Estou ouvindo — me endireitei na cadeira, esperando.

— Você gostaria de sair comigo? Tipo um encontro? Aquele que eu te devo — perguntou e explicou timidamente.

— Um encontro? Com você? — fingi espanto — Você está me cortejando? — perguntei com o mesmo sorriso do Gato de Alice no País das Maravilhas.

Eu nem acredito que ele está agindo como se não estivéssemos namorando, é tão engraçado.

Resolvi entrar na brincadeira.

— É. Hã... — suas bochechas ganharam um leve tom de rosa.

Oh meu Deus! Ele está envergonhado!! Que fofo.

— Então? Você está me cortejando, ou é só impressão minha? — meu sorriso não diminuía, pelo contrário, a cada segundo que passava ele crescia mais. Me levantei da cadeira e fiquei encostada na mesa, perto dele.

— Sim! Sim, admito, estou te cortejando. Cara, isso é tão fora de época.

— Ahá! Sabia. Quais são suas intenções para comigo? — perguntei testando o território, testando até que ponto ele era capaz de ir e até onde a brincadeira podia chegar — Está pensando em perversões, tipo chicotes e vendas?

— O quê? Perversão? — se engasgou com a própria saliva e começou a tossir loucamente. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ficou vermelho de tanto tossir e não respirar direito. Peguei seus braços e fiz com que ele levantasse ambos para cima, enquanto eu dava batidinhas leves nas suas costas. Ficamos nisso até ele se acalmar e parar de tossir. Pigarreou algumas vezes, limpou as lágrimas dos olhos e respirou fundo, cravando seu olhar no meu. Parecia uma criança.

— Melhorou? — ofereci a garrafinha de água fechada que estava em cima da mesa — Toma um pouco.

— Sim, estou melhor. Obrigado — pegou a garrafa e a abriu, desviando pela primeira vez em longos minutos os olhos dos meus. Bebeu quase toda a água deixando menos da metade.

— E então? — o olhei esperançosamente.

— Sua doida! Jogue esse jogo direito — me repreendeu, mas logo voltou com a sua máscara de menino inocente — Sem perversões, apenas um primeiro encontro muito romântico.

— Ok, aceito sair com você. Aonde vai me levar?

— Bem, como é o primeiro encontro, acho que eu deveria te levar em algum restaurante italiano, caríssimo, pegar o seu casaco e entregar para o garçom, a mesa deveria estar bem ao canto, num local reservado, longe de olhares curiosos. Eu puxaria sua cadeira para que você se sentasse, logo após pediria um prato de espagete e dividiria com você, um bom vinho, a luz de velas, um violino logo ao fundo, sentaríamos um de frente para o outro, nos olhando sem desviar o olhar em nenhum momento. Minha mão direita estaria acariciando a sua o tempo todo, e as nossas pernas iriam se roçar a noite inteira, acendendo uma chama ardente de paixão. Logo após, pediríamos à sobremesa que seria um leve suflê de chocolate, tomaríamos chá, pois você não gosta de café, e depois iríamos embora para uma noite inesquecível de louco amor. Mas isso é apenas a minha imaginação e você odeia essa coisa toda melosa, então, eu posso te levar ao cinema, depois podemos jantar pizza ou alguma outra bobagem saudável pelo qual você é apaixonada. O que acha? — me olhou

inquisitivamente.

— Alguém já te disse que você, apesar de ter feito a limpa em todas as meninas do mundo, e teu passado te condenar por ser um galinha, é um romântico incorrigível? Isso tudo que acabou de me dizer foi incrível. Eu agora desejo muito que esse encontro no restaurante italiano ocorra — digo quebrando o jogo, pois eu *estava* impressionada com os pensamentos que ele teve para o nosso primeiro encontro.

— Sério? Sério mesmo? Você quer? — perguntou surpreso.

— Sim. Sim, eu quero! — vibrei, pulando em cima dele e lhe dando um beijo casto.

Bernardo não se conteve e saqueou a minha boca com a sua língua em um beijo profundo e apaixonado, enrosquei meus dedos em seu cabelo e sentei em seu colo, e ele gemeu, afastando a sua boca da minha.

— Giullie, eu sou homem, e você sentada em mim não vai resultar em boa coisa — me alertou agoniado.

— Oh, hmm, certo — me levantei timidamente.

Ele pigarreou, e eu senti o seu desconforto. Bernardo e eu, ainda não havíamos dado o segundo passo, mas ele era um homem paciente e entendeu que eu queria esperar mais um pouco, o que eu achei incrivelmente lindo da parte dele, visto que no passado ele era um promíscuo. E cada vez que saímos juntos, sempre tem alguma mulher o comendo com os olhos, mas ele nunca lhes dá atenção, e se ele nota o meu desconforto dá um jeito de expulsá-lo, ou me beijando, ou me abraçando e me acariciando.

— Bom isso é perfeito — disse me tirando de meus devaneios — Pode ser sexta? — seu sorriso era de derreter qualquer geleira na Antártida, era quente, divertido e lindo.

— Mês que vem, que tal?

Seu sorriso foi murchando aos poucos, até que ele ficou com a boca entreaberta com um sorriso torto no rosto, seus olhos se arregalaram um pouco e ele parou de se mexer.

Congelou.

— M... me... mês que vem? Por... Por quê? — se mexeu de maneira desconfortável na cadeira.

Gargalhei — Óbvio que não né Bernardo! Sexta-feira é perfeito.

— Sua palhaça! Se fosse qualquer outra cara, você ia detonar com todo o ego dele — saiu da brincadeira.

— Ah, nada haver! Eles iam persistir, porque eu sou o sonho de consumo deles — digo rindo.

— Mato a todos, se sonharem com você! — fez cara de mal.

— Ok! Agora volta pra brincadeira — dei um tapinha em seu ombro.

— Então estamos combinados, te pego sexta, às oito.

— Ótimo! — bati palmas, enquanto Bernardo se levantava — Bom, eu tenho uma reunião com o pessoal do Marketing agora, vou lá, se não meu “chefe”, no caso você, corta meu pescoço se souber que eu me atrasei para uma reunião no qual irei substituí-lo. Você é encantador Bernardo.

Peguei a minha pasta e meu notebook em cima da minha mesa, fiquei na ponta dos pés e lhe dei um beijo rápido na bochecha, dando as costas para não poder ver a sua reação. Fechei a porta atrás de mim, deixando Bernardo dentro da minha sala, sozinho.

Oh meu Deus, eu pareço uma adolescente boba apaixonada.

Ajeitei o meu cabelo, meu vestido, arrumei a alça da bolsa no ombro e saí andando pelo corredor rapidamente, antes que eu voltasse lá e desse um beijo de verdade nele e lhe entregasse o meu coração por completo.

CAPÍTULO 22

Bernardo

Meu Deus, eu estou exausto!

Passo a mão pelo rosto e apoio a cabeça no encosto da cadeira, vejo pelo canto do olho André entrando na sala.

— Cara, você ainda não foi? — questionou largando seu corpo na minúscula cadeira.

— Já fui sim, isso aqui é só uma miragem. Que pergunta idiota André! — respondo áspero e irônico.

— Não adianta vir de grosseria pra cima de mim, a culpa de ter que ficar aqui é toda sua, e sabe bem disso. Mas a questão não é essa, a questão é esse seu egoísmo, esse seu pensamento só em você e nessa merda dessa empresa.

Eu sabia exatamente sobre o que ele estava falando, aliás, ultimamente era só nisso que ele falava.

— A Giulliana entende muito bem que eu estou ocupado — bati os punhos em cima da mesa o enfrentando.

— Tem certeza disso? — se levantou furioso — Você é um panaca Bernardo, é o quarto dia que você não há vê. É a merda de início de namoro, e você a joga para a Bruna porque não pode comparecer. E já está de viagem marcada pra Nova Iorque e nem disse nada pra ela.

— Não me venha com essas merdas André — levantei exasperado — A mulher é minha, ela não precisa de advogado pra defender as suas vontades.

— Ela não é sua, Bernardo. Ao menos não por muito tempo — explicava.

— O que quer dizer com isso? — perguntei ansioso.

— Cara, eu ouvi ela e a Bruna conversando. Você acha que a Giullie está super feliz, né? Mas não, seu otário. Até eu, que não convivo com ela diariamente sei o quão difícil pra ela deve estar sendo, o quão insegura ela se sente em relação a vocês dois. Você e essas merdas que está escondendo dela! — respirou fundo — Bernardo lembra cara, e se *ele* realmente for atrás dela e contar tudo, isso vai destruir o coração dela. E sabe quem vai estar lá pra tentar colar todo ele? Ninguém! Você não enxerga que o amor que você sente por ela, pode também te destruir nesse

percurso?

Amor? Eu a amo?

— Eu não posso acreditar que você está se fazendo essa pergunta.

Olhei-o surpreso.

— Eu acho que eu me enganei aqui, você não a ama, porque o amor, o amor verdadeiro, vai muito além desse seu romantismo, é uma questão de empenho, trabalho, cuidado e um forte compromisso diário, e meu companheiro, meu amigo, você falha em todos esses aspectos — despejava toda a verdade — Não adianta leva-la para jantar em um lugar chique, num clima romântico, se logo após você vai receber uma chamada telefônica e vai deixa-la lá, sozinha. Eu pensei que você tinha mudado cara, eu pensei que ela tinha feito de você um homem de verdade, o homem que ela precisa, e o homem que você deve ser. E eu sinto tanto por ela, porque isso não passa da nossa imaginação — seu olhar, o olhar do meu amigo continha uma mistura de desprezo e mágoa.

Eu nunca havia discutido com André, não de uma maneira tão profunda. E tudo que ele havia me dito era para o meu bem, ele estava agindo como meu verdadeiro irmão, meu irmão mais velho, aquele que te ajuda a levantar quando você cai, aquele que te dá uns bons tapas quando vacila, aquele que quando você se mete em confusão está lá, pronto para tomar as suas dores e lhe defender. André é meu irmão, não de sangue, mas há um elo que nos une.

Ele está me protegendo, tentando me livrar dos meus próprios erros.

Meu coração doía, e o ditado de que a verdade dói, é real.

Eu sei que eu estava perdendo a linha, eu sei o quão errado eu estou pisando. Eu sinto a falta dela todos os dias, mas não faço absolutamente nada para acabar com esse sofrimento. Eu estou estressado, cansado, não estou me alimentando direito e o pior de tudo, eu estou preocupado, muito preocupado. Eu não sei o que fazer. Eu não sei como agir, como fazer o correto. Eu tenho trabalhado literalmente o dia inteiro, e à noite, quando bato à sua porta, eu não sou recebido, pois ou ela está fora, dormindo na casa da Bruna, ou ela já está dormindo em seu quarto. Eu prometi uma noite romântica e inesquecível para nós dois, mas eu não posso simplesmente lhe dar essa noite e voltar para essa rotina. Não é justo com ela, ela precisa de mais, e eu tenho que estar disposto a lhe dar mais. Preciso decidir se quero salvar o meu recente namoro, com a mulher pela qual estou apaixonado, ou se quero salvar uma empresa, com mais de duzentos funcionários.

É possível administrar as duas coisas?

Eu posso ser rico, ter várias empresas espalhadas pelo Brasil e exterior, considero-me inteligente, esperto, astuto e corajoso, mas como posso ser inteligente se estou a perdendo, aos poucos?

Merda! Eu não consigo pensar com clareza.

Pensei, pensei e pensei, mas nada do que eu pensava, nenhuma desculpa que eu inventava me dava paz. Resolvi buscar ajuda e auxílio e decidi ligar para a minha mãe. Eu não falava com ela há exatos dois anos. Eu estava cheio de orgulho e de mágoa e não admitia o divórcio dos meus pais. Mas eu sentia a sua falta, sentia falta do seu carinho e do seu conhecimento.

— Bernardo? Baby? — Ouvia a sua voz chorosa.

— Oi mãe.

— Meu amor! Eu sinto tanto a sua falta meu querido, eu o amo tanto, achei que o havia perdido — se lamentava e o meu coração ficou apertado ao ouvir a sua voz embargada.

— Desculpa mãe. Eu errei, eu errei ao culpa-los por algo inevitável. Eu sinto tanto a sua falta. E agora eu preciso de você, eu preciso do seu colo — desabafei e senti meu corpo mais leve, mas a minha voz estava começando a falhar.

— Meu querido, eu o amo tanto, eu entendo o que você sofreu, mas nunca mais me deixe do lado de fora — era possível agora sentir o seu sorriso.

— Eu quero você no Brasil comigo.

— Tem certeza disso?

— Sim, eu tenho. Eu quero você ao meu lado, cuidar de você assim como você fez comigo durante todos anos — falei determinado.

— Eu irei, assim posso ser feliz de novo, ter meu coração completo novamente.

— Mas agora, eu preciso que me aconselhe — pedi.

— Que tipo de conselho? Bernardo Enrico Gomes, eu espero que não esteja fazendo nada errado, eu ainda sou a sua mãe e posso lhe bater! — me recriminava.

— Na verdade, acho que estou fazendo muita coisa errada — respirei fundo — Mamãe, eu estou apaixonado, e comecei com o pé esquerdo.

— Eu tenho uma nora? Por favor, me diga que não é aquela loira magricela — ela detestava Luana.

— Não dona Eliza, não é a Luana.

— Oh, graças a Deus.

— O nome dela é Giulliana, é a neta da Guilhermina. Mamãe, ela é a mulher dos meus sonhos, ela é doce, engraçada, meio louca, é linda, sua risada vem fácil e é gostosa de ouvir, ela é quente e fria ao mesmo tempo, ela defende seus ideais como ninguém, às vezes me parece uma criança, é tímida, mas corajosa o suficiente para me pedir um absorvente em uma festa de gala, para me dar um beijo casto enquanto finjo estar dormindo. Ela tem esses momentos quentes e frios que me deixam maluco, ela tem manias de limpeza e organização, é extremamente inteligente e é a mulher mais enigmática que eu já conheci, ela me domina facilmente mamãe, se ela me pedisse a lua, eu iria fazer de tudo para lhe dar. Dona Eliza, ela invadiu o meu coração e não sei se algum dia ela pode sair — suspirei.

— Meu bebê está amando, eu achei que nunca iria vê-lo apaixonado, que nunca iria vê-lo caído por amor. Mas onde está o erro meu querido? Tenho certeza que ela deve estar apaixonada por você também.

— O erro tem sido todo meu... — contei a nossa história desde o início, desde que nos conhecemos naquela reunião em que ela estava uma completa bagunça, até o último dia em que a convidei para o encontro romântico tão aguardado por ela e ignorado por mim.

— Meu Deus, eu não esperava que você fosse tão burro Bernardo. Eu não te criei assim meu filho. Você não percebe o quão tolo tem sido? Você não está dando o devido valor para essa menina e muito menos para esse relacionamento. Enri, você tem que conquistar a sua mulher todos os dias, percebe o quão trabalhoso é o amor? Mas é isso que mantêm a chama de paixão acesa, o amor não egoísmo, e é isso que você tem sido nos últimos dias, um egoísta sacana, amar não é satisfazer a si mesmo, mas sim ao outro, meu filho.

Dona Eliza sempre foi honesta e clara, por isso é uma mulher autêntica, bem sucedida e admirada por muitos. Agora eu entendo porque os meus pais se divorciaram, o meu pai não queria ter trabalho enquanto a "amava", ele não lhe dava o valor que ela merecia, ele desejava as coisas materiais, desejou tanto, que perdeu a única mulher que eu sei que um dia o amou. E estou fazendo o mesmo com a Giullie, estou a deixando de escanteio para salvar o bem material.

— Você não a convidou para um encontro? Então, conquiste-a com outros, lhe dê flores, leve ela para andar de bicicleta, compre sorvete para ela, dê chocolates. Seja criativo Bernardo, você saberá o que fazer. Mas faça meu amor, não perca essa oportunidade. Voltarei para o Brasil, voltarei para você e para conhecer a mulher que conseguiu tirar o sono do meu bebê. Eu o amo tanto, em breve estarei por aí.

— Obrigado, também te amo.

Ao desligar, fiquei olhando para o telefone por longos minutos, pensando em algo bom o suficiente para me desculpar com a Giullie. E graças ao bendito Deus, eu tive um insight. Sei que ela não gosta de coisas sofisticadas e fúteis, mas gosta das coisas simples da vida, e eu já sei o que eu vou fazer. Olhei para o relógio em meu pulso, e já passava das onze horas da noite, iria para casa programar tudo, e amanhã iria surpreendê-la.

Acordei cedo, estava ansioso, nervoso, estava soltando fumaça pelas ventas, meu coração palpitava descontrolado. Iria me encontrar com ela depois de quatro dias “fora”, e eu não sei e nem imagino como seria recebido, não iria com ela para a Comunica, pois iria fazer a surpresa lá. O dia dela iria começar com um pequeno girassol em cima de sua mesa e o seu chocolate favorito, de uma em uma hora, ela iria receber um girassol, até que por fim, eu chegaria com o último do buquê e com o restante da surpresa.

Estaria contando com a ajuda da Bruna e do André.

Depois que saí do escritório ontem à noite, passei na casa da Bruna e a convoquei, e logo após fui me desculpar com André e pedir seu apoio e ajuda, e graças a Deus, eles me aceitaram.

Resolvi mandar uma mensagem para a Giulliana, curta, sem muitas explicações, dizendo apenas que só conseguiria encontra-la à noite.

Hugo ficaria em meu lugar na MAG e Bruna iria ficar no lugar de Giullie, pois hoje, a tarde seria só nossa, e nada e nem ninguém iria nos atrapalhar.

Ela já havia me ligado várias vezes durante essa manhã, mas para não estragar a surpresa eu não

atendi.

Ao meio dia eu já estava entrando em sua sala, bati três vezes de leve e ouvi a sua voz autorizando a entrada. Abri lentamente a porta, com receio de receber uma pancada na cara, mas não, tudo que eu acho que ela vai fazer, ela faz ao contrário, sou recebido com um sorriso lindo e carinhoso.

— Oi — digo.

— Oi — ela responde e noto as flores em cima de sua mesa — Adorei as flores, isso foi bem gentil.

Vou até ela a puxo e a abraço com força, com saudade, com amor.

— Sou um idiota! Me perdoa por ter te deixado de lado — sussurro em seu ouvido.

— Você é um idiota, mas já que está reconhecendo o seu erro, eu vou te perdoar — me afastou, mas continuou com suas mãos entrelaçadas em minha cintura — Não faz mais isso, não tem como um relacionamento funcionar assim.

— Eu sei que fui um completo babaca, e demorei a droga de quatro dias para perceber isso, mas eu vou te recompensar, começando por hoje — encaixei minhas mãos em seu rosto delicado.

— Vai me recompensar como? — o brilho em seu olhar era cheio de expectativas.

— Tenho uma proposta pra te fazer. Quero adiar o nosso encontro italiano por alguns dias apenas — expliquei antes que ela pudesse me bater — Eu pensei que antes disso, nós poderíamos ter pequenos encontros diários. Coisas simples, ir ao cinema, ir à biblioteca, tomar um café, ou melhor, um suco, coisas pequenas, mas que vai nos aproximar a cada dia mais, o que acha disso? Não vou deixar mais nada atrapalhar a nossa relação, muito menos o meu trabalho — rocei meus lábios nos seus — Eu quero que isso dê certo, e vou fazer tudo para tornar isso possível.

— Você está falando sério? — beijou a ponta do meu nariz — Eu vou adorar. É lógico que eu aceito a sua proposta. Quando será nosso pequeno encontro? — seus olhos ganharam um brilho diferente, mais despreocupado e divertido.

— Hoje! Agora! — falei entusiasmado.

— Agora? — perguntou intrigada.

— Sim, hoje o dia está perfeito. O momento é perfeito. Iremos almoçar e depois meu bem, a tarde é uma criança — segurei seus ombros e beijei sua bochecha — Não se preocupe, a Bruna vai ficar no seu lugar.

— Você é tão bobalhão!

— Sim, eu sou. Seu bobo — digo beijando a sua testa.

— Meu.

CAPÍTULO 23

Giulliana

Tenho que admitir, eu estou receosa. Com muito receio. Em nossa primeira semana de namoro, Bernardo e eu quase nem nos vimos. Eu me senti sendo jogada para escanteio, como um prêmio, ele conseguiu me conquistar, aproveitou por um dia e depois pulou fora. Deixando-me totalmente de lado.

Eu sou uma mulher insegura, nunca neguei, mas graças aos céus, aparentemente sou uma mulher determinada, segura de si, confiante. Mas no fim, eu não passo de um cãozinho abandonado. E foi assim que me senti essa semana, *abandonada*.

Eu não sei os reais motivos para ele ter se afastado, mas eu sei que tem algo muito errado nessa história. O que exatamente, eu ainda não sei, mas em breve pretendo descobrir. Bernardo admitiu por fim — naquela noite no restaurante —, que algo estava errado, mas não me disse o que era. Tola eu não sou, e ele sabe muito bem disso, estou tentando não pressiona-lo e nem pensar muito na situação, mas a cada dia que se passa ele me vem com alguma desculpa do tipo: “*Hoje eu não vou conseguir te encontrar*”, “*Hoje eu preciso ficar um pouco mais*”, “*Nos vemos amanhã*”, “*Giullie, me desculpa, hoje não vai dar*”. Isso me deixa muito estressada e irritada.

Por que raios ele não me diz o que está acontecendo?

Ele que continue sonhando que eu não vou cavoucar essa história, porque eu vou. Ele não me conhece direito ainda.

Toda a noite, ele batia em minha porta, mas eu nunca atendia. Sei que ele ligou para a Bruna algumas vezes, e ela para me apoiar, dizia que eu estava dormindo com ela. Mas no fim, estava sozinha em meu apartamento, pensando, pensando e pensando. Remoendo os fatos, as curiosidades, montando planos, e treinando um texto para colocá-lo contra a parede.

Vocês devem estar se perguntando, se em algum momento eu cogitei *aquela* possibilidade. E a resposta é bem simples, porém dolorosa: Sim.

Eu pensei mais tempo nisso do que em qualquer outra coisa. Eu pensei em chegar e simplesmente dizer o que todos dizem: “*Acabou. Mas o problema não é você, sou eu*”. Só que isso seria ridículo!

Essa frase é ridícula, e não passa de um absurdo.

O problema não sou eu, o problema é ele, a única coisa que eu estou fazendo é proteger o meu

coração, pois eu não quero quebra-lo novamente. Um dia vocês se apaixonaram e se ainda não, um dia irão, e quando algo ruim acontece nesse relacionamento, à dor que você sente é sem tamanho. Só você sabe o quanto dói. E eu já passei por isso, não quero ter que passar novamente, quero me preservar de futuras amarguras, quero proteger o meu coração e deixa-lo intacto, e eu quero fazer isso antes que seja muito tarde.

Melhor no início, é mais fácil de aceitar.

Mas a verdade é que eu não vou fazer isso.

Não tenho coragem e não quero terminar meu relacionamento com o Bernardo. Eu quero me arriscar, eu quero ter um futuro com ele. Eu me vejo velhinha, ao lado dele. E se para manter ele ao meu lado eu preciso colocar o meu coração em risco, eu vou fazer.

Eu aceito o desafio.

Logo cedo pela manhã, recebi uma mensagem dele me dizendo o que eu já deveria esperar.

Bê: Bom dia princesa. Irei te ver à noite, tenha um ótimo dia. ;D

Quem disse que eu não poderia ficar com raiva?

Eu fiquei tão irritada, que minhas bochechas ficaram vermelhas, minha respiração ficou mais pesada e eu estava pronta para chutar a primeira pessoa que aparecesse na minha frente.

Para descontar um pouco a minha frustração, resolvi ligar para o mecânico onde Lolla estava hospedada e sendo cuidada nas últimas semanas.

— COMO ASSIM ELA NÃO VAI MAIS VIVER? — gritei ao telefone.

— Moça, eu vou lhe explicar mais uma vez. Seu fusca já é velho, ele é do ano de 65, as peças originais custam muito caro e não vale a pena, o motor é muito difícil de encontrar e o valor é muito louco. Lamento lhe informar, mas com toda a grana que a senhora vai gastar, é possível comprar duas Ferrari's.

— Você ficou com a Lolla por quase um mês, e está me dizendo que não tem conserto. É isso mesmo? — falei pausadamente.

— Sim dona Giulliana, seu carro com nome, não tem conserto. Se quiser, podemos desmancha-lo e vender as peças, o dinheiro que der, pego meus 30% e o restante devolvo para a senhora.

— Eu preciso pensar no que fazer ainda. Volto a ligar mais tarde para lhe dar um parecer final — desliguei o telefone e o joguei com toda a minha força na parede.

Pobre Lolla.

Desabei chorosa no sofá, e fiquei agonizando a perda inevitável do meu carro.

Liguei algumas vezes para Bernardo, para ele me dar atenção e ouvir as minhas lamúrias sobre Lolla, mas o infeliz não atendeu nenhuma vez.

Idiota. Sem amor ao próximo. Um péssimo namorado.

Cheguei a Comunica com os olhos inchados e vermelhos. Tentei minimizar os efeitos do choro com maquiagem, mas não fui bem sucedida. Entrei em minha sala, fechei as persianas para ganhar privacidade e quando me virei em direção a minha mesa, congelei.

Havia uma caixa de bombom e um girassol em cima da minha mesa, e antes mesmo de chegar até ela eu já sabia quem poderia ter enviado.

Bernardo.

Liguei novamente para ele, mas ele ainda não me atendia, resolvi ocupar a minha mente e a trabalhar nos novos projetos. A cada hora que se passava, eu recebia um girassol, e a minha fúria ia se dissipando aos poucos.

Ouvi os toques na porta e Bernardo entrou.

— Oi — ele disse.

— Oi — respondi prontamente — Adorei as flores, isso foi bem gentil.

Sem uma resposta, ele vem até mim, me puxa e me abraça com força. Como se a qualquer momento eu pudesse fugir.

Hum está se sentindo culpado. Bom!

— Sou um idiota! Me perdoa por ter te deixado de lado — ele sussurra em meu ouvido.

É realmente um completo idiota.

— Você é um idiota, mas já que está reconhecendo o seu erro, eu vou te perdoar — o afastei, mas continuei com as minhas mãos entrelaçadas em sua cintura — Não faz mais isso, não tem como um relacionamento funcionar assim.

— Eu sei que fui um completo babaca, e demorei a droga de quatro dias pra perceber isso, mas eu vou te recompensar, começando por hoje — suas mãos se encaixaram em meu rosto e seu olhar era de tristeza, arrependimento talvez.

— Vai me recompensar como? — perguntei em expectativa.

— Tenho uma proposta pra te fazer. Quero adiar o nosso encontro italiano, por alguns dias apenas — explicou receoso — Eu pensei que antes disso, nós poderíamos ter pequenos encontros diários. Coisas simples, ir ao cinema, ir à biblioteca, tomar um café, ou melhor, um suco, coisas pequenas, mas que vai nos aproximar a cada dia mais, o que acha disso? Não vou deixar mais nada atrapalhar a nossa relação, muito menos o meu trabalho — tocou suavemente seus lábios nos meus — Eu quero que isso dê certo, e vou fazer tudo para tornar isso possível.

— Você está falando sério? — beijei a ponta do seu nariz — Eu vou adorar. É lógico que eu aceito a sua proposta. Quando será nosso pequeno encontro? — perguntei mais leve e divertida.

— Hoje! Agora! — disse entusiasmado.

—Agora? — perguntei intrigada.

— Sim, hoje o dia está perfeito. O momento é perfeito. Iremos almoçar e, depois meu bem, a tarde é uma criança! — segurou delicadamente meus ombros e beijou minha bochecha — Não se preocupe, a Bruna vai ficar no seu lugar.

Ele pensou em tudo.

— Você é tão bobalhão!

— Sim, eu sou. Seu bobo — disse beijando a minha testa.

— Meu.

Saímos da minha sala de mãos dadas e recebemos muitos olhares confusos, outros maliciosos, mas um foi o que mais chamou a minha atenção. Yasmim me lançava facas com o seu olhar. Seu rosto estava vermelho de raiva, e eu, provocadora que sou, pisquei e esbocei o meu sorriso mais debochado para ela.

Ela literalmente jogou as pastas que estavam em seus braços em cima da mesa, posicionada a sua frente, e saiu furiosa em direção ao banheiro.

Mas a minha alegria durou pouco, recebi um cutucão de Bernardo e logo ele me repreendeu.

— Não faça mais isso. Não te quero metida em confusão, sei que você e ela não se dão bem, mas não provoque.

Bufei.

— Era só o que me faltava Bernardo. Vai sair em defesa dela agora? — parei de caminhar.

Ele se virou para mim e soltou a minha mão — Eu não conhecia esse seu lado rancoroso.

Na verdade, nem eu.

— Me desculpa — puxei a sua mão e entrelacei meus dedos com os seus.

— Me conte tudo, desde o início — pediu.

Enquanto caminhávamos até o restaurante, e durante o almoço, contei toda a história que envolvia a rixa entre mim e a Yasmim.

— Fomos amigas quando crianças, melhores amigas, mas um dia, eu disse para ela que tinha um namoradinho e ela não aceitou muito bem. Tanto que uma semana depois, encontrei os dois agarrados dentro do banheiro feminino da escola. Nunca mais nos falamos depois disso, até ela ser contratada pela vovó. E como pôde ver, eu fui traída mais de uma vez — esbocei um sorriso triste.

— Quantos anos você tinha para ter um “namoradinho” — perguntou seco.

— Oh, que fofo. Está com ciúmes — bati o dedo em seu nariz — Eu estava no ensino médio.

— Isso é muito cedo para se ter um namorado, não? — seus olhos estavam cerrados.

— Oh Bernardo, não me venha com moralismo. Não você. Seja sincero comigo, com quantos anos perdeu o BV — perguntei curiosa.

— Isso não interessa — desviou o olhar.

— É claro que interessa. Me diz! — chutei sua canela por debaixo da mesa — Agora.

— Ai sua maluca. Você tem fetiche por chutes? — perguntou se abaixando e esfregando o local onde o chute o havia atingido.

— Não, é só uma forma de te persuadir a falar — bati os olhos diversas vezes com um sorriso sínico no rosto.

Ele pegou a sua água e enquanto bebia murmurou — Dez.

— O que? Eu não ouvi.

— Dez — disse mais alto.

— Ai meu Deus! Você é um sujo! Eu estou com uma vontade louca de te dar uns belos tapas, seu promíscuo.

Fingi estar revoltada, e fiquei em silêncio durante o restante do almoço para lhe dar um gelo. E acreditem, funcionou. Ele estava muito desconfortável, vez por outra se remexia na cadeira, e eu sentia seus olhos sobre mim.

— Aonde iremos agora? — perguntei fingindo falta de interesse.

— Podemos ir ao cinema. Se quiser...

— Hm, que filme está em cartaz? — comecei a mexer dentro da minha bolsa, procurando algo imaginário.

— Tem vários, eu pensei em ver um de ação que estreou essa semana, parece ser incrivelmente bom, o que acha? — tagarelava.

— Não — vetei.

— Então escolha um.

Dei graças a Deus que ontem na televisão, deu um trailer de um filme de animação de princesas e eu iria fazê-lo sofrer assistindo ao filme comigo.

— Frozen. O das princesas, é esse que eu quero assistir — o olhei arqueando a sobrancelha direita.

Quem o visse, diria que ele havia comido algo estragado ou muito azedo — Princesas Giullie?

— Se você não quiser me acompanhar, pode ir embora, ou então compre um ingresso só para você assistir aquele seu filme besta, pois eu vou assistir ao filme das princesas.

— Ok! Chata, você venceu.

Eu sempre venço.

O fiz comprar os ingressos, pipoca doce, sendo que a preferida dele é a salgada, um suco, sendo que o que ele queria tomar era refrigerante, e chocolates. Enquanto ele segurava tudo isso, puxei os

ingressos da mão dele e entrei na sua frente.

Um pouco mais adiante, quase entrando na sala, escuto Bernardo me chamando do lado de fora.

Hoje eu vou me divertir.

Voltei, fingindo inocência e perguntei antes que ele pudesse falar — Por que não entrou ainda? O filme já vai começar.

Bernardo me fitou furioso e indicou o ingresso dele na minha mão — Você está com o meu ingresso.

Olhei despreocupadamente a minha mão — Ops, desculpa! — soltei uma risada falsa e entreguei o ingresso dele para o rapaz dos bilhetes.

— Eu sei o que está fazendo — Bernardo disse áspero, mas não lhe dei nenhuma resposta.

É bom que saiba mesmo. Está sendo punido, pequeno bastardo.

O filme era ótimo, me diverti bastante e por incrível que pareça Bernardo gargalhou em algumas cenas. Na metade do filme, ele passou seu braço pelos meus ombros e eu me aconcheguei nele. Sou humana e ainda por cima, sou mulher, e uma mulher apaixonada não resiste aos encantos do seu par. Perdemos uns dez minutos do filme, pois Bernardo e eu não resistimos e acabamos nos beijando. E os beijos, um era melhor que o outro, as suas carícias eram delicadas, e eu fiquei no maior amasso com o meu namorado em uma sessão de cinema cheia de crianças.

Saímos do cinema, e começamos a perambular pelo shopping, entramos em diversas lojas de roupas e artigos de decoração. Eu me sentia tão bem ao lado dele, andando de mãos dadas, trocando beijos vez por outra em frente a desconhecidos, e isso é tão bobamente romântico.

Eu o incomodei tanto para me levar a livraria Mega Store do Shopping, que ele cedeu rindo da minha alegria descabida por livros.

Eu estava no paraíso.

Bernardo foi para um lado, e eu fui para o outro. Coloquei diversos livros que ainda não tinha em minha biblioteca pessoal em meus braços, que teve um momento em que eu não conseguia pegar mais nenhum e muito menos ver o que estava a minha frente.

Ri da minha própria situação e acabei tropeçando em algo, deixando que todos os livros que havia pegado, caíssem ao chão.

— Opa! — ouvi uma voz masculina dizendo.

Olhei para o vendedor que me sorria abertamente, um sorriso sincero e cheio de dentes. Abaixei-me rapidamente para pegar os livros e ele fez o mesmo, batendo a sua cabeça na minha.

— Aii — caí sentada no chão.

— Deus, desculpe, me desculpe, eu só queria ajudar — ele disse nervoso enquanto esfregava sua mão na testa.

— Não tudo bem. Acontece — sorri.

— Aonde ia com tantos livros? — perguntou agachado, recolhendo os livros e os empilhando ao seu lado.

— Bom, depois que eu escolhesse todos os livros que eu queria, iria para o caixa realizar o pagamento — comecei a explicar, sem entender muito bem o porquê.

— Sim, sou um idiota por ter feito essa pergunta. Vou lhe ajudar — se levantou, e estendeu a mão para que eu também pudesse me levantar.

Ele me puxou com força, que acabei ficando muito próxima dele. Ele era bonito, jovem, decente, e aposto que amava ler, mas eu estava desconfortável com a situação. E ele deve ter entendido esse momento constrangedor de forma errada.

— Então quer dizer que além de linda e cheirosa, ama ler? — perguntou aproximando seu rosto do meu.

— Eu tenho namorado — tentei me afastar, mas ele apertou a minha cintura.

— Eu não sou ciumento.

— Mas eu sou! — não precisava nem me virar para saber que era Bernardo que falava.

Rapidamente o vendedor me soltou e encarou Bernardo, que me puxou para o seu lado.

— Você sabe que poderia ser demitido? — seu rosto estava tomado por fúria, mas sua voz soou tranquila.

— Eu, eu não tive a intenção — gaguejou o vendedor.

Bernardo, em seu passo altivo e confiante, se aproximou do vendedor e como era mais alto teve que olhar para baixo, e até a mim, ele estava intimidando — Seus dias, camarada, estão contados. Eu vou prestar pessoalmente uma queixa a sua gerência por assédio. E isso é para você aprender a nunca mais tocar em uma mulher que não seja a sua — grunhiu.

Bernardo realmente prestou queixa a gerência da livraria, e para que não fossem processados, eles me deixaram levar os livros que havia escolhido sem pagar nenhum valor. Bernardo estava carregado de sacolas da livraria. Ao chegarmos ao estacionamento, ele largou as sacolas nos bancos de trás do carro, e quando eu ia entrar para me sentar no banco carona, ele fechou a porta, me puxou para o lado, e prensou meu corpo na lateral do carro, apoiando as duas mãos ao lado do meu rosto.

— Eu não posso te deixar dois minutos sozinha, que já vem alguém tentando tirar você de mim — comentou com um sorriso ousado.

— Então não me deixe sozinha — minha voz era firme, e não deixava dúvidas.

— Nunca mais — pressionei meus lábios nos dele e deslizei a língua em sua boca. Bernardo beijou de volta, forte, urgente, confiante e intenso.

Ele deslizou as mãos ao longo da frente de minha camisa, seus dedos cavando em minha pele, puxando-me para mais perto. Enrosquei meus dedos em seu cabelo, e tirei minha boca da dele,

ofegante.

— Bê, estamos em um estacionamento — sussurrei.

— Eu sei — senti seus lábios moverem-se para o meu pescoço, a sua respiração quente e irregular, me fazendo ficar tonta. Fechei os olhos e reuni todas as minhas forças para empurra-lo.

— Tem um segurança e uma família nos olhando Bernardo.

Ele gemeu em frustração e se afastou, passou a mão pelo rosto e depois pelos meus lábios — Ok, vamos sair daqui antes que eu faça besteira.

E assim, voltamos para a casa, quentes, ofegantes e necessitando um do outro.

CAPÍTULO 24

Bernardo

Após a nossa saída do Shopping, resolvemos encontrar Bruna. Jantamos em um barzinho aconchegante no centro. Passamos horas comendo, e ouvindo música que realmente agradava aos ouvidos.

No nosso caminho de volta para casa, Giullie me relatava a notícia que deixou seu pequeno mundo doce, com céu azul límpido, em um mundo cinza e sem vida.

Seu fusca amarelo, com nome de marca de pirulito não tinha mais conserto segundo o mecânico.

— Ele me disse que eu devo mandar desmontar a Lolla e vender as suas peças, os seus pequenos órgãos — disse com os olhos arregalados, e os lábios tremendo.

— Eu sei que queria passar esse carro para a sua próxima geração, mas acho que no fim ele tem razão Giullie. O carro é de que ano? Setenta?

— Sessenta e cinco! — falou orgulhosa e com um leve tom de petulância.

— Então Giullie, são quase cinquenta anos de estrada! — exclamei pasmo.

— Você não entende! — esbravejou — É um tesouro de família, é um bem precioso, se fosse seu, tenho certeza que daria o mundo para consertar esse carro. Mas nããão, você é um idiota sem sentimentos — cuspiu as palavras e cruzou os braços sobre o peito revoltada.

Bufei — Você está sendo ridícula, sabia? Agindo como uma mimada! — acusei.

— Que se dane! Sua opinião não me interessa mais. Quando seu coração gelado voltar a bater quente, caloroso e com bondade, amor e carinho, aí você pode tentar voltar a falar comigo. Por enquanto, eu quero que você e o mecânico, explodam!

— Muito maduro da sua parte agir assim.

— Qual é o problema em entender o quanto aquele carro significa pra mim? — perguntou magoada.

— Nenhum, mas você pode ter outros milhões de carros, se quiser, levo você amanhã logo cedo em uma concessionária e lhe compro o carro que quiser! — exclamei impaciente.

— Nem tudo envolve dinheiro! Só porque você é rico, não significa que precisa esbanjar a torto

e a direito. A questão não é o dinheiro, e sim, o significado que esse carro tem pra mim e para a minha família. Aliás, você sabe o que é família Bernardo? Aposto que não — a última frase foi dita em um tom de voz baixo, ela abaixou o rosto e começou a tirar uma sujeira inexistente da barra de sua saia.

— Isso foi golpe baixo Giullie, e extremamente desnecessário — minha paciência já havia ido para o espaço e não tinha previsão de volta.

— Que seja! Se você tivesse algo de valor, com grande significado, o que não inclui dinheiro nessa lista, e lhe dissessem que havia sido quebrado, destruído, queimado ou qualquer outra coisa que causasse um dano ao objeto, você ia sentir o mesmo que eu.

— Tudo bem Giulliana, eu entendi — suspirei frustrado — Vou lhe ajudar a pensar em algo para fazermos em benefício à Lolla. Eu prometo. Certo?! — peguei a sua mão e apertei, em sinal de apoio e compreensão.

Fizemos o restante do percurso em silêncio, era palpável o desconforto e tristeza que emanava dela. Então, resolvi dar um tempo para ela colocar seus pensamentos em ordem.

Chegamos ao nosso prédio tarde, passava das onze horas e Giullie rejeitou a minha proposta de dormir em sua casa, acho que ela ainda está magoada e resolveu me punir um pouco mais.

Merecido.

Deixei-a em frente à sua porta e me despedi lhe dando um beijo carinhoso em sua testa, e como se ela fosse fugir, a abracei com força.

— Boa noite minha princesa.

— Boa noite, bobalhão — sorri da menção que ela fez.

Subi as escadas até o meu apartamento. Entrei, e joguei às chaves no aparador, chamando a atenção do pequeno *sarnento* deitado perto da grande janela. Cake veio correndo em minha direção, desesperado por atenção, não sabia se pulava, balançava o rabo ou latia de felicidade. Agachei-me e comecei a brincar com ele.

— Ei garotão. Sentiu saudades? — passava a mão pelo seu pelo liso, e bem cuidado.

Peguei seu ursinho rosa, que Giullie havia lhe dado de presente.

Quando eu notei a cor do urso, eu perguntei em dúvida se ela sabia que Cake era macho, mas segundo ela, a cor era indiferente, pois eles só enxergavam em preto e branco. E, além disso, ela havia se apaixonado pelo urso, fazendo questão de presentear o seu cachorro, que, diga-se de passagem é macho, com um urso de pelúcia rosa. O urso está encardido, destroçado, sem uma orelha, e meio aberto na parte que deveria ser o seu estômago, mas mesmo assim, Cake não larga de mão — ou melhor, pata e boca — esse urso, e entra em desespero quando começo a jogar de um lado para o outro a pelúcia.

— Pega Cake! — batia palmas para chamar a atenção dele — Pega!

Ficamos assim por uns bons vinte e engraçados minutos, brincando, eu atiçando a curiosidade

dele, deixando ele nervoso, e me divertindo.

Depois dessa brincadeira toda, estava suado e cansado, havia esquecido de ligar o ar condicionado, e o calor que fazia nesse verão, não era nenhuma brincadeira. Estava terrivelmente quente, tanto na rua, quanto em qualquer outro lugar fechado. Um calor insuportável, e a previsão de chuva era para daqui duas semanas. Se é que iria chover.

Entrei no chuveiro e me demorei o máximo que poderia, tomei um banho gelado, mas a água estava morna, saí do box e me sequei, me joguei de toalha e tudo em cima da cama. Liguei a televisão no telejornal e estava dando as notícias do esporte. Finalmente meu time conseguiu ganhar um jogo depois de tantas derrotas consecutivas. Eu, e acredito que todos os torcedores, já estavam querendo a demissão do técnico, afinal, qual é o problema desse cara? Tem dois jogadores incríveis na reserva e esse paspalho não os põe no jogo, isso não existe, ele merece mesmo ser demitido. Aposto que se eu fosse o técnico as coisas não estariam assim, e provavelmente seríamos campeões do estado.

E com isso, tive uma ótima ideia, eu admito, sou um cara muito sortudo, a mulher mais linda do mundo, e a mulher pelo qual estou apaixonado, torce loucamente para o mesmo time que o meu. Nesse domingo posso levá-la ao jogo, tenho certeza de que ela vai adorar.

Enquanto me trocava, e colocava uma bermuda, as notícias do esporte acabaram, e começaram novamente as notícias sobre tragédias — e podem me julgar se quiserem —, mas eu não suporto ver notícias trágicas, me parte o coração e me deixa deprimido. Por isso, é sempre nesse momento, que vou verificar como estão as minhas ações na bolsa de valores.

Vou até o meu escritório, digito a senha para entrar na sala e ligo um dos mais modernos e melhores computadores do mercado que está posicionado no meio da mesa marrom escuro. O meu escritório é um escritório do futuro, que presa pela sustentabilidade e pela inovação, tudo muito espaçoso e confortável, o material dos móveis e da maioria dos objetos são feitos de fibra natural e com madeira de reflorestamento. Tenho uma parede falsa, onde escondo um cofre com diversos documentos importantes, além de dinheiro. Tudo bem feito, com o cuidado redobrado para que ninguém descubra qual parede está localizado esse cofre.

Eu possuo ações desde os meus 15 anos, ganhei de aniversário do meu pai, grande presente, não é mesmo? Além disso, faço parte de um clube de investimento, no qual André, Hugo e Felipe, estão junto comigo. O sangue de um economista corre nas minhas veias, e eu realmente adoro ser um.

Já aproveito para entrar no site do meu time de futebol para comprar os ingressos para a partida de domingo à tarde, não vai ser um jogão, mas vai ser bom conhecer a torcedora que se esconde dentro da Giullie. No fim, não sei se devo comprar os ingressos para um setor tranquilo, ou se devo levá-la para o meio do agito, da loucura e euforia. Acabo optando por comprar os ingressos para a torcida popular, acho que irei conseguir agradá-la.

Acabo pegando no sono, e apoio à cabeça na mesa. Algumas horas depois, sou acordado pelo toque do meu telefone celular, tateio até achá-lo e o atendo ainda sonolento.

— Bernardo Gomes, bom dia — mesmo que ainda seja noite digo bocejando. Toco na tela sensível para que a ferramenta do viva voz ative.

— Sabe onde sua namoradinha está? — ao ouvir o sotaque europeu carregado e cheio de

malícia, meu instinto de segurança se põe em alerta.

Nesse momento, já estou totalmente desperto.

— Você não se cansa desses joguinhos? — levanto e começo a andar pelo escritório.

— É melhor começar a se questionar onde a princesa Puccini está — desdenhou.

Engoli em seco — Se você encostar em um fio de cabelo dela... Se você chegar perto dela, eu vou matá-lo — urrei desligando o telefone, e correndo em direção ao apartamento de Giullie.

Desci as escadas do corredor como um jato supersônico, esmurrei a porta diversas vezes, e apertei a campainha outras mais. Nesse momento, a memória não conseguia processar que eu tinha a chave do meu apartamento no meu chaveiro.

— Giulliana! Abre essa porta! — continuava a bater — Abra logo essa merda de porta!!

Eu estava gritando e isso deixou os cachorros da vizinha, latindo desesperadamente.

Vejo as luzes se acendendo, noto o vulto dela espiando pelo olho mágico, e o barulho da tranca sendo aberta.

— Pelo amor de Deus, qual é o seu maldito problema? — perguntou sonolenta, enquanto abria lentamente a porta.

Ela estava dormindo, concluí.

Em segurança.

Seu cabelo estava bagunçado, a alça da blusa do seu pijama estava caída e o short estava torto. A empurrei de volta para dentro, não sem antes dar uma última olhada para o corredor deserto, checando se estava tudo tranquilo e seguro.

— Tive um pesadelo — menti.

— Ótima explicação por ter me acordado no meio da noite e ter quase arrombado a minha porta — foi até a cozinha, arrastando os pés.

— Fiquei um pouco assustado — me joguei no sofá, soltando a respiração.

Minutos depois, a vi voltando com duas xícaras de chá. Me entregou uma, e a sua, deixou em cima da mesa de centro.

— Conte-me — sentou-se, e se aconchegou em meu peito — É de camomila, tome, vai se sentir mais calmo.

— Obrigado — tomei um gole do chá.

— E então... — induziu.

— Sonhei que havia recebido uma ligação, e que você estava em perigo. Acordei assustado e vim correndo pra cá — passei o braço pelos seus ombros, a aproximando mais ainda de mim.

— Hm, como pode ver, estou ótima.

— Sim, mas eu queria ter certeza disso.

— E depois vem me dizer que não é meu cavaleiro de armadura branca — sussurrou em meio a um bocejo.

Fiquei em silêncio me corroendo por dentro, por não ser o que ela precisa e espera. Terminei de tomar meu chá, mas o gosto amargo em minha boca, e a sensação de aperto no peito, não me largava. Eu sou um idiota, um mosca morta sem noção. Não sei por quanto tempo vou conseguir levar essa história e essas mentiras adiante. Devo contar toda a verdade, antes que seja muito tarde.

Será que realmente devo?

Sim, chegou à hora. Não posso mais deixá-la no escuro.

— Giullie?

— Hm.

— Eu preciso te contar uma coisa — digo relutante.

— Hm.

— Está me ouvindo? — levantei lentamente seu rosto delicado e seus olhos estavam fechados, ela havia adormecido — Dorme meu amor, teremos tempo para conversar em outro momento.

Beijei o topo da sua cabeça e a peguei no colo, levando-a para a sua cama que ainda estava com as marcas do seu corpo. Acomodei-a e me deitei junto dela, a abraçando e adormecendo ao seu lado, com um sono, não tão tranquilo quanto o seu.

Acordei cedo, dormi apenas algumas horas depois do meu *sonho* de terror. Giulliana dormia profundamente, em paz, sem preocupações. Levantei-me, fui ao banheiro e me escovei — sim, eu já tenho uma escova de dente dentro do seu armário no banheiro. Peguei o seu notebook, e abri o navegador. Havia muitas páginas abertas, documentos e notas, acabei não resistindo e li os documentos que eram sobre a minha pessoa e a minha empresa. Receoso, maximizei as janelas do navegador que estava aberto, e as notícias todas eram sobre mim, e todas datadas de alguns anos atrás. O ano em que fui alvo de bombardeios midiáticos, no qual, nem todas eram mentiras.

Ela está pesquisando sobre mim, e se ela cavoucar um pouco mais, é capaz de descobrir quem é o responsável pelas ligações e ameaças.

Que merda mesmo!

Fechei a tampa do notebook com força, raiva e medo.

Raiva por ela estar indo atrás do perigo sem nem saber disso, e medo por ela descobrir a verdade por outros meios que não seja eu, e por ela sofrer algum impacto que causará danos permanentes.

E agora? Como posso protegê-la desse modo?

— Bernardo? — a vejo parada em frente à porta do seu quarto.

— Te acordei? — perguntei, empurrando levemente o computador para o lado, tentando disfarçar o fato de que estava mexendo em suas coisas.

— Não. Eu só acordei por que estava com sede — passou reto e foi em direção à cozinha — Você vai pra MAG hoje?

Fui atrás dela, a enlacei pela cintura dando um beijo em sua nuca — Não, hoje vou pra Comunica com você, tenho muitas pendências lá para resolver.

— Que bom, assim podemos almoçar juntos.

— Sim, podemos. Pense em algum lugar que tenha uma comida deliciosa e eu a levarei lá — roço o nariz em seu cabelo desgrehado e sinto o cheiro de seu shampoo de chocolate.

— Vou dormir mais um pouquinho, me chama quando chegar à hora de me arrumar para irmos juntos? — se vira, e me beija de modo casto e delicado.

— Sim madame, seus desejos são uma ordem! — reverencio e arranco um sorriso lindo, brilhante e sincero de seu rosto.

O cupido me acertou em cheio. E no fim, só tenho a agradecê-lo por fazer com que eu me apaixonasse por essa grande, maluca, doce e linda mulher.

Enquanto Giullie volta para o seu quarto, eu pego o celular rapidamente e disco o número de André, eu estava eufórico, mas ele não atendia, tento novamente, ouço chamar mais algumas vezes e antes mesmo que ele possa dizer ‘Alô’ eu digo:

— André, eu a amo!

CAPÍTULO 25

Giulliana

Desde que o Bernardo me convidou para aquele jantar *pra lá* de romântico, se passou um mês. Confesso que estou ansiosa para essa noite, parece até que eu vou dizer o “*Sim, eu aceito*”. Nossos encontros têm sido incríveis, divertidos e extremamente românticos.

Tenho certeza que muita mulher não iria considerar ida ao estádio de futebol romântico, mas eu adoro futebol, estou sempre por dentro das notícias esportivas e sempre que posso, provocho André e Hugo sobre os times deles, o que resulta em discussões que duram horas, e se bobear, poderiam durar dias, um é mais fanático que o outro.

Por mais que eu tente dizer o contrário, eu acho que Bernardo está procrastinando esse jantar. Sempre que eu pergunto sobre o assunto, ele dá um jeito de desviar a conversa, e isso me deixa um pouco temerosa. Ao menos para mim esse jantar vai permitir que a nossa relação se torne completa, estou pronta para dar um passo extremamente importante. Eu sei que para muitos isso é algo normal, natural, e super tranquilo, beijou e *cabum*, mas para mim não, afinal, eu só tive um cara com quem me relacionei além do “*dividir um lanche*” — que foi Rodrigo —, Bernardo é um novo começo, um em que aposto todas as minhas fichas de que será para sempre. Eu tenho certeza que para ele, tem sido difícil resistir aos impulsos do corpo, assim como tem sido para mim, mas eu quero que seja especial, perfeito.

Bruna afirma com veemência de que ele está planejando algo, por isso a demora em confirmar quando esse jantar irá sair. Pedi para ela sondar André, mas ele diz não saber de absolutamente nada. Então, a única alternativa que me resta é aguardar, caso demore mais tempo, eu vou ser obrigada a tomar a iniciativa.

Eu tenho sido uma mulher feliz, completa e realizada, minha relação vai de vento em polpa. Não somos perfeitos, se é isso que está se questionando, nós brigamos e muito, mas até mesmo essas brigas se tornam insignificantes perante o que sentimos um pelo outro. E hoje, o meu dia não foi nada agradável, entramos em discussão novamente sobre a Lolla e isso me deixou arrasada.

— Como você está se sentindo? — Bruna me olha preocupada.

— Ele é um grosso, mal educado e idiota. Nem pra me apoiar em um momento como esse — choraminguei.

Estou de luto, Lolla foi a leilão.

Meu bem mais precioso foi vendido a algum colecionador de carros clássicos e eu não pude fazer nada. Não fiz nem questão de conhecer o comprador, pois sei que eu iria me arrepender. Não que eu já não esteja, mas era capaz de meu arrependimento se tornar em raiva e eu partir para cima de quem ousou comprar minha *pequena* Lolla.

— Uma hora ele vai entender Giullie — tentou remediar.

— Tarde demais Bruna, eu não preciso que ele entenda mais nada, quando eu precisei, ele não fez questão, agora, eu quero mais é que ele se dane.

— Você é quem sabe, eu acho que isso é um pouco de birra da sua parte, mas quem sou eu pra julgar?

— Vamos mudar de assunto — cortei.

— Tudo bem. Você vai ao clube hoje? — perguntou, enquanto acionava o alarme do carro.

— Não, o Bernardo vai chegar tarde, de novo — suspirei — E provavelmente cansado, então eu vou ficar com ele.

— Eu não entendo essa relação de amor e ódio entre vocês dois — bufou.

— Olha quem está falando né?! Você e o André não são nada diferentes disso — acusei e comecei a rir da situação.

— Sabe o que é pior?

— O que? — perguntei curiosa.

— Eu não posso discordar — comentou frustrada.

Continuamos a conversar sobre André e Bernardo, ambas frustradas e revoltadas com diversas situações, mas esse tipo de conflito não fazia nem cócegas na nossa relação com eles. Bruna me deixou em casa e foi encontrar André, pelo visto, os dois estavam começando a se acertar.

Organizei e limpei todo o apartamento, o deixei *brilhando*. Estendi as roupas na área de serviço e logo após fui tomar um banho para relaxar. Antes de ir para o apartamento dele e o esperar, eu fui até o nosso restaurante favorito, peguei nosso jantar e voltei calmamente pela Praça com Cake.

Ao colocar a chave na porta, percebi que a mesma já estava aberta, provavelmente Bernardo havia chegado antes do esperado. Empurrei a porta com o pé e a visão que eu tive não foi nada, mas nada agradável.

A loira, linda, alta e maravilhosa, ex-namorada dele estava com a bunda atracada no sofá, teclando freneticamente com suas lindas unhas no celular.

— Ah, finalmente você chegou, já estava cansada de esperar — disse sem nem ao menos olhar em direção à porta.

— O que faz aqui? — perguntei de forma grosseira, conseguindo chamar a sua atenção para mim.

Ela me olhou de cima abaixo, olhou com cara de repulsa para Cake e para as sacolas em minhas mãos.

— Eu que devo fazer essa pergunta. O que você faz aqui sua sem vergonha? — apontou seu indicador fino com um grande anel de diamantes em minha direção — Acha que aqui é a casa da mãe Joana pra você vir quando bem entender?

— Você só pode estar zoando com a minha cara né? — entrei e larguei as sacolas em cima da mesa de jantar — É melhor você sair daqui agora, se não, eu vou chamar a polícia por invasão a domicílio.

— Pode ficar à vontade, faço questão de denunciar você, sua ordinária — rebateu furiosa.

Era só o que faltava para completar o dia.

— Olha aqui Luana, qual é a parte que você não entendeu que o Bernardo terminou o namoro com você e que agora ele me tem como sua namorada? E qual a parte que não ficou clara do “Sai daqui agora”? — arqueei a sobrancelha direita — Tudo bem, eu também sou loira, mas poxa, você além de loira, é burra.

Eu já sabia o que estava prestes a acontecer, mas mesmo assim, eu não estava pronta para participar de uma rinha de galinhas, ainda mais por eu não saber me defender muito bem, e ela ser mais alta que eu, e ter mais ódio no coração do que eu. Sei também que eu não deveria provocar, mas às vezes eu não consigo conter a minha língua afiada.

Luana largou suas coisas com raiva em cima do sofá e partiu com as suas mãos direto para o meu cabelo. Mas como se não bastasse, eu acabei arranhando o rosto dela, o que a deixou ainda mais possessa de raiva, ficamos nos engalfinhando, trocando ofensas, meu rosto e pescoço estavam arranhados, assim como o rosto dela. Já havia perdido um grande chumaço de cabelo, mas eu não iria simplesmente sentar, cruzar os braços e esperar ela acabar com a minha raça, eu tinha que me defender.

— Que merda é essa?! — quando ouvi o grito do Bernardo, Luana estava sentada em cima de mim, tentando atingir meu rosto, além de estar xingando todas as minhas gerações.

Bernardo a arrancou de cima de mim, e a arrastou pelo braço esquelético até a porta, logo em seguida voltou, pegou as coisas dela e jogou no chão do corredor.

— Se você aparecer novamente na minha casa e tentar machucar de qualquer maneira a minha mulher, você vai se arrepender Luana! — sentenciou.

— Mas baby... — bateu a porta sem nem esperar para ouvir as desculpas esfarrapadas daquela bruxa.

— Meu Deus Giulliana! O seu rosto está uma porcaria — disse me olhando de forma preocupada.

— Sua ex, é uma vadia psicopata — massageei o couro cabelo.

— Vou te levar pro banheiro, vamos limpar essa bagunça — a bagunça em questão, era o meu rosto — O que aconteceu aqui? — me ofereceu a mão para que eu levantasse do chão.

— Essa infeliz ainda tem a sua chave! — esbravejei.

— Impossível Giullie, eu troquei a fechadura da porta — disse de modo defensivo.

— Ah é, agora estou inventando história — ironizei.

— É sério, eu troquei a fechadura da porta, impossível ela ter entrado aqui com a chave.

— Não é impossível, sabe por quê? Porque ela estava aqui! — gritei ensandecida — Eu cheguei e ela já estava aqui, com toda certeza não foi com a minha chave que ela entrou e muito menos não era a mim que ela esperava — acusei.

— Eu espero que você não esteja imaginando coisas nessa sua cabecinha — passou um algodão com soro em meu rosto.

— Não estou imaginando, não é necessário.

— Giulliana, é melhor parar com isso. Esses ataques de ciúmes e desconfianças não combinam com você. Eu não tenho nada, e nem falo com a Luana há meses.

— E por que ela tem a chave do seu apartamento? — perguntei magoada.

— Eu juro que eu não sei, mas prometo descobrir, tudo bem? — me deu um selinho enquanto eu acenava positivamente com a cabeça.

Meu rosto estava uma obra de arte do inferno, de tão vermelho que estava.

— Você levou uma bela de uma surra, hein? — enquanto ele limpava meu rosto, ele assoprava para amenizar a ardência.

— Nem vem que ela também ficou péssima — reclamei.

— Essa é a minha garota, nunca sai perdendo — disse sorrindo de modo galante.

Depois de limpar todo meu rosto, Bernardo deu um pouco de atenção ao Cake, enquanto eu esquentava a comida que já estava fria, jantamos assistindo desenho, com as pernas entrelaçadas e vez por outra, roubando pequenos e rápidos beijos um do outro. Ficamos juntos durante algumas horas e logo depois Bernardo se foi para o seu apartamento. Decidimos passar as noites cada um em sua casa, privacidade e espaço faziam bem vez por outra. Além de acalmar os ânimos.

Rolei de um lado para o outro na cama, o calor era tão insuportável que o ar condicionado não dava conta, e como em todo verão acontece, hoje não poderia faltar, um apagão por excesso de consumo causado pela onda de calor se sucedeu e me deixou no escuro.

Agora vem a novidade: Eu odeio o escuro.

Eu odeio não ter um feixe de luz por perto para me guiar, eu odeio ficar sozinha e ser atacada por algum monstro, ou que algum assaltante invada minha casa e acabe me assassinando porque não viu onde atirou. Eu admito que isso seja um pouco dramático demais, mas o medo que eu sinto acaba me cegando e queimando todos os meus neurônios. Além de começar a suar, eu podia sentir os meus olhos úmidos, afinal, eu estava em casa, sozinha, propensa a ataques e completamente indefesa.

Tateei a mesinha de cabeceira até achar o meu celular, tentei ligá-lo, mas o alerta de que a bateria estava muito fraca me deixou em pânico.

A pergunta que não quer calar é: Por que normalmente a falta de luz é no meio da noite? Por que não durante o dia?

Como vou pedir para o Bernardo vir ficar aqui comigo, se essa porcaria de celular não me ajuda?

Eu teria que arriscar.

Ou eu ficava em casa e esperava de boa vontade a volta da luz, ou eu iria até o Bernardo e ficaria tranquila e segura em seus braços. Obviamente, a segunda opção ganhou em disparada. Antes de chegar à sala, eu já havia esbarrado em diversos cômodos da casa. Provavelmente, eu teria muito mais do que a minha cara ferrada de tantos tropeções que eu dei. Peguei Cake no colo, tirei as chaves da porta e demorei alguns minutos para fechar a mesma. Andar pelos corredores e pela escada era fácil, pois havia luzes de emergência por tudo, ouvi um barulho desagradável e *pra lá* de assustador e corri em direção à porta dele, batendo freneticamente, e cada batida que eu dava, parecia que séculos, eras se passaram, até eu o ouvir perguntando quem era.

— Sou eu Bê, abre logo essa porcaria — estremeci.

— Giullie? — perguntou, seu cabelo levemente amassado, seu rosto com marcas do travesseiro e seus olhos sonolentos denunciavam que ele estava dormindo — Aconteceu alguma coisa?

Entrei voando, sem nem pedir licença e tranquei a porta rapidamente, abraçando Bernardo com força.

— Só tava pensando que hoje nós poderíamos dormir juntos — sorri fracamente, limpando as mãos úmidas e frias no short de pijama.

— Hm, mas porque agora?

— Eu tô com vontade ué — menti.

— Tudo bem, toma cuidado pra não bater em nada — pegou em minha mão e me guiou até o seu quarto.

Ah, se ele soubesse que eu já estou toda roxa.

Deitamo-nos juntos, um de frente para outro, apesar da falta de luz, eu consegui enxergar o contorno do seu rosto, e os seus olhos atentos aos meus. Ficamos assim por um tempo, mas eu não consegui dormir.

— Eu tenho medo — soltei.

— Do escuro. É eu percebi — passou a mão em meu rosto.

— Percebeu? — eu estava curiosa.

— Giulliana Maria Puccini, eu sei lê-la como ninguém.

Sim, ele sabia.

Meu coração agora estava aquecido, confortável e calmo.

— Canta pra mim — pedi.

— Sim, minha Princesa.

Ele começou baixinho, calmo, num sussurro.

I'll shut down the city lights

I'll lie, cheat, I'll beg and bribe

To make you well, to make you well...

Eu estava quase pegando no sono, quando o escuto cantando a próxima estrofe, me deixo levar e acreditar, ele cantarolava sem nenhum tipo de preocupação enquanto alisava o meu cabelo, colocando minha franja para trás.

You would never sleep alone

I love you long after you're gone

And long after you're gone gone gone...

Bernardo nunca havia dito que me amava, e eu acabei de entender que por meio dessa música ele deixou seus sentimentos expostos, e de forma significativa, claros.

Ele me amava, assim como eu o amava.

E assim como ele, eu faria qualquer coisa para vê-lo feliz, vê-lo bem.

Like a drum, my heart never stops beating for you...

Adormeci contente, satisfeita e completamente mulher.

CAPÍTULO 26

Bernardo

Todo mundo já sabe que eu sou completamente louco pela Giulliana, sei que ainda não disse descaradamente aquelas três palavrinhas, mas ontem à noite, *caramba, eu me declarei claramente para ela*, eu cantei uma música que demonstrava tudo que eu seria capaz de fazer por ela, por todo o amor que eu sinto por ela.

Mas o que está me corroendo é não saber se ela percebeu o sentido da música.

Ao acordarmos a luz já havia voltado, e ela agiu como se eu não tivesse dito nada demais, como se fosse apenas uma música qualquer, eu resolvi não comentar, mas eu estava frustrado, tão frustrado que acabei queimando minha camisa com o ferro.

— Bernardo! — tirou o ferro das minhas mãos.

— O que? — perguntei alienado.

— Hoje você acordou no mundo da lua — puxou a camisa e mostrou o estrago que eu havia feito — Vai tomar banho, eu passo uma camisa nova pra você.

— Merda — eu gostava daquela camisa — Merda! — chutei a ponta da cama.

— Ei, ei! — segurou meus braços — Aconteceu alguma coisa?

— Sim Giullie, aconteceu! — gritei irritado e ela recuou assustada — Desculpa, eu...

— Vai pro banho Bernardo, depois a gente conversa — me deu as costas.

Entrei no banheiro e bati a porta com força.

Sei que ela não tem obrigação de ler nas entrelinhas, então não consigo entender o porquê de estar tão irritado com isso. Eu estava agindo como um perfeito idiota, aliás, era isso o que eu era: um idiota, mentiroso, traidor e sem vergonha.

Se eu quisesse ter Giullie como minha em todos os sentidos eu precisava abrir o jogo e ser claro com ela, contar tudo e aceitar o que ela pudesse me oferecer.

Mas é nesse momento que o medo me invade com todas as forças, e se ela não aceitasse? E se ela só me oferecesse desprezo? Eu sei que fiz muitas bobagens, mas isso foi antes de conhecê-la, antes de ela mudar a minha vida completamente, ela teria que entender, ela *precisava* entender.

Ativei o jato de água fria e estremei quando a água gelada bateu com força em meu corpo quente. Demorei mais alguns minutos e resolvi sair. Iria preparar o nosso café da manhã, pedir desculpas pela minha grosseria e iríamos juntos para o trabalho.

Saí do banheiro e encontrei o quarto vazio, a camisa passada estava pendurada na poltrona. Fui atrás dela, mas o apartamento estava vazio, ela havia ido embora.

Encontrei um bilhete seu preso na geladeira.

Nos vemos na Comunica. Tenha um bom dia. <3

Parabéns Bernardo, você continua pisando em ovos com ela.

Me vesti, peguei a minha pasta, e saí. Não estava no horário de ir trabalhar ainda, então resolvi dirigir para me acalmar, aproveitei e liguei para a minha mãe que chegaria hoje de Londres, coloquei o celular no viva voz e esperei ela atender.

— Enri, estou tão ansiosa! — sua voz vibrava de felicidade.

— Oi mãe, já está em São Paulo?

— Sim, mas sabe como voos de conexão demoram, vou chegar a Porto Alegre umas 11h.

— Vou te buscar no aeroporto, então fique quietinha me esperando, ok?

— Baby, você está bem?

— Não mãe. Eu sou um merda com ela.

— Eu duvido meu amor — minha mãe não sabe nem metade das bobagens que eu fiz.

— Ah mãe, deixa pra lá. Eu vou tentar levar ela para que a senhora possa conhecê-la.

— Vou esperar você meu bem. Te amo.

— Também te amo, tchau.

Dirigi por mais uma hora e só depois de tomar um café preto segui o rumo da editora. Antes mesmo de ir para a minha sala, fui até a sala dela.

— Ei — entrei sem bater.

Giulliana, apenas me deu uma olhada, mas não me cumprimentou de volta.

— Você sabe que a minha mãe tá chegando hoje, quero saber se você vai junto comigo busca-la no aeroporto.

— Tá — respondeu curta.

— Giullie, a gente precisa conversar. Sexta-feira nós iremos jantar e eu vou poder te explicar tudo.

— Bernardo, quer saber? Eu tô cansada de esperar a sua boa vontade de me contar o que está acontecendo. A verdade é que eu não quero mais saber, sempre soube que isso não ia dar certo — se

levantou e me olhou séria.

— Eu espero que você não esteja pensando nisso.

— Cogitei essa possibilidade. Diferente de você eu sou franca.

Ok, ela acabou de cutucar uma ferida e isso me deixou furioso.

— Como quiser. Quer acabar com essa palhaçada? Sinta-se à vontade.

— Uau, bem maduro da sua parte — analisou as mãos em descaso — Nosso relacionamento era uma palhaçada... Interessante.

Não! Não foi o que eu quis dizer.

— Não Giullie, não! Não é isso.

— É o que então? — gritou.

— A situação, eu me refiro à situação. Não ao que nós temos.

— Sai Bernardo. Eu não quero falar contigo agora. Sai! — apontou em direção à porta, seu rosto estava ficando vermelho.

— Não vou sair daqui enquanto não nos entendermos — digo decidido.

— Ok, pode começar a me explicar porque foi tão grosseiro comigo hoje de manhã. Achei que nós estávamos bem!

— E estávamos, quer dizer, estamos!

Ela ficou em silêncio, esperando uma resposta melhor, uma resposta completa. Eu só não sabia como explicar para ela a forma que me senti.

— Você nem percebeu!

— O que?

— Viu? Você nem percebeu! — passei a mão pelo rosto — É difícil pra mim, sabia?

— Desculpa, mas eu não estou te entendendo.

Respirei fundo, puxei um pouco os cabelos para amenizar a raiva e a frustração.

— Giullie, eu cantei pra ti ontem...

— Sim, e?

— Eu cantei uma música pra ti.

— Ah Bernardo, dane-se! — explodiu — Você acha que eu sou adivinha? Explica direito!

— Eu cantei pra você, eu me declarei pra você por meio dessa música e eu te amo, droga! — soltei, e o peso que parecia estar em mim, sumiu.

Olhei para Giullie que estava com a boca aberta, os olhos arregalados, completamente congelada no lugar. Só era possível ouvir as nossas respirações. Provavelmente todos que trabalhavam do lado de fora dessa sala, ouviram a nossa discussão e resolveram se calar, pois o silêncio era ensurdecedor.

— O que você disse?

— Que eu te amo — falei mais calmo, e contente por conseguir me expressar.

— Repete.

— Eu. Te. Amo — fui me aproximando dela.

Por mais que não eu tenha imaginado dessa forma, eu precisava dizer o que sentia por ela. Não saiu conforme o planejado — me declarar somente no jantar —, mas eu estava feliz por ter admitido.

Ela sorriu um sorriso satisfeito, contente, seus olhos brilhavam. E eu não consegui me conter e sorri junto, segurei-a pela cintura, e disse perto de seus lábios:

— Eu te amo Giulliana, te amo como nunca amei ninguém, te desejo e te quero como nunca quis ou desejei alguém — aproximei seu corpo para mais perto do meu — Eu te amo, a ponto de fazer loucuras por você, eu te amo, e te quero para o resto da minha vida. Eu amo essas tuas manias, eu amo o jeito que você prende o cabelo, o jeito que dorme, o teu sorriso, eu amo ser o homem que você escolheu, eu amo ser teu.

Era visível, ela não cabia em si de tamanha felicidade e nem eu, ela chorava, mas eu sabia que as suas lágrimas eram de emoção. Ela colocou sua pequena mão no meu coração e disse aquilo que eu precisava ouvir para ser um homem completo.

— Eu te amo Bernardo, como se não houvesse o amanhã — beijou meu queixo — Eu te amo, meu Deus, como eu te amo!

Seguro seu rosto com as duas mãos e coloco a minha boca na dela em um ímpeto quase selvagem. Suas mãos agarram meu cabelo com força.

Esse beijo era diferente de todos os outros que tivemos, era embriagante, selava o que sentíamos um pelo outro.

Puxo seu corpo para mais perto do meu. Se eu pudesse me fundir a ela, eu o faria.

Giullie interrompe o nosso beijo, e ri me contagiando com sua alegria, sorriu em resposta para ela e beijo seus lábios suavemente.

— Você me faz bem — beijo a sua testa, e a abraço — Me faz tão bem.

CAPÍTULO 27

Giulliana

Conhecer a mãe do Bernardo foi incrível, ela é um doce e super elegante. Confesso que meu nervosismo ao encontra-la pela primeira vez estava no mesmo nível de quando me disseram que eu iria conhecer pessoalmente Gary Lightbody da minha banda predileta Snow Patrol. Sério, eu quase tive uma síncope quando vi aqueles cabelos encaracolados, aquele sorriso meigo, aquela barba rala, *ah, perfeito*.

Deus queira que o Bernardo não tenha a capacidade de ler os meus pensamentos sujos com o Gary.

Só de imagina-lo olhando para mim... Eu teria uma síncope, com toda certeza.

Voltando para a mãe do Bê... Ela é linda, educada e, *por favor*, ficou bem claro de onde toda a beleza do Bernardo vem.

A buscamos no aeroporto e depois almoçamos os três juntos em um restaurante fino e caríssimo, que Bernardo fez questão de nos levar e pagar toda a conta. Eu estava completamente aérea, a única coisa em que eu conseguia pensar era que Bernardo havia se declarado para mim, de forma torta, mas que para mim não poderia ser mais perfeito.

É incrível o quão rápido ele foi me cativando, seu sorriso, seus longos cílios de causar inveja, seu corpo forte e aquele olhar... Se fosse verdade aquela história de que cada um tem a sua alma gêmea, então eu finalmente havia encontrado a minha.

Bernardo insistiu para que a sua mãe ficasse em sua casa, mas segundo ela, os nossos lares — meu e o dele — eram o recinto dos pombinhos. Eu achei completamente retrógado esse tipo de pensamento, mas guardei essa informação para mim, no fim, ela iria ficar em um hotel no centro da cidade, Bernardo a levou até lá e acabou esquecendo o celular dentro da minha bolsa.

Já havia tocado muitas vezes, e sempre de um número desconhecido, das primeiras vezes nem pensei em atender, mas agora aquilo estava me incomodando. A primeira vez que atendi, era a Luana, sim, até eu fiquei pasma com a ousadia da garota. Resumindo a conversa, eu a ameacei dizendo que iria denuncia-la por perseguir ao Bernardo, e ela desligou me xingando de muitas coisas.

— Alô — praticamente lati ao telefone.

— Ora, se não é a futura Senhora Gomes — o desconhecido desdenhou.

— Quem está falando? — desconfiei.

— Ah, aqui é um grande, grande amigo do seu noivo, muito próximo.

— Bom, olá amigo do meu noivo, você tem nome, ou Grande Amigo Do Seu Noivo é o seu nome? — sério, detesto essas pessoas que ficam fazendo charadinhas por chamada telefônica.

— Apenas diga para Bernardo que eu quero o que me pertence — Sem mais delongas, desligou.

A minha mente fértil começou a trabalhar imediatamente, tentando buscar em algum canto do meu cérebro algo que eu pudesse ligar a essa chamada, mas a única coisa que me veio foi aquele suspense todo do Bernardo com *certos* assuntos. Havia deixado de lado as minhas buscas, deveria voltar as minhas pesquisas e aproveitar para pressionar Bernardo para me contar tudo o que ele estava tentando esconder. E a voz no telefone, a voz não me era estranha, infelizmente eu não conseguia lembrar de onde eu conhecia aquela voz, mas uma hora ou outra, eu iria descobrir.

Novamente o celular voltou a tocar, mas dessa vez, era o meu, o nome na tela me deixou imediatamente animada e os pensamentos especulativos que preenchiam a minha mente até segundos atrás sumiram.

— Vovó! — exclamei animada — Que saudade.

— Ah meu amor! Eu sinto tanto a sua falta.

— Como tem passado? E a editora aí, tá tudo dando certo? Quando volta para o Brasil, tenho tantas coisas para te contar.

— Ah minha pequena Giullie, está tudo indo de vento em polpa. Em breve vou para o Brasil matar a saudade da minha única neta, meu bem mais precioso.

Dona Guilhermina sabia bem como arrancar lágrimas dos meus olhos, meu coração parecia tão pequeno e solitário sem a sua presença, e ouvir a sua voz me proporcionava paz e tranquilidade. Minha avó era tudo o que eu possuía, todo meu amor maternal e paternal era dela. Assim como para ela eu era a sua pedra mais preciosa, para mim, ela era o fôlego da minha vida.

Sempre fazendo o possível e o impossível para me ver bem e feliz.

Incrível como uma família faz tamanha diferença em sua vida.

Isso me fazia lembrar de que um dia, eu iria dar um lar para aquele que não o tinha, daria um título para aquele que não possuía e seria a mãe que ele sempre iria ter. A opção de adotar uma criança estava fixada em minha mente desde a adolescência, e pensar nisso agora me remetia ao presente, me remetia a Bernardo e a nossa relação.

Será que ficaríamos juntos para sempre? Até o fim de nossos dias? Ele aceitaria a minha escolha e o meu desejo de adotar um pequeno ser desprotegido?

— E você e Bernardo, como tem sido?

— Ele é o homem que eu sempre desejei vovó — suspirei contente.

— Isso é bom meu amor, no momento em que eu vi seus olhos se encontrarem com os deles na

reunião em que o apresentei eu sabia que algo de bom poderia vir de vocês dois.

Conversamos durante muito tempo, não vi a hora passar e vovó muito menos.

Quando menos esperava — aliás, eu nunca esperava —, o alarme de incêndio começa a tocar, o que me tira atenção do que vovó falava.

— Giullie? Que barulho é esse? É o alarme de incêndio meu bem?

— Sim vovó, não se preocupe, está tudo bem, deve ser um dos treinamentos, estava na agenda mas acabei esquecendo disso — eu estava mentindo, não queria preocupa-la.

— Me assustou querida, ok, vá participar do treinamento, nos falamos mais tarde. Amo você meu bem.

— Te amo vovó.

Desliguei o telefone e corri para fora da minha sala.

As mesas estavam vazias, as televisões e os computadores ainda ligados.

Afinal, onde raios foram parar todos?

Percorri as salas para ver se encontrava alguém, mas ninguém estava no andar, a não ser eu. Pelo visto, o perigo era real e realmente não fazia parte de treinamento nenhum. Corri novamente para a minha sala e peguei a minha bolsa, era a única coisa importante. Olhei ao redor e o elevador seria o pior caminho a seguir, fui direto para a porta que dava para as escadas. Eu teria que descer nove andares, mas isso era o de menos quando eu corria risco de vida.

Ai não.

Ok Giulliana, eu não sei se esse é o momento para ser a chefe do mês, eu não poderia percorrer todos os andares a busca de alguém. Poderia? Meu impasse fez com que eu entrasse no oitavo andar.

— Eiii, alguém por aqui? — gritei, mas tudo estava vazio — Ok, clear.

Fui percorrendo todos os andares, e já era possível sentir o cheiro de fumaça invadindo o prédio inteiro, dei uma tossida e tapei o nariz e a boca com o lenço que eu usava. Ao chegar ao terceiro andar, à porta das escadas estava trancada, o que me deixou levemente apavorada.

Ah, a quem eu quero enganar?

Eu estava aterrorizada, meu coração começou a bombear freneticamente em meu peito. Minhas mãos começaram a suar e tremer.

Sem pânico Giulliana, não entra em pânico.

Eu não iria entrar em pânico, eu já estava em pânico. Pude notar a fumaça invadindo o corredor das escadas, saindo por debaixo da porta. Segundos depois os chuveiros automáticos são acionados me deixando completamente ensopada e mais assustada do que eu poderia ficar.

Oh Deus, oh Deus, que eu não morra queimada.

Tirei os sapatos e corri para o andar de cima, poderia olhar pelas janelas e ver o que estava acontecendo e se alguém poderia me ajudar. Corri até as janelas e vi todos do lado de fora, a maioria das pessoas estavam histéricas, assim como eu, mas eu ainda estava me contendo. Tentei abrir a janela, mas eu não conseguia, bati algumas vezes, mas nada de ela se mover do lugar, rachar ou quebrar.

Que diabos...

Meu celular começou a tocar e só então eu lembrei que eu possuía um celular.

— Por favor, me diga que alguém vai me tirar daqui — implorei sem nem ver de quem era a chamada.

— Giullie? — Ah, Bernardo.

— Bê, eu meio que tô assustada — minha voz saiu embargada e assustada.

— Não, não, não! — berrou — Por favor, me diz que você não está aí dentro, por favor — engasgou.

— Eu poderia dizer isso se eu não estivesse prestes a morrer ou intoxicada, ou queimada — tentei brincar, mas não teve graça nenhuma.

— Eu vou tirar você daí, nem que seja a última coisa que eu faça, fica na linha — pediu e eu acatei.

Os jatos de água continuavam, mas o cheiro de fumaça era insuportável, e mais insuportável ainda era ter noção de que aquilo que você sempre sonhou, de que foi um sonho realizado da pessoa que você mais ama, simplesmente ser consumido pelo fogo, sem causas aparentes fazia o nó na minha garganta crescer e a realidade bater em você como uma vadia louca.

A Comunica estava em chamas, e eu poderia morrer ali.

Sem pensar, e com o instinto de sobrevivência, peguei a cadeira de metal e comecei a bater com ela contra a janela. O desespero me dava forças, mas por mais que eu batesse continuamente, sem parar, a única coisa que aconteceu com a janela, foi ela trincar levemente. Meus braços doíam e eu estava perdendo o fôlego, deixei a cadeira cair ao meu lado e sentei no chão, arrasada.

— Giullie? — Bernardo chamou, e eu puxei o celular para perto de mim. As sirenes e o burburinho ao lado de fora não me deixavam esquecer a situação em que eu me encontrava.

— Eu não quero morrer — sussurrei.

— Meu amor, meu amor — disse Bernardo atordoado — Isso não vai acontecer, eu não vou permitir, ainda tenho que te pedir em casamento.

E foi aí que tudo desandou.

Chorei como uma criança, chorei desesperada pois morreria antes de ver Bernardo me pedindo em casamento.

— Shii, Giullie, meu amor? — Bernardo tentava me acalmar sem sucesso — Eu tô aqui, vou

entrar com os bombeiros, eu tô aqui. Tá me ouvindo Giulliana?

Assenti, mas ele não poderia ver.

O fogo invadiu a sala e aquilo me tirou os sentidos, ouvi batidas na porta do banheiro, e alguns gritos abafados.

Eu não morreria sozinha, pelo menos.

Ah meu Deus, eu não acredito que eu poderia ser tão egoísta em um momento como esse, *por favor, Deus, perdoe essa alma aflita*. Levantei sem forças devido a fumaça e corri tentando abrir a porta do banheiro que estava emperrada.

Quando a coisa tá feia, ela fica pior ainda. Nada colabora comigo.

Puxei um grampeador *gigante* e comecei a bater no trinco, bati diversas vezes até que finalmente cedeu e com um empurrão consegui abrir a porta. Yasmim, Leandro e Camila me olharam atordoados e com os rostos sujos de fuligem, imediatamente todos foram tomados pelo choro e um abraço coletivo se sucedeu.

Agora eu não lembrava de mais nada, nem de Bernardo, nem de vovó, nada e nem ninguém. Leandro me sacudiu e disse:

— Olha, na janela!

Virei o rosto a tempo de ver um bombeiro tentando quebrar um dos vidros. Ficamos todos lá, parados, como meros expectadores assistindo de camarote tudo o que eles faziam para nos salvar.

Por favor Deus, permita que saiamos vivos dessa.

CAPÍTULO 28

Bernardo

Ter a minha mãe de volta ao meu lado, apesar de ser um tanto quanto estranho, era bom.

Ela me fazia sentir bem, porém, toda a bagagem do nosso passado vinha com ela, mesmo que aquilo não estivesse aparente. As brigas entre ela e o meu pai sobre meu futuro, sobre o dinheiro da nossa família e outras futilidades eram constantes. Me lembro quando eu me enrolava em um lençol, dos pés à cabeça, e entrava debaixo da cama deles para saber o que estava acontecendo e os ouvia falando sobre a minha pessoa como se eu fosse um protótipo humano que no futuro traria conforto para eles.

— Ele precisa ir para lá! — gritava descontrolado.

— Meu Deus, você tem noção do que está falando, do que quer para o seu filho de cinco anos Roberto? CINCO ANOS! — esbravejou.

— Logo ele irá crescer, se tornar um homem Eliza, você não entende que no momento em que ele for para lá, ele vai ser mais inteligente? O nosso futuro está nas mãos daquele pequeno pirralho.

— Seu estúpido! — socou o peito dele com força — Esse pirralho é seu filho, não vou permitir que você o mande para a Suíça.

— Essa decisão já foi tomada Eliza, querendo ou não, ele irá.

— Não mesmo, nem morta vou permitir isso.

— Que assim seja — a empurrou para o lado e saiu do quarto.

Eu comecei a chorar assustado e não consegui esconder por muito tempo a minha localização, logo mamãe estava agachada, olhando para debaixo de sua enorme cama.

— Ei meu bebê! Mamãe está aqui — dizia enquanto se deitava no chão e rolava para debaixo da cama — Meu pequeno príncipe, mamãe está aqui e irá protegê-lo para todo o sempre, lembra da nossa promessa?

Assenti.

— Repita para que a mamãe possa saber que você realmente não esqueceu.

— *Sempre — murmurei — Sempre, para todo o sempre. Ontem, hoje, amanhã e daqui a cem anos — continuei baixinho.*

— *Esse é meu homem — sorriu e aquele sorriso tinha o poder de acalmar qualquer tempestade.*

— *Eu não quero ir embora mamãe rainha — choraminguei.*

— *Não se preocupe, amanhã mesmo iremos construir o nosso próprio castelo, ok príncipe? Concorda com isso?*

— *Papai virá?*

— *Não — disse firme — Papai não virá. Tudo bem por você?*

— *Sim.*

Realmente meu pai não veio junto conosco. Ele nem ao menos sabia que a minha mãe seria capaz de se rebelar contra a sua ditadura descabida. No fim da noite, ao chegar em casa, segundo a dona Nina — governanta da casa —, ele surtou, quebrou tudo o que estava ao seu alcance, mas não veio atrás de nós. Uma semana depois, mamãe recebeu uma carta e os documentos com o pedido de divórcio. Eu, mesmo criança, me “rebele” e me tornei um nerd, estudava muito e não saía para brincar, pois ficava em minha sala de estudos decorando a tabuada e lendo dicionários. Por mais que eu não morasse mais sob o mesmo teto que o meu pai, ele não deixava de me visitar e toda vez era bem claro sobre o quanto eu deveria me esforçar, e me tornar um grande homem para que no futuro eu assumisse os negócios da família.

Quando eu fiz doze anos, descobri que meu pai e minha mãe estavam começando a se relacionar novamente, mas meses depois, mamãe descobriu que o meu querido e respeitado pai tinha um caso com a sua secretária, desde sempre. Ela ficou arrasada, e eu a culpei por tudo, assim como culpei o cretino e imoral do meu pai. No momento em que me foi oferecida a oportunidade, eu a agarrei e fui estudar fora. Mamãe foi para Londres e meu pai para Nova Iorque.

Relembrar de tudo isso me deixava nervoso, mas era necessário enterrar algumas coisas. Não poderia me amargurar a cada momento que eu relembresse de tudo isso. Passado era passado, e eu deveria enterra-lo.

Isso me fez pensar em outra parte que deveria ter ficado para trás, mas que continua a me seguir, por onde quer que eu vá, colocando Giullie bem no meio de tudo isso. No meio do fogo cruzado. Eu precisava findar isso, mas nunca tomava uma atitude. A verdade, por mais dolorida que possa ser é tão difícil e complicada de ser contada. Tenho medo de qualquer reação que ela poderá ter no momento em que souber de tudo.

Respirei fundo e gemi frustrado.

Estava dirigindo quando dei falta do meu celular. Deveria ter ficado com a Giullie enquanto almoçávamos. Estacionei em minha vaga de frente para a porta da MAG e percebi um Hugo suado, como se tivesse corrido uma maratona de 15 quilômetros, vindo em minha direção, totalmente inquieto, quando ele chegou um pouco mais perto, estranhei a sua atitude e pressa.

— Cara, entra logo, você tem que ver o plantão de notícias.

— O que aconteceu? — perguntei começando a me preocupar.

— Só olha Bernardo.

Entrei e metade da empresa estava atenta no que noticiava a repórter no canal mais popular do Brasil. A televisão de cinquenta polegadas era pequena para tantas pessoas.

— *Não se sabe ao certo quantas pessoas estão dentro do prédio, mas acredita-se que a neta da mulher mais poderosa do mundo editorial Guilhermina Puccini esteja dentro do prédio. As chamadas têm se alastrado...*

Meus ouvidos se fecharam para qualquer outra informação que a repórter continuava a falar, minha boca secou e eu conseguia sentir o nó se formando em minha garganta e o suor começando a brotar em minha testa. A Comunica estava pegando fogo e a probabilidade de que a Giullie estivesse dentro do prédio era alta.

— *Giulliana Puccini tem vinte e cinco anos, e se tornou famosa por lançar um romance que se tornou best-seller não só no Brasil, mas fora dele...*

Olhei novamente para a televisão e vi a repórter correndo atrás do Capitão do Corpo de Bombeiros.

— *Senhor? Senhor? Já tem a confirmação se além dela tem mais alguém no prédio? Esse incêndio, é criminoso?*

— *Não sabemos se tem alguém no prédio...*

Me virei e todos me olhavam atentos, esperando para ver qual seria o meu próximo passo. Estendi a mão para Hugo e sem que eu precisasse comentar algo, me estendeu o seu telefone celular. Corri para fora do prédio e no momento em que liguei o carro e dei a ré, deixei o carro *morrer*. O liguei novamente e sai do estacionamento derrubando os vasos de plantas e quebrando a cancela de madeira. Eu pagaria o conserto por isso depois, quando tivesse a informação de que Giulliana estava bem, e a salvo.

Disquei e coloquei o telefone no viva voz, já havia decorado o número e alguns toques depois eu recebo a confirmação de que o meu mundo estava começando a ruir.

— Por favor, me diga que alguém vai me tirar daqui — disse ela assim que atendeu.

— Giullie? — engasguei.

— Bê, eu meio que tô assustada — Deus, não, por favor.

— Não, não, não! — gritei em desespero, batendo no volante com força — Por favor, me diz que você não está aí dentro, por favor.

— Eu poderia dizer isso se eu não estivesse prestes a morrer ou intoxicada, ou queimada — essa mulher não existe, ri amargo.

— Eu vou tirar você daí, nem que seja a última coisa que eu faça, fica na linha — pedi e eu não

sabia se ela estava realmente prestando atenção no que eu falava.

Deixei o carro de qualquer jeito na rua e corri imediatamente em direção as autoridades.

— Bernardo, Bernardo Gomes? — era a repórter — Se você está aqui, significa que a sua noiva está ali dentro — apontou para o prédio que era consumido por chamas cada vez mais altas.

Tentei ultrapassá-la, mas seu homem com a câmera focou em meu rosto e ela segurou meu braço.

— O povo precisa de informações Enrico — eu odiava quando ela me chamava assim, como se fossemos íntimos — Você me deve favores, e essa vai ser a reportagem do ano, então responda as minhas perguntas e continuarei calada.

— Escuta aqui Paola, você não tem o poder de me ameaçar querida. É melhor se afastar.

— Oh não Enrico, não mesmo. Sua noiva vai adorar saber todos os seus segredinhos sujos.

Segurei seu braço com força e a levei para longe de olhares curiosos.

— Se você não sair da minha frente, e me deixar em paz, eu vou acabar com a sua carreira, não chegue perto de mim, e muito menos da Giulliana. Fui claro?

— Você acha mesmo que eu vou ficar calada? Ah, meu poupe Bernardo. O que vai fazer?

Engoli em seco e a fitei furioso.

— Eu te dei o que você sempre quis. Esse foi o acordo para você manter o silêncio e me ajudar. Não lhe devo mais nada.

— A última parte do acordo você não cumpriu.

— Dormir com você? Ah meu bem, isso nunca estive no acordo. Se você abrir a sua maldita boca e me afundar, e vou levar você para o fundo do poço, juntinho comigo, e você nunca mais vai se reerguer.

Ela me fuzilava, suas pupilas dilatadas transbordando de raiva, suas mãos em punhos me diziam que ela iria aceitar o que eu oferecesse.

— Tudo bem. Mas eu preciso que me ajude, estou prestes a perder o emprego Bernardo, eu imploro que me ajude, se eu entregar essa reportagem com tudo o que o público quer ver, o meu emprego estará garantido. Por favor.

— Giullie está lá dentro, e ela precisa de mim. É só o que eu sei — digo já me retirando e indo em direção as autoridades presentes.

Segundos depois os vidros do primeiro andar explodiram, espalhando estilhaços e fumaça ao redor.

— O que diabos está acontecendo? — perguntei para o policial que estava no comando.

— Senhor, preciso que se afaste, ok?

— O inferno que eu vou, minha mulher está lá dentro e eu só saio daqui com ela ao meu lado!

Quando me dei por conta, e lembrei que eu estava com o celular no bolso, e que Giullie poderia ter ouvido toda a minha conversa com a Paola, fez com que o meu mundo se partisse um pouco mais.

Meu Deus Bernardo, você acaba de ferrar tudo.

Ouvi barulhos de metal contra o vidro e imediatamente meus olhos dispararam para o prédio. Era possível ver a janela tremendo no quarto andar, Giullie estava tentando sair, porém, sem sucesso.

A mulher que eu amo estava prestes a morrer, e eu não teria a chance de confessar os meus pecados para ela e muito menos pedi-la em casamento, tê-la para mim para todo o sempre.

— Giullie?

— Eu não quero morrer — sussurrou, apenas um fio de voz.

— Meu amor, meu amor — digo com a garganta apertada — Isso não vai acontecer, eu não vou permitir, ainda tenho que te pedir em casamento.

Era possível ouvir claramente o seu choro desesperado, o que esmagou o meu coração com uma facilidade inaceitável.

— Shii, Giullie, meu amor? — eu precisava acalma-la, eu precisava me acalmar — Eu tô aqui, vou entrar com os bombeiros, eu tô aqui. Tá me ouvindo Giulliana?

Não recebi resposta e logo em seguida ouvi a ligação cair. Tentei ligar novamente, mas não havia sinal.

— Nós vamos entrar direto onde eles estão — disse um dos bombeiros.

A escada sobre o carro de bombeiros começou a ser erguida, enquanto dois bombeiros a escalavam com machados e outros aparatos. Eles estavam preparados para destruir o que estivesse em seus caminhos. Eles os salvariam, eles teriam que os salvar. De forma súbita comecei a subir o carro e os policiais tentaram me impedir, me empurrando para longe.

— Preciso que colabore, ok? Eles irão fazer o trabalho deles, mas eu preciso que você os deixe fazer isso, certo? — o policial me segurava pelo antebraço.

— Eu preciso entrar lá? Você não entende? A mulher pelo qual eu sou perdidamente apaixonado está esperando por mim, preciso que me deixe ir ajuda-la.

— Desculpe senhor, não posso colocar mais vidas em risco.

Engoli em seco e comecei a chorar. Jamais imaginei que choraria novamente, não depois de tudo o que eu havia chorado quando criança. O policial em solidariedade me abraçou e começou a dar tapinhas simpáticos em minhas costas.

— Ela vai ficar bem, eu prometo.

Assenti e me afastei, limpei os olhos úmidos para que eu pudesse olhar toda a ação. Eu era um mero expectador, esperando que um outro alguém salvasse a vida mais preciosa para mim. Vi aqueles dois homens tirando uma, duas, três pessoas de dentro do prédio, mas nada da Giullie.

Onde ela está? Por favor, não permita que nada ruim aconteça com ela, por favor.

Reconheci os três tirados de lá, Camila, Leandro e Yasmim. Um dos bombeiros entrou pela fresta que um dia foi uma janela, alguns eternos segundos depois pude ver o seu lindo cabelo, antes loiro e agora sujo de fuligem, seu pequeno corpo nos braços dele, passando para os braços do homem que estava do lado de fora.

Ela estava desacordada. Eu esperava que fosse apenas isso. Não poderia ser outra coisa, não poderia!

Antes mesmo que eu pudesse chegar perto dela, foi levada para uma das ambulâncias no local. Corri até a maca em que a colocaram. Tão pequena.

— Ela está viva, não está? — perguntei apavorado.

— Sim Senhor, apenas inalou muita fumaça, ela ficará bem — sorriu — Vamos leva-la — gritou para o seu companheiro.

— Encontrarei vocês lá — ela assentiu e eu respirei aliviado pela primeira vez no que pareceram horas.

CAPÍTULO 29

Giulliana

Fumaça.

Eu não me lembro de ter deixado alguma panela no fogão. *Será que deixei?* Não, óbvio que não. Eu nem uso meu fogão. *Que estranho.*

Eu estava pensando enquanto dormia, aos poucos fui acordando e sentindo cheiro de álcool, escutando barulho de sirenes.

Hospital.

Levantei meu tronco rapidamente e tossi. Foi então que me lembrei o que havia ocorrido. A Comunica estava em chamas e eu estava prestes a morrer queimada. Ouvi um suspiro de alívio e fui enrolada por longos e fortes braços.

— Você acordou — Bernardo sussurrou.

— Bê! — afirmei feliz, me agarrando a ele como se nunca mais fôssemos nos ver.

— Eu acho que morri mil vezes hoje — ele me afastou um pouco e beijou a minha testa — Nunca mais faça isso.

— Mas... — eu ia dizer para ele que não tinha culpa nenhuma de a Comunica estar pegando fogo, mas ele me interrompeu.

— Nunca mais me deixe falando sozinho no telefone, não em circunstâncias perigosas, e nunca mais Giulliana, eu disse nunca mais, tente agir com uma heroína, fui claro?

Eu podia sentir o quão preocupado ele estava comigo, e meu coração imediatamente deu um salto ao lembrar da nossa breve conversa.

— *Eu não quero morrer.*

— *Meu amor, meu amor. Isso não vai acontecer, eu não vou permitir, ainda tenho que te pedir em casamento.*

— Foi — respondi feliz, não só por estar viva, mas por tê-lo ao meu lado.

Não tivemos oportunidade de conversar por mais tempo, porque o quarto do hospital foi literalmente invadido por diversos jornalistas e eu fui bombardeada com perguntas de todos os tipos.

Bernardo imediatamente tentou expulsar a todos, mas sem sucesso, até que os seguranças do próprio hospital tiveram que intervir e conseguiram retirar todos aqueles famintos por notícias do quarto. Bernardo acabou saindo junto com todos para dar “explicações” sobre o ocorrido, o que eu achei totalmente desnecessário.

Já havia se passado duas horas após todo esse incidente e nada de o Bernardo voltar, o médico já havia vindo me ver e informou que eu iria passar a noite no hospital por precaução, e ainda assim Bernardo não voltou. Me escorei no fino travesseiro, cruzando os braços enquanto meu cérebro tentava encontrar o real motivo para a Comunica ter pegado fogo, eu não conseguia pensar em nada que pudesse iniciar um incêndio do tamanho que foi. O prédio inteiro estava em chamas.

Será que...

Impossível! Não poderia ter sido um incêndio criminoso. Quem seria capaz de fazer uma coisa dessas? Não, acho bem difícil. Provavelmente vão me dizer que houve um vazamento de gás na cozinha do prédio. É a única forma de isso ter acontecido. Mas, pensando melhor, eu não ouvi nenhum tipo de explosão antes do alarme tocar. Um toque na porta impediu que eu continuasse a minha análise mental, olhei para o lado e me deparei com Bernardo acompanhado de dois policiais.

— Giullie, esse é o delegado Eduardo e o policial Miguel, eles gostariam de fazer algumas perguntas pra você, tudo bem? — assenti e fiquei o mais ereta possível.

— Como está senhorita Giulliana? — perguntou o delegado.

— Ainda sinto cheiro de fumaça, mas estou bem, obrigada.

Ambos os policiais puxaram uma cadeira e se sentaram próximos a cama.

— O fogo teve início na central de ar-condicionado, o fogo teria começado durante o trabalho de limpeza e troca de fiação elétrica.

— Nós contratamos terceiros para fazer esse serviço, e a visita deles estava prevista somente para o início do mês que vem.

— Era essa a confirmação que precisávamos, acreditamos que o incêndio possa ter sido criminoso.

— O que? — Bernardo interfere incrédulo.

— A senhorita possui inimigos?

— Hã? Como assim? É óbvio que eu não tenho inimigos — eu estava pasma com a pergunta.

— O senhor é sócio da senhorita Puccini, não é mesmo?

— Sim — assentiu Bernardo.

— Vocês tiveram algum conflito recentemente?

— Eu sinceramente espero que você não esteja tentando nos acusar de colocar fogo na nossa própria empresa. E eu espero que vocês peguem quem fez isso o mais rápido possível, esse tipo de coisa não pode ficar impune.

Olhei para Bernardo e ele estava com uma expressão atordoada no rosto, eu não conseguia entender o motivo, mas ele estava mais branco do que papel, era possível notar o suor brotando em sua testa e isso me deixou nervosa e tensa ao mesmo tempo. Bernardo sabia de alguma coisa, mas ele se manteria calado, como sempre, e tentaria resolver o que quer que fosse, sozinho.

Os policiais fizeram mais algumas perguntas que ao meu ver eram completamente desnecessárias e totalmente perda de tempo. Eles estavam ali, me perguntando coisas idiotas ao invés de estarem investigando quem diabos iria colocar fogo e quem sabe até matar alguém, por livre e espontâneo prazer.

Quando os policiais foram embora, Bernardo também foi, dando a desculpa de que iria cuidar das “coisas” e voltaria assim que terminasse. Obviamente ele não me deixou fazer nenhum tipo de questionamento e partiu antes mesmo que eu pudesse piscar. Conhecendo ele como conheço, ele iria atrás de respostas, mas eu não deixaria por menos.

Levantei da cama, e vesti as minhas roupas sujas de fuligem, quando abri a porta para sair e segui-lo, Carlos Alberto aparece com um sorriso de escárnio no rosto e me empurra para dentro do quarto novamente. Não posso negar que não fiquei assustada com a reação dele para comigo, então recuei.

— Está viva — afirmou e bateu palmas, fechando a porta do quarto.

— Graças a Deus — ri sem graça — A que devo a sua visita?

— Nós temos uma conversa pendente.

— Que conversa? — perguntei enquanto limpava as mãos suadas na roupa.

— O bom é que você já está vestida, me poupa tempo e assim podemos conversar mais, me acompanhe.

— Podemos falar aqui mesmo — engoli em seco.

— Querida, isso não faz parte do show — disse e puxou meu braço com força.

— Não! Me solta — tentei me desvincular, mas ele apertou tanto o meu pulso que por um momento, achei que iria quebra-lo — Me larga — gritei.

E nesse momento, ele me deu um tapa tão forte no rosto que se não fosse por ele estar me segurando, eu teria caído no chão. Eu estava apavorada. Eu nunca gostei do pai do Rodrigo, sempre achei ele um mal caráter e de má índole, mas o que mais me deixava aterrorizada era não saber o motivo para que ele estivesse agindo dessa forma comigo, eu sempre o evitei como a peste.

Ele sabia que eu não iria para lugar algum com ele, não por vontade própria. Eu estava me sentindo em um filme de ação, e de péssimo gosto. Um brutamontes entrou no quarto e me segurou enquanto colocava um lenço embebido de clorofórmio para que eu inalasse, eu me debati o máximo que podia, tentei gritar, mas perdi não só as forças, como a consciência também.

Não sei quanto tempo se passou, aos poucos fui abrindo os olhos, eu estava bêbada e não me lembrava de ter bebido, eu me sentia mal, e a vontade de vomitar era tanta, que foi só eu me virar de lado para regurgitar tudo que estava no meu estômago. Eu não estava bem, e o cheiro de incenso não

me ajudava muito.

— Ora, ora, a Bela Adormecida acordou, você vai pagar por ter sujado meu tapete — essa voz.

Tentei me levantar mas eu não tinha forças, e algo restringia meus movimentos, quando dei por mim percebi que eu estava amarrada, presa a uma cadeira.

Minha consciência voltou com força e sem precisar pensar muito sabia onde eu estava: em uma das luxuosas casas de Carlos Alberto Goulart.

— Você é doente? — perguntei mesmo já sabendo a resposta — Por que está fazendo isso?

— Eu já disse, temos uma conversa pendente.

— Que conversa, seu monstro? — grunhi irritada.

— Por onde quer que eu comece? — puxou a sua cadeira para ficar mais próximo de mim — Pela a sua avó? Seus pais? Bernardo?

Meu coração batia de forma descontrolada em meu peito, minha garganta ficou seca e eu só percebi que estava chorando quando as lágrimas começaram a cair molhando a minha saia.

— O que você quer de mim? — perguntei em um sussurro.

— Ok! Vamos começar pela a sua avó que tanto ama. Sua querida vovozinha, é uma mentirosa desgraçada, sabia? — perguntou mas não esperava resposta — Guilhermina um dia foi minha, eu a amava e ela me deixou. Eu tentei de todas as formas tê-la de volta mas ela se casou com outro, alguém que nunca a amou como eu. Ela acreditou na família dela ao invés de mim, acreditou que eu a amava pelo dinheiro, ela partiu e me deixou desolado — contava de forma amarga — Eu tentei fazer com que ela voltasse pra mim, tentei de muitas formas chamar a atenção dela, mas nada parecia afeta-la. Resolvi então tirar o que ela mais amava. Assim como ela arrancou o meu coração, eu iria arrancar o dela, e foi o que eu fiz, paguei alguém para sabotar o avião em que Matteo e Vitória estavam.

Eu engasguei e meus olhos se abriram como pratos, pude sentir a cor deixando o meu rosto.

Meus pais, ele matou os meus pais!

— Meu Deus, você é um monstro! — gritei descontrolada.

— Uma coisa que a sua avó não sabe e você pelo visto também não, eu faço o que for preciso para ter aquilo que eu quero — desdenhou.

Eu não conseguia acreditar, não tinha forças para acreditar.

— Eu vou te matar, seu desgraçado!! — ameacei enquanto me debatia para me libertar.

— Eu não tenho medo de ameaças — bateu novamente em meu rosto — Agora fica quietinha, não faça bagunça na casa dos outros, seus pais não ensinaram bons modos a você?

Ele ainda tinha a coragem de difamar os meus pais, aqueles que eu não pude nem ao menos conhecer direito, nem ter lembranças com eles. Ele destruiu a minha família, antes mesmo que eu

soubesse o que significava essa palavra, ele me tirou aquilo que era meu por direito. Ele os matou para se vingar. E o pior de tudo, era que se não fosse por ele, talvez eu nunca soubesse o que havia de fato acontecido com o meu pai e minha mãe.

— E seu noivo? Ele é pior do que eu sabia? — riu de forma debochada — Um ladrão, sem caráter, o pior de todas as espécies.

— Do que você está falando? — engasguei.

Eu não tinha certeza, mas meu cérebro e coração agiam em sintonia, me dizendo que tudo aquilo que Bernardo tentava esconder não só de mim, mas de outros seria revelado agora. Eu só não sabia se gostaria de ouvir a verdade da boca de outra pessoa.

— Não sei se você sabe a história de vida do homem que você diz amar.

— Eu o amo, seu idiota! — afirmei com raiva.

— Continuando — disse seco — Conheço Bernardo desde pequeno, e desde pequeno ele e meu filho nunca se deram bem, ele saiu de casa cedo, e assim como o pai dele, sempre foi muito ganancioso, tão ganancioso a ponto de se envolver com agiotas, ou melhor, de se envolver comigo. Quando ele fez 18 anos, ele veio até mim e me pediu dinheiro emprestado, ele queria abrir uma empresa, não uma lojinha de videogames na esquina, mas uma grande empresa de entretenimento.

— Eu não quero saber! Eu não quero ouvir — pedi em prantos.

— Ele me disse que queria ser referência no mercado, e só eu poderia ajudá-lo — cruzou as pernas e os braços e continuou — Então, como bondoso que eu sou, o ajudei e o infeliz me cravou a faca nas costas.

— Por favor — eu estava implorando — Não me conte.

— Ele roubou a minha mulher! — gritou se levantando e aproximando o rosto do meu — Ele roubou a escritura de duas empresas que estavam no nome dela, eu deveria ter desconfiado, não achei que por ser loira ela fosse tão burra, ela me traiu das piores formas possíveis e com a pior pessoa que você possa imaginar.

Era da Luana que ele falava, só podia ser ela.

— Eu já tirei tudo que eu podia dessa vadia oxigenada, agora ela corre de um lado para o outro, fazendo cara de inocente para ganhar o pão do final do dia. Ela nunca mais vai ter nada, não se depender de mim.

Eu soluçava de tanto chorar, eu não queria ouvir, pois eu sabia que iria me decepcionar.

— Enfim, Bernardo Enrico Gomes dormiu com a minha mulher em troca das escrituras das empresas, foi roubando que o seu noivinho subiu na vida. Foi com o dinheiro roubado que ele comprou ações da Comunica. Eu pedi que ele devolvesse o que me pertence diversas vezes, eu o ameacei dizendo que iria atrás de você e mesmo assim ele não fez questão nenhuma de mover uma palha por você. Uma pena, você deveria ter ficado com o meu filho. Ele teria dado tudo pra você Giullia.

Ouvir esse monstro falando isso fez eu sentir como se meu coração estivesse sendo rasgado em diversas partes, minhas lágrimas corriam livres, e era difícil respirar.

— Foi você, não foi? — perguntei em um fio de voz — Você colocou fogo na Comunica.

— Não minha querida, eu apenas mandei, ou você realmente acha que eu iria sujar as minhas mãos com isso?

— Por quê? — eu precisava entender.

— Eu quero o que é meu de volta, simples — deu de ombros e abriu o botão do paletó caro que usava.

— Quem é ela?

— Ah, você a conhece, a loira com rosto de boneca, Luana, minha Luana.

Se eu pensei que meu estômago estava vazio e eu não poderia vomitar novamente, o contrário foi provado, vomitei em minhas próprias roupas. Eu sentia nojo de mim, e da Luana por ficar com um homem muito mais velho que ela, por nada além de interesse. Sentia raiva da mulher que tive como mãe por ter me ocultado sobre a morte dos meus pais durante todo esse tempo, e sentia asco por estar com um homem sujo como Bernardo.

— Luana contou tudo para a sua melhor amiga. Você conhece aquela jornalista? Paola Almeida? Bernardo também ficou com ela para que ela se mantivesse calada. Ele é mais podre do que você possa imaginar.

Eu não queria mais ouvir o nome do homem que possuía o meu coração. Eu não queria ouvir mais nada.

— Você vai me matar?

— Se ele não me devolver o que eu quero, talvez. Ou talvez eu deixe você ir embora com o meu filho. Vocês combinam.

— Porque você está me contando tudo isso?

— Acho que é direito seu saber, eu me compadeci com a sua causa, não queria que você ficasse no escuro por mais tempo — disse com falsa bondade.

Eu não iria mais chorar, eu não podia chorar, não por pessoas como Bernardo, e como a minha avó, eles não mereciam uma lágrima derramada. Meu único desejo agora era fugir e começar a minha vida longe dessas pessoas.

CAPÍTULO 30

Bernardo

Eu já estava há duas quadras do hospital quando lembrei que havia deixado o meu celular lá. Tive que fazer o retorno para recupera-lo antes que Giullie pudesse atender alguma ligação que ela não deva, ou ler e ver algo que não deve. Eu já havia ido longe demais. Já havia escondido a verdade dela durante muito tempo. Após resolver esses problemas, eu iria contar tudo, independente do resultado. E quando digo problemas, quero dizer as ligações, as ameaças e o fato de a Comunica ter virado cinzas. Eu sabia quem havia feito isso, e porque havia feito.

Já estava escurecendo, e as vagas do estacionamento do hospital pareciam ter se esvaído. Demorei cinco minutos só para achar uma vaga livre. O hospital estava uma loucura. Pelo que ouvi de alguns seguranças um grande acidente havia acontecido e muitas pessoas ficaram feridas. Optei pelas escadas ao invés dos elevadores, apesar da Giullie estar hospitalizada no oitavo andar, esse percurso me daria tempo para pensar. Eu estava torcendo para que ela estivesse dormindo, não gostaria que ela me visse, pois logo após eu iria deixa-la, provavelmente inventando muitas desculpas, para sair “ileso”.

Ao virar o corredor eu já pude perceber uma movimentação ao redor do quarto dela. Olhei para trás, para os lados, meio desconfiado, mas não apressei o passo. Chegando em frente a porta, me deparo com uma das enfermeiras gesticulando furiosamente e se desculpando com o médico responsável por algo que eu não sabia o que era.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntei olhando para dentro do quarto.

— O senhor é parente da paciente?

— Sim. O que aconteceu? — pergunto já entrando dentro do quarto, e o encontro vazio — Onde ela está?

Eu já estava no modo desconfiado.

— Não sabemos onde a paciente está, mas o quarto está vazio. Deduzimos que a paciente deva ter ido embora, porém, ela esqueceu os seus pertences — disse o médico me entregando a carteira com os documentos dela.

Não esperei resposta, e dei meia volta, já socando o número do celular do André na pequena tela do telefone, enquanto corria pelas escadas.

Onde ela está?

O dia poderia ficar pior? Eu aposto que sim. Eu estava nervoso, e não sabia onde ela estava. Ela poderia ter voltado para casa, ter ido ao banheiro e ficado por lá, mas a minha mente só conseguia “correr” para o pior.

Resolvi parar, respirar fundo e pensar.

Ah, que se dane!

Meu coração batia de forma descontrolada dentro do meu peito, eu estava suando frio, minha respiração era alta e irregular. Eu estava uma pilha de nervos. Resolvi que para resolver todo esse mistério, eu deveria checar as câmeras de segurança e foi o que eu fiz.

Fui até o primeiro segurança que estava dentro do meu campo de visão e pedi que ele chamasse o chefe de segurança do hospital.

— Pois não, em que posso ajudá-lo? — perguntou um homem careca, alto e forte.

— Você é o chefe da segurança? — ele assentiu cruzando os braços.

— Uma paciente está desaparecida, eu preciso saber o que aconteceu?

— Infelizmente senhor, eu só posso mostrar as gravações das câmeras para a polícia.

— Você não entende? Há uma mulher desaparecida! — alertei.

— No momento em que um policial me apresentar um mandado, eu posso mostrar as gravações para o senhor.

Dei as costas para ele e disquei o número do delegado que estava cuidando do caso da Comunica.

— Giulliana está desaparecida — digo assim que Eduardo atende.

— Senhor Bernardo — confirmou — Devido ao ocorrido hoje cedo... — ele pausou, respirou fundo — Ela nos disse que não possuía inimigos, mas a sua empresa entrar em chamas, e ela desaparecer logo em seguida...

— Ela não tem — interrompo — Eu tenho, tudo isso que está acontecendo com ela é por minha causa — engoli em seco.

O sentimento de culpa era avassalador. Quando dizem que a culpa é o autodesprezo eles estão repletos de razão. Tudo isso era culpa minha. Eu havia colocado a Giullie bem no meio do meu fogo cruzado. Se eu a amasse de forma profunda e verdadeira como eu disse... Eu jamais deveria ter permitido ela entrar nesse jogo perigoso.

— O que quer dizer com isso? — perguntou o delegado.

— Eu sou rico, influente, tenho empresas e ações, mas para chegar até onde estou hoje... — gemi em frustração — Durante o percurso eu fiz algumas inimizades, eu vou explicar tudo quando você chegar aqui no hospital, eu só preciso saber o que aconteceu com ela.

— Dez minutos e estarei aí.

Foram os dez minutos mais longos da minha vida, diga-se de passagem. Eu sabia que seria interrogado, mas antes eu precisava analisar as gravações. Eu disse para o segurança que cuidava das câmeras que ele deveria começar a rodar o vídeo a partir do momento em que eu saí do quarto pela última vez.

Nem dois minutos depois da minha saída do quarto dela, Alberto surgiu no vídeo. Apareceu o exato momento em que ela estava vestida e abriu a porta, dando de frente com ele, que fez questão de empurrá-la novamente para dentro do quarto junto com um outro homem, que media uns dois metros de altura e era monstruosamente forte.

Eu passava de forma descontrolada as mãos pelo cabelo, rosto, e as esfregava na camisa. Me sentei na cadeira em um baque e comecei a me repreender por ser tão burro. Eu deveria ter levado todas aquelas ameaças a sério.

Contei tudo de forma detalhada para o delegado que me ouvia atentamente e como se não bastasse o seu olhar recriminador, o segurança que estava presente, bufava e me dizia diversas o quão ignorante eu era.

Por fim, Eduardo voltou para delegacia para montar uma equipe de busca e eu voltei para o meu escritório. Eu ainda não havia conseguido contato com André, mas após diversas tentativas, ele finalmente atendeu.

— Ele a levou — informei.

— Tava demorando meu amigo — disse André frustrado — você não levou a sério e agora estamos pagando por isso, tô chegando aí — anunciou e desligou.

Minhas mãos tremiam, de raiva, mas raiva de mim próprio. De ter sido incapaz de proteger a mulher da minha vida.

Nem cinco minutos se passaram e André entrou ao lado de Gustavo em meu escritório.

— O que sabe? — perguntaram ao mesmo tempo.

— Alberto a sequestrou.

— Já estamos em contato com a polícia e o delegado nos informou que você já havia os procurado.

— É... — afirmo amargo.

— Cara — disse Gustavo — nós vamos encontrá-la, mas quando isso acontecer você precisa estar inteiro, entende Bernardo?

— Eu ferrei tudo — solucei — É tudo minha culpa!

— Não adianta ficar se lamentado agora — André continha a sua fúria — agora que a merda tá feita, não adianta chorar — Você pediu por isso, eu te avisei! Quantas vezes eu te avisei — rosnou.

— Cala essa maldita boca André, você também está nessa — tentei argumentar.

— É, realmente, eu que fui burro. Eu mesmo deveria ter contado tudo para a Giulliana e deveria

ter feito com que ela se afastasse de você. Culpado!

— Já chega! — ouviu Gustavo — O que adianta brigar agora? Ou pensar no que poderia ter acontecido se tivessem a tirado disso desde o início? Bernardo, você a ama, isso nem entra em discussão, não havia como livra-la disso, poderia ter amenizado a situação contando tudo pra ela? Poderia. Poderia ter entregado aquilo que esse homem tanto quer pra não correr riscos? Poderia. Mas você não fez! — afirmou duro — Agora aceita e corre atrás do prejuízo, somos teus amigos e iremos ajudá-lo no que for preciso, entendeu?

Assenti.

Ele tinha razão, eu precisava agir.

O telefone de Gustavo tocou e ele se afastou para atender, enquanto André e eu nos desculpávamos com apenas um olhar.

— Era o delegado, eles estão tentando encontrar o filho do Alberto...

Rodrigo.

Como não pensei nele antes? Ele pode até mesmo ser cúmplice.

— Vamos para delegacia, podemos ajudar lá — disse André já se levantando — Você vem? — me perguntou.

— Podem ir na frente, estarei logo atrás.

Eu estaria logo atrás é do panaca do Rodrigo, ele com certeza sabia onde eu poderia encontrar a Giullie.

Liguei para todos os telefones que eu poderia conseguir falar com ele, mas em nenhum ele estava disponível. Quando comecei a desistir, meu celular tocou.

— Me espere, estou chegando.

Rodrigo estava vindo até mim, mas porquê?

Ele nem sequer foi anunciado, apenas chegou abrindo a porta do escritório e entrando cheio de pompa e petulância.

— Gomes? — chamou Rodrigo.

Imediatamente me levantei, derrubando a cadeira e caminhando até ele como um predador. Eu estava fora de mim.

— Onde ela está? — perguntei autoritário.

Raiva exalava dos meus poros.

— Eu vou te passar o endereço, mas não faça nada que você possa se arrepender depois — me aconselhou e a vontade de partir a cara dele ao meio, cresceu — Parte disso, é culpa sua, e se ela se machucar, de qualquer forma, eu vou atrás de você e depois vou toma-la de volta pra mim.

Eu gargalhei tão alto e sarcástico que até mesmo eu estava com medo de mim.

— Nem quando eu estiver morto você vai tocar nela novamente, eu corto a sua mão antes disso.

— Veremos — retrucou de modo sério.

Eu não iria perder mais tempo discutindo com ele. Todo segundo agora era sagrado, eu precisava tirar ela de lá a todo custo.

— Por que está me ajudando? Afinal é o seu pai que está com ela.

— Giullie não tem culpa de absolutamente nada, meu pai não tem direito nenhum de brincar com a vida dela, e acredite, ela ainda é importante pra mim.

— Você não a ama — afirmo.

— Não disse que estava indo contra o meu pai por amor, mas ela merece consideração e essa é a forma que encontrei para me desculpar por ter feito ela sofrer no passado.

Rodrigo me informou o endereço e deixou o meu escritório logo após. Eu precisava pensar racionalmente antes de agir de forma impulsiva e errada. Eu não deveria levar essa situação como uma brincadeira, o caso era sério, e eu prezava pela vida da Giulliana.

Chamei André e os policiais envolvidos no caso e disse onde poderíamos encontrá-la. Eles não queriam me deixar participar da operação, mas com a ajuda do André eu consegui passe livre.

Eu sabia que tipo de pessoa Alberto era, mas eu não sabia como ele poderia reagir. E enquanto eu não tivesse Giulliana sã e salva ao meu lado e Alberto atrás das grades, eu não iria descansar.

CAPÍTULO 31

Giulliana

As minhas lágrimas já haviam secado.

A única coisa que eu sentia no momento, era raiva.

O sorriso de escárnio no rosto do Alberto era ridículo. Ele sorria como se houvesse ganhado a Guerra de Canudos. Eu já havia levado mais de um tapa no rosto e minhas roupas estavam agora não só sujas de fuligem, mas também de vômito. A única coisa que me consolava, era que os enfermeiros pudessem dar a minha falta no hospital e procurar a polícia.

Com certeza já era tarde, Alberto havia cansado de me atordoar e havia finalmente me deixado sozinha.

A sala em que eu estava era toda decorada com tons vermelhos, mas os únicos objetos ali presentes eram duas cadeiras. A que eu estava sentada e a que até alguns minutos atrás estava sendo ocupada pelo monstro.

Eu me sentia exausta, meus olhos estavam pesados, minha barriga pedia por comida e meus braços doíam. Eu não queria pensar, porque os pensamentos eram dolorosos demais. Então resolvi que cantando eu não entraria em colapso. Nesse momento, Toquinho e Vinicius de Moraes seriam meus aliados.

*Numa folha qualquer eu desenho um sol amarelo,
e com cinco ou seis retas é fácil fazer um castelo...*

Eu achava que eu não poderia chorar mais, que eu não teria mais lágrimas para derramar, mas eu ainda chorava por pena ao meu estado lastimável.

*E o futuro é uma astronave que tentamos pilotar,
não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar.
Sem pedir licença muda nossa vida, depois convida a rir ou chorar...*

A minha “paz” não durou muito tempo, porque o homem que trabalhava com Carlos Alberto entrou como um furacão, vindo em minha direção como se estivesse prestes a me abater. Ele me arrancou da cadeira como se eu não pesasse absolutamente nada e me colocou sobre seus ombros como se eu fosse um simples saco de batatas. Minhas mãos ainda estavam amarradas, então, um pensamento completamente insano surgiu, e eu o coloquei em prática. Comecei a me debater como uma minhoca sem noção, até que consegui aproximar a minha boca de sua orelha e morde-la o mais forte que pude. Ele me lançou imediatamente ao chão e eu corri, corri como se não houvesse o amanhã. A casa estava deserta, e eu ouvia os gritos de fúria do homem que corria atrás de mim, eu estava de pés descalços, mas a saia justa não me ajudava muito. Até que por fim, eu encontrei a entrada, e por muita sorte, ou o quer que considerem isso, a porta estava aberta. O que eu não esperava era cair escada abaixo para o vasto jardim. Eu rolei até encontrar a grama e dois seguranças da casa, junto com Alberto do lado de fora, rindo da situação.

— Você é corajosa, não acham meninos? — estimulou os capangas dele a responderem — Pena que a brincadeira tem que acabar — fez um sinal com os dedos e os seus homens vieram em minha direção.

— Não toque nela! — alguém ameaçou.

Olhei para ver quem era e me deparei com um rosto que eu não gostaria de ver tão cedo. Bernardo estava ali, junto com muitos homens fardados com o uniforme da polícia civil, ao seu lado André e seu amigo Gustavo.

— Carlos Alberto Goulart, você está preso — sentenciou o delegado que eu havia conhecido hoje no hospital, ele empunhava uma arma de modo firme — Por crime de incêndio, sequestro, agressão física, homicídio qualificado e estelionato.

A lista de crimes cometidos por esse homem era muito longa.

Quando Alberto levantou as mãos para o alto, se rendendo, eu achei a sua atitude muito tranquila, ele ainda sorria, e em um piscar de olhos, um dos seus homens disparou contra os policiais. Obviamente eu surtei e tentei me proteger, afinal eu não iria ficar ali parada como uma idiota e me tornar vítima de uma bala perdida. Não sei como, mas Bernardo surgiu ao meu lado, me puxando para perto de si e me protegendo com o próprio corpo.

A troca de tiros não durou muito tempo, e por mais que eles sejam os vilões, ninguém foi ferido gravemente. Alberto foi algemado enquanto ameaçava a todos, e levado para bem longe de mim.

Quando Bernardo se afastou e esticou sua mão em direção ao meu rosto, de modo instintivo me afastei.

— Não toca em mim! — ordenei.

— Nós precisamos conversar Giullie — sua tristeza era aparente.

— Como pôde fazer isso comigo? Por que não me contou?

— Eu posso explicar, só preciso que me escute — pediu.

Eu lhe dei as costas e cruzei os braços em uma tentativa falha de me proteger. Logo em seguida, fui cercada por policiais e enfermeiros. O meu dia havia se transformado em um completo inferno, e pelo que parecia, não iria acabar tão cedo. Fui atendida pelos médicos no próprio local. Minhas mãos e joelhos estavam um pouco arranhados, mas nada demais. Eu tive que insistir muito para ser levada para casa e não para o hospital, enquanto Bernardo insistia em me levar, e eu negava.

— Giullie, por favor.

— Já chega, ok? Deu Bernardo, eu não quero te ouvir, é tão difícil assim entender?

Ele se afastou como se tivesse levado um tapa no rosto. E de certo modo sim, eu o havia ferido com a minha acidez e língua ferina, mas isso não era nada perto de tudo o que ele havia feito. Ele me olhou como se estivesse me olhando pela última vez e começou a caminhar para fora do local, aos poucos, ele foi desaparecendo do meu campo de visão enquanto meu coração parecia se quebrar ainda mais, se é que fosse possível.

André surgiu ao meu lado e me abraçou, com força — Fico feliz que esteja bem.

Pela primeira vez durante esse dia, eu consegui esboçar um sorriso. Fraco, porém verdadeiro. Voltei para casa ao lado de André e Gustavo.

Ao chegar em casa, a primeira coisa que eu fiz foi arrancar as roupas que eu vestia e joga-las direto na lata de lixo. Corri para o banheiro e fiquei lá durante um bom tempo. A água batia em meu corpo e lavava toda a sujeira acumulada, além disso, eu desejava que ela pudesse lavar também a dor que preenchia o meu peito.

Eu não sabia de onde havia tirado tanta calma. Coloquei um pijama confortável, liguei a televisão no canal de desenhos e fui para a cozinha preparar um maravilhoso e quente chá, de quebra um sanduíche natural. Voltei para o sofá e fiquei assistindo televisão durante horas, até que por fim acabei adormecendo.

Eu já deveria imaginar que os meus sonhos não seriam nem um pouco pacíficos. Foram turbulentos como uma tempestade. Um mix de pensamentos ruins, acometeram a minha mente e me fizeram acordar exausta. Bocejei, me espreguicei e meus músculos doíam como se eu houvesse levado uma surra das boas. Ri alto. Eu havia levado uma surra.

A campainha tocou e eu fui em direção a porta. Olhei pelo olho mágico e o vi. Bernardo estava ali, esperando ser atendido.

— Eu sei que está aí — disse baixo — Eu preciso explicar, por favor, me deixe explicar.

— Você não acha que teve muito tempo para fazer isso? — meu tom de voz era duro — Teve tantas oportunidades, e nunca me contou.

— Eu sei, eu sei disso, sei que errei. Fui burro! — disse amargurado — Por isso peço que me ouça, eu não sei o que o Alberto contou, mas você tem que acreditar em mim e saber que nem tudo é verdade.

— Bernardo, eu não quero ouvi-lo, não agora. Talvez um dia, ou talvez nunca. Só vai embora, por favor — pedi chorosa.

Ele foi, se afastou e eu pude respirar aliviada. Eu estava sendo tola por não lhe dar o benefício da dúvida. Mas eu estava ferida demais para aceitar qualquer outra novidade agora.

No meio da tarde, recebi uma mensagem da Bruna dizendo que estava vindo me visitar. Mas de imediato, já respondi dizendo que queria um pouco de privacidade, e por mais relutante que ela tenha sido, aceitou.

A campainha tocou novamente, e ao olhar para porta, pude ver o exato momento em que um envelope deslizou pela fresta entra a porta e o piso. Desconfiada, fui em direção ao envelope, me abaixei e o peguei. O envelope era branco e não havia nada escrito. Abri e dentro continha uma folha. Era uma carta, e era do Bernardo.

Minha Giullie.

Sei que esse momento tem sido muito difícil para você e por mais que me doa, eu entendo.

Lamento ter escondido esses segredos de você durante todo esse tempo, e sei que está me recriminando por querer explicar tudo somente agora. Não é justo, eu sei. E por saber disso, eu sinto que algo me corrói por dentro. Sou um homem tão burro! Talvez você nem esteja lendo ainda, mas de qualquer forma, eu vou tentar.

Aos 18 anos, eu pedi dinheiro emprestado para Carlos Alberto Goulart. Eu já sabia que tipo de pessoa ele era, mas na época isso não me intimidou em absolutamente nada. Eu era muito jovem, me considerava inteligente demais, audacioso demais. Não precisei insistir muito para que ele me emprestasse dinheiro. Mas havia uma condição: se eu não devolvesse todo o valor que ele havia me entregado, em um ano, a empresa que eu montaria seria dele. Aceitei a condição de imediato e saí rico, com 2 milhões no bolso. No meio do ano, eu já possuía três grandes empresas e já havia devolvido o dinheiro para ele. Porém, eu queria mais, eu queria derrubar os meus concorrentes, e Alberto era um deles. Me aproximei então da Luana, que na época era sua noiva e possuía a escritura de 2 empresas de Alberto. Não vou mentir, eu tentei conquista-la, e em uma noite, decidi leva-la para Las Vegas, às escondidas. Ela bebeu todas e eu a convenci a vender essas empresas para mim. Ela aceitou imediatamente com a condição de ser minha noiva. Aceitei e foi assim que acabamos juntos. Ela contou tudo isso para a sua melhor amiga, que tentou me ameaçar dizendo que traria essa história a público. Eu não queria ver noticiado: Bernardo Gomes, embebedada mulheres para se tornar rico. Eu só precisava ajudá-la a conseguir um emprego como jornalista em um grande canal de notícias e eu fiz, para manter as coisas em silêncio. Quando Alberto descobriu que eu era o novo proprietário de suas duas empresas, ele enlouqueceu e resolveu vir atrás de mim. Afinal, eu havia comprado sem o seu consentimento duas de suas maiores empresas e ainda tirei a sua noiva. Até hoje eu não entendo o real motivo de Alberto ter dado essas escrituras para a Luana, mas foi isso que aconteceu. Foi esse o erro que cometi, enganando diversas pessoas só para ser bem sucedido.

Eu deveria ter levado todas as ameaças que ele me fez a sério, eu deveria ter protegido você, ter alertado você desde o início, mas decidi adiar, ir adiando até que o pior aconteceu. Você poderia ter morrido pela minha maldita causa, pelo meu egoísmo e silêncio. E eu vou lamentar por esse erro pelo resto da minha vida.

Sei que nada pode consertar o que já foi feito. Mas você merece saber. Merece a verdade e nada além dela. Embora, e eu sinto isso, seja tarde demais.

Eu te amo, e sempre vou te amar. E espero, que um dia eu possa receber o seu perdão.

Você e Eu = <3

Eu não tive nem tempo de assimilar a carta dele pois o meu apartamento foi literalmente invadido por uma mulher em prantos de altura mediana e cabelos loiros.

Guilhermina Luna Puccini, mais conhecida como Guiga, ou minha avó.

— Graças ao meu bom pai, você está sã e salva! — disse enquanto largava a sua bolsa no chão e corria para me abraçar.

Quando dei um passo para trás, cruzando os braços como forma de me proteger, ela imediatamente congelou no meio do caminho.

— O que... Meu amor, o que aconteceu? — questionou preocupada.

— Você também me deixou no escuro, assim como ele — apontei em direção a porta — Eu merecia saber, eu merecia saber que um dia beijei o filho do homem que matou os meus pais!! — gritei fora de mim.

Vovó imediatamente recuou e se ajoelhou no chão, em prantos.

— Eu só queria protege-la. Eu não queria causar dor em você.

— Oh, grande forma de me proteger — ri amarga — Só sai daqui.

— Giullie, meu amor — olhou para mim entristecida.

— Sai, agora!!!

CAPÍTULO 32

Bernardo

Sabe aquela vontade quebrar tudo? De socar alguma coisa? De depredar tudo que se vê pela frente?

Eu me sinto assim, mas me sinto tão fraco.

Ou melhor, eu me sinto um fracassado, um nada.

Esse último mês me deixou miserável, eu não durmo ou como, eu sinto raiva e me sinto tão sozinho.

A verdade é que eu estou sozinho.

Tudo por causa de um coração partido. Não é literal, isso todos nós sabemos, é apenas uma metáfora. É uma dor psicológica, isso é o que todos dizem, mas por Deus, eu não consigo acreditar nisso, o efeito é totalmente físico, eu sinto isso. O sofrimento que um coração partido te causa, após perder a pessoa que você ama, essa dor, é indescritível.

André e Hugo, ambos vêm me visitar todos os dias, mas nunca comentam nada a respeito dela. Trazem-me comida, mas no fim eu acabo descendo essa comida e entregando para um morador de rua, que fica em um banco no parque. Sabe por que faço isso? Porque se eu jogasse toda essa comida no lixo, Giulliana ficaria magoada e me daria uma lição de moral por estar desperdiçando comida enquanto muitos passam fome. Ela me relataria casos da África, ou da Eritreia, até mesmo dos próprios moradores de rua. Eu sou um deprimido organizado, um Zé ralado que pensa nas necessidades do mundo.

Enquanto muitos homens sofrem ao redor do mundo, e destroem seus apartamentos, deixam restos de comida e latas de cerveja vazias ao redor de sua sala, não tomam banho por dias, eu faço diferente: Limpo todos os dias o meu apartamento, bebo a minha cerveja, mas jogo as latas no lixo, e tomo banho. A única coisa que eu não faço, é me barbear, pois não tenho forças.

Tudo isso por ela.

Esperando que ela volte para os meus braços, e traga a minha vida de volta.

A esperança é a última que morre, não é mesmo?

Por isso mantenho a ordem, pois tenho esperança de que ela um dia voltará para mim.

“Não toca em mim!”

“Como pôde fazer isso comigo?”

“Por que não me contou?”

“Teve tantas oportunidades, e nunca me contou.”

Eu não consigo dormir, pois essas frases me atormentam, em forma de pesadelos, ou em ocupar a minha mente e minar a minha força de vontade que se tem tornado nula.

Hugo veio uma vez e me disse para largar mão de ser trouxa e esquecer. Ele é um idiota, e me apresentou duas soluções para esquecer: a) Malhar muito, enriquecer e sair com todas as cocotinhas sem me apegar ou b) procurar uma moça virgem e submissa para casar.

O que é um absurdo. Primeiro, por que a solução A iria me fazer voltar para o meu antigo eu, o que ficou no passado, morto e enterrado depois de conhecê-la. E segundo, por que a solução B, me faz ver que a única moça com quem quero casar se chama Giulliana Maria Puccini.

Hoje eu me obriguei a ir trabalhar, não há vi, mas em compensação, soube pela Bruna que Giullie está tão na fossa, quanto eu. Além disso, acho que muitas mulheres começaram a me notar e tentar trovar fiado comigo. Yasmim me disse que homem de coração partido era sexy, e que ela não se importaria em colar o meu coração com beijos.

Eu juro que tentei não rir, mas eu não consegui, na verdade, o meu riso mais pareceu com um cavalo relinchando do que qualquer outra coisa, o que com certeza afetou o ego feminino e irritante dela.

— Desculpe Yasmim, mas eu não tenho, nunca tive, e nunca terei interesse em você.

— Ai Bê, já diz o ditado, quem desdenha quer comprar — passou a mão pelo meu braço.

— Não me chama de Bê, só a Giulliana tem esse direito, e suas cantadas são ridículas, e seu cabelo está horrível hoje. Então faça um favor pra nós dois: Cai fora que eu não tô legal, e se for necessário, irei te demitir por assédio — afastei sua mão, e dei as costas para ela, deixando uma Yasmim sem reação.

Sentei na minha cadeira, que ultimamente era tudo, menos confortável, e liguei para a minha mãe.

Podem falar o que quiserem, eu preciso da minha mãe nesse momento, sou uma mulherzinha correndo para o colo da mamãe e daí? O que você tem a ver com isso? Seu coração também está partido? A mulher que você ama não quer saber mais de você? Então companheiro, liga para sua mãe, ela é o melhor remédio nesse momento.

“MÃE... São três letras apenas, as desse nome bendito: Três letrinhas, nada mais... E nelas cabe o infinito, e palavra tão pequena — confessam mesmo os ateus — És do tamanho do céu, e apenas menor do que Deus!” — recitei.

Mário Quintana sabia o que estava dizendo, sabia do poder que só essa palavra, com apenas três letras significa. De que mãe pode curar tudo com apenas um toque e que pode te repreender com

apenas um olhar. E nesse momento, eu só precisava ouvir a sua voz para ter um minuto de paz.

— Enri — suspirou — Meu bem, você me deixou preocupada.

— Mãe — engasguei.

— Estou aqui meu amor. Mamãe está aqui.

E eu comecei a chorar.

Quem disse que homem não chora?

Chorar é um ato de liberdade, deixar com que aquelas gotas carregadas de sentimentos caiam, não te faz menos homem. Chorar não é prerrogativa de criança, ou mulher, pelo contrário, é uma condição do ser humano, e que, por favor, nenhum homem saiba disso, pois vão me tirar para mulherzinha, vão me dizer que não faço aquela pose de durão, como a de um macho dominante, porque eu posso ser tudo nesse último mês, menos um macho dominante.

Não tentem me julgar, se eu, André, Hugo e Felipe choramos quando o Internacional perdeu o mundial para o Mazembe em 2010, porque tenho que me sentir menos homem chorando por uma mulher?

Claro, eu tive várias opções, sobre como sofrer durante esse período.

(1ª) Por mais triste e errado que o homem esteja, nunca deixaria de xingar a sua princesa. A cada soluçar, a cada grito de dor, é fundamental que você soque a parede, ou quebre o seu apartamento inteirinho enquanto a manda para os infernos gritando: "Maldita, sua infeliz desalmada! O que tem no lugar do coração? Uma rocha?! Cadela! Olha o estado que me deixou sua vaca!".

Querendo ou não, isso só mostraria o quão fraco eu sou, e isso me envergonharia pelo resto dos meus dias. Aí entra a segunda opção.

(2ª) "Chega! Nunca mais vou sofrer por causa desta filha de uma cadela! Por essa bruxa!".

Falar isso não vai me impedir de sentir saudades, principalmente quando entrasse em meu quarto e deitasse em minha cama, me lembrando de todos os momentos que passamos juntos, e sentisse o seu cheiro nos meus lençóis, ou quando fosse até o meu escritório, o de casa, o da Comunica e o da MAG e encontrasse a nossa foto, juntos, sorridentes, felizes um com o outro.

(3ª) Um homem, por mais apaixonado que esteja, tem a forte confiança de se ele for forte o suficiente e souber esconder seus sentimentos de todas as maneiras, fará com que a mulher corra atrás dele.

E se ela não corresse atrás de mim? Começaria a amar a minha própria solidão? Ou a faria acreditar que eu havia mudado, e que ela poderia voltar para mim?

Então aí entra a pergunta: Mudei o quê? O fato de não ser mais um mentiroso, de esconder segredos que podem afetar o nosso relacionamento? Ok, mas isso eu não mudei, eu só não tenho mais o que esconder.

— Mamãe, eu estou afundando na merda.

— Bernardo Enrico Gomes, eu sou sua mãe, e não te ensinei a falar palavras chulas.

— Me desculpe. Mãe, até músicas deprimentes eu tenho escutado — choraminguei — Eu dormi na praça, pensando nela... — cantarolei — Música de corno mãe. A dor da paixão acaba com nossos gostos musicais.

— Ai Enri, eu estou rindo por dentro, porque se fosse por fora, meu filho, você ficaria mais magoado do que já está. Passou-se um mês Bernardo, está na hora de ir atrás da sua felicidade, não? De reconquistá-la. De mostrar para ela o quão arrependido está por ter provocado todo esse sofrimento em vocês dois. Amorzinho, você vai deixar quanto tempo passar? Ou vai esperar que apareça algum outro homem e a leve para sempre?

Minha mãe sabia como me atingir.

Ao pensar em outro homem, preenchendo as lacunas que deixei na vida da Giullie, a tomando para si e a levando para longe de mim, me deixava tenso, os músculos do rosto rígidos e as mãos se transformavam em punhos.

Eu sei que é egoísta, mas se a Giulliana não ficasse comigo, eu não poderia permitir que ela ficasse com mais ninguém. Que se dane a frase: "Se a ama, você tem que deixá-la partir". Nem pensar! Nem quando eu estiver morto.

— Bernardo, você está sensível, aposto que se visse um casal apaixonado agora, você sentiria saudades dos seus momentos com ela. Seu coração ia ficar apertado e mais lágrimas iriam surgir. Então, vá atrás dela meu filho. Mas vá com calma. Eu preciso desligar, mas a mamãe te ama. E por favor, Enri, tente ser mais másculo, eu não te criei para ser tão sensível assim. Pense no que ela significa para você — disse por fim, e desligou.

O que ela significa?

Giulliana: a mulher que roubou o meu coração. A mulher que eu amo, e a mulher que eu tive que deixar ir embora.

Hoje, esse é o significado dela para mim.

CAPÍTULO 33

Giulliana

Deus, o que devo dizer?

Eu sinceramente não sei.

O que devo sentir além dessa dor que dilacera cada dia mais o meu coração.

Como proceder? Fingir que nada aconteceu? Perdoar e passar uma borracha por cima de tudo?

Eu não consigo agir assim, sou humana, e a minha condição é imperfeita. Sei bem disso, até mesmo porque não consigo me imaginar indo em busca de perdão, de ser perdoada e muito menos de perdoar.

Não sou hipócrita, em meus desejos mais obscuros, estão presentes o desejo de nunca mais vê-los, procurá-los ou saber sobre a vida de ambos.

Eu me envergonho de dizer isso, mas eu desejei a morte deles, apenas segundos, mas logo expulsei esses pensamentos tolos e aterrorizantes de minha mente, pois não desejaria isso ao meu pior inimigo.

Não desejei a morte de Carlos Alberto, apenas desejei que ele pagasse por seus pecados, os pecados que cometeu contra a minha família, contra os pais que não tive nem a oportunidade de conhecer. Como ele pôde arrancar o que era meu por direito? Como ele pôde ter sido tão frio? Eu sempre soube que existiam pessoas ao redor do mundo com índoles ruins, mas nunca imaginei que havia uma pessoa desse tipo, dessa laia, ao meu redor.

Aquele doente, aquele homem maldito, disse a verdade de que o meu castelo estava prestes a ruir, e foi fato, meu castelo de cristal se quebrou, se espatifou, me levando junto, levando a Princesa junto. E não quebrou uma vez apenas, mas duas, uma seguida da outra, em sequência.

Como colar todas as peças dessa redoma, se tornou o meu questionamento principal. E será que algum dia isso seria possível?

Descobrir o segredo dele por meio de outra pessoa, foi à sensação mais horrível que tive, foi pior do que saber sobre a morte dos meus pais. Deus me perdoe, eu sinto muito pela morte deles, mas nunca pude construir uma relação, sentir o amor que sinto pela minha avó e transferir para eles. Esse amor fraterno e paterno que sinto pela minha avó, é único, por que ela foi à única mãe e pai que conheci.

Eu nunca me senti tão solitária, como tenho me sentindo nesse último mês. Nem ao Cake, tenho visto.

Meu coração e alma sangram, por ser bombardeada por mentiras e omissões da parte dos que mais amei em toda uma vida.

Eu quero gritar, eu quero chorar, eu quero o meu coração de volta, inteiro, e não esse coração pisoteado, esmagado e miserável que preenche o meu peito hoje. As lágrimas me sufocam, e o grito está preso em minha garganta.

Arrasto o meu corpo pela a porta, caindo sentada no chão, encolhida em uma bola de medo, de terror, e dor. As lágrimas não deixam de cair, ensopando o pijama que eu uso pela segunda semana consecutiva. Eu realmente sinto meu coração doer, apertar e isso só faz com que eu chore até as minhas lágrimas secarem, minha garganta arder e minha cabeça chegar ao ponto de querer explodir. Deito-me ali mesmo, onde estava, no chão, perto da porta, em posição fetal, com as mãos sobre o coração. Sinto frio, mas não faço questão nenhuma de me aquecer. Continuo com a minha droga de crise existencial até pegar no sono.

Entreí na terceira semana de reclusão, não recebo ninguém.

Apesar das tentativas de minha melhor amiga em querer me confortar, saber como estou, não lhe dou passe livre, apenas mando uma única mensagem por dia para ela, com apenas um “Estou bem”. Não atendo aos telefonemas, e acredito ter perdido uns cinco quilos durante esse tempo. Eu não sei mais o que é tomar banho, nem o que é comida sólida, tudo que eu tento comer, acabo regurgitando. Eu estou doente, sei disso. Adoecei não só de amor, e a falta dele, como devo estar anêmica e gripada.

Não tenho forças, e nem o desejo de manter a minha casa limpa e organizada, as janelas ficam fechadas vinte e quatro horas por dia, e eu me sinto uma morta viva.

Eu precisava me reerguer e voltar a ter uma vida, pois as minhas últimas semanas eu passei agonizando. O primeiro passo era tomar um banho. Fui me arrastando para o banheiro, sem forças, e por pouco não caí dentro do box. Tive que tomar banho sentada, pois no momento em que me levantasse eu sabia que corria o risco de um acidente grave acontecer. Deixei as lágrimas fluírem e agora lamuriava também pelo meu estado, totalmente lastimável.

Devo ter ficado mais de uma hora embaixo do chuveiro, lavei meu cabelo três vezes, me esfreguei até ficar vermelha e quando percebi os dedos dos meus pés e mãos já estavam enrugados. Desliguei o chuveiro e me levantei com todo cuidado para alcançar a toalha. Não poderia me secar, pois eu estava muito fraca. Fui até a cozinha, e enchi um copo com leite, peguei uma banana com a casca bem escura e me obriguei a comer, lentamente, pois se comesse rápido demais, meu estômago iria rejeitar o alimento. Quando me senti um pouco mais forte, me troquei, e sequei o cabelo para não piorar a minha gripe. Descansei um pouco e tomei uns comprimidos para melhorar o máximo que pudesse e amenizar os sintomas da doença.

Ao passar dos dias, fui me sentindo mais forte, e comecei a me alimentar melhor. Meu apartamento estava limpo e as cortinas bem abertas deixavam a luz do sol entrar.

Um mês depois, me arriscaria a sair de casa, e iria comprar mantimentos para preencher a geladeira e os armários que estavam vazios fazia um bom tempo.

Eu me sentia melhor. Meu coração ainda estava dolorido, mas meu corpo estava mais forte. Por isso resolvi ir até o supermercado de bicicleta. A bicicleta que havia comprado em conjunto com Bernardo, alguns meses atrás. A flor falsa que ele havia colocado na cestinha de madeira, continuava lá, bem presa, me fazendo lembrar os nossos momentos juntos.

Eu sinto tanto a sua falta.

Descer oito andares carregando uma bicicleta foi bem complicado e cansativo. Ao chegar ao hall do prédio, eu já estava exausta. Ainda bem que havia pegado uma garrafa de água e colocado dentro da bolsa antes de descer. Tomei uns bons goles e parti rumo ao supermercado, com a bolsa a tiracolo e a lista de compras dentro da agenda.

A temperatura estava agradável. Não estava muito quente, afinal, já estávamos no Outono, à estação conhecida como o famoso clima de "cebola", onde as pessoas saem de casa com casacos pela manhã e à tarde já estão de mangas curtas, mas ao entardecer a temperatura despenca, literalmente. É a estação mais seca do ano, porém, o tempo mostrava sinais de chuva, além também de ser a estação mais bipolar. É uma estação para agradar a todos.

Comprei tudo que necessitava, coloquei as compras nas duas sacolas ecológicas de supermercado, distribuindo o peso entre as duas, para não perder o controle da bicicleta e acabar derrubando tudo. Coloquei os fones no ouvido e aumentei a música a todo o volume. Pedalei tranquilamente pela ciclovia, cantando junto com a Hillary e o Charles.

Pela primeira vez em semanas, eu me sentia bem, me sentia livre, pois a sensação de paz, liberdade e felicidade que eu sentia não cabia no meu sorriso. Eu estava disposta a acalmar o meu coração, a tê-lo inteiro novamente. Como? Eu não sabia, mas tenho certeza que entregando as minhas lamúrias ao tempo, eu poderia descobrir. O vento no rosto, a leveza no corpo e a sensação de estar flutuando são indescritíveis. Sentia-me muitíssimo bem.

Eu desejava Bernardo na minha vida e desejava com todas as minhas forças que ele nunca mais saísse.

Pedalava mais rápido, vez por outra com os olhos fechados, aproveitando o vento agradável que soprava do grande lago da cidade, deixando que os meus pensamentos desprezíveis fossem carregados para bem longe.

Senti as primeiras gotas da chuva, pingos grandes e pesados.

— Por que não tomar um banho de chuva, não é mesmo? — perguntei a mim mesma.

A chuva agora com mais força em combinação com o vento me arrepiou a nuca, pelas gotas geladas. Trovões surgiram no céu, e eu decidi que estava na hora de parar com a síndrome de Gene Kelly e finalizar a minha performance na bicicleta de Singin' In The Rain.

Foi então que tudo deu errado, senti o impacto, a roda quebrando e as sacolas com tudo que havia acabado de comprar irem pelos ares, assim como eu. Senti o impacto do meu corpo sendo jogado contra o para-brisa, ouvi um grito, mas acho que era meu. O carro freou e meu corpo voou para a calçada, caindo do pior jeito possível, com o rosto virado para o asfalto, os braços moles ao lado do corpo e as pernas formando um “quatro”. Eu estava sem reação, sentia algo quente escorrendo pelorosto e pude notar o estado que a bicicleta havia ficado, totalmente destruída. Eu

implorava aos céus para que eu não tivesse ficado assim.

Enchi-me do mais puro terror e enquanto a chuva batia forte e fria em meu rosto, eu comecei a chorar, minhas lágrimas se uniam a cada pingo que caía em meu rosto, ouvia o barulho de sirenes, e pessoas gritando.

Bernardo, por favor, Bernardo.

— Meu Deus, ela está morrendo! — gritou alguma pessoa sem noção e desconhecida.

Obrigada moça, por avisar que a minha vida está se esvaindo.

— Alguém chamou a ambulância? — perguntou outro.

— Por favor... — pedi com a língua enrolada, tentando levantar o meu braço para chamar a atenção.

Vi o momento em que o homem se abaixou e se aproximou de mim, seu olhar não era dos melhores — Bernardo.

— A ajuda já está vindo moça, por favor, aguarde firme — não me tocou, mas fez menção.

— Bernardo — insisti.

— Quem é Bernardo? Seu marido? Seu filho? — seu olhar estava aflito, suas roupas encharcadas, assim como as minhas.

Eu estava perdendo a consciência, podia sentir isso.

Apontei com o dedo sujo de sangue para onde minha bolsa estava caída ao chão — Ligue... Li... Ligue, Bernardo — engasguei.

O homem, pronto para fazer a última vontade de uma mulher que estava prestes a morrer, correu até minha bolsa, derrubou tudo no chão a procura do celular e o encontrou. Procurou entre os contatos e vi que ele estava discando, se aproximou novamente de mim.

— Alô? — falou aflito — O senhor se chama Bernardo? Eu me chamo José e estou lhe ligando para lhe dar uma triste notícia. Sua esposa acaba de sofrer um acidente de carro, e meu senhor, não sei se ela irá sobreviver. Que Deus a tenha!

Com aquela última frase, não conseguia pensar, enxergar e muito menos sentir alguma coisa.

Apaguei sem esperanças de um dia acordar novamente.

CAPÍTULO 34

Bernardo

Pela primeira vez após um mês ter se passado, eu tomei coragem e bati à porta da Giullie. Bati algumas vezes, mas fui recebido pelo silêncio. Se ela não atendeu, provavelmente ela havia saído, e se ela havia saído, significa que ela estava bem, e não vegetando como a Bruna havia me dito. Suspirei aliviado. Eu queria vê-la bem. Mas eu queria conversar com ela e implorar o seu perdão se fosse preciso. Eu não conseguia passar mais um minuto sequer separado dela.

Coloquei as mãos no bolso da calça e subi os degraus lentamente, voltando para o meu recluso apartamento. Durante esse tempo, eu havia descoberto as maquinações da Luana para chamar a minha atenção, e Hugo havia me dito que estava tão encantado por ela que ele havia dado uma cópia da chave do meu apartamento para ela. A nossa relação de amizade ficou abalada depois disso, e ele mesmo resolveu se afastar, tanto de mim, quanto dos demais amigos que tínhamos em comum. Pelo que Felipe me disse, Hugo havia se mudado para Miami.

Hoje eu havia combinado de assistir ao jogo de futebol com André, então peguei as minhas coisas e tomei o rumo de sua casa. Provavelmente Bruna também estaria lá, pois desde o momento que André se declarou para ela, eles não ficavam um longe do outro durante muito tempo.

— Quer beber alguma coisa? — Bruna me perguntou.

— Tô bem por enquanto.

Enquanto assistíamos ao jogo, trocamos conversa fiada e rimos de algumas bizarrices que Bruna nos contava. Meu celular começou a tocar e quando vi o nome na tela, meu coração parou de bater.

— É ela — digo.

Imediatamente Bruna pôs a televisão no mudo e fez sinal para que eu atendesse.

— Giullie? — chamo ainda não acreditando que ela estava me procurando.

— Alô? — um homem.

— Quem fala? — perguntei desconfiado.

— O senhor se chama Bernardo? Eu me chamo José e estou lhe ligando para lhe dar uma triste notícia. Sua esposa acaba de sofrer um acidente de carro, e meu senhor, não sei se ela irá sobreviver. Que Deus a tenha!

Se fosse para eu ter uma parada cardíaca, que fosse hoje. Eu não conseguia falar, perdi a voz e deixei o celular cair de minhas mãos. André percebeu e atendeu ao telefonema. Pediu informações, explicações e tudo mais que fosse possível.

— Vou levar você ao hospital.

— Ela morreu? — Bruna perguntou aos prantos.

— Não, mas é melhor nós irmos rápido.

Eu não sei como cheguei ao hospital, nem como havia conseguido caminhar. Não deixaram que nós a víssemos, então ficamos na sala de espera aguardando notícias. Guilhermina, Anna e o marido também já estavam lá. Todos aflitos. Bruna não parava de chorar e eu só conseguia pensar no pior.

Passaram-se horas até que um médico veio conversar conosco.

— São a família da paciente Giulliana?

— Como ela está?

— Ela sofreu lesões graves, além de um traumatismo craniano nível I. No momento, ela está passando por diversas baterias de exames para avaliar as possíveis consequências — informava calmamente o médico.

Guilhermina perdeu não só as forças como a consciência. Ela desmaiou e teve que receber atendimento médico. Eu queria vomitar e dar a minha vida para que a Giullie não sofresse mais. Não depois de tudo que ela havia passado.

Anoiteceu, e a madrugada chegou, André levou uma Bruna resistente embora, e o marido de Anna a levou para casa junto com Guilhermina. Eu iria ficar, eu não sairia dali até que eu pudesse vê-la. No meio da noite, eu finalmente consegui cochilar.

Amanheceu, e eu fui acordado por gritos. Alguém na emergência estava surtando, médicos e enfermeiros corriam de um lado para o outro. Resolvi ir até o banheiro, lavar o rosto e pegar um café preto para me manter alerta.

Ao voltar para as cadeiras, Guilhermina e Anna já estavam lá. A aparência delas não era nada agradável. Olhos com marcas escuras pela falta de sono e inchados pelas lágrimas derramadas.

Ficamos nessa situação durante alguns dias.

Giullie passava quase que o tempo todo sedada para não sentir dores. Decidi então animar um pouco a vida apagada que ela estava tendo. Voltei para casa, coletei algumas coisas que eu iria precisar e passei na floricultura para comprar os seus tão amados girassóis. Cheguei ao hospital literalmente de mala e cuia.

Desde que ela havia sofrido o acidente eu praticamente morava no hospital. E foi uma luta conseguir autorização para entrar e sair a hora que eu quisesse do quarto dela.

Se eu pudesse de alguma forma ajudar na recuperação dela, eu faria.

Quando eu não estava lendo seus romances preferidos, eu estava cantando e tocando no violão

as músicas que ela mais amava. Eu havia comprado diversos DVD's dos episódios de Bob Esponja, então fazia maratona de desenho, mesmo que ela não estive assistindo. A noite, eu voltava para casa, tomava banho, me alimentava e voltava para o hospital. E essa foi a minha rotina durante muitos dias.

Aos poucos, Giullie foi começando a apresentar melhoras. A primeira vez que ela abriu os olhos por mais do que poucos segundos, e me encontrou ao seu lado deve ter sido uma surpresa. Se desagradável, eu ainda não sabia.

— E a Bela Adormecida acordou — sorri.

— Oi — respondeu meio grogue.

— Oi Princesa.

— O que aconteceu? — perguntou estranhando a situação.

— Você caiu da bicicleta e sofreu alguns arranhões.

Ela olhou ao redor, piscou algumas vezes, e tentou se sentar mas gemeu de dor antes de fazer qualquer outro movimento.

— Wow, calminha aí, fica quietinha que eu vou chamar o médico.

Ela assentiu e eu saí em busca da primeira pessoa vestida de branco que encontrei. O médico explicou calmamente a situação dela, como o acidente havia acontecido, e que ela ficaria internada por mais um tempo até se recuperar completamente. Ao passar dos dias, o rosto dela foi ganhando cor, as dores haviam diminuído e a nossa conversa de um simples “Oi” já estava no “Estou bem, e você?”.

— Meu amor? — chamou Guilhermina entrando no quarto — Meu pequeno raio de sol.

— Eu vou deixar vocês conversarem — digo já me levantando da cadeira.

— Não, eu quero que fique — Guilhermina pediu docemente.

— Eu lamento tanto de ter escondido a verdade de você. Sei que errei, mas você não pode perdoar essa velha avó, mãe e pai? Mães, pais e avós fazem qualquer coisa para ver os nossos filhos e netos bem. Não gostamos de vê-los sofrer, e se encontrarmos uma solução, mesmo que não seja a correta, nós iremos agarra-la e aplica-la. Eu preciso de você Giullie, assim como Bernardo. Desde que você sofreu o acidente ele não tem saído do seu lado. Tente nos dar uma chance, por favor.

Não é preciso nem dizer que as duas se esvaíram em lágrimas. E mesmo que ainda estivesse machucada, Giulliana se agarrou em sua avó e ficou assim durante um bom tempo. Mesmo não cumprindo o pedido de Guiga, resolvi me retirar e dar espaço para as duas.

Quando voltei ao quarto, Giullie estava sozinha, rindo de alguma trapalhada da esponja amarela. Me acomodei e comecei a acompanhar o desenho também.

— Eu li a carta — disse de repente, chamando a minha atenção.

— Que bom — sorriu, um sorriso nervoso.

— Eu precisava de tempo para assimilar tudo. Eu sofri demais — sussurrou — Foi horrível.

— Eu sei, pra mim também foi, Giullie, eu não sei se algum dia vai me perdoar, mas eu quero dizer que a minha vida não é nada sem você ao meu lado. Perdeu a graça, a luz, o significado — desabafei — Talvez você não saiba, mas eu passei as empresas para o nome do Rodrigo. Elas não são importantes pra mim como você é.

Ela sorriu e apertou a minha mão.

— Estou orgulhosa — riu — Bom garoto.

Eu não sabia como reagir, então fiquei lá, parado como estátua em jardim.

— Já passou — entrelaçou seus dedos nos meus — Nada vai mudar o que aconteceu, não podemos mudar o passado, não é? Mas podemos criar o nosso futuro do jeito certo. Se é o meu perdão que você precisa receber para que possamos ficar um ao lado do outro daqui pra frente, você o tem. Só não minta, nem omita nada de mim, por favor.

— Nunca mais. Eu deixo você cortar os meus dedos, mãos, pés e braços antes disso. Nunca mais Giullie.

CAPÍTULO 35

Giulliana

Ao sair do hospital, os enfermeiros, médicos e seguranças me parabenizaram e me desejaram muitas felicidades. Eu agradeci a todos pelo carinho e cuidado que me proporcionaram e disse que em breve voltaria para visita-los, mas sem nenhuma lesão.

Bernardo não saiu durante um segundo sequer do meu lado durante todo esse tempo em que estive hospitalizada, e graças a Deus, nós estamos bem. Demorei para aceitar a verdade e demorei mais tempo ainda para perceber que eu queria que ele estivesse comigo, para sempre.

— Deixei o carro muito longe, espera aqui que eu vou buscar — pediu e eu assenti.

Apesar de estar fazendo frio, o sol brilhava em um céu azul límpido.

Ouvi um barulho de buzina e quando me viro para saber de onde esse barulho tão conhecido vinha, a encontro. Ela estava tomada banho, sua tinta estava retocada, suas peças eram novas, mas a essência continuava a mesma. Lolla, meu fusca amarelo estava ali, parada, me esperando. O meu sorriso preenchia todo o meu rosto, meus olhos se encheram de lágrimas e eu me apaixonei novamente, não só pelo fusca, mas por Bernardo também.

— E aí, ela veio até aqui só para te receber, ela estava muito assustada e não parou de perguntar por você em nenhum minuto — ele sorriu carinhoso.

— Como... Como você... Ela foi leiloada, ela... — eu precisava saber o que ele tinha feito, como ele tinha conseguido trazer ela de volta, e viva para mim.

— Ela não foi leiloada? — perguntou enquanto me empurrava para o carro — Eu fui o comprador. Você no dia nem apareceu, resolvi então que faria uma surpresa. Enquanto você esteve hospitalizada, eu arrumei os parafusos soltos dela, tá aí — indicou o fusca reluzente de cor chamativa com a cabeça — Em perfeitas condições.

Antes que eu pudesse perceber o que eu estava fazendo, meus braços já estavam enlaçados em sua cintura. Eu o abraçava com força, gratidão e amor.

— Obrigada — sussurrei em seu peito — Obrigada.

— Eu te amo Giullie, faço o que for preciso para vê-la feliz — disse com a voz embargada — Eu vou lamentar pelo resto de nossas vidas por ter feito você passar dificuldade, por ter feito você chorar, e durante o resto de nossas vidas eu vou recompensar você por tudo isso.

Assenti e o abracei como mais força, sentindo o cheiro dele e o guardando comigo.

Eu não precisei resmungar muito para poder ir dirigindo Lolla, apenas dei uma choramingada, e as chaves estavam em minhas mãos. Abri a janela ao lado do motorista, toquei no volante, no painel, ajustei os espelhos retrovisor e o banco, ela estava perfeita, e era minha novamente. Eu estava voltando a me sentir humana, o vento batendo no rosto, o sol brilhando ao lado de fora e Bernardo ao meu lado. Sem mais segredos, sem mais mentiras. Apenas Bernardo, aquele homem que amei desde a primeira troca de olhar.

Meu apartamento deveria estar completamente empoeirado, afinal, a temporada que eu passei no hospital não foi curta. Eu estava tão nervosa por estar voltando a normalidade da minha vida que as chaves tremiam em minhas mãos. Bernardo percebeu e me ajudou a abrir a porta. O primeiro passo que dei para dentro do meu apartamento foi o momento em que dezenas de pessoas surgiram gritando “SURPRESAAA!”. Inclinei a cabeça para o lado e lágrimas de felicidade começaram a cair. Recebi um enorme, carinhoso e coletivo abraço.

Uma faixa colorida pendurada no teto estava escrito: Bem-Vinda de volta Jujuba!

E Bruna, Anna e vovó seguravam outra, escrito: Nós te amamos além do infinito, obrigada por estar presente em nossas vidas.

Dizer que não me “lavei” chorando seria uma mentira das mais fracas, eu chorava de emoção. Minha família, meus amigos, todos vibravam o início de uma nova vida para mim.

A comemoração durou altas horas, comemos e bebemos bastante, Bernardo havia dado uma desaparecida, mas Bruna não me deu tempo nem de questionar onde ele poderia estar. Ela me contou tudo que havia acontecido nas novelas que estava passando. Me mostrou todos os filmes que ela comprou para que pudéssemos ver. Disse que fez um mutirão para que quando eu chegasse o apartamento estivesse impecável e não parou de me abraçar durante um segundo sequer.

Particularmente, eu estava amando tudo, mas estava começando a me cansar. Resolvi então ir para sacada tomar um pouco de ar, para ficar ao menos mais alguns minutos ao lado de todos eles.

Abri a porta da sacada e a encontrei toda decorada, vasos com flores lindíssimas, uma árvore todo iluminada, velas perfumadas ao chão. Eles haviam caprichado na festa de recepção, a decoração estava incrível.

Logo abaixo, o trânsito se apresentava caótico, a cidade já estava toda iluminada. Diversos sons misturados, buzinas, sirenes, ônibus, tudo continuava funcionando normalmente. A cidade não dormia.

Suspirei feliz, por estar de volta em casa, sã e salva.

— Oi — me virei para encontrar um Bernardo todo formal, com um lindo terno, cabelo em perfeita ordem e um sorriso amoroso no rosto.

— Oi... Ficou lindo não? — sorri e me virei, escorando os braços na grade enquanto admirava o horizonte.

— Que bom que gostou, Bruna que me ajudou com tudo.

Era a cara dela fazer algo assim. Assenti e sorri. O burburinho dentro de casa parou e um som vindo de um violino começou. Ao me virar novamente, me deparo com um Bernardo ajoelhado, e os demais assistindo com um sorriso preenchendo seus rostos. Ao lado, havia uma violinista tocando umas das músicas mais perfeitas para mim e para Bernardo.

— Ai meu Deus — digo enquanto minha boca se abre em forma de um O — Ai meu Deus.

Bernardo era todo sorrisos, seus olhos estavam cheios de lágrimas e suas mãos tremiam. Ele apalpou os bolsos da calça e quando eu percebi a caixa de veludo em suas mãos eu imediatamente comecei a chorar.

— Você tão perfeita e imperfeita ao mesmo tempo, cheia de manias, de risada doce — fungou e limpou os olhos — Você virou meu mundo de pernas para o ar, me atingiu como um cometa, derrubou as minhas defesas e roubou meu coração. E graças a você, eu aprendi, afinal, que é difícil traçar uma linha entre ser gentil, não ferir as pessoas, e saber lutar pelas coisas em que acredito. Eu aprendi... que o AMOR, e não o TEMPO, é que cura todas as feridas; Eu aprendi... que ninguém é perfeito até que você se apaixone por essa pessoa; Eu te amo ao acordar, ao levantar, ao anoitecer e ao dormir. Eu te amo, daqui até a Lua, e eu preciso de você como eu preciso do ar para respirar.

As mulheres ao redor suspiravam apaixonadas, vovó, Anna e Bruna se esvaíam em choro, os rapazes apenas sorriam, como se orgulhosos do seu grande amigo.

— Giulliana Maria Puccini — Bernardo gaguejou — você aceita se casar comigo?

1 Ano Depois...

— BERNARDO, BEEEEERNARDO — chamei eufórica.

— Caramba Giullie, aposto que o vizinho lá do térreo ouviu os teus gritos — disse vindo em minha direção.

— Adivinha! — pedi dando pulinhos histéricos.

Ele bocejou, cruzou os braços e continuou a me olhar — O que é?

— Ah, larga mão de ser sem graça e tenta adivinhar.

No momento em que ele soubesse, ele iria enlouquecer.

— Você ganhou na loteria! — disse tentando me enlaçar com os braços.

— Nah, não viaja, não é pra tanto.

— Então diz logo o que é! — reclamou.

— COMPREI UMA MOTO!

FIM

SOBRE A AUTORA

Glauce Valeriano nasceu em 1992, em Santa Maria, Rio Grande do Sul. É estudante de Publicidade e Propaganda e escritora. É uma leitora voraz e crítica. Tem compulsão por comprar livros e deseja um dia ter uma vasta biblioteca em sua casa. Sempre que possível, menos em dias de chuva, carrega um livro embaixo do braço. Escrever a diverte e se tornou seu maior hobby. Sua maior paixão, são finais felizes, e é a favor de histórias menos dramáticas e mais cômicas e a cada livro que lê, se apaixona por um novo personagem. Seu primeiro livro se chama "Você e Eu".

Pretende encher as prateleiras com seus romances, e não deseja nunca mais parar.

CONTATO

Entre em contato com a autora em suas redes sociais:

E-mail: glaucev@live.com

[Facebook](#) | [Grupo](#) | [Skoob](#)

Se você gostou deste romance, compartilhe seu comentário nas redes sociais e na **Amazon** indicando-o para futuros leitores. Obrigada.

Table of Contents

[AGRADECIMENTOS](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

[CAPÍTULO 5](#)

[CAPÍTULO 6](#)

[CAPÍTULO 7](#)

[CAPÍTULO 8](#)

[CAPÍTULO 9](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[CAPÍTULO 29](#)

[CAPÍTULO 30](#)

[CAPÍTULO 31](#)

[CAPÍTULO 32](#)

[CAPÍTULO 33](#)

[CAPÍTULO 34](#)

[CAPÍTULO 35](#)

[SOBRE A AUTORA](#)

[CONTATO](#)